



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RITA DE KÁSSIA KRAMER WANDERLEY

DA INSPIRAÇÃO À INTERPELAÇÃO: o discurso fitness no Instagram

Recife
2020

RITA DE KÁSSIA KRAMER WANDERLEY

DA INSPIRAÇÃO À INTERPELAÇÃO: o discurso fitness no Instagram

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Evandra Grigoletto

Recife
2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

W245d Wanderley, Rita de Kássia Kramer
Da inspiração à interpelação: o discurso fitness no Instagram / Rita de Kássia Kramer Wanderley. – Recife, 2020.
271f.: il.

Orientadora: Evandra Grigoletto.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências.

1. Discurso fitness. 2. Empreendedorismo. 3. Instagram. 4. Ideologia neoliberal. 5. Análise do discurso. I. Grigoletto, Evandra (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-185)

RITA DE KÁSSIA KRAMER WANDERLEY

DA INSPIRAÇÃO À INTERPELAÇÃO: o discurso fitness no Instagram

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 13/03/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Evandra Grigoletto (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. D^a. Fabiele Stockmans De Nardi (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Fernanda Luzia Lunkes (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof. Dr. Guilherme Adorno de Oliveira (Examinador Externo)
Universidade de Campinas

Prof^a. Dr^a. Fernanda Correia Silveira Galli (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Para minha Mãe, pela lealdade, compreensão, pelo amor e cuidado;
Para Evandra, pela fé, pelo incentivo, pela persistência e pela confiança;
Para Carol, por me dar as mãos e me mostrar os caminhos; por ser sempre
terra no entremar;
Para essas três grandes mulheres, por não terem desistido de lutar por mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao CNPq, instituição sob ameaça política, pelo financiamento desta pesquisa durante todo o meu curso de Doutorado no PPGL – UFPE, o que me possibilitou investir tempo e recursos para empreender esta longa trajetória de construção do saber na área de humanidades.

Ao projeto Capes/Cofecub pelo financiamento de meu Doutorado Sanduíche na Universidade Paris-Ouest Nanterre através do projeto *Representação do Discurso Outro e discursividade escrita: estudo comparativo em francês, espanhol e português brasileiro*, processo n. 23038001768/2014-82. Sem esse estágio, esta tese certamente seria outro trabalho.

A Evandra Grigoletto, que, desde o Mestrado, acreditou em minha capacidade de realizar um trabalho em Análise do Discurso, o maior e mais difícil desafio de minha vida. Por sua fé, amizade, insistência, apoio, lealdade, respeito e por sua imensa capacidade de lutar pela instituição pública de ensino.

A Frédérique Sitri, professora que, a despeito de nossas distinções epistemológicas, abraçou meu projeto e me deu a oportunidade de aprender muito. Obrigada pela amizade, companheirismo e por todos os diálogos muito produtivos ao longo dessa caminhada, desde a França até a agora.

A Fabiele Stockmans de Nardi, um ser humano inspirador, uma acadêmica brilhante, uma professora exemplar, uma mãe genial. Obrigada por me ensinar tanto sobre teoria, sobre ser professora e mais um tanto inexplicável sobre precisar buscar ser uma pessoa melhor.

A Suzana Cortez, por ter sido meu anjo da guarda desde o primeiro instante em que pensei em ousar ir à França. Por pegar na minha mão, por me ajudar, por me abraçar e me dar muito amor. Agradeço à sua amizade e generosidade sem tamanho.

A Nelly Carvalho, por ter sido a primeira a acreditar em mim na vida acadêmica. A ela, devo todas as minhas conquistas profissionais subsequentes, pois, sem ela, não teria a autoconfiança e a persistência de hoje. A essa grande amiga e mãe acadêmica.

À Profa. Dra. Doris Arruda da Cunha, por ter propiciado minha participação no projeto de intercâmbio; pela confiança e pelo apoio nesse intercâmbio teórico importante.

Ao PPGL e todos os servidores, que sempre cuidaram de tudo com presteza desde meus primeiros passos na Iniciação Científica.

Aos docentes do PPGL e da UFPE que contribuíram para minha formação, como representantes legítimos de um serviço público de excelência, de dedicação e de investimento na educação deste país.

Aos meus colegas e amigos de labuta e de pesquisa, que ajudaram a formar meu caráter acadêmico: Leonardo Gueiros, meu grande conselheiro e ouvinte, Francisco Eduardo, uma inspiração de disciplina e seriedade, Diego Alexandre, um exemplo de seriedade e inteligência com doçura, Ricardo Barreto, meu grande companheiro de tantos desafios, Esperanza Izuel, Camila Lucena, Carol Leal, Ludmila Porto, Nadiana Lima, Gabriela Modesto, Rinalda Arruda, Laura Cavalcanti, Ricardo Barreto, Rafaela Cardoso, Shenian Bezerra, Roberto Sotero, Girllayne Marques.

À minha mãe, por cuidar tanto de mim nesse processo árduo e instável; sem você, nada disso teria se realizado.

A meu pai, pelo investimento de uma vida inteira na minha educação como prioridade. Por me impulsionar sempre a lutar por mais.

A Dr. José Carlos Escobar, por me ajudar generosamente a manter o equilíbrio emocional em meio a tantas transformações duras nesse ciclo.

A Carol Falcão e Henrique Nazário, meus grandes amigos, meus irmãos, minha família, meu ninho de aconchego. Obrigada por fazerem minha casa se tornar de novo um lar. A Carol, especialmente, por ser uma interlocutora acadêmica importantíssima. Por me indicar tantas leituras valiosas da Comunicação à Sociologia; por ser a irmã que não tive. A Kiko, por ser esse protetor canino, um coração-lar, um amigo fiel e firme, essencial.

A Marília Ramos, por ter sido, sempre, minha melhor amiga; por ter acompanhado cada pequeno passo da minha vida profissional e pessoal, desde os 18 anos; desde os CONICs às entrevistas de Mestrado e Doutorado. Tê-la na minha vida com certeza mudou tudo o que sou. Minha acadêmica mais bem-sucedida e um exemplo de mulher, amiga e filha. Uma dádiva; minha irmã, minha companheira na vida. A Francisco Ramos e Rinalda Abílio também, por tanta amizade e acolhimento.

A Marconi Madruga, por saber sempre escutar com tanta generosidade. Por sempre estar presente e ser um amigo tão leve. Pela amizade eterna.

A Thiago França, por tanta interlocução relevante e decisiva durante esses anos, além do enorme afeto e carinho que construímos.

A Bruna Cavazza, por ser uma amiga tão valiosa e importante, que tornou a jornada estrangeira parecida com um lar.

A meus amigos na França, que forjaram uma nova família na minha vida, além das inúmeras trocas acadêmicas: Gustavo Fujiwara, meu bombom, Fabriccio Novelli, Anita Fattori, Lorena Matos, Filippo Gatti, Luiza Riccio, Mathieu Dernis, Leo Rauta, Rafael Cardoso, Murilo Garcia, Jana, Diego Paz, Matheus Viana, Marco Antonio Ruiz, Camila Kimie, Alberto Cruz.

A Ablo Dianka (in Memoriam), por cuidar de mim como uma verdadeira filha, na Maison du Brésil. Eternas saudades.

A Fred, Denise e Ivan, da Maison du Brésil, por propiciarem uma vida possível e feliz longe de casa.

A Profa. Clémence Gachignard, pelas aulas, pelas trocas, por tanto aprendizado no curso de FLE da Mairie de Paris Porte d'Yvry.

A Profa. Barbara Carnevalli (EHSS) e ao Prof. Luca Marsi (Paris 10) por terem me recebido em seus seminários de maneira tão generosa e aberta.

A todas as minhas alunas e meus alunos, que constroem esta trajetória, ensinando-me tanto sobre como eu ainda não sei. Tudo sempre será para vocês. Toda e qualquer pesquisa só se justifica porque vocês existem. Porque vocês são a esperança de formar uma sociedade mais justa e consciente de suas potencialidades e limitações.

“O ódio ao ordinário nutre o culto anti-intelectualista desse mesmo ordinário.”
(PÊCHEUX, 1990, p. 64).

“Contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor político e histórico da falha.” (PÊCHEUX; GADET, 2014, p. 105)

O sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É o senhor soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito da obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. (HAN, 2015, p. 29)

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar, a partir da perspectiva da Análise do Discurso pêcheuxtiana, o funcionamento discursivo do que se designa discurso fitness a partir do estudo de discursos produzidos por perfis de blogueiras/influenciadoras digitais de saúde, bem-estar e estilo de vida na rede social Instagram no Brasil e na França. A centralidade da imagem do corpo como materialidade significativa nas narrativas do eu em contextos digitais inscreve-se nesta pesquisa como condição de produção determinante para se pensar o discurso fitness enquanto formação discursiva. Desse modo, defende-se que se produzem, a partir do lugar discursivo de blogueira fitness, institucionalizações de sentidos determinadas pela ideologia neoliberal, enquanto formação ideológica dominante da Formação Social Capitalista ocidental contemporânea, que produzem discursos sobre como ser bem-sucedido, cuidar de si e como ser saudável a partir da prática de exercícios físicos, da alimentação e da gestão da vida cotidiana em suas disposições psicológicas e práticas. Esses saberes são determinados pela memória de um discurso esportivo que, por sua vez, estabelece a superação de si como ideal moral do corpo e da mente, enquanto, na economia, o discurso empreendedor erige a performance psicológica, física e imagética como balizadores de sucesso dos indivíduos. Assim, finalmente, a partir das materialidades simbólicas imagética e textual no espaço digital, considerando que o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, este trabalho descreve e analisa como a formação discursiva fitness é constituída/atravessada na blogagem fitness no Instagram por diversos saberes, entre os quais os determinantes foram descritos-analisados como médico-esportivo, publicitário, cotidiano e da autoajuda empreendedora.

Palavras-chave: Discurso fitness. Empreendedorismo. Instagram. Ideologia neoliberal. Análise do discurso.

RESUMÉ

Ce travail propose d'analyser, du point de vue de l'Analyse du Discours de Michel Pêcheux ou brésilienne, le fonctionnement discursif de ce qu'on appelle le discours fitness à partir de l'étude des discours produits par les profils de blogueuses/influenceurs digitaux de la santé, du bien-être et mode de vie sur le réseau social Instagram au Brésil et en France. La centralité de l'image du corps en tant que matérialité signifiante dans les récits de soi dans des contextes numériques est inscrite dans cette recherche comme condition de production décisive pour penser le discours fitness comme une formation discursive. Ainsi, on soutient que, à partir du lieu discursif du blogueuse fitness, des institutionnalisations de significations se produisent déterminées par l'idéologie néolibérale, comme la formation idéologique dominante de la Formation Sociale capitaliste Occidentale contemporaine, qui produisent des discours sur la façon de réussir, de prendre soin de soi-même et comment être en bonne santé à partir de la pratique des exercices physiques, de la nourriture et de la gestion de la vie quotidienne dans ses dispositions psychologiques et pratiques. Ces discours sont déterminés par la mémoire d'un discours sportif qui, à son tour, établit le dépassement de soi comme un idéal moral du corps et de l'esprit, tandis qu'en économie, le discours entrepreneurial érige la performance psychologique, physique et de l'esprit comme indicateurs de réussite des individus. Donc, enfin, à partir de la matérialité symbolique de l'image numérique et des matérialités textuelles dans l'espace numérique, considérant que le discours est un effet de sens entre interlocuteurs, ce travail décrit et analyse comment la formation discursive de fitness est constituée/croisée dans le blog fitness sur Instagram par des formations discursives diverses, parmi lesquels les déterminants ont été décrits-analysés comme des formations discursives sport-médical, publicitaire, quotidienne et entrepreneuriale de développement personnel.

Mots-clés: Discours fitness. Analyse du discours. Entrepreneuriat. Instagram. Idéologie néolibérale.

ABSTRACT

This work aims to analyze, from the perspective of Pêcheuxian Discourse Analysis, the discursive working of the so-called fitness discourse. The research considers discourses produced by online profiles of bloggers/digital influencers on health, well-being, and lifestyle on the Instagram social network in Brazil and France. The importance of the body image as significant materiality over the narratives of the self in digital texts assume in this research a condition of decisive production to realize the fitness discourse as a discursive formation. Thus, it argues that the discursive spot of fitness blogger institutionalizes meanings which are previous determined by neoliberal ideology as the dominant ideological formation of contemporary Western Capitalist Social Formation. This formation, on its turn, produces discourses on how to be successful, take care of themselves and how to be healthy from the practice of physical exercises, food and the management of daily life in its psychological and practical dispositions. This knowledge is determined by the memory of a sports discourse, which, in turn, establishes the overcoming of oneself as a moral ideal of the body and mind, while, in economics, the entrepreneurial discourse poses psychological, physical and imagery performance as success indicators of individuals. Finally, from the symbolic imagery and textual materialities in the digital space, considering that the discourse is an effect of meaning between interlocutors, this work describes and analyzes how the discursive fitness formation is constituted/embraced in the fitness blog on Instagram by a range of knowledge, among which the determinants were described-analyzed as sports-medical, advertising, daily and entrepreneurial self-help.

Keywords: Fitness Discourse. Discourse Analysis. Entrepreneurship. Instagram. Neoliberal ideology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	ANÁLISE DO DISCURSO PÊCHEUXTIANA: UM LUGAR TEÓRICO- METODOLÓGICO.....	25
2.1	DISCURSO, LÍNGUA E IDEOLOGIA.....	25
2.1.1	A ideologia em geral, as ideologias em particular.....	34
2.1.2	A interpelação: o efeito sujeito em Pêcheux e o efeito-dominó da foraclusão.....	38
2.2	CONTRADIÇÃO E NEOLIBERALISMO: NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS.....	48
3	AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO FITNESS NO INSTAGRAM.....	58
3.1	AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO.....	58
3.2	GESTO DE LEITURA NO/DO ARQUIVO: CORPUS AUXILIAR E CORPUS PRINCIPAL.....	62
3.3	PSICOPOLÍTICA, NEOLIBERALISMO E MODERNIDADE.....	66
3.4	DO DESEMPENHO À PERFORMANCE.....	75
3.5	O CORPO NA HISTÓRIA: DA INSTRUMENTAÇÃO À PERFORMANCE.....	90
4	A BLOGAGEM FITNESS NO INSTAGRAM: NOVOS MODOS DE DIZER SOBRE.....	104
4.1	TRANSMIDIAÇÃO E ESPAÇO DIGITAL: COMO FICAM AS INSTITUIÇÕES IDEOLÓGICAS?.....	104
4.1.1	O que deve e pode dizer o Instagrammer?.....	112
4.2	FALAR DE SI É PODER DIZER: DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO COMO DISCURSO SOBRE.....	129
5	O DISCURSO FITNESS MERECE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA?.....	152
5.1	AS FDS E SUA HETEROGENEIDADE RELATIVA.....	152
5.2	O DISCURSO FITNESS: FD EMPREENDEDORA NA WEB.....	165
5.2.1	O sujeito da performance, discurso de autoajuda e ideologia Neoliberal.....	178
5.3	(A)PARECER-SABER-ACONSELHAR: DIFERENTES POSIÇÕES- SUJEITO NA BLOGAGEM FITNESS.....	191

5.3.1	As discursividades constitutivas do da FD fitness.....	194
5.3.1.1	Discurso do cotidiano: o efeito-intimidade.....	194
5.3.1.2	Discurso publicitário: como se anuncia.....	212
5.3.1.3	Discurso médico-esportivo: da disciplina à superação.....	226
5.3.1.4	Discurso de autoajuda: a mentoria tutelar.....	240
6	CONCLUSÕES.....	253
	REFERÊNCIAS.....	261

1 INTRODUÇÃO

Não parece estranho que a obsessão pelo corpo – magro, gordo, saudável, negro, trans, feminino, hétero, homo, zen, resistente –, que essa intensa mobilização coletiva organizada por esse espectro do eu seja tão flagrante justamente no mesmo momento em que se vive uma descridibilização pungente das instituições sociais?

Como sujeito inscrito e ativo em práticas discursivas digitais, o processo discursivo que tem o corpo como tema central nas redes sociais sempre me intrigou e me afetou, primeiramente, de maneira mais pessoal do que acadêmica. Meu lugar de mulher a quem o discurso sobre como usar e formatar seu corpo para ser bem-sucedida, isto é, para ser reconhecida como um sujeito imbuído de potência e de visibilidade em sua formação social, é um aspecto subjetivo a não ser ignorado na constituição de meus gestos de leitura como analista neste trabalho.

Minha narrativa individual – que não se separa de minha trajetória como sujeito de discursos e como sujeito da ciência – me trouxe até aqui: diante de um espelho em que a imagem do corpo aparece como uma pauta incontornável, sempre retornando, seja pelo(s) adoecimento(s) psíquicos desse corpo, seja em forma de questão de pesquisa no que concerne ao à linguagem enquanto malha de sentidos que tece a existência dos corpos imaginários causadores de prazeres e angústias. Afinal, o corpo (ou seu espectro imaginário) é, ainda, uma forma material biológica, existencial e, ao mesmo tempo, sensível, pela qual o sujeito se reconhece como tal, na contradição constitutiva dos sujeitos e dos discursos.

Iniciei esta pesquisa em um momento da minha narrativa biográfica quando ocupava o lugar social de *um sujeito fitness* – cumpria uma agenda de práticas disciplinares na alimentação, nos exercícios físicos, no discurso e na esfera médica e nutricional, em busca da projeção e da manutenção de um corpo são, saudável e belo -, identificando-me com uma forma-sujeito que nega a possibilidade do êxito social a um corpo “anormal”, no sentido em que Foucault (2001b) o toma. Mas de que êxito estamos falando? A imagem e os imaginários sobre esse corpo haviam constituído minha existência como sujeito feminino excluído das práticas de poder em meus meios sociais até certo momento de minha narrativa individual. O discurso fitness, então, nessas condições, apresentava-se, pessoalmente, ora como salvação da dor, ora como causador de outras naturezas de dor – e ela era física quando da exaustão

dos músculos (*no pain, no gain*¹ - sem dor, sem ganho). O prazer da conquista dividia espaço na mesma arena com o sofrimento, sua condição ou sua moeda.

No início desta pesquisa, meu instinto foi o de buscar observar nesse discurso uma determinação material a fim moralizá-lo, porque já o moralizava, *uma vez que e porque* ele moraliza ideologicamente nossos corpos. Mas, como materialista e pêcheuxtiana, um sujeito da interpretação afetado pela contradição, assumindo que não há o fora da ideologia e que os discursos sempre se reestruturam sobre novas formas de dominação e transformação, meu olhar sobre o arquivo, que viria a se desdobrar em corpus, deslocou-se consideravelmente.

Se o discurso fitness é, aparentemente, uma materialidade de ordem hegemônica e potente sobre o que pode e deve ser dito a partir de e sobre um corpo belo, saudável e bem-sucedido no interior de uma formação social, essa seria a primeira vez em que isso ocorre na História com o(s) discurso(s) do(s)/sobre os corpos? Não haveria outros discursos que determinam modos de existência para os nossos corpos, diante dos quais alguns indivíduos irão sempre se debater para se inscrever nos espaços de dominação ideológica? A questão com a qual talvez eu estivesse lidando desde o início era a de que o principal problema da luta entre contrários é a dominância do dizer, a hegemonia, o poder coercitivo e os espaços estreitos entre as posições-sujeito da FD fitness ou mesmo seus limites de rupturas. “Mas o que se passa se as relações transversais de resistência não param de se reestratificar, de encontrar, ou mesmo de fabricar esses nós de poder?”, pergunta Deleuze (1988), partindo do pressuposto filosófico foucaultiano de que o poder é constitutivo de verdade(s).

Tendo em vista os enunciados de múltiplas materialidades produzidos pelas *gurus do corpo*², o sujeito fitness, na evidência que dominava meu olhar, desenhado

¹ No dia 28 de fevereiro de 2020, às 9h44 da manhã, horário de Recife, a hashtag no Instagram tinha nada menos do que 23.092.636 citações. Trata-se de um dos enunciados, ou uma tecnopalavra (PAVEAU, 2013), determinantes de uma forma-sujeito empreendedora fitness, que preconiza o esforço – logo, a dor - como condição empreendedora do indivíduo na materialidade do corpo. A ideia de superação determina ideologicamente esse sentido, que, por sua vez, é sobredeterminado pela memória do capital. Falamos, nessa formação discursiva, sobre uma economia do corpo/imagem.

² Paira sobre as blogueiras, de todos os segmentos, uma aura de gurus – observo no uso desse termo um atravessamento do discurso religioso, sobre o qual ecoa o individualismo neoliberal, quando o guru ocupa a posição de mentor responsável por dar conselhos (diquinhas) para orientar a vida dos seguidores. Nas redes sociais, os influenciadores digitais escrevem para um público de *seguidores*. A experiência toma o lugar do conhecimento como valor social do saber. É nessa condição de produção que a blogagem passa a ocupar posição privilegiada no que Mariani (1998) entendia serem os *discursos sobre*. Discutirei esses aspectos com mais propriedade no Capítulo 3.

com uma silhueta (discursiva, imagética e corpórea) tão bem definida, que a inscrição em sua forma-sujeito parecia muito mais fácil do que o cumprimento disciplinar das práticas sociais subjacentes a esse discurso.

Ser fitness e não ser fitness eram, para mim, aparentemente, conjuntos discursivos bem delineados (embora não fechados), pois esse rótulo era evidentemente atribuído cada vez que se proferisse a adesão a alguma prática de alimentação ou de esporte, sobretudo: pratico exercícios regularmente; logo, sou fitness. Então, o que identificava e desidentificava um sujeito como fitness, além da obviedade das formas físicas que reverberavam as práticas sociais de seu corpo? A quais sujeitos era permitido falar a partir desse lugar discursivo, finalmente? Que enunciados eram interditados a esses sujeitos, em que condições de produção? Eu pressentia saber, mas não sabia dizer. E esse se tornou um de meus objetivos neste trabalho.

Ao mesmo tempo em que a identificação-descrição-interpretação de uma FD fitness passou a ser uma preocupação no meu processo de leitura do arquivo, os movimentos de resistências (im)possíveis se impuseram como temática transversal ao meu campo discursivo de referência (COURTINE, 2014) em diversas ocasiões. Por questões metodológicas, decidi não me ater aos funcionamentos que desidentificavam-se e contraidentificavam-se à evidência de uma forma-sujeito fitness. No entanto, tendo em vista as vicissitudes da materialidade digital – que abriram as janelas dos embates discursivos como uma caixa de Pandora em nossa formação social –, observei que esses fenômenos mereceriam uma pesquisa futura própria, uma vez que as *resistências* se tornaram uma agenda midiática imperativa nesses espaços.

Nesta tese, portanto, parto do que já está posto em diversos trabalhos do campo da comunicação social, da sociologia, da psicologia social, entre outras áreas das ciências humanas³, na leitura de que a sociedade do presente vive uma “cultura da performance” (EHRENBERG, 2010), cujas narrativas autobiográficas (GIDDENS, 1991, 2002) são balizadoras e organizadoras de uma agenda do ser e do existir. Tem sido, outrossim, nesse cenário social, amplamente debatido o papel do esporte e do

³ Cf. Andreassen e Pallesen (2012), Angenot (2010), Assunção e Jorge (2014), Aubert (2003), Bergman (2011), Bolesina (2020), Bruno (2013), Cabanas e Illouz (2018); Casaqui (2017, 2018); Castells (1999, 2009), Ehrenberg (2010), Energigici (2018, 2016), Gabler (1999), Giddens (2012), Illouz (2011), Lipovetsky e Serroy (2015), Novaes (2010), Jenkins (2009); Queval (2008, 2013), Sibilia (2004, 2015, 2016) Pereira (2010), Vigarello (2004).

corpo em sua interface com os processos socio-históricos pelos quais o corpo é significado discursivamente, como podemos observar, por exemplo, nos trabalhos de Queval (2008, 2013), Giddens (1991, 2002) e Corbin, Courtine e Vigarello (2011). Como se pode ver, este não é um fenômeno novo; mas são cada vez mais múltiplas e desmaterializadas as formas de discursivizá-lo, tendo em vista a corrida tecnológica do século 21.

Então, diante de todo um campo de conhecimento já estabelecido, o que esta tese, como um trabalho desenvolvido por uma pesquisadora de formação em Letras, com Mestrado na subárea da Lexicologia e com Doutorado com ênfase em Análise do Discurso pêcheuxtiana⁴, essa disciplina de entremeio, enseja acrescentar a tudo o que já está relativamente consagrado? Trata-se justamente de tentar realizar o que cabe à AD, a partir de um entrelugar teórico, por meio de uma visada que toma a língua(gem) como um trabalho do/no simbólico, considerando a narrativa particular acadêmica desta pesquisadora, em suas amplitudes e limitações.

Primeiramente, procuro me questionar sobre *de que modo tem se dito* o que se diz a partir sobre corpo, saúde, alimentação e exercícios na rede social Instagram, rede em franco crescimento no Brasil, a partir de um lugar específico de influência digital. Como gesto de leitura da dispersão desses dizeres, reúno-os em **uma Formação Discursiva (FD)**, a que estou denominando FD fitness (discurso fitness) e, por isso, busco delinear as condições de produção do funcionamento desse discurso, especificamente, levando-se em conta minha inscrição numa teoria não subjetiva da subjetividade. Portanto, não se trata de moralizar sujeitos femininos que enunciam esse ou aquele discurso sobre seus modos de vida e seus corpos, mas, sim, de entender em que posições subjetivas elas se inscrevem para serem tão respeitadas, seguidas e imitadas quando falam de si e de seus corpos. O Instagram foi selecionado como campo de arquivo na pesquisa devido ao estatuto ao qual ele elevou a circulação, a produção e reprodução de imagens nas práticas discursivas.

Como nos ensinam Lipovetsky e Serroy (2015, p. 48), após a Segunda Guerra Mundial, tudo o que se considerava “supérfluo, frívolo, fantasia” passou a ser

⁴ A grafia do adjetivo derivado do antropônimo Pêcheux varia na área da Análise do Discurso. Para se adotar uma adaptação morfológica ao português, a ortografia mais coerente seria “pechetiano”; no entanto, a palavra perderia as características marcantes que remontam a memória da origem francesa do nome do autor. Encontramos em alguns trabalhos um hibridismo fonético-ortográfico em registros como “pecheuxtiano”. Minha decisão, na tese, foi, portanto, a de conservar no radical a escrita original do nome do autor e acrescentar apenas a derivação sufixal com o morfema português *-ano*.

encarado contemporaneamente como um fetiche, devido ao funcionamento simbólico do que os autores denominam “capitalismo artista”. O consumo de informação estética via redes sociais – e nessa esteira entra a superpublicação de imagens viabilizada pela rede social Instagram – atende ao “consumidor transestético e ilimitado” (LIPOVESTSKY E SERROY, 2015, p. 49) produzido por essa lógica do capital. Nessa rede, as imagens oferecem-se como produtos estéticos que atendem aos consumidores ávidos por novidades da ordem da estética: “de animações, de espetáculos, de evasões turísticas, de experiências emocionais, de fruções sensíveis” (idem, p. 62). Com isso, os discursos centrados na narrativa em torno do corpo e das práticas sociais que o contornam e o (de)formam, ganharam mais difusão do que já tinham na mídia tradicional, gerando grandes números de engajamento digital e cifras de investimento publicitário.

Desse modo, a imagem do corpo, no digital, funciona no imbricamento simbólico de três materialidades: a do próprio corpo, a da imagem, como materialidade visual-digital, e a da língua(gem). Sendo assim, proponho pensar essas produções discursivas em sua multifaceta significante considerando as determinações e os efeitos de sentido que atravessam a constituição desses três campos simbólicos, em conjunto, o que torna o nosso trabalho um exercício de dizer constituído pelo deixar de dizer próprio do real da língua, mas também da profusão concomitante de materialidades que têm constituído os sentidos no contemporâneo.

Nesse cenário, no campo dos estudos do discurso, busco traçar os limites, ainda que porosos, fragmentados e heterogêneos, da materialização equívoca de *um discurso fitness*, que os sujeitos engajados nas interações digitais parecem saber intuitivamente o que é, admitindo a dominância no olhar sobre o arquivo que constitui meus gestos de leitura. No entanto, na área da Análise do Discurso, não se discutiu ainda sobre *como se constitui e por que funciona dessa maneira*, descrevendo-interpretando o que o caracteriza enquanto tal na interface de outras FDs que o materializam no efeito de unicidade.

Teorizo, para isso, sobre o Instagram como um dispositivo midiático contemporâneo de legitimação de efeitos de verdade sobre modos de vida e sobre o como um corpo deve se apresentar para que seja lido como belo, produtivo e saudável, enquanto instituição social digital afetada pela Ideologia, o que nos impulsiona a repensar a noção de *discurso sobre* tal como a propôs Mariani (1998). Nesse ínterim, remonto o quadro das condições de produção do *discurso fitness* na

Web, imprimindo sobre o cenário socio-histórico a ótica de nossa análise não subjetiva da subjetividade.

No bojo do pensamento sobre a rede, a ação social simbolizada pelo significante *seguir* uma blogueira fitness leva à constatação da existência de referências de sujeitos, enquanto lugares discursivos, autorizados a discursivizar como sujeitos de saber no interior de uma formação discursiva fitness nas redes sociais – além do Instagram, o Youtube⁵ tem sido uma rede muito relevante nessa prática discursiva -, é da ordem da evidência para qualquer jovem contemporâneo.

Os filhos da geração Y e Z têm influenciados e tutelados⁶ pelos *digital influencers* em vários campos de sua vida pública e privada; com relação à saúde, ao bem-estar e à forma do corpo, isso não seria diferente. Com as mudanças nas estruturas familiares do início do século 21, emerge a demanda de uma tutoria social-individual, legitimada pela prática do testemunho público, que remonta a ética protestante da qual nos fala Weber (2013) e põe em jogo o exercício de um poder pastoral (FOUCAULT, 2008) via memória discursiva. Empreendedores de sucesso relatam a sua história de “salvação” para inspirar novos aspirantes a empreendedores. Nessa cultura, eclode uma massa de profissionais que se autointitulam “coachs (treinadores) de vida” ou “influencers” (influenciadores), e muito neles tem a ver com o sujeito do discurso fitness, cuja função, além de outras, é a de *inspirar* modos de existir através não somente de narrativas biográficas cotidianas, mas também, e sobretudo, por meio de imagens dos corpos.

Isso me levou a revisitar um conceito desenvolvido por Mariani (1998), em sua tese de doutorado, para pensar as mídias institucionalizadas. Considerando esse cenário digital contemporâneo de convergência de mídias em que se vivencia por uma descredibilização dos discursos de verdade antes centralizados em instituições sociais físicas (ou aparelhos ideológicos de estado), esses espaços vão sendo

⁵ Os trabalhos de Adorno (2015, 2016) são uma excelente referência de estudo dessa plataforma na perspectiva da AD.

⁶ O termo *tutor*, segundo o Houaiss (2009), significa, segundo uma acepção jurídica, “um indivíduo que exerce a tutela”. Esse termo é recorrente no universo discursivo da blogagem e, inclusive, deriva um gênero discursivo específico denominado “tutorial”. Ela será uma de minhas chaves de análise para pensar na função-autor blogueiro em relação aos *discursos sobre* na contemporaneidade, o que farei no Capítulo 3 deste trabalho. De antemão, observo o (não)evidente atravessamento da memória jurídica quando da passagem da tutela do Estado para o indivíduo na relação Estado–sujeito/Sujeito–sujeito que se evidencia no empreendedorismo de si do discurso fitness, já que está em vigência uma ordem neoliberal da formação social capitalista.

ocupados por novos tutores/mentores da verdade. Estamos na era dos discursos do eu.

Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois, ao falarem sobre um discurso de ('discurso-origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar sobre transita na co-relação (sic) entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor. (MARIANI, 1998, p. 60, grifos meus).

Uma questão intrigante sobre a blogagem, ou sobre o discurso de blogueiro, é que sua legitimação nos espaços digitais do dizer se dá justamente no apagamento do desejo de ser a fonte de *saber institucional*. Dissimular essa posição constitui o lugar social e a posição de blogueiro; vê-se um movimento constitutivo dessas formas contemporâneas de dizer sobre.

Trata-se de dar uma notícia sem fazer parecer que se dá uma notícia; de se promover uma publicidade fazendo parecer o menos possível que se faz um anúncio; de ostentar um corpo construído por métodos de consumo, fazendo parecer quanto mais for possível que ele é *natural* e que foi conquistado apenas com disciplina alimentar e com exercícios, e não com cirurgias ou por intervenções externas. A dissimulação social (que pode ser entendida apenas como um exercício de subjetivação) no digital (não que ela não exista nas práticas sociais em outros ambientes) ganha vários aliados: as telas mediam a relação entre as faces dos sujeitos e essas interfaces preveem cada vez mais ferramentas de edição de si para uma autoexposição mais adequada ao consumo estetizado. Os modos de circulação estabelecem transformações nos modos de dizer sobre.

Se o sujeito da performance é empreendedor de si e o testemunho de sucesso é uma de suas maneiras de se inscrever em posições bem-sucedidas, quando mais recursos houver para sua exposição "sem falhas", melhor a eficácia ideológica de seu discurso. Isso quer dizer que o efeito-verdade nesses processos discursivos digitais tem se dado via efeito-intimidade: a imagem do eu-indivíduo deve coincidir com a imagem do sujeito do discurso, e essa fusão tem se dado de maneira cada vez mais refinada, considerando a determinação tecnológica.

Isso se coaduna com as observações de Castells (1999), quando o autor analisa a evolução do uso de mídia que descentra a hegemonia dos meios

*broadcasting*⁷ para as mídias digitais. Essa mudança aponta para o enfoque maior numa informação mais especializada e diversificada, o que segmenta audiências de acordo com “ideologias, valores, gostos e estilos de vida” (p. 425). É o fenômeno que Sibilia (2016, p. 20) denomina de “diário exímio” em contraponto à função diário íntimo, que determinava os modos de dizer dos blogs quando de seu surgimento com a Web 2.0. Conforme análise da autora, esse trocadilho busca traduzir o que seria um paradoxo desse fenômeno: falar de si a fim de expor a si mesmo (o que contraria os propósitos dos diários íntimos) num ambiente de rede seria um gesto de intimidade e de exibicionismo concomitantes. Isso tem redesenhado os modos de vida contemporâneos via coerção subjetivo-tecnológica: a cada nova ferramenta de criada, o sujeito torna-se mais paramentado para ser editor da narrativa íntima-pública de sua própria vida.

Mas nem todos conquistam o lugar de “blogueiros”⁸. Essa posição tão desejada tem rendido lucros milionários a nomes como Felipe Neto e Whinderson Nunes⁹, por exemplo, personalidades que vêm pautando temas da mídia jornalística através de suas audiências no YouTube. Os *digital influencers* são celebridades eleitas pelo público dos ambientes digitais. A diferença entre eles e as celebridades da televisão é a de que sua figura pública já nasce dissociada da necessidade de legitimação um lugar institucional evidente¹⁰: sua credibilidade se constrói no efeito-sujeito elementar, na evidência de que eles são eles mesmos, e não desempenham um “papel social”, para usar um termo ligado à pragmática e ao senso comum. E isso provoca cesuras nas maneiras de ler, de consumir, de produzir e de fazer circular textos e discursos, de modo que isso nos aponta para novos funcionamentos da ideologia, por meio de outros efeitos. “A visibilidade e a conexão sem pausa

⁷ *Broadcasting* é o modelo de transmissão de informação que considera um polo emissor e vários receptores, como a televisão e o rádio. Com a maior democratização dos meios digitais e da internet banda larga, o modelo de comunicação em *streaming* (transmissão em fluxo contínuo) tem roubado espaço do primeiro. Um exemplo disso é a entrada das grandes redes televisivas nos serviços de streaming, como é o caso do canal Globoplay, Multishow, etc.

⁸ Em todo o trabalho, onde se lê blogueiro(a), leia-se, também, digital influencer. Não estou fazendo distinção de categorias quanto a esses dois significantes.

⁹ A reportagem “Quem são os Youtubers mais ricos do Brasil”, de setembro de 2017, explora os ganhos mensais e anuais de digital influencers como esses: <https://segredosdomundo.r7.com/quem-sao-os-youtubers-mais-ricos-do-brasil/>.

¹⁰ As empresas que controlam as redes sociais estabelecem uma relação de trabalho com seus produtores de conteúdos de uma natureza muito distinta das empresas midiáticas tradicionais, o que provoca um efeito de descolamento entre as imagens da empresa e do produtor do canal.

constituem dois vetores para os modos de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2016, p. 21).

Neste trabalho, esses aspectos serão explorados sobretudo no Capítulo 3, no qual buscarei investigar mais a fundo as questões ligadas à materialidade digital e à memória da blogagem no desdobramento do que entendo por forma-sujeito blogueiro e, a posteriori, forma-sujeito blogueira fitness.

Por fim, no Capítulo 4, a partir das teorizações de Pêcheux (1990, 1997, 2014a, 2014b) e Courtine (2014), busco defender o discurso fitness enquanto formação discursiva cujos sentidos são determinados pelo funcionamento de uma formação discursiva empreendedora, como FD constitutiva central. Esta, por sua vez, constitui-se de sentidos organizados por uma formação ideológica neoliberal, que, na minha visada, determina as práticas discursivas contemporâneas em formações sociais capitalistas ocidentais (não sem resistências, falhas e furos – parece sempre necessário frisar).

Essa teorização é realizada por meio de leitura cotidiana do arquivo e, em segunda instância, das sequências discursivas que estabeleci como corpus: três blogueiras fitness do Instagram, Gabriela Pugliesi, Lara Nesteruk e Lucile Woodward. A razão dessa seleção são as seguintes regularidades apresentadas: a primeira é a blogueira fitness brasileira mais conhecida e bem-sucedida da Web, com o maior número de seguidores e maior repercussão fora das redes (entrevistas em sites, programas de televisão, participação em campanhas publicitárias, etc). A segunda é nutricionista adepta da linha *low carb* (baixo carboidrato), tendência nutricional em alta entre outras blogueiras acompanhadas na etapa de leitura do arquivo. Além disso, essa nutricionista é referência em vários perfis e blogs para falar desse *estilo de vida* de um lugar de saber profissional relacionado a seu lugar social. Isso nos leva a pensar o apagamento do lugar da ciência e em seu desdobramento enquanto discurso médico-nutricional a partir de um lugar social institucionalmente legitimado (ela tem Graduação em Nutrição e Pós-graduação em Fisiologia do Exercício) e um lugar discursivo duplamente constituído. A terceira blogueira foi escolhida como uma referência de discurso fitness na França, um dos frutos de meu estágio de doutorado sanduíche pelo programa CAPES/COFECUB no ano de 2017.

Explorei outros perfis¹¹ de blogueiras francesas no trabalho publicado em torno do projeto e, deles, o da Lucile Woodward foi selecionado considerando que ela tinha o maior número de seguidores, publicava textos em língua francesa e, assim como Lara Nesteruk, oferece programas de treinamento e alimentação online para adesão por meio de pagamento em outras plataformas. Gabriela Pugliesi mantém um programa no Youtube e não vende programas de treinamentos físicos, já que no Brasil essa prática é proibida pelo Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF)¹².

Portanto, esta tese está organizada em quatro capítulos, cuja estrutura explica-se a seguir:

No Capítulo 1, elaboro teoricamente minha posição epistemológica de leitura dos arquivos a partir da teoria do discurso de base pècheuxtiana. Para isso, retomo a discussão empreendida pela teoria sobre a relação entre discurso, língua e ideologia, estabelecendo suas relações com a noção de sujeito e localizando essa teoria na conjuntura político-epistemológica no contexto francês e brasileiro. A partir disso, proponho uma reflexão sobre a noção de contradição proposta pela teoria na interface da discussão sobre a ideologia neoliberal.

No Capítulo 2, apresento meu gesto de leitura a respeito das condições de produção do discurso fitness. Retomo as formulações clássicas da teoria sobre o conceito para estabelecer alguns critérios analíticos e metodológicos que se sustentam sobre ele. Discuto, ainda sobre a noção de empreendedorismo no cenário sócio-discursivo contemporâneo considerando sua existência material na interface da ideologia material. Em seguida, o trabalho com os conceitos de performance, espetáculo e desempenho constroem um arcabouço teórico para a análise do corpo empreendedor contemporâneo: apresento, para isso, algumas análises de materialidades do campo discursivo pedagógico no contexto brasileiro.

No Capítulo 3, proponho uma teorização sobre a blogagem fitness no Instagram a partir de teorizações e de análises de recortes do meu campo discursivo de referência. Reflito sobre a internet em relação aos Aparelhos Ideológicos do Estado e analiso alguns discursos para elaborar teoricamente o lugar discursivo da blogueira fitness como um lugar midiático do dizer sobre. Descrevo e analiso, ainda, algumas

¹¹ Cf. KRAMER WANDERLEY, 2018.

¹² No ano de 2015, a blogueira esteve envolvida em polêmicas a esse respeito, quando seu ex-namorado foi autuado pelo CONFEF por praticar treinamentos sem habilitação profissional adequada. Ele estaria atuando como “lifestyle coach” (treinador de estilo de vida). Cf.: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/03/namorado-de-gabriela-pugliesi-e-autuado-por-conselho-de-ed-fisica.html>. Acesso em : 11 fev. 2019.

funcionalidades do Instagram como determinantes tanto para sua constituição quanto na sua formulação a ordem da circulação.

No Capítulo 4, enfim, trabalho sobre a teorização do conceito de formação discursiva na AD, descrevendo a formação discursiva empreendedora como uma forma-sujeito determinada pela formação ideológica neoliberal. Defendo que esta, por sua vez, é a forma ideológica dominante pela qual a formação capitalista tem funcionado contemporaneamente. A partir dessa discussão, na análise do meu corpus discursivo, descrevo as posições-sujeito que se inscrevem na FD fitness a partir da inscrição de saberes advindos dos discursos do cotidiano, publicitário, médico-esportivo e de autoajuda.

2 ANÁLISE DO DISCURSO PÊCHEUXIANA: UM LUGAR TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 DISCURSO, LÍNGUA E IDEOLOGIA

E se, em outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico. (PÊCHEUX, 2014b, p. 279).

É um pouco curioso e até anedótico que uma teoria cuja obra inaugural atende pelo epíteto “Por uma *Análise Automática* do Discurso” (PÊCHEUX, 2014a), hoje, tenha como propósito justamente “desautomatizar” evidências de sentido, ou, para usar as palavras de Orlandi (1996, p. 64), expor ao leitor a opacidade do texto. Eis a contradição constitutiva do discurso, apresentando-se sob a forma de linguagem na história da própria teoria, que, como sabemos, começou buscando criar uma máquina discursiva para ampliar leituras.

Essa é a tônica do trabalho de Michel Pêcheux (1997, 2014a, 2014b, 2001, 1980), teórico que orientará, centralmente, todos os gestos de leitura deste trabalho. Além dele, cito sua maior e mais importante representante no Brasil, responsável por popularizar sua teoria e desenvolver o campo de pesquisa no país, derivando o que se chama, hoje, de “análise de discurso brasileira”: Eni Orlandi.

Pêcheux jamais se esquivou de reconhecer os furos e falhas de suas formulações teóricas, revisando conceitos e criticando suas teorizações quando considerou pertinente¹³ e imperativo para a construção de um arcabouço analítico que tomasse a língua(gem) como objeto simbólico de um sujeito marcado pela falha, considerando as determinações socio-históricas da exterioridade.

Michel Pêcheux empreendeu o desafio difícilimo de conjugar a luta política aos campos da Ideologia, Linguística e Psicanálise, quando essas áreas pareciam conversar muito pouco, de um ponto de vista metodológico. E é por isso que ele entende o estudo do discurso, em relação ao estudo da língua, como uma “mudança de terreno” (PÊCHEUX, 2001, p. 12). Segundo ele, “essa mudança de terreno consiste em se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo”.

¹³ Refiro-me aqui sobretudo ao capítulo de retificação agregado à obra “Semântica e discurso” (PÊCHEUX, 2014b), a Discurso: estrutura ou acontecimento? (PÊCHEUX, 1990) e a outros textos reunidos na obra organizada por Eni Orlandi, “Análise de Discurso: Michel Pêcheux” (PÊCHEUX, 2011a, 2011b).

Aparentemente, para os que não têm muita intimidade com seu pensamento, realizar uma mudança de terreno e, ainda assim, se filiar à Linguística continua sendo impossível. É por essa razão – infelizmente – que a prática da AD¹⁴ continua sendo uma atividade de resistência dentro dos muros da universidade, uma vez que a mudança de terreno proposta por Pêcheux implica a desobediência a alguns princípios teóricos básicos do positivismo lógico.

Ouvi com alguma frequência em minha passagem pela França durante o estágio sanduíche, em 2017, a seguinte declaração: “mas isto o que você está fazendo não é Linguística; é *análise de conteúdo*”¹⁵. Nesse enunciado, incidem alguns efeitos de sentidos, e todos eles organizam-se na direção de uma deslegitimação do lugar científico da AD pêcheuxtiana (análise de conteúdo não é Linguística; *logo*, não é ciência). Isto é, funciona no sentido o pressuposto de que nenhuma disciplina de interpretação deve ter lugar na Linguística se não cumprir *certos rituais* de tratamento com as formas da língua – e sabemos que esses rituais dizem respeito à reverência à forma e à lógica, de alguma maneira.

A despeito da legitimação de tantas outras perspectivas da Linguística, que consideram o enunciado como uma categoria da exterioridade e que já revisitaram o conceito de língua(gem) a partir de suas relações com os sujeitos e com os sentidos, algumas questões especificamente concernentes à AD incomodam mais a seus críticos, a ponto de ela não ser equiparada, em termos de valor institucional, à linguística textual, ou enunciativa, ou às teorias pragmáticas, que, embora considerem a exterioridade da linguagem, são *evidentemente* Linguística.

A AD se propõe a integrar à reflexão sobre o funcionamento dos sentidos a categoria da ideologia, além de ver o sujeito como uma *posição no discurso* – enquanto o indivíduo é um sujeito dividido, pois é atravessado pelo inconsciente. Com isso, desafia a noção de *intencionalidade* enquanto categoria da linguagem, uma vez que o desejo de dizer não corresponde ao dito. Além disso, tanto o materialismo histórico quanto a psicanálise são áreas *non gratas* na área acadêmica, e isso *se deve* a suas relações com as feridas narcísicas do sujeito centrado sobre si mesmo.

¹⁴ Doravante, o termo análise do discurso ou a sigla AD serão sempre referências à AD pêcheuxtiana. Quando houver referências a outras perspectivas discursivas, serão feitas as devidas indicações.

¹⁵ Orlandi (2005) observa que disciplinas de caráter interpretativo como a análise de conteúdo prescindem da materialidade da língua na discursividade.

Não se deve pensar, porém, que a AD nega a materialidade da língua como uma *condicionante* do discurso; do contrário, ela a reafirma. É nesse sentido que a AD considera a realidade autônoma da língua, quando esse *real* estabelece suas fronteiras no que tange ao objeto próprio da AD, os processos discursivos.

Não devemos deduzir, do que foi exposto, que a *língua, enquanto realidade autônoma desaparece*, que a própria gramática não passa de objeto da luta de classe (!). Na verdade, é mais conveniente conceber a língua como a base sobre a qual processos se constroem; a *base linguística caracteriza*, nesta perspectiva, o *funcionamento da língua em relação a si própria*, enquanto realidade relativamente autônoma; e é preciso, por conseguinte, reservar a expressão *processo discursivo (processo de produção do discurso) ao funcionamento da base linguística em relação a representações* (cf. exposto acima) *postas em jogo nas relações sociais*. (PÊCHEUX, 2011a, p. 128, grifos meus).

Foi ousando pensar que Pêcheux teve a coragem de conceber a AD não como *uma zona disciplinar da Linguística*, mas como *uma teoria dos processos discursivos* que se propõe a pensar a língua como um lugar de falha e de funcionamento da ideologia. Conforme o autor mesmo reitera, em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 1990, p. 44), “todo fato já é uma interpretação”. Nesse sentido, a Linguística é, ela mesma, uma interpretação sobre a linguagem que se institucionalizou como ciência em torno de um conjunto dado de gestos que legitimam a interpretação como aceitável a partir de procedimentos formais, atrelados à tradição positivista da ciência. Trata-se de “um narcisismo da estrutura” (PÊCHEUX, 1990, p. 46) que, a despeito de todas as transformações epistemológicas da segunda metade do século 20, parece concorrer como fator crucial para que se reconheça ou não uma prática analítica no entorno de sua formação discursiva¹⁶.

Além da negação de seu lugar na Linguística, de outro lado e em outras esferas, a AD também sofre com olhares enviesados por sua filiação com a teoria materialista do discurso, que tem sido alvo de críticas por estar ligada a um pensamento estrutural e determinista de “classe” social e de luta de classes, algo que teria sido “superado” pelo funcionamento da lógica neoliberal, sobretudo num cenário pós-Guerra Fria, com a democracia liberal, como descreve Fukuyama (1992), em seu clássico *O fim da História e o último homem*. O fracasso econômico das nações comunistas é outro fato que contribui para essa rejeição às teorias marxistas, tanto no campo das teorias sociais quanto no senso comum, o que também tem a ver com o efeito de funcionamento dessa democracia liberal nas sociedades ocidentais.

¹⁶ A noção será pormenorizada no Capítulo 4.

A rejeição a esse materialismo, no que tange a sua presença na AD pêcheuxtiana, se deve, em primeiro lugar, ao modo como as ideias de Althusser (1985) a respeito do *assujeitamento* desafiam o narcisismo dos sujeitos falantes e, mais ainda, dos linguistas, esses com mais segurança ainda de que dominaram esse “objeto exterior” a que chamam língua. Assim, se afirmar que não é possível dominar um objeto (a língua) que justifica a existência institucional de seus lugares de saber é desafiar a legitimidade de seu lugar social e de sua posição-sujeito, pode-se compreender um pouco melhor as razões de suas reações, por vezes muito animadas, contra os analistas do discurso. Mas, ao contrário do que dizem, sublinhar a falha constitutiva dessa “ferramenta imperfeita” não deslegitima seu estudo, nem é esse o propósito dos analistas, como pudemos observar na citação de Michel Pêcheux acima. Trata-se apenas da busca por delinear um novo objeto, através do qual se possa assumir a falha como constitutiva, e, nesse sentido, realizar uma análise que abrace as contradições da própria análise – o que não deveria, contraditoriamente, afetar análises que se pretendem não contraditórias...

Em terceiro lugar, a rejeição política às ideias marxistas de Louis Althusser se estende a Pêcheux, eclipsado, em suas origens, pelas teorias francesas sociopragmáticas do discurso e pelas tendências enunciativas, mais confortáveis a seus analistas por garantirem o efeito de controle sobre o dizer e suas análises quanti-quali-categorizantes. Fazer análise do discurso precisa designar a capacidade de se criar uma taxionomia aplicável a um funcionamento discursivo que reincide num regime fechado de repetibilidade? Ou não se pode empreender um percurso sobre os funcionamentos que se dão na “zona imprecisa onde se cai na heterogeneidade constitutiva”¹⁷ (AUTHIER-REVUZ, 2015, p. 34, grifo meu) dos discursos? Aparentemente, entre ser analista de discurso e de conteúdo, para alguns autores contemporâneos, existe uma escolha muito simples e clara entre essas duas vias: eles escolhem a precisão. Mas a análise de discurso brasileira discorda.

Ao mesmo tempo, ao lado da função da ideologia na constituição da noção de *assujeitamento*, outro tabu se ergue sobre o campo da AD, o do sujeito do inconsciente. Paul Henry (2013, p. 136) atribui a razão de a psicanálise e do materialismo histórico não encontrarem lugar na universidade ao fato de essa instituição ser justamente um Aparelho Ideológico do Estado escolar, enquanto essas

¹⁷ Em Kramer Wanderley (2018), aprofundo um pouco a discussão sobre alguns fatores que implicam a relação entre o discurso outro da heterogeneidade constitutiva e a noção de discurso da AD pêcheuxtiana.

duas áreas são subversivas ao que regula as relações de poder-saber nesse espaço. Isso quer dizer que *não há posição confortável nem garantias* quando se considera que o discurso é um fenômeno ideológico e que os sujeitos não têm *absoluto* controle sobre o que dizem, tornando-se a língua uma “ferramenta imperfeita”, para tomar emprestado o termo de Henry (2013). Analisar o discurso sem desconsiderar a dimensão da historicidade e o estatuto inconsciente do sujeito sempre foi e será um movimento de ousadia, pois, como diz Orlandi (2003, p. 6), citando Courtine, “para praticar a análise de discurso é preciso ser linguista e esquecer que é. A maior parte ou não é ou não esquece...”. Não há como garantir a *boa* análise de discurso, porque, para fazê-la, é preciso assumir a contingência da subjetividade do analista e assumir uma série de riscos.

Dito isso, neste capítulo debatarei algumas das ideias sobre as quais este trabalho fundamentará seu olhar não somente sobre a língua, mas sobre a linguagem enquanto atividade da ordem do simbólico. Para tanto, não recuperarei a genealogia do conceito de língua na história das formulações pêcheuxtianas, pois esse trabalho já foi feito em muitos estudos, que dispõem de ótimas paráfrases¹⁸ das ideias de Pêcheux.

Desse modo, decidi me ater às principais ideias que podem legitimar este trabalho como uma tese no seio de um programa de investigação da Linguística, e isso nos obriga a explicar como a AD se posiciona a respeito da noção de língua(gem) e da Linguística como ciência da linguagem, no cenário contemporâneo.

A definição da Linguística como “a” ciência que estuda os fatos da língua enquanto sistema de signos verbais humanos já há muito não sustenta a maior parte das práticas que se inscrevem contemporaneamente nesse campo científico, sobretudo depois do que os historiadores da linguagem costumam localizar como a “virada pragmática”. O termo se tornou um guarda-chuva para abrigar diversas perspectivas que se debruçam sobre a linguagem, inclusive em suas manifestações multimodais.

No entanto, afastar-se do que Pêcheux (2011, p. 127) denomina de “integrismo linguístico” exige uma “mudança de terreno”. Nessa formulação, não se vê uma condenação de Pêcheux, necessariamente, às abordagens linguísticas ligadas à

¹⁸ Para o leitor menos iniciado que, por acaso, quiser se contextualizar antes de ler esta tese, o melhor exemplo de resumo didático dos princípios teóricos básicos da AD está na obra de Eni Orlandi (2015) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*.

forma, mas há, sim, a assunção de que esse modo de estudar a linguagem não abarca questões da ordem da exterioridade. “Notemos, para começar, que é absurdo recriminar a linguística por se restringir a seu objeto: toda disciplina científica se constitui pela exclusão de seu campo daquilo que, até então, a obcecava, no sentido literal do termo”, alerta o autor em seu texto *Língua, “linguagens” e discurso* (PÊCHEUX, 2011a, p. 125). A condição dessa mudança seria “se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo”. Isso nos leva a pensar obrigatoriamente o conceito de língua em relação ao de *subjetividade*.

Com isso, Pêcheux funda seu escopo teórico, que **não** está localizado no interior da ciência Linguística, mas não prescinde dela para o desenvolvimento de seu método. Isto é, a AD goza de sua autenticidade epistemológica, mas se relaciona com a Linguística não como uma “ciência da realidade acima das ciências existentes”, conforme ironiza Pêcheux (2001, p. 127). O discurso reclama um campo próprio, uma vez que ele não está para a fala em contraposição à língua. Ele tem sua própria materialidade, que engloba as relações sociais, o descentramento do indivíduo na constituição dos sentidos e o “real da língua¹⁹”. “Pela noção de materialidade discursiva, que recobre a relação entre a forma-sujeito e a forma do sentido, confronta-se o simbólico com o político, na relação entre língua e história: eis a forma material” (ORLANDI, 2003, p. 4).

A relação com o político está epistemologicamente fundamentada sobre as reflexões de Althusser a respeito da teoria marxista e de suas consequências para a análise da ideologia. Segundo resume Figueira (2015, p. 95), são três os elementos-chave do althusserianismo na teoria de Pêcheux:

a crítica anti-humanista do sujeito *causa sui*, a teoria da ideologia que relaciona as determinações sociopolítico-econômicas contraditórias ao domínio do imaginário das práticas dos sujeitos [...] e a indicação da necessária desconfiança em relação aos sentidos das palavras.

Nessa tríplice crítica a ideais sensíveis aos desejos da “comunicação sem falhas”, a AD se estabelece em um território movediço. Por explorar o inconsciente do sujeito em sua relação com as determinações ideológicas e o jogo das relações imaginárias constituídas na/pela linguagem, como sistema simbólico coercitivo, essa teoria rasga três feridas narcísicas ao mesmo tempo: a de que o sujeito não tem a

¹⁹ A expressão “real da língua” faz referência à filiação lacaniana da teoria do discurso. Trata-se da tentativa de designar a contingência da incompletude constitutiva à própria existência da língua, que não é capaz de dizer tudo o que é possível ou o que se deseja dizer. (Cf. MARIANI, 2008).

propriedade individual (categoria cara ao capitalismo) sobre o que diz; a de que ele não tem controle sobre o jogo de posições subjetivas em que se inscreve ao agir socialmente; e, por fim, a de que não é possível existir no mundo fora do ideológico.

Por desejar explorar essa última ferida, Pêcheux também não ficou imune a críticas, o que me leva a desejar explorar sua filiação com Althusser, donde ele parte para discutir ideologia, luta de classes, o conceito de interpelação e os aparelhos ideológicos, para, a posteriori, demonstrar como esses conceitos são relidos a partir das reformulações em outros conceitos-chave da teoria da AD. Segundo Figueira (2015), essa ascendência althusseriana sobre Pêcheux é justamente o “pomo da discórdia” entre a AD e a ADP – o autor usa a sigla para se referir a um campo mais amplo de perspectivas do discurso, enquanto usa ADP para se referir à análise do discurso pêcheuxtiana.

Tendo esse cenário em vista, é mister que retomemos algumas questões concernentes aos principais postulados dessa teoria, que foram abandonados e/ou criticados pelas demais perspectivas discursivas a ponto de a AD pêcheuxtiana brasileira ter se tornado uma unidade distinta daquelas que se fazem nas outras descrições (Cf. PAVEAU; ROSSIER, 2005). Tomo essa decisão não porque outros autores já não o tenham feito, mas porque me parece que é esse o centro da querela entre as outras perspectivas e a nossa, porque a ideia de *interpelação* e *assujeitamento* não são muito simpáticas à mitológica tolerância em uma democracia liberal.

Para isso, me basearei não apenas nas minhas leituras precedentes das obras, mas, sobretudo, na eficiente compilação crítica que Figueira (2015) empreende em sua consistente análise retrospectiva. O autor designa de *forclusão* (ou *foraclusão*) essa denegação político-acadêmica da qual o materialismo-marxista-althusseriano de Michel Pêcheux foi alvo²⁰. O termo é uma elaboração de Jean-Jacques Lacan, que rotula dessa maneira o processo através do qual se produz uma rejeição ou uma exclusão, exatamente o que ocorre com a AD pêcheuxtiana na França, como nos mostra Jean-Jacques Courtine (2005) em *A estranha memória da Análise do Discurso*.

²⁰ Uma das críticas contundentes feitas ao marxismo vem de Michel Foucault, autor que, curiosamente, fornece a Pêcheux as bases para se pensar a noção de formação discursiva (cf. Cap. 4). Em *Microfísica do poder*, o historiador do Collège de France declara que “o marxismo queria se fazer aceitar como renovação da tradição liberal, universitária (como, de modo mais amplo, na mesma época, os comunistas se apresentavam como os únicos suscetíveis de retomar e revigorar a tradição nacionalista). Daí, no domínio que tratamos, o fato de terem querido retomar os problemas mais acadêmicos e mais nobres da história das ciências.” Naquela ocasião (1968), o marxismo-leninista representava o *establishment* da esquerda francesa.

Em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Louis Althusser (1970), em 1970, no mesmo período em que eclodem os movimentos pós-estruturalistas na França, desenvolve uma tese de base marxista-leninista sobre a relação da luta de classes com as condições de produção e de reprodução da ideologia, bem como sobre o que ele teoriza como Aparelhos Ideológicos do Estado.

Em primeiro lugar, a noção de Estado à qual Althusser se filia está ligada às noções de estrutura, infraestrutura e superestrutura desenvolvidas por Karl Marx, no século 19. Assim, a partir de uma releitura da metáfora do edifício marxista, o teórico francês afirma que seu interesse incide sobre *as formas de reprodução*²¹ da ideologia, e isso nos leva à reflexão sobre o Estado e sobre seus aparelhos.

Precisemos antes de mais (*sic*) um ponto importante: o Estado (e a sua existência no seu aparelho) só tem sentido em função do *poder de Estado*. Toda a luta de classes política gira em torno do Estado. Quer dizer: em torno da detenção, isto é, da tomada e da conservação do poder de Estado, por uma certa classe, *ou por uma aliança de classes ou de frações de classes*. Esta primeira precisão obriga-nos portanto a distinguir o poder de Estado (*conservação do poder de Estado ou tomada do poder de Estado*), objetivo da luta de classes política, por um lado, e um aparelho de Estado, por outro lado. (ALTHUSSER, 1970, p. 36, *grifos meus*).

No contexto do excerto destacado, fica explícita a relação de dependência entre a noção de poder e a de Estado, o que nos autoriza a inferir que, numa perspectiva althusseriana²², não há uma reflexão sobre o que, a posteriori, será rotulado por Michel Foucault (1984) como “micropoder”. No entanto, seria, outrossim, leviano assumir o entendimento de que Althusser²³ afirma a inexistência das microrrelações entre os sujeitos, como se houvesse aí uma relação de causalidade. Em sua visada, porém, essas microrrelações estão condicionadas às posições desses sujeitos nos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), bem como a suas posições de classe, postulado com o qual devemos concordar se não temos uma visão essencialista da subjetividade humana.

²¹ Pêcheux (2014a) fala sempre de uma reprodução/transformação (contradição-desigualdade-subordinação) das relações de produção na formação social, o que nos autoriza defender que o autor prevê a mudança de posições nas relações de poder/ideológicas.

²² As críticas às teorias althusserianas, na França, têm relação com a análise do autor sobre stalinismo, como nos ensina Courtine (2014). O autor indica a leitura da obra de Tony Judt (1986) para um aprofundamento a respeito do tema.

²³ Algumas oposições analíticas aos teóricos marxistas têm razão quando veem neles certa negligência crítica com relação aos governos comunistas no leste europeu: trata-se de um mecanismo ideológico comum aos teóricos de esquerda, que, ao apoiarem determinado regime de governo, posicionam-se em ponto de cegueira crítica em relação a eles, apenas porque se alinham a seus ideais filosóficos. Muitos marxistas, de fato, padecem desse mal, o que não é o caso nem de Michel Pêcheux nem de Slavoj Žižek, dois autores nos quais este trabalho se inspira em termos de não buscar, na liberdade de interpretação, realizar um panfletarismo político assumidamente cego às suas próprias contradições.

Desse modo, a concepção dos AIE se apresenta como a contribuição do filósofo francês para a teoria do sociólogo Karl Marx. Segundo o primeiro (ALTHUSSER, *idem*, p. 42), esse acréscimo se dá a fim de se aprimorar em termos de complexidade a noção de Estado oferecida pelo alemão em seus tratados. Os AIE, seriam, logo, a estruturação desse intento teórico.

Os AIE são descritos, em primeira instância, como “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, *idem*, p.43). Como materialidades empíricas dessas instituições, Althusser cita o AI religioso, o escolar (escolas públicas e *privadas*²⁴), o familiar, o político (o sistema do qual fazem parte os diferentes partidos), o sindical, o da informação²⁵ (entre os quais ele menciona rádio, televisão, etc.), o cultural, etc. – fazendo a ressalva de que essa lista está aberta a retificações e reelaborações (Cf. Althusser, *idem*, p. 43).

Considerarei necessário retomar essa lista a fim de evidenciar alguns aspectos. O primeiro diz respeito ao fato de o autor admitir que ela está aberta a atualizações – ora, os AIE se transformam à medida que a sociedade se rearranja em sua organização político-estrutural. O segundo é o de que, dentre os AIE, ele inclui instituições que, para o senso comum, podem jogar com o efeito imaginário de serem “instituições de resistência”, como é o caso dos sindicatos e da cultura²⁶. O que Althusser demonstra, nesse gesto, é que não existe instituição “livre” de ser um AIE, e isso não significa dizer que as instituições não possam se desejar livres ou pautar a liberdade como um projeto político. Nesse raciocínio, ao defender que a escola é um AIE, por exemplo, Althusser não está determinando que sua única função seja a de reproduzir²⁷ a(s) ideologia(s) dominante(s) – essa é uma leitura simplista de sua

²⁴ O autor ratifica o fato de instituições privadas poderem, perfeitamente, funcionar como AIE, tomando o “direito burguês” como ponto de partida para distinguir as noções de público e privado (Cf. ALTHUSSER, 1970, p. 45).

²⁵ Neste trabalho, adotarei a perspectiva de que a internet funciona como um dispositivo que faz parte do AIE midiático. No início de minha pesquisa, tendia a pensá-la como um novo AIE, pelo seu poder de controle e atuação sociais na contemporaneidade. No entanto, venho observando que ele funciona mais como um dispositivo dos sistemas midiáticos que compõe o AIE da informação, atendendo a mecanismos da ideologia neoliberal.

²⁶ A esse respeito, Pêcheux (2014a, p. 133) comenta: “L. Althusser pode adiantar a tese aparentemente escandalosa segundo a qual o conjunto de aparelhos ideológicos de Estado da formação social capitalista conteria também os sindicatos e os partidos políticos [...]”. Nesse sentido, a função subordinada é lugar de resistência, mas também de coincidência com a dominação, já que a sua função é “atribuída” pelos AIE.

²⁷ Convém observar, outrossim, a posição dos AIE na luta de classes. Eles não são apenas o objeto dessa luta, mas também constituem o *locus* onde ela se desenvolve. Essa afirmação nos mostra como e por que ambientes como escola, igreja, família são objetos e palcos de tantos conflitos e contradições, pois, apesar de funcionarem como células reprodutoras das ideologias dominantes, eles são objetos das lutas de classe (eu acrescentaria à palavra

teorização – , mas que, no domínio público ou privado, se essa instituição existe num dado momento da sociedade, ela é, também, um AIE.

Dito isso, gostaria de evocar dessa obra, ainda, a origem do conceito de ideologia que determina o olhar da AD pêcheuxtiana sobre os processos discursivos. E é a partir da ideia de que os AIE atuam principalmente não pela repressão, mas pela ideologia, que Althusser (1970) nos leva a pensar essa noção responsável pela dor e pela delícia de se fazer AD no Brasil.

Para principiar esse debate, é preciso, no meu entendimento, buscar tornar evidente o que, nas teorias althusserianas e pêcheuxtianas, distingue-se por *Ideologia* e *ideologias*, pois é a partir daí que se pode pensar a relação entre os espaços ideológico e o de produção-transformação e reprodução das relações de produção (PÊCHEUX, 1996, p. 143).

2.1.1 A ideologia em geral, as ideologias em particular

Em AIE, Althusser (1970, p. 6) remonta uma pequena genealogia do termo ideologia, explicando que, em Marx, a categoria significa “o sistema das ideias, das representações, que *domina* o espírito de um homem ou de um grupo social” (grifo meu). Observamos nesse momento o uso de um termo polêmico, que gera equivocos de interpretação sobre a influência marxista na teoria da AD até hoje: *dominação*.

Em Marx, a ideologia é um instrumento de dominação social e de falseamento da realidade, ilusão, sonho²⁸, interpretação que deriva o postulado marxista de que “a ideologia não tem história”.

A ideologia começa por ser, segundo Marx, uma construção imaginária, um puro sonho, vazio e vão, constituído pelos ‘resíduos diurnos’ da única realidade plena e positiva, a da história concreta dos indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente a sua existência. (ALTHUSSER, 1970, p. 73).

Na visada do filósofo materialista, considerar o caráter a-histórico da ideologia significaria reconhecer uma negatividade epistemológica nesse conceito, pois seus

classe as questões identitárias, raciais, de gênero, que não estão fora do âmbito de classe, também, por sua vez). (Cf. ALTHUSSER, 1970, p. 49).

²⁸ O estatuto imaginário do sonho adotado pelo marxismo vem dos autores anteriores a Freud, para os quais, conforme Althusser (1970, p. 72-73), “o sonho ‘era o resultado puramente imaginário, isto é, nulo, de ‘resíduos diurnos’, apresentados numa composição e numa ordem arbitrárias, por vezes ‘invertidas’, numa palavra, ‘na desordem’”.

tratados interessavam-se por estudar a realidade material, o plano das relações econômicas entre os indivíduos.

No entanto, a partir da retomada dessa tese de Karl Marx, em sua obra *A ideologia alemã*, Althusser (1970) defende que se deve observar essa categoria em dois campos diferentes: o da *ideologia em geral*²⁹ e o das ideologias em sua forma particular, que se materializa, para o autor, em determinados espaços de atuação social *empíricos* (religioso, político, pedagógico), sempre por meio de *posições de classe*. É necessário frisar, todavia, que essa distinção não se organiza numa ordem dicotômica; a Ideologia e as ideologias são registros teóricos distintos, mas relacionados entre si.

À ideologia em geral, Althusser (1970) reserva o enunciado marxista “a ideologia não tem história”, embora o francês desloque seu entendimento do que define como tese positivista-historicista do pensador alemão. Althusser (1970) reestrutura a compreensão de Marx, destacando a positividade da ideologia, não explorada em seu primeiro postulado:

[...] é próprio da *ideologia* o ser dotada de uma estrutura e de um funcionamento tais, que fazem dela uma realidade não histórica, é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento estão, sob uma mesma forma, imutável, presentes naquilo a que se chama a história inteira, no sentido em que o *Manifesto* define a história como a história da luta de classes, isto é, *história das sociedades de classes*. (ALTHUSSER, 1970, p. 75, grifos do autor e meus).

O excerto supramencionado nos autoriza a inferir que Althusser não reconhece a existência da história da sociedade fora do que ele entende por *estrutura e funcionamento* ideológicos, no sentido em que essa *ideologia em geral* é, ao mesmo tempo, condição e produto da existência das relações sociais.

Referindo-se à definição freudiana³⁰ de inconsciente, o autor arremata com o que elabora teoricamente como ideologia em geral: em vez de ser um sonho abstrato e desconexo, a Ideologia se está para o campo social tal qual o inconsciente se relaciona com o indivíduo, no sentido em que Freud elaborou a teoria do inconsciente (ALTHUSSER, 1970): o inconsciente é eterno; a ideologia é eterna.

Assim, o epíteto “eternidade” atribuído à categoria do inconsciente não forneceria a ela um caráter transcendental em relação ao tempo e à história, mas

²⁹ Sempre que eu me referir a essa concepção de ideologia, neste trabalho, utilizarei a ortografia com inicial maiúscula: Ideologia.

³⁰ Em *Freud e Lacan. Marx e Freud*, podemos ver uma leitura de Louis Althusser (1985) da teoria social marxista e da psicanálise.

formularia sua condição de inescapável à existência dos indivíduos. Dessa forma, assim como no campo da subjetividade individual, o inconsciente é considerado peremptório; no campo das relações sociais, o mesmo ocorre com a ideologia em geral.

Se eterno não quer dizer transcendente a toda a história (temporal) mas onnipresente, trans-histórico, portanto, imutável na sua forma ao longo da história, retomarei, palavra por palavra, a expressão de Freud e direi: a *ideologia é eterna* como o inconsciente. (ALTHUSSER, 1970, p. 75, grifos do autor e meus).

Essa ideologia em geral, da ordem do eterno, porque é anterior à existência concreta de um indivíduo, não pode funcionar nem ser percebida senão *na forma das ideologias*, e isso ocorre através de um mecanismo de *representação simbólica*. É nesse lugar onde se instala o grande interesse dos analistas do discurso pelo funcionamento da ideologia: toda representação humana se materializa sob a forma de linguagem, no interior de um sistema simbólico (ou mais de um). Nesse sentido, mesmo às ideologias, em sentido particular, não há um acesso direto que não seja por meio de uma representação. A percepção de seu funcionamento se dá através de um imaginário³¹, um jogo de representações simbólicas que operam as relações intersubjetivas na sociedade.

Desse raciocínio derivam as duas teses althusserianas sobre ideologia. A primeira delas é a de que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições de existência” (ALTHUSSER, 1970, p. 77).

[...] toda a ideologia representa, na sua *deformação necessariamente imaginária*, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de mais a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. (ALTHUSSER, 1970, p. 82, grifo meu).

A *deformação* mencionada por Althusser na citação acima não tem origem na construção de sua argumentação, mas representa o discurso-outro de seu diálogo com a noção de ideologia da qual ele demonstra se distanciar (a ideologia em Marx): afinal, como se pode conceber a ideia de deformação se toda e qualquer relação é da ordem do imaginário? Para que uma ideia seja deformada, deve-se estabelecer um imaginário-padrão a partir do qual ela deve ser comparada e descrita em sua

³¹ A esse sistema imaginário Pêcheux (2014a) dá o nome de formações imaginárias, por se relacionar necessariamente com o conceito de formação ideológica.

deformidade. Nessa esteira, toda e qualquer ideologia é ao mesmo tempo formada e deformada: não há qualquer forma concreta fora de uma relação imaginária.

Por esse pensamento fundador no qual se erigem os princípios teóricos-metodológicos da AD pêcheuxtiana, é preciso repetir, reiterar, quantas vezes for necessário: a noção de ideologia que sustenta a teoria é justamente a ideia althusseriana de que não há o fora da ideologia. Mas isso não significa dizer que a Ideologia seja um aprisionamento ou um falseamento da realidade, pois a realidade é já, em si, uma construção ideológica, não no sentido da política empírica, das relações concretas, táteis, mas no que constitui o que compreendemos por “o político”. Afirmo isso em diálogo explícito com um discurso-outro dissonante que, por ignorância, por falta de leitura ou mesmo por cinismo – além da disputa política institucional - continua a ressoar a ideia mesquinha de que o *assujeitamento* sobre o qual a AD teoriza reduz o campo de ação social dos indivíduos e os “aprisiona” em suas liberdades.

O que se sucede é que o campo de ação social é ele mesmo uma construção da/na Ideologia, no sentido em geral ensinado por Althusser (1970), e isso não tem a ver com as (im)possibilidades de os sujeitos concretos transformarem suas relações sociais, exceto pelo fato de as ideologias (no sentido particular) dominantes se servirem historicamente de mecanismos sociais e institucionais no seio dos AIE, que funcionam, sobretudo, na continuidade³² de relações de desigualdades, especialmente em se tratando do sistema capitalista contemporâneo.

Voltemos, então, à segunda tese de Althusser (1970), que vem ao encontro da argumentação desenvolvida acima: “a ideologia tem uma existência material” (p. 83). Esse segundo postulado vai de encontro à interpretação da ideologia como “fora” do real e do concreto, como um sistema de ideias que se aplica nas relações sociais de maneira vertical. Não há uma existência espiritual do que se entende por ideologia, e, nesse sentido, a existência de um processo ideológico não é da ordem da aplicação de uma ideia a uma prática, mas justamente do surgimento de um conjunto de saberes ligados a uma prática social específica, determinada por relações de classe (isto é, pelas relações econômicas entre os sujeitos) num momento histórico. As *ideologias*, assim, não são eternas, mas se dão pelas e nas relações sociais.

³² Quando defendo a tendência dos AIE de reproduzirem ideologias dominantes ou de atuar em suas causas, isso não pressupõe a ideia de que não haja em seu interior contradições ideológicas capazes de transformar as relações sociais.

É nesse duplo funcionamento ideológico que nossa visada constrói a primeira estrutura do seu edifício teórico: não há relação social sem que ela seja ideológica e é *porque* são ideológicas (no sentido geral do termo) que as relações sociais dependem da linguagem; o jogo imaginário de representações está interpelado pela condição material do dizer: a língua(gem).

Temos, então, mais um postulado althusseriano fundador da teoria materialista dos processos discursivos: a língua(gem) interpela os indivíduos em sujeitos ideológicos. São ideológicos porque não há fora da Ideologia e não há o fora das relações sociais; são sujeitos porque se representam/são representados imaginariamente pela e na linguagem, que os condiciona ao seu peremptório simbólico: o real da língua.

2.1.2 A interpelação: o efeito sujeito em Pêcheux e o efeito-dominó da forclusão

[...] de uma ponta à outra, o que ele [Pêcheux] teorizou sob o nome ‘discurso’ é o apelo de algumas ideias tão *simples* quanto *insuportáveis*: *o sujeito não é a fonte do sentido*; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido não pode ser cercado, ele *escapa* sempre. (MALDIDIER, 2003, p. 2003, grifos meus).

As críticas que rotulam as teorias althusserianas como anacrônicas em relação aos problemas da sociedade contemporânea constroem-se mormente com base nas teorizações das tradições pós-estruturalistas ou pós-modernistas da filosofia e da sociologia, como as teorias foucaultianas, em que se lança luz sobretudo sobre as microfísicas do poder e as microlutas, ou se dá ênfase à “pluralidade de lutas”(FIGUEIRA, 2015, p. 233). Essas proposições filosóficas catapultaram a emergência de discursos de luta identitária no mundo e, mais recentemente, no Brasil.

A popularização acadêmica dos estudos identitários³³ chegou às redes sociais e também deve a elas muito de sua popularização. Com o compartilhamento de massa descentralizado das instâncias midiáticas tradicionais, houve uma massificação/democratização do debate sobre questões de gênero, de raça e de

³³ É necessário registrar, aqui, o reconhecimento à importância política da valorização dos estudos identitários. A crítica que faço neste capítulo diz respeito ao esvaziamento dos sentidos dessas lutas no que concerne a questões materiais quando elas se massificam, o que não significa afirmar, de nenhuma maneira, que eu, como autora, negue ou apague a enorme contribuição política dessas pautas para a luta por uma sociedade menos desigual.

sexualidade, sobretudo, o que produziu muitas positivities em matéria de lutas sociais e conquistas políticas, mas também, em contrapartida, vem expondo problemáticas tanto no que diz respeito à organização da luta política quanto à relação desses discursos com o estatuto do capital e do consumo.

Conforme afirma Zizek (2000),

a política pós-moderna definitivamente tem o grande mérito de que ela 'repolitiza' uma série de domínios anteriormente considerados 'apolíticos' ou 'privados'; permanece o fato, no entanto, de que *não* repolitiza, de fato, o capitalismo, *porque a própria noção e forma do 'político' dentro do qual ela opera é fundamentada na 'despolitização' da economia*. Se estamos dispostos a jogar o jogo pós-moderno da pluralidade das subjetivações políticas, é formalmente necessário que nós não façamos certas perguntas (como subverter o capitalismo como tal [...]). (ZIZEK, 2000, p. 98, grifos do original, tradução de Figueira, 2015, p. 221).

Advindos das reflexões pós-modernas, termos como *resistência*, *aceitação*, *tolerância*, *diversidade* e *empoderamento* tornaram-se palavras de ordem nas pautas de redes sociais, causando uma série de impactos na mídia de massa, a partir de demandas de representações subjetivas mais plurais. Personagens homoafetivos, por exemplo, começaram a ser representados em folhetins de grande alcance não mais como pastiches ou como estereótipos comicizados: seus estatutos de cidadãos adquiriram mais reconhecimento e pluralidade.

Nessa esteira, mulheres com corpos e cores mais diversas têm protagonizado anúncios que tecem elogios à liberdade feminina de “se amarem do jeito que são³⁴” (*be yourself*). Essa maior *diversidade*, nas formas e nas cores, passou a gozar de um diferente estatuto midiático num mercado de celebridades. Pablo Vittar, *drag queen*, tornou-se uma diva pop brasileira: o enunciado “seja você mesmo” torna-se lugar de inscrição de subjetividades antes submetidas à invisibilidade tanto social quanto midiática, e essa foi uma conquista das pautas levantadas pelas teorias pós-modernas e da disseminação dos canais de produção de conteúdo pelas redes sociais.

A publicidade também mudou: visando ao lucro e à esquiva de rótulos politicamente incorretos, vem somando a multiculturalidade nas suas representações. A ordem do dia é *empoderar*³⁵ quem era desprovido de poder, mas em relação às

³⁴ É interessante observar o efeito-sujeito de caráter essencialista que funciona em enunciados-panfletos como “seja quem você é”. Eles aparecem em condições de produção de protesto contra a colonização patriarcal dos corpos femininos, mas, ao mesmo tempo, falha ao funcionar na afirmação da existência de uma subjetividade essencial, desencarnada de coerções sociais, como se a significação da existência já não fosse, ela mesma, um efeito-sujeito da ordem do simbólico.

³⁵ A ideia de *dar poder a*, subjacente à construção morfológica do termo, já não implicaria um lugar sintático estrutural de sujeito paciente, nos assinalando funcionamento sintomático?

identidades sociais que se relacionam a características do *corpo*³⁶ dos sujeitos, o que demonstra a centralidade dessa materialidade na reflexão sobre os processos discursivos contemporâneos. O poder do sujeito é, sobretudo, o poder de sua imagem social.

Palavras como “empoderamento³⁷”, em alta nas plataformas de resistência política da internet, no entanto, sofrem frequentemente uma deriva de sentidos a partir de um esvaziamento do político, processo que silencia contradições ideológicas e deslizes muito sinuosos, se não estiverem associadas a uma discussão sobre as relações de classe, que, em nossa perspectiva, sobredeterminam os imaginários sociais.

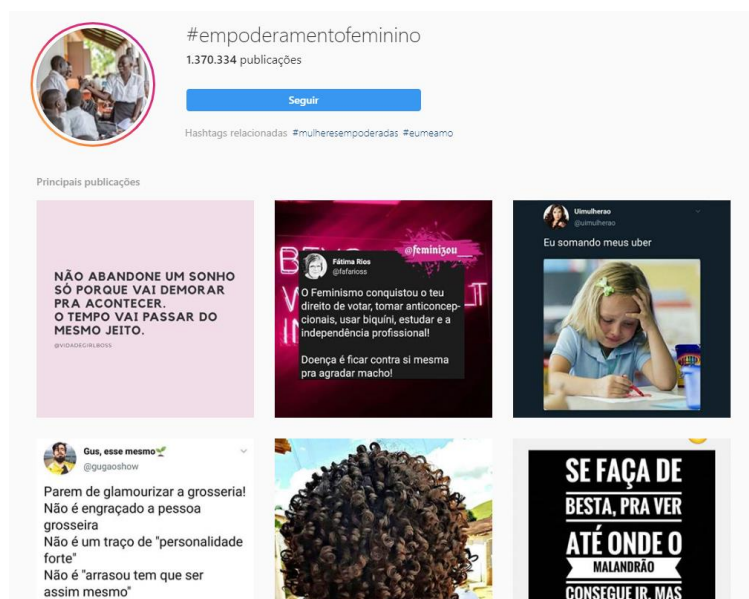
Para efeito de ilustração do fenômeno ao qual me refiro, detenhamo-nos, pois, apenas alguns instantes, no funcionamento discursivo da palavra “empoderamento” e em algumas redes de memória às quais se filia. Para demonstrar a relevância do termo na comunicação no espaço digital, realizei uma busca no arquivo da rede social Instagram pela hashtag “#empoderamentofeminino”³⁸. Os dados de ocorrência do enunciado, no dia 16 de novembro de 2019, às 11h40, são de 1.370.334 publicações registradas na rede, e as duas tags relacionadas a essa são #mulheresempoderadas e #eumeamo, como se pode ver na imagem reproduzida abaixo.

³⁶ O Capítulo 3 está reservado ao aprofundamento da discussão sobre as condições de produção do discurso sobre o corpo na contemporaneidade.

³⁷ Destaquei, na derivação, o radical *poder* para sublinhar a memória da palavra por meio da leitura de seu radical. É de Michel Foucault o trabalho com a noção de poder na análise das relações sociais, o que opera um apagamento da noção de ideologia no campo dos estudos das relações de dominação/subordinação/transformação e marca sua posição de afastamento em relação aos estudos de base marxista. (Cf. FOUCAULT, 1984). “As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles. Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular. E, na medida em que devem combater todos os controles e coerções que reproduzem o mesmo poder em todos os lugares, esses movimentos estão ligados ao movimento revolucionário do proletariado”. (FOUCAULT, 1984, p. 78).

³⁸ Neste trabalho, usarei ocasionalmente o acesso a hashtags como um método de leitura no/do arquivo digital quando for necessário buscar ocorrências com relevância quantitativa de palavras ou enunciados específicos sobre os quais empreenderei análises discursivas. Para tanto, uso a definição de hashtag discutida por Alves (2016, p. 62) em sua dissertação: “forma de indexar publicações marcadas por uma tag em comum”. Também, conforme Paveau (2013), considero os enunciados determinados pelas hashtags como tecnopalavras que registram um mapa digital de rede de memória, seja num movimento parafrástico, metafórico ou polêmico, de modo que ele pode funcionar como uma ferramenta inicial produtiva de leitura para o trabalho com os sentidos na rede.

Imagem 1- Hashtag #empoderamentofeminino no Instagram.



Segundo Baquero (2012), o “nascimento”³⁹ da palavra empoderamento está localizado “nos Estados Unidos, na segunda metade do século XX” e “a Tradição do Empowerment (Empowerment Tradition) tem suas raízes na Reforma Protestante iniciada por Lutero no séc. XVI, na Europa, num movimento de protagonismo na luta por justiça social” (HERRIGER, 1997 apud BAQUERO, 2012, p. 174). Conforme a autora, na contemporaneidade, essa palavra reemergiu por conta da ascensão das pautas identitárias alavancadas pelo movimento da contracultura americana nos anos 1960, que apregoavam uma libertação social por meio da liberdade dos modos de vida, do corpo e da expressão cultural, sobretudo. Desse modo, considerando dada rede de filiação sociodiscursiva política, *empoderamento* passou a ser tomado como sinônimo de emancipação social.

Nos anos 70, esse conceito é influenciado pelos *movimentos de auto-ajuda* (sic), e, nos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 1990, recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o *direito da cidadania* sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária. (BAQUERO, 2012, p. 176, grifos meus).

A influência dos movimentos de autoajuda se dá na emergência de uma racionalidade ideológica liberal, que atribui aos sujeitos a responsabilidade do cuidado de si, conferindo-lhes o papel da superação das determinações sociais. Conforme nos

³⁹ Registro esse termo em aspas por não entender possível registrar um momento específico de surgimento de uma palavra sem que ela esteja ligada a redes de memória lexical-etimológica já dantes sinalizadas em outros campos semânticos. Utilizo a palavra aqui por seu efeito de fundação de uma memória discursiva.

mostra Illouz (2011, p. 28), esse “estilo afetivo” deve-se à proliferação da cultura terapêutica do século 20, através da moldagem do discurso da identidade empresarial por meio da linguagem da psicologia. É nesse sentido que gostaria de retomar essa relação de memória que, em minha interpretação, funciona no apagamento do ideológico de seu efeito contraditório, quando o termo passa a ser usado em condições de produção de luta social.

Baquero (2012, p. 176) nos explica que, em sua filiação histórica, o empoderamento pode ocorrer em três diferentes níveis, a saber: o empoderamento individual, o empoderamento organizacional e o empoderamento comunitário. Os dois primeiros têm sido vastamente explorados pelo discurso da gestão e da administração de pessoas no contexto da gerência de empreendimentos privados; o terceiro atravessa mais frequentemente os discursos de grupos minoritários que têm buscado organizar uma “luta de classes” fora da “luta de classes”, uma vez que a questão das relações de trabalho não tem sido central na reflexão sobre as relações de poder, nessas perspectivas pós-modernas⁴⁰.

o empoderamento individual é uma *auto-emancipação* (sic), fundada numa compreensão individualista de empoderamento, que enfatiza a dimensão psicossocial. Tal noção desenvolve-se na sociedade norte-americana, cuja cultura tem sido cooptada pelo individualismo e pelas *noções individuais de progresso*, orientada para o self made man (o homem que se faz pelo seu próprio esforço pessoal). A ênfase é no aumento do poder individual, medido em termos do *aumento no nível de autoestima, de autoafirmação e de autoconfiança das pessoas. Estratégias voltadas à autoajuda e ao autoaperfeiçoamento estão presentes neste tipo de empoderamento.* (BAQUERO, 2012, p. 177, grifos meus).

Pelo funcionamento da memória discursiva como efeito do interdiscurso no intradiscurso, entendo que, quando esse termo passa a circular no interior de uma formação ideológica neoliberal, ocorre uma *sobredeterminação*⁴¹ do pessoal/individual no social, processo que opera uma cooptação do discurso da luta social pela miragem de uma emancipação social de caráter individualista. Isso não se dá fora dos AIE, é claro, e o que espero demonstrar, nos capítulos subsequentes, é como a internet tem funcionado como um vetor de inscrição da memória neoliberal nos sentidos dos discursos dos sujeitos, mesmo em posições de *evidente* emancipação/resistência/empoderamento, como acontece no processo de produção

⁴⁰ Não estou dizendo, porém, que não existem vozes críticas dissonantes dessa perspectiva de empoderamento. Segundo Baquero, o filósofo e pedagogo Paulo Freire, por exemplo, recoloca o problema a partir de uma leitura de classe. Ele “propõe outra concepção de empowerment não individual, nem comunitário, nem meramente social, mas um conceito de empowerment ligado à classe social (FREIRE e SHOR, 1986)” (BAQUERO, 2012, p. 180).

⁴¹ Refiro-me ao conceito de *sobredeterminação* tal como o descreve Indusky (2013).

e circulação do discurso fitness, produzido por e para mulheres, em que falam sobre seus próprios corpos e sobre suas experiências pessoais de superação, com efeito de inspiração. O efeito de empoderamento e autogestão é o efeito-evidência, uma vez que o lugar discursivo do falar de si para inspirar os outros tem sido lugar de denegação histórica às mulheres, em uma formação social capitalista e patriarcal. Mas o discurso também é contradição.

Por essa razão, observando a necessidade de se localizarem pautas de ordem identitária centradas na imagem social dos sujeitos e descentradas nos problemas da ordem econômica, afirmo, neste trabalho, o imperativo de se reinstaurar no campo do discurso o debate sobre a luta de classes⁴², que se dá pelo/nos AIE, considerando-se, entretanto, o estatuto da interpelação subjetiva engendrada por essa mecânica.

A partir dessa breve discussão sobre empoderamento individual, posso presumir que, para um sujeito do empoderamento e da emancipação, a consideração da existência de pontos cegos entre seu pensamento e suas ações seja certamente um tabu. Nesse sentido, a égide do empoderamento impõe uma agenda epistemológica que não tem capacidade de conviver pacificamente com a contradição do não controle. Assim, a práxis analítica da AD pêcheuxtiana tende a sarjar mais uma ferida nas epistemologias pós-modernas sobre o sujeito contemporâneo; ela relativiza o que se entende por liberdade e poder do indivíduo, tanto em relação à língua(gem) quanto em relação às ideologias.

Por essas razões, segundo Figueira (2015, p. 206, 207), houve, historicamente um processo de *foraclusão*⁴³ do marxismo althusseriano pelas correntes pós-modernistas da AD, e isso se deve a “uma posição político-epistemológica de resignação frente ao estágio atual do capitalismo pós-moderno”, o que promove “a denegação das contribuições althusserianas e da política (pós-)marxista à teoria fundada por Michel Pêcheux”.

⁴² Quando menciono a luta de classes, não considero o eixo dicotômico burguesia-proletariado como chave de reflexão sobre os conflitos de ordem material entre os sujeitos sociais. Creio que a contemporaneidade já tenha nos mostrado a pluralidade de posições econômicas em que se inscrevem narrativas de dominação, subordinação e resistências. No entanto, remeterei à luta de classes para designar esses conflitos como gesto de fidelidade teórica à natureza materialista da teoria do discurso.

⁴³ O autor empresta esse termo de Lacan, segundo o qual ele seria um “mecanismo de defesa da psicose, consistindo em excluir do universo simbólico do indivíduo uma representação insuportável e o afeto a ela ligado” (Cf. <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=qQQp>). O termo seria uma equivalência do recalque, na teoria freudiana.

Duas perspectivas, para o autor, são as responsáveis pela promoção dessa *foraclusão* nos anos 1970: a AD de Michel Foucault⁴⁴ e a teoria psicanalítica de Lacan. A primeira por supervalorizar as micropolíticas, e a segunda por implantar “uma discursividade teórica que resulta em fundamentação epistemológica para o discurso do imobilismo político” (FIGUEIRA, 2015, p. 208), uma vez que não relaciona o inconsciente às condições sociais dos sujeitos e recusa possibilidades de transformações sociais mais radicais.

Essa reflexão me leva a abordar, enfim, os dois últimos conceitos importantes para a conclusão do que pretendo descrever sobre o quadro teórico da AD neste trabalho: o de interpelação e o de assujeitamento, teorizações que Pêcheux toma, também, de Althusser (1970) e que constituem objetos de querelas acadêmicas ainda hoje, pelas razões supramencionadas.

Na AD pêcheuxtiana, o sujeito do discurso é referido como *assujeitado* porque, ao produzir sentidos, os enunciadores se inscrevem necessariamente na ordem do simbólico, logo, e conseqüentemente, na ideologia. Isso não significa que a ideologia se desenhe como uma instância fora do sujeito que o obriga a falar por ela, como a etimologia do termo pode sugerir aos leitores mais desatentos. “A categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos” (ALTHUSSER, 1970, p. 94).

É a esse processo de constituição subjetiva que Althusser (1970) dá o nome de interpelação. Esse “sujeito-responsável” que emerge com o ideal liberal de subjetividade, no seio da ética protestante americana, não é, para Pêcheux (2014b, p. 198) senão uma interpelação de “formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. No entanto, a consequência disso não é que os sujeitos não possam produzir sentidos “originais”, considerando as formações discursivas em que se inscrevem. Essa afirmação, apesar de comum, é absolutamente equivocada, quando tomamos como referência o conceito de interpelação e de assujeitamento pêcheuxianos.

⁴⁴ “A ausência da categoria da contradição em Foucault é responsável pelo retorno de noções como aquelas de estatuto, norma, instituição, estratégia, poder etc. que contornam indefinidamente a questão do poder do Estado como lugar da luta de classes, como o faz toda a psico-sociologia anglo-saxônica na qual essas noções são largamente usadas” (PÊCHEUX, 2015, p. 188).

Em primeiro lugar, a noção de sujeito implicada nessa reflexão não coincide com a de indivíduo. A AD não se propõe a pensar indivíduos concretos, agentes no mundo, mas suas representações simbólicas na linguagem, o que nos leva a concluir que a teoria nada tem a responder sobre as intenções dos indivíduos, tendo em vista que, como analistas, teremos acesso apenas a materialidade simbólica produzida nos processos de comunicação. Nesse sentido, a instância subjetiva com a qual os analistas podem ter contato será nada menos que a forma-sujeito de um discurso, que designa a inscrição de um enunciado em determinada formação discursiva em condições de produção específicas, complexo no qual o indivíduo “é interpelado em sujeito-responsável” (PÊCHEUX, 2014b, p. 198). Trata-se da noção de efeito-sujeito⁴⁵: o sujeito é produzido no discurso como um efeito ideológico do funcionamento do discurso. Esse efeito produz a ilusão de uma instância enunciativa individual consciente, que tem domínio sobre o que diz – “centração-origem-sentido” (PÊCHEUX, 2014b, p. 176).

Desse modo, Pêcheux (2014b, p. 198) distingue o que entende por “locutor” como sujeito da enunciação, sujeito que “toma posição com total conhecimento de causa” do sujeito universal, que representa os pré-construídos de uma formação discursiva que interpelará os locutores em sujeitos do discurso. Sendo assim, a categoria forma-sujeito designa a relação de desdobramento entre essas duas instâncias, produzindo as modalidades discursivas de identificação, desidentificação e contraidentificação (Cf. PÊCHEUX, 2014b, p. 199).

O que essas ideias permitem concluir sobre o conceito de interpelação e de assujeitamento é que eles não implicam a negação da instância concreta de enunciação, mas são categorias com as quais o analista trabalha para realizar a descrição-interpretação dos processos discursivos, que se dá na ordem das formações discursivas, não na existência concreta dos sujeitos enunciativos. Isso não nos autoriza a dizer que os analistas negam a existência dos sujeitos que se desejam intencionais e que eles acreditem estarem falando sobre suas intenções; no entanto, trabalhar com a língua como lugar material da falha nos leva a defender que

⁴⁵ A noção de efeito-sujeito aparecerá nos capítulos subsequentes deste trabalho, de modo que haverá um aprofundamento posterior sobre ela. Neste subcapítulo, interessa-me demonstrar como esse efeito funciona de maneira eficaz e como ele também é responsável pela forclusão de Pêcheux nos estudos do discurso. Além disso, as modalidades de tomada de posição, que descrevem os movimentos do sujeito do discurso, também serão discutidas adiante.

essas intenções não podem ser totalmente idênticas⁴⁶ a si mesmas, para aproveitar a metáfora pêcheuxtiana.

Em vez de se afastar das origens de sua teoria e negligenciar o caráter não subjetivo da linguagem, Pêcheux tratou de fornecer os esclarecimentos que seus críticos demandavam. É o que ele faz definitivamente em *Ousar pensar, ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes* (PÊCHEUX, 2013), quando responde às críticas a respeito de a teoria althusseriana supor a impossibilidade de haver resistências das ideologias dominadas com relação às dominantes.

Essa crítica a Althusser trata-se de uma leitura anacrônica - “a despeito de todas as retificações de Althusser, das quais simplesmente não se considera a existência” (PÊCHEUX, 2014b, p. 273) - de alguns aspectos sobre os conceitos de ideologia e interpelação, que nos levariam a afirmar que os AIE seriam meros reprodutores das relações de poder, como se, em seu interior, não houvesse relações de identificação-contradição com as ideologias dominantes⁴⁷, o que, nos textos de Michel Pêcheux fica esclarecido, sobretudo a partir de *Semântica e discurso* (PÊCHEUX, 2014b), no capítulo de retificação, em que o autor se lança “a uma tentativa de ajustamento”.

Como se o Ressentimento não perdoasse a Althusser o fato de ter designado politicamente a Peste do assujeitamento e o de ter tentado chamá-la por esse nome teórico, e se livrasse do insuportável denunciando-o, pura e simplesmente, como cúmplice do que ele estava nomeando e designando... (PÊCHEUX, 2014b, p. 273).

Deriva dessa reanálise e da volta às críticas a Althusser o par reprodução-transformação, usado por Pêcheux (2014b) para designar o processo das relações de produção existentes no interior dos AIE. E o que essa mudança significa, na prática, para os analistas? Com ela, Pêcheux (2014b) aponta explicitamente para a marca da contradição como determinante das relações de classe, isto é, sua defesa é a de que não é possível imaginar que uma classe apenas reproduzirá sua ideologia dominante. Com isso, ele se afasta da interpretação “politicamente funcionalista dos Aparelhos Ideológicos de Estado” (p. 274), demonstrando que é preciso observar o mecanismo

⁴⁶ Refiro-me à ideia de que “a ideologia não é idêntica a si mesma” (PÊCHEUX, 1980, p. 187).

⁴⁷ As teorias do discurso de base foucaultiana tratam o fenômeno da dominação como hegemonia, ou “relações hegemônicas”. Nesse sentido, a troca de termos para designar essas relações de poder possibilitaria a consideração da existência de posições antagônicas no seio de determinadas estruturas institucionais. Reitero a produtividade do uso da palavra dominação, não pelo sentido de passividade que ela implica em relação ao dominado, mas pelo efeito de denúncia que ela propicia à análise de relações sociais e discursivas desiguais.

da interpelação-assujeitamento em sua relação com a noção de esquecimento e contradição.

Por essa razão, mais adiante, em Pêcheux (2013, p. 2), há, ainda, a reiteração da necessidade de se continuar reconhecendo “o primado do inconsciente sobre a consciência”. A partir dessa premissa, o autor nega a possibilidade de uma “consciência de classe” por exemplo, própria a determinados grupos, além de defender que, a partir desse primado, não é possível sair da “alienação⁴⁸”.

Ainda nesse texto, Pêcheux (2013, p. 2) presta outros esclarecimentos importantes. O primeiro trata-se da heterogeneidade da Ideologia (que se manifesta em *ideologias*). Segundo ele, a ideologia não é anterior à luta de classes e não se reproduz de forma homogênea em uma “época” ou em um “hábito de pensamento” (ou espírito do tempo). Isso quer dizer que, por exemplo, se tomarmos a expressão “ideologia capitalista” para falar de um determinado fenômeno discursivo em funcionamento, trata-se de algum traço ideológico ligado à relação do processo discursivo com sua historicidade numa condição de produção específica, e não de um eterno já-lá, próprio à ideologia.

O segundo apontamento de Pêcheux (2013) é o de que “é impossível atribuir a cada classe sua ideologia”, simplesmente porque não há ritual ideológico sem falhas. Isto é, seria uma contradição grave a uma teoria que toma a falha como ponto de partida para observar o sujeito e a ideologia entender que existe uma correspondência direta entre um grupo social ou indivíduo e uma ideologia.

O terceiro diz respeito à dominância de uma ideologia e sua relação com as classes dominantes. O filósofo é categórico ao esclarecer que os Aparelhos Ideológicos do Estado “não são a expressão da dominação da ideologia dominante”, mas sim “o lugar e o meio de sua realização” (PÊCHEUX, 2013, p. 4, grifos meus). Isso faz cair por terra a crítica que se faz comumente à leitura althusseriana da relação entre ideologias e os AIE, ao menos no que diz respeito ao modo como Pêcheux trabalha essas ideias na teoria do discurso. “É pelo estabelecimento dos AIE, onde essa ideologia (a ideologia da classe dominante) é realizada e se realiza, que ela se torna dominante” (idem). Ou seja, Pêcheux⁴⁹ entende que a dominância ideológica

⁴⁸ Por alienação, entendo que Pêcheux (2013) se refere à inscrição tácita de sujeitos em ideologias. Isso não quer dizer um indivíduo ou um grupo não possam mudar de posições dentro do complexo de funcionamento das formações ideológicas.

⁴⁹ Estou me referindo às teorizações de Pêcheux a partir de *Semântica e discurso* (2014b).

está sempre em um *processo* e não se manifesta em forma de estrutura diretamente relacionada a uma posição de classe.

Na quarta observação, Pêcheux (2013, p. 4) aprofunda seu argumento, explicando que os AIE não podem ser lidos como uma maquinaria, como meros instrumentos estruturais de atuação ideológica e opressão da classe dominante. “Ele é, ao contrário, o palco de uma difícil e *ininterrupta* luta de classes” (idem, grifo meu).

No que concerne a essa quarta advertência, creio que trazê-la neste trabalho seja de extrema relevância porque é muito frequente que se relacione a leitura da teoria de Althusser a uma análise reducionista dos processos que envolvem as classes, as instituições (os AIE) e os sujeitos. A noção de assujeitamento aqui postulada refere-se ao fato de os sujeitos, enquanto sujeitos do dizer, do discurso, sempre estarem filiados a ideologias no instante em que uma formulação é enunciada, isto é, se lineariza no plano sintagmático, independentemente de ser sua intenção ligar-se a essas ideologias ou não.

2.2 CONTRADIÇÃO E NEOLIBERALISMO: NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS

Continua, pois, bastante verdadeiro o fato de que ‘o sentido’ é produzido no ‘*non-sens*’ pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, identificada com a evidência de um sentido (PÊCHEUX, 2014b, p. 277, grifos do autor).

Se a contradição é constitutiva do sujeito do discurso porque “a ideologia não é idêntica a si mesma”, é dela também uma certa rejeição que testemunha o narcisismo da comunicação bem-sucedida. No entanto, para Pêcheux (2014b, p. 278-279), a falha, ou o ato falho, não são as bases nem as causas para a constituição das ideologias dominadas: “a disjunção em relação à ideologia dominante se encontra na luta de classes como *contradição histórica motriz* (um se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um *mestre*” (grifos meus). Com isso, o teórico explica que o funcionamento do inconsciente *não é a causa da reprodução*⁵⁰ das relações de produção, pois essa instância subjetiva não coincide com a ideologia. “O recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa

⁵⁰ Isso corroboraria a ideia de falseamento e ilusão da qual Althusser se afasta em relação a Marx.

que a ideologia não deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (Op. Cit. p. 278).

Expliquemo-nos. A divisão do sujeito, inscrita no simbólico, é a tese que sustenta a possibilidade da revolta num campo ideológico; é por essa razão que não há ritual sem falhas. O sujeito dividido é afetado pelo esquecimento (da ordem do inconsciente), o que *possibilita*⁵¹ que se irrompa, nele, a contradição ideológica: “ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta de contrários” (PÊCHEUX, 2015, p. 187).

A divisão do sujeito lida pela teoria althusseriana deriva de uma leitura parcial dos textos de Jean-Jacques Lacan, segundo o que atesta Teixeira (2005, apud Figueira 2015, p. 46). “O sujeito imaginário de Althusser corresponde, na verdade, ao ‘moi’ (eu) lacaniano, que é, para a teoria psicanalítica, meramente a ponta do iceberg do ‘je’ (Eu)”. Segundo essa análise, o sujeito do inconsciente lacaniano “transcende a ordem do imaginário, na qual cada indivíduo se supõe unificado” (FIGUEIRA, 2015, p. 46).

Assim, a contradição assume um estatuto dorsal na teoria pêcheuxtiana do discurso, uma vez que põe em evidência a dimensão simbólico-imaginária da subjetividade dos sujeitos. Nesse sentido, o sujeito propriamente dito, numa perspectiva psicanalítica, não seria acessível senão por uma apreensão do sujeito do discurso, que é a “configuração sujeitucional forjada nos/pelos dizeres de determinada manifestação enunciativa” (FIGUEIRA, 2015, p. 50).

A respeito da distinção entre o sujeito do inconsciente e o efeito-sujeito, manifestação subjetiva do interdiscurso no intradiscurso, Figueira (2015, p. 50) cita a formulação de Santos (2008), responsável por cunhar a noção de Instância Enunciativa Sujeitucional (IES), que, segundo ele, pode ser entendida “como o modo pelo qual se configuram, em um dado processo enunciativo, diferentes modos de subjetivação que apontam para uma mesma individualidade, aquela produtora da enunciação sob análise”. Com esse artifício metodológico, os autores esperam não “aprimorar” o sujeito do discurso nas posições descritas através de uma malha ideológica representada a partir de uma posição-sujeito de descrição-interpretação analítica.

⁵¹ A possibilidade fala de uma condição de emergência, não de sua causa.

Não vou adotar essa nomenclatura específica para dar conta da instância enunciativa do discurso e diferenciá-la do que a AD pêcheuxtiana entende por sujeito, uma vez que, na própria teoria do discurso, Pêcheux oferece o conceito de forma-sujeito e o de posição-sujeito⁵² como dispositivos teórico-analíticos de acesso aos movimentos enunciativos que podem ser descritos no interior heterogêneo de uma FD. Mas me pareceu pertinente mencionar essa teorização no sentido de demonstrar como alguns autores têm tentado estabelecer distinções entre o sujeito do inconsciente – este inapreensível e lugar da contradição – e o sujeito do discurso “capturado”, também, apenas como um efeito, já que ele mesmo também se afeta na/pela contradição e pela falha. Isso fala, outrossim, da sinuosidade de nosso lugar teórico ao ensejar fazer leituras sobre os movimentos subjetivos do/no discurso sem que reconheçamos na figura do sujeito enunciador o sujeito do discurso tão importante à base epistemológica da AD.

Dito isso, neste trabalho, adotarei as seguintes notações teóricas como dispositivos de análise:

- Por *sujeito*, entendo uma instância empiricamente não acessível, que funciona pela representação de subjetividade(s) sociais; é anterior ao indivíduo e é determinada pela falha e pela contradição, pela linguagem, pela história e pela ideologia, cujos mecanismos de funcionamento do discurso são acessíveis quando na análise das enunciações produzidas por indivíduos.

- Por *sujeito do discurso*, entendo a inscrição de enunciadores em determinadas posições subjetivas no interior de formações discursivas ideologicamente circunscritas, o que nos leva a precisar os sentidos que delimitam, de forma mais ou menos estável, num dado momento, suas fronteiras de sentido.

- Como *forma-sujeito*, designarei um conjunto de enunciados⁵³ circunscritos a uma formação discursiva, a partir de uma matriz ideológica (forma-sujeito capitalista) ou de um campo de atividade social (forma-sujeito midiática); os enunciados inscritos em/no interior poroso de uma forma-sujeito abrigam uma série infinita de formulações numa rede parafrástica de sentidos, relacionada necessariamente a condições socio-históricas de produção.

- Por *formação ideológica*, conforme Courtine (2014), tomarei “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais,

⁵² Cf. Capítulo 4.

⁵³ A distinção entre as categorias enunciado, enunciação e formulação são tomadas a partir de Courtine (2014).

mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE et al., 1971, p. 102 apud COURTINE, 2014, p. 71-72). Essa última definição se estabelece, por fim, a partir da consideração de que os AIE são lugar e causa das lutas de classes. As formações ideológicas podem ser tomadas como “um complexo de realidades antagônicas e de posições contrárias que compreendem relações de antagonismo, de aliança e de dominação no seio de uma formação social” (idem).

As noções de formação ideológica e de formação discursiva serão mais bem desenvolvidas e aprofundadas no Capítulo 4 deste trabalho, mas considere necessário deixar explícitos esses pressupostos, de antemão, para a análise introdutória que empreenderei neste subcapítulo a respeito do que se tem nomeado de “neoliberalismo” no campo dos estudos sociais e políticos.

Meu intuito, neste momento, é demonstrar brevemente como esse conceito tem sido desenhado nesses estudos em face do tradicional liberalismo para entender como o neoliberalismo se relaciona com a formação social capitalista contemporânea, em termos de relações econômicas e determinação de subjetividades; por fim, ousar buscar compreendê-lo como uma formação ideológica, essa categoria pècheuxtiana, considerando seu imperativo da contradição.

O principal trabalho sobre o qual me basearei em referência ao que se tem chamado de “neoliberalismo” é a obra dos franceses Pierre Dardot e Christian Laval⁵⁴ (2016), mas também farei referência a outras obras contemporâneas de impacto, como a do sul-coreano Byung-Chul Han (HAN, 2018) e do inglês David Harvey (2008). É importante, ainda, salientar, o papel de difusão que o filósofo e professor Christian Dunker (USP) tem feito no Brasil no sentido de popularizar o termo no cenário acadêmico nacional.

Quando se convoca o tema do neoliberalismo, põe-se de imediato uma questão de ordem etimológica: designaria esse termo uma nova prática originada no liberalismo econômico estabelecido pelo capitalismo ocidental do século 20? A resposta, como se deve imaginar, não deixa de ser polêmica no centro dos estudos econômicos e sociais.

⁵⁴ Gostaria de agradecer ao Professor Dr. Luca Marsi, da Universidade de Paris 10 – Paris-Ouest – Nanterre, pelo acesso às ideias desses autores. Foi através de sua conferência na *Journée d’Etude Langues et Pratiques du Discours en Situation Professionnelle*, em 24 de novembro de 2017, que tive contato pela primeira vez com a ideia de neoliberalismo da maneira como decidi operar com o termo nesta tese.

Dardot e Laval (2016) defendem que o neoliberalismo não é apenas um prolongamento das práticas ideológicas e econômicas estabelecidas pelo liberalismo clássico. Eles sustentam essa tese a partir do axioma primeiro de que o próprio liberalismo clássico não é, em si, um sistema ideológico livre de tensões e de contradições.

Segundo os autores, “o direito natural, a liberdade de comércio, a propriedade privada e as virtudes do equilíbrio de mercado são certamente alguns dogmas do pensamento liberal dominante no século XIX” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 37), que não sobreviverão às tensões sociais e filosóficas do século seguinte. Os desafios da urbanização e da industrialização, além das guerras do séc. 20, vinham se impor contra os ideais liberais mais “puros”.

Assim, os ideais da ideologia liberal, no fim do século 19, na Europa, haviam ganhado forma em estruturas industriais e empresariais centralizadas e imbricadas no jogo político, fazendo “surgir talvez a mitologia do *self-made-man*, mas ao mesmo tempo desacreditava a ideia de uma coordenação harmoniosa de interesses particulares” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 40, grifo dos autores). A situação de pobreza e de conflitos nas relações de trabalho alardeada pelas lutas dos movimentos sindicais chamava a atenção para o funcionamento falho da autogestão ideal do Estado liberal. Todo esse cenário favoreceu o debate sobre a eficácia do capitalismo liberal, o que provocou, pouco a pouco, também mudanças em suas práticas.

O que o liberalismo clássico não incorporou adequadamente foi *precisamente o fenômeno da empresa*, sua organização, suas formas jurídicas, a concentração dos seus recursos, *as novas formas de competição*. As novas *necessidades da produção e de vendas exigiam ‘gestão científica’*, que mobilizasse exércitos industriais enquadrados num modelo hierárquico de tipo militar por pessoal qualificado e dedicado. A empresa moderna, integrando múltiplas divisões, geridas por especialistas em organização, tornara-se uma realidade que a ciência econômica dominante ainda não conseguia compreender, mas que muitos espíritos menos preocupados com os dogmas, em particular entre os economistas ‘institucionalistas’, começaram a examinar. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 40, grifos meus).

Dardot e Laval (2016, p. 72) reconstroem o cenário da “invenção” do neoliberalismo, a partir de um colóquio realizado em Paris, de 26 a 30 de agosto do ano de 1938. Era o Colóquio Walter Lipmann “a primeira tentativa de criação de uma ‘internacional’ neoliberal”. A esse evento os autores atribuem um estatuto acadêmico crucial na refundação da doutrina liberal com o objetivo de assegurar sua sobrevivência. Os autores descrevem toda a genealogia do evento e a estrutura narrativa dos embates de ideias econômicas que desembocaram no que, hoje,

entende-se como neoliberalismo contemporâneo. Grosso modo, os debates estão em torno da questão do intervencionismo liberal x concorrência na busca por um “equilíbrio econômico”.

Nesses embates, aparece, via memória discursiva da teoria darwinista da evolução, a palavra adaptação. “A política neoliberal é requerida para favorecer esse funcionamento, combatendo os privilégios, os monopólios e os rentistas” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 90). Racionários como esse levam o neoliberalismo ao caminho da judicialização para garantir esse “equilíbrio”.

Por meio da “governamentalidade⁵⁵ judiciária” se imagina “garantir a administração da justiça em toda a sua extensão e em todos os seus procedimentos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 96).

O exercício desse novo modo de governo acabou aumentando o campo de interdependência, fazendo entrar cada vez mais indivíduos e povos na *rede* de transações e competições, a ponto de ser possível imaginar uma ‘Grande Sociedade’ em *escala planetária*, resultado *lógico* da divisão mundial do trabalho. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 97, grifos meus).

Nasce com o neoliberalismo o mito da mundialização e da justiça, sustentado pelos efeitos de rede, continuísmo lógico e homogeneização cultural que a ideologia da mundialização estabelece a partir de sua base colonial.

Tendo como cenário de desenvolvimento histórico o contexto mencionado, chegamos à definição técnica do neoliberalismo contemporâneo. Dou voz ao cientista político David Harvey (2008), segundo o qual o final dos anos 1980 têm uma importância fundamental na edificação dos ideais neoliberais no mundo globalizado, devido à transformação político-econômica de diversos epicentros econômicos, como a China, os EUA e a Grã-Bretanha, com uma política de austeridade com relação aos direitos do trabalho que alavancou seus crescimentos econômicos. Essa configuração econômica, chamada de “globalização”, leva-nos a encarar o neoliberalismo como “diretriz central do pensamento e da administração econômicos” (HARVEY, 2008, p. 12).

Para esse autor,

o neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das *práticas político-econômicas* que propõe que o *bem-estar humano* pode ser melhor (sic) promovido liberando-se as *liberdades e capacidades empreendedoras individuais* no âmbito de uma estrutura institucional *caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada*, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas

⁵⁵ Curiosamente, governamentalidade é um operador categórico usado por Michel Foucault em sua teoria da biopolítica para explicar as relações de poder entre os sujeitos da sociedade pós-industrial.

práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e leis requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e *para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados*. Além disso, *se não existirem mercados* (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes *devem ser criados, se necessário pela ação do Estado*. Mas o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num *nível mínimo*, porque, de acordo com a teoria, o Estado possivelmente não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e viciar as intervenções do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício. (HARVEY, 2008, p. 12, grifos meus)

Decidi pela reprodução integral da longa citação direta do autor para, a partir de um gesto de leitura, observar alguns termos e expressões que, da doutrina econômica, serão corolário deste trabalho como elementos da memória neoliberal que determinam formações discursivas nas quais o sentido econômico/material é apagado.

No texto de Harvey (2008), é possível notar a descrição de uma doutrina que estabelece as regras do jogo de uma prática econômica, e, por consequência, política, tendo em vista que rege as relações entre indivíduos na sociedade. A primeira expressão sobre a qual fiz um gesto de destaque foi “bem-estar humano”, para nela observar que se opera, na ordem do simbólico, um gesto de apagamento das heterogeneidades geográficas, raciais, sexuais, de classe, etc, de modo a podermos interpretar um efeito de transparência sobre o que *pode* ou *deve* ser “o” bem-estar humano⁵⁶ universal, como se nessa noção não houvesse falhas e como se o próprio real da língua e da história não funcionassem determinando-a.

A segunda sequência destacada lineariza o vocábulo mais importante, no meu entendimento, para esta tese: liberdades e capacidades **empreendedoras**. A palavra *empreendedorismo* é o significante central do que se tem descrito como subjetividade empreendedora, promovida pela formação social capitalista neoliberal como posição imaginária ideal. Empreender é uma atividade que se inscreve no campo da ação individual e aparece como competência e habilidade ligada ao ideal liberal de conquista à *propriedade privada*.

⁵⁶ No Capítulo 3, são explorados alguns efeitos de sentidos atribuídos à noção de bem-estar na contemporaneidade a partir da leitura do sociólogo Antony Giddens (1991, 2002, 2012).

A função do Estado, como pudemos atestar no texto, será apenas de garantir o bom funcionamento da dinâmica *empreendedora* privada somente quando for indispensável; vem dessa elaboração a famosa ideia de *Estado mínimo*, centro do funcionamento econômico da racionalidade neoliberal.

Da minha perspectiva, então, mantendo-me na corda-bamba que é considerar o cenário mundial como um quadro econômico homogeneizado⁵⁷ e assumindo esses riscos, este trabalho, que observa processos discursivos no interior de uma formação social contemporânea e ocidentalizada, parte do pressuposto de que o ideal do neoliberalismo, como prática política e discursiva dominante, determina discursividades no jogo de formações imaginárias nas quais o sujeito é simbolizado como único responsável por seus empreendimentos econômicos e pessoais. Desse funcionamento ideológico, emerge a formação discursiva que estou designando como formação discursiva empreendedora ou discurso empreendedor, que muitas vezes coincide com o que estou entendendo por ideologia neoliberal, mas sua diferença é que o objeto referencial sobre o qual concentra os sentidos não é nem a economia nem o estado, mas o sujeito.

O discurso empreendedor moderno compreende práticas discursivas portadoras de uma concepção utilitarista do sujeito e das relações humanas. Estabelece-se uma retórica que parte da empresa privada e de seus valores de produtividade e rentabilidade como modelo de sociedade.⁵⁸

Enquanto o neoliberalismo opera como formação ideológica que fornece-impõe, sob forma de evidência, a necessidade de os sujeitos assumirem sua responsabilidade como ganhadores ou perdedores em suas narrativas econômicas, como racionalidade, empreendedorismo seria, para Marsi (2017), uma atitude, uma habilidade de valorizar a experiência, o que implica uma disciplina de si (autodisciplina) extremamente coercitiva e que demanda um processo contínuo de avaliação/autoavaliação.

Segundo Han (2018), o neoliberalismo, aliado às tecnologias digitais, promove uma proposital sensação de liberdade responsável por permitirmos o mais alto grau

⁵⁷ Considerando o propósito deste trabalho, não me cabe discutir as distinções político-econômicas específicas de mercado que marcam questões de produção-reprodução-transformação em se tratando de distinções culturais e geopolíticas. No entanto, quero registrar meu gesto de tomada de posição “assumida” (PÊCHEUX, 2006, p. 56) sobre esses esquecimentos e apagamentos.

⁵⁸ Tradução livre de : « Le discours managérial moderne (Vandevolve-Rougale ; Fugier, 2014) recouvre des pratiques discursives porteuses d’une conception utilitariste du sujet et des relations humaines. Une rhétorique prenant l’entreprise privée et ses valeurs de productivité et de rentabilité comme modèle de société s’est affirmée. » (VANDEVOLVE-ROUGALE, 2017, p. 17).

de controle e vigilância. Trata-se do que o autor nomeia como “psicopolítica”, aproveitando a memória da biopolítica⁵⁹ pensada por Michel Foucault (2010), que se tratava de pensar “o governo dos vivos” (fazer viver, deixar morrer). Para Han (2018), usar a sensação de liberdade como estratégia para docilizar a sociedade é a forma mais eficaz de sujeição e subjetivação; e foi o que o neoliberalismo conseguiu instituir após a crise dos totalitarismos.

Assim, a partir do meu gesto de leitura do corpus de pesquisa e do corpus auxiliar deste trabalho, o empreendedorismo⁶⁰ tem se materializado, pois, em uma forma-sujeito equívoca, que faz recobrir, para além da equivocidade simbólica da própria língua, as contradições da sobredeterminação material da divisão de classes na formação ideológica neoliberal, reproduzindo uma narrativa do cotidiano que elogia a eficiência e a saúde do corpo ao mesmo tempo em que o dociliza sobre o político. Esse funcionamento é da ordem da língua, da ideologia, da história, mas também, e sobretudo, um fenômeno discursivo produzido no/pelo discurso digital como dispositivo dessa “psicopolítica” da qual nos fala o trabalho de Han (2018). Na biopolítica, as técnicas de docilização e de controle se dão sobre o corpo como forma material; na psicopolítica, elas se fazem presentes na mente e no corpo como projeção imaginária/fotográfica de sujeitos que se inscrevem/escrevem para si lugares de empreendedorismo e sucesso.

Pode-se dizer, assim, que o neoliberalismo é a formação ideológica dominante que regula a forma-sujeito histórica da sociedade ocidental contemporânea. É desse axioma que partirão todas os meus gestos de leitura a respeito das formas-sujeito do discurso e os processos de identificação subjetiva que se dão em seus interiores.

Dito isso, para concluir este capítulo, reitero que este trabalho se desenvolve em um programa de estudos linguísticos, mas não realiza uma reflexão sobre o objeto língua, no sentido que a ciência Linguística moderna atribui ao termo.

Trata-se de uma investigação sobre os processos discursivos aos quais estou denominando *discurso fitness*, observados através de um gesto de leitura possibilitado pelos dispositivos teórico-metodológicos da teoria do discurso de Michel Pêcheux, inaugurada na França e continuada por Eni Orlandi, no Brasil. Desse modo, críticas

⁵⁹ Para Foucault (2010, p. 204), a biopolítica é um processo de poder não disciplinar (a disciplina se dirige ao corpo, “ao homem-corpo”) porque não é individualizante, mas “massificante, que não faz direção ao “homem-corpo”, mas “ao homem-espécie”.

⁶⁰ Os conceitos de liberdade, corpo e empreendedorismo serão aprofundados no Capítulo 2.

que circulem em torno do fato de esta investigação estar circunscrita à descrição- interpretação da autora não estarão equivocadas; eu as corroboro, mas não as entendo como críticas, uma vez que não é possível fazer estudos sobre a linguagem apenas do interior de um aparato que pense o objeto língua em sua estrutura ou em suas recorrências imanentes.

Portanto, sem me esquivar do(s) equívoco(s) inerentes ao procedimento de leitura, desejo explicitar que as regularidades sobre as quais o trabalho de observação, descrição e interpretação desta autora se baseia dizem respeito a processos regulares de efeitos de sentido e padrões enunciativos ligados a um regime de repetibilidade tanto na materialidade linguística quanto na materialidade fotográfica e visual da textualidade digital, considerando-se suas condições materiais de produção e de circulação, em dada condição socio-histórica na qual a ideologia neoliberal domina o funcionamento dos aparelhos ideológicos.

3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO FITNESS NO INSTAGRAM

Entretanto, seria *ingênuo* supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado* [...] (PÊCHEUX, 2014a, p. 82, grifos meus).

3.1 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

A citação que inicia este capítulo compõe a primeira elaboração de M. Pêcheux sobre as condições de produção do discurso, em que o autor se propõe a (re)pensar as posições/os lugares dos sujeitos no interior do esquema comunicacional de Roman Jakobson. No célebre – e ainda hoje muito utilizado – esquema, emissor e receptor são metáforas de instâncias comunicativas análogas a equipamentos técnico-informacionais. Aparentemente, trata-se menos de sujeitos sociais do que de aparelhos eletrônicos estabelecendo uma troca de dados numa situação específica.

Da nossa visada, partindo do pressuposto de que os sujeitos são posições simbolizadas pelo/no discurso a partir de um jogo de representação afetado pelos lugares sociais/econômicos que os sujeitos ocupam em dada situação de enunciação, porém, como pudemos constatar na epígrafe, Pêcheux (2014a) nos mostra que seria impossível imaginar a representação de uma situação comunicativa em que os sujeitos não estivessem atravessados por questões de ordem simbólica, o que nos impediria absolutamente de reproduzir um esquema comunicacional tal qual tentou o pensador russo. E, conquanto alguns analistas do discurso franceses contemporâneos⁶¹ tenham ensaiado reestabelecer esse diálogo, parece-me que esse empreendimento nada mais fará sempre do que capturar inutilmente uma sombra distorcida positivista de um sujeito/indivíduo consciente, levando em conta que não se pode obter acesso ao sujeito intencional se tomarmos a linguagem como um sistema simbólico, ideológico e histórico.

Considerando os aspectos mencionados, descreverei brevemente o que, neste trabalho, entendo como condições de produção do discurso com base nas transformações pelas quais passou esse conceito ao longo do desenvolvimento da

⁶¹ Estou me referindo especificamente a Patrick Charaudeau, autor de uma série de “esquemas” dos atos de linguagem, em que representa o sujeito sobre uma dupla posição para tentar mostrar que há um indivíduo concreto, um “ser social”, ao qual a análise discursiva não tem acesso, e um sujeito do discurso, que representa um “papel social”, um “ser de fala” segundo os termos do próprio autor (Cf. CHARAUDEAU, 2008, P. 52). O autor tenta resolver a problemática da falha chamando a condição de produção de um discurso de “encenação da linguagem”, o que nos remete às teorias sociopragmáticas do discurso.

AD pêcheuxtiana, baseando-me sobretudo nas produtivas contribuições do trabalho de Courtine (2014).

O termo condição de produção foi pensado na interface de seu funcionamento na esfera da reflexão materialista, sobretudo no que diz respeito à teorização de Althusser (1970) em relação às condições de produção e de reprodução das ideologias. Pêcheux (1990, [1983] 1997, 2004a, 2004b, 2007), por sua vez, busca trazer para o campo da reflexão discursiva o debate sobre como as determinações sócio-históricas que incidem sobre as posições econômicas e discursivas dos sujeitos, em específico momento da história, podem determinar as relações simbólicas e ideológicas entre os dizeres de determinadas redes de memória. É nesse sentido que Pêcheux (2014a) começa a pensar sobre as condições de produção do discurso a partir do que designa por *formações imaginárias*, que, inicialmente, organizavam-se em esquema de fórmula de relações de representações de posições discursivas entre sujeitos, considerando-se a imagem que um sujeito faria do outro no interior de um processo discursivo.

Anedoticamente, o próprio texto de Pêcheux (2014a, p.82) já lhe avisava sobre a problemática de seu primeiro empreendimento. Se os traços objetivos estão *presentes mas transformados* no discurso, é de se esperar que não seja bem-sucedida uma fórmula objetiva sobre um jogo de representações, já que essas mesmas representações se transformam de um modo não homogêneo e não previsível, como o autor mesmo reconhece na sua retificação em Semântica e discurso (PÊCHEUX, 2014b), quando revê suas análises sobre as formas de identificação subjetiva⁶².

Dito isso, é importante alertar aos nossos leitores que as condições de produção do discurso não devem ser compreendidas como *condicionantes de reprodução do discurso* nem tampouco como o que se convencionou, na linguística sociointeracional, chamar de situação de comunicação, para se referir aos momentos *concretos* de enunciação.

No primeiro caso, como já explanei no Capítulo 1, falar de condições de produção como um conjunto de fatores socio-históricos e ideológicos que explicam por que e como um discurso representa determinados efeitos não implica necessariamente dizer que estamos legislando sob a égide de um *determinismo*

⁶² Cf. Capítulo 4.

discursivo. Afirmamos - diversa, mas não opostamente - que, sem que houvesse uma variedade específica de traços socio-históricos convergindo para a emergência de tais fenômenos, **talvez** não pudéssemos antever determinados efeitos, e isso não é o mesmo que dizer que eles seriam impossíveis em dada conjuntura socio-histórica e ideológica.

No segundo caso, é possível descrever toda uma gama de elementos “objetivos” envolvidos no ato da enunciação. Mas isso também passa pela descrição-interpretação do analista, que já é *per se* um gesto de leitura envolvido numa série de projeções imaginárias, elas próprias constituindo um jogo de condições de produção não totalmente previsíveis.

Assim, a partir do exposto, retomarei, neste momento, as considerações de Courtine (2009) que considero pertinentes a este trabalho para justificar meus gestos de descrição-interpretação no que designarei como *condições de produção do discurso fitness no Instagram*.

Segundo Courtine (2014), a querela que envolve a noção de condições de produção como um articulador metodológico na AD deve-se à sua heterogeneidade nas ciências humanas e na linguística. Na sociolinguística, o autor nos explica que a noção descreve o “estado social do emissor, do destinatário, as condições sociais da situação de comunicação, etc.”, o que o leva a fazer também uma relação dessa disciplina com a etnografia da comunicação (COURTINE, 2014, p. 26).

Courtine (2014) atribui a Harris e a sua aproximação com a psicologia social e com a sociolinguística a redução do conceito de condição de produção à noção de *situação de enunciação*, o que também o leva a mencionar a problemática da definição dos conceitos de enunciação e enunciado. Para ele, a fundação da AD se dá justamente sob o “signo da articulação de duas faltas, das quais a noção de CP constitui o mais certo sintoma [...]” (COURTINE, 2014, p. 48).

Portanto, em se tratando das transformações da noção, Courtine (2014) estabelece uma distinção entre a definição teórica e a definição empírica. No que concerne à primeira, há um efeito de equivalência entre as CPs e a noção de situação de comunicação, o que revela uma continuidade com a origem da noção, que faz uma referência a existência de sujeitos concretos.

Interessa-nos aqui, sobremaneira, a segunda definição, a partir da leitura de Courtine (2014) de Haroche, Henry e Pêcheux (1971, p. 102), que estabelecem um conjunto teórico que se afunilará na noção de formação discursiva, tomada a partir de

Foucault (1969). Desse modo, a própria pergunta central deste trabalho se desdobra em dois desafios concomitantes, que são: a) descrever-interpretar os gestos de leitura que me levam a associar um campo de dispersão e de regularidades discursivas a um fenômeno simbólico de natureza textual-imagética; b) pormenorizar a análise de sequências discursivas que compõem uma rede discursiva a que proponho nomear formação discursiva *fitness*, considerando suas condicionantes socio-históricas e ideológicas. Entendo, pois, que condição de produção e formação discursiva são conceitos implicados, que se diferenciam terminologicamente quando designamos CPs os métodos de recorte de corpus analítico e a “situação de enunciação”.

Então, no sentido de associar às noções de CPs e de FDs, Courtine (2014) explicita tanto o caráter “heterogêneo e instável” quanto o que há de “psicologização espontânea das determinações propriamente históricas do discurso” (COURTINE, 2014, p. 51), no que concerne às primeiras abordagens dessa noção. Conforme explica, essas determinações são “o estado das contradições de classe em uma conjuntura determinada e a existência das relações de lugar a partir das quais o discurso é considerado, no centro de um aparelho, o que remete a situações de classe” (p. 52-53). Esses fatores não atuam direta e objetivamente na “criação” de sujeitos do discurso que enunciam, isto é, o sujeito não é apenas a fonte ou o efeito dessas relações. É por essa razão, assim, que Courtine (2014) insiste sobre a necessidade de implicar o conceito de formação discursiva no de condição de produção, uma vez que ambas se produzem e são produzidas a partir de um jogo concomitante da ordem do simbólico, do material e do histórico.

Sendo assim, para fugir das concepções de condições de produção que operacionalizam o apagamento da história e da contradição na determinação dos discursos, o autor (COURTINE, 2014) propõe que as condições de produção se *estabeleçam em conjunto* com a constituição de um corpus discursivo, que é “um conjunto de sequências discursivas estruturado segundo um plano definido em relação a certo estado das CP do discurso” (p. 54). A partir de um “universal de discurso”, que é um conjunto em potencial de discursos para serem tratados, deve-se delimitar um “campo discursivo de referência” (far-se-á nesse momento uma série de restrições que homogeneízam os materiais). Chegamos, portanto, a outro problema teórico-metodológico: definir o que se entende por sequência discursiva.

Segundo sua pesquisa em banco de dados dos trabalhos em AD realizados até aquele momento, Courtine (2014) identificou algumas regularidades em torno das

séries de restrições usadas para se estabelecer *corpora* discursivo, que podem se estabelecer em dimensões simples ou complexas, determinando a “forma” do corpus.

Entre esses métodos, o autor menciona, por exemplo, os *corpora* constituídos por sequências discursivas (doravante SDs) produzidas por um locutor (individual ou coletivo) ou por vários distintos; a partir de posições ideológicas homogêneas/heterogêneas; a partir de sincronia/diacronia; a partir de arquivos ou *corpora* pré-existentes etc. (cf. COURTINE, 2014, p. 57-58). Isto é, percebe-se, com base numa análise quanti-qualitativa, que faz parte do gesto de leitura do analista selecionar o método de recorte de seu corpus a partir das hipóteses ou observações preliminares que já tenha feito a respeito de um universal de discurso mais amplo. É a demanda por essa dança muito sincronizada entre observação, análise e gesto de leitura de arquivo que angustia muitos dos críticos que preferem relegar à AD o lugar de “análise de conteúdo”, rejeitando, portanto, que faça parte do próprio método da análise a inclusão do equívoco e da contradição como um fator constitutivo do processo de leitura, sem que se prescinda, para isso, das materialidades significantes.

3.2 GESTO DE LEITURA NO/DO ARQUIVO: CORPUS AUXILIAR E CORPUS PRINCIPAL

Em *Ler o arquivo hoje*, Pêcheux (2014c) atenta para a necessidade de, no campo da AD, como pesquisadores, “no nível dos conceitos e dos procedimentos” (PÊCHEUX, 2014c, p. 67), não nos contraidentificarmos com o campo da informática, porque isso reforçaria o seu projeto. Ao mesmo tempo, o autor reafirma a importância de, por meio dos procedimentos de leitura dos arquivos, assumirmos o papel de revelar o “espaço polêmico da leitura de arquivos”.

Se, no Instagram, os algoritmos estabelecem processos de leitura baseados em uma série de princípios ideológicos, comerciais e empresariais, não estarei neste trabalho em busca de negar esse gesto ou tentar apagá-lo enquanto determinação nas minhas leituras enquanto analista. Isso significa assumir que os olhares que eu projetei imaginariamente sobre o que chamei de corpus de pesquisa estão todos afetados e determinados pela própria ideologia que busco revelar nas minhas análises. Neste subcapítulo, busco apenas deixar menos opaco para os leitores o processo que assumi como metodologia para organizar esses textos e esses discursos, que, desde já, ao serem reunidos por mim em grupos e em sequências,

estão totalmente afetados pelo meu gesto de leitura do arquivo enquanto um corpus discursivo, uma vez que assumo a “discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivos” (PÊCHEUX, 2014c, p. 67).

No que concerne a este trabalho, especialmente, o estabelecimento das condições de produção do discurso passou por uma leitura ampla e contínua do arquivo digital, bem como de uma série de referências bibliográficas dos campos interdisciplinares da comunicação social, psicologia social, ciência política, semiótica, antropologia, sociologia, entre outras, como se pode ver nas nossas referências. Para estabelecer as condições de produção, que são, em si, o próprio objeto-hipótese da pesquisa, acompanhei, em diversas redes sociais, por alguns anos⁶³, o processo discursivo sobre o corpo e a saúde para no campo das narrativas do eu e da produção de testemunhos de si. Eu não os significava dessa maneira durante todo esse período. A dominância desses sentidos no meu olhar se deu pela determinação das minhas referências no meu processo de leitura do arquivo.

Pela complexidade e extensão desse processo, a delimitação do corpus se tornou um enorme desafio, tendo em vista a grande saturação que determina a produção, a circulação e a reprodução de discursos nas redes. As próprias questões de pesquisa foram se modificando ao longo desse processo. Além disso, foi necessária uma ampliação das leituras a respeito da história dos objetos simbólicos que envolvem as temáticas acionadas pela rede de memória significativa do discurso em análise, a saber: o campo do empreendedorismo econômico e pessoal, a história do corpo na sociedade e o efeito das mudanças na comunicação digital nos efeitos de verdade na contemporaneidade, o que me levou a deslocar meu olhar e privilegiar a leitura do corpus por um ponto de vista crítico à ideologia neoliberal empreendedora.

Em primeiro lugar, decidi circunscrever o que denominei corpus principal a apenas uma rede social, o Instagram, por ela ser, atualmente, a que mais *engaja*, no que concerne à narrativa do cotidiano através da imagem, uma materialidade simbólica definidora para a constituição de meu corpus. Desse modo, coletei nesta rede sequências discursivas de composição heterogênea: materialidade fotográfica e materialidade linguística (escrita e falada) que compõem as discursividades cujos

⁶³ Acompanho, pessoalmente, práticas de produção discursiva sobre o eu, sobre o corpo e a saúde nas redes sociais desde, no mínimo, 2012, embora esse tema tenha se tornado objeto de reflexão no seio da AD somente a partir de 2016, quando reformulei meu projeto de pesquisa original.

funcionamentos descrevi-interpretei como unidades simbólicas. Considerando que a produção dos discursos aos quais estou denominando discursos fitness centraliza-se na imagem de um sujeito que se projeta paradoxalmente⁶⁴ como um *eu íntimo*, operando um efeito-autor da ordem do avatar, foi necessário que eu optasse por centralizar a escolha de autoras de perfis relevantes no cenário digital brasileiro e francês, por uma questão de relevância e de representatividade sociodiscursiva.

Como se verá ao longo deste trabalho, o que descrevi-interpretei como discurso empreendedor não se encerra no ambiente das redes sociais. Desse modo, ao longo do processo de análise, senti a necessidade de relacionar o que havia delimitado como corpus central de pesquisa com outras sequências discursivas que viessem a demonstrar as sobredeterminações ideológicas que interpretei no meu processo de leitura. Assim, estabeleci dois tipos de corpus de análise: um corpus auxiliar e um corpus de pesquisa.

O corpus auxiliar é composto por sequências discursivas que podem ou não estar inscritas no que denominei de formação discursiva fitness, mas sempre encerram com ela alguma relação interdiscursiva, especialmente no que concerne à formação discursiva empreendedora. Como corpus auxiliar, então, trouxe recortes de SDs da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), a partir de um caderno online de implementação de práticas relacionadas às novas diretrizes da BNCC, disponíveis na Página online do Ministério da Educação - Práticas empreendedoras na escola. Além disso, usei como método de leitura de arquivo o acompanhamento de hashtag no Instagram, através da qual selecionei sequências auxiliares que me ajudaram a tensionar questões relativas ao discurso da superação de si nas práticas fitness não ligadas necessariamente às blogueiras pesquisadas. Também usei como corpus auxiliar sequências dos stories do Instagram das blogueiras, para observar alguns aspectos da discursividade nas condições de produção do Instagram. Além disso, outro corpus auxiliar trazido para esta pesquisa foram alguns enunciados da formação discursiva empreendedora no campo da publicidade empresarial. Precisei recorrer a eles para demonstrar como os dizeres desse campo se repetem como memória quando o empreendedorismo do corpo funciona na FD fitness. Ao discutir especialmente essa FD, coletei outro corpus auxiliar no qual pude observar alguns pré-construídos sobre o sentido de fitness fora do funcionamento da blogagem

⁶⁴ Refiro-me às teorizações de Adorno (2015, 2016) a respeito do processo equívoco de identificação imaginária dos sujeitos vlogueiros em relação a suas posições-sujeito e a seus lugares sociais.

feminina no Instagram, propiciando a possibilidade de reestabelecer relações interdiscursivas na leitura do meu corpus de pesquisa. Placas e anúncios fora do espaço digital foram trazidos, outrossim, como corpus auxiliar, numa tentativa de demonstrar como o discurso no universo sensível e digital estão inter-relacionados e reverberam juntos. Trouxe, por isso, uma fotografia de um painel publicitário que coletei nas ruas de Paris durante meu intercâmbio e uma mensagem motivacional que li durante enquanto fazia exercícios físicos numa esteira ergométrica de uma academia no Recife. Por fim, capas de revista antigas e atuais foram trazidas como sequências de um corpus auxiliar no sentido de legitimar relações de memória que estabeleci entre os discursos.

A seguir, apresento uma tabela descritiva dos processos de delimitação do meu corpus de pesquisa como parte das condições de produção⁶⁵ do discurso fitness deste trabalho. Para as análises do Capítulo 4, foram consideradas postagens do feed do Instagram das blogueiras selecionadas como referências para esse corpus. No entanto, tudo o que estabeleci como condições de produção do discurso fitness, bem como as sequências trazidas enquanto corpus auxiliar, constituem meu arquivo discursivo, determinado pelo meu gesto crítico à ideologia neoliberal, que estabeleci como formação ideológica sobredeterminante dos discursos analisados nesta tese.

Tabela 1- CP do discurso fitness no Instagram

CPs do discurso fitness no Instagram Processos de delimitação de corpora					
Universal de discurso	Redes sociais				
Campo discursivo de referência	Páginas de influenciadoras digitais com perfis de referência à saúde, alimentação, cuidado com o corpo e exposição do cotidiano				
Corpus discursivo Perfis/Avatar es digitais	Critérios				
	Gênero Feminino	Lugar social/ Heterogeneidade de lugares discursivos	Número de seguidores	Possuir site próprio/ produtos	Nacionalidade
Gabriela Pugliesi	x	Influenciadora	3,9 ⁶⁶ milhões	Sim	Brasileira

⁶⁶ Em 25 de novembro de 2019, o perfil já tinha 4,1 milhões de seguidores.

Lara Nesteruk	x	Nutricionista* Fisiologia do exercício	519 ⁶⁷ mil	Sim	Brasileira
Lucile Woodward	x	Coach de esporte, nutrição e bem-estar	177 ⁶⁸ mil	Sim	Francesa

3.3 PSICOPOLÍTICA, NEOLIBERALISMO E MODERNIDADE

Os princípios econômicos neoliberais sustentam-se na construção de uma ordem social baseada na projeção de um efeito-sujeito empreendedor, isto é, estabelece-se uma subjetividade empreendedora como modelo imaginário a ser atingido por todos. Essa tese é o que têm sustentado alguns filósofos da contemporaneidade, a exemplo do sul-coreano Byung-Chul Han (HAN, 2015, 2018), que usarei como referência para discutir o deslocamento teórico que se faz da compreensão da biopolítica para uma *psicopolítica* como técnica de poder na contemporaneidade.

Biopolítica ou biopoder são termos originados nas teorias de Michel Foucault quando, no desenvolvimento de seu trabalho ainda sobre a genealogia do poder, durante os anos 1970, ele se propôs a pensar sobre as diferentes formas/técnicas de subjetivação em suas relações com o poder e o saber, na construção de efeitos de verdade, e, conseqüentemente, nas subjetividades ao longo da história. Segundo esse filósofo, a biopolítica aparece no fim do século 18 como algo diferente do que ele designa por “anatomopolítica” (uma política disciplinar que atua em técnicas sobre os corpos dos sujeitos), como uma nova tecnologia de poder não sobre os corpos individuais, mas sobre a espécie humana (Cf. FOUCAULT, 2010, p. 204). O poder disciplinar se dirige ao homem-corpo, incidindo sobre a materialidade do corpo o poder que rege a categoria indivíduo. São as técnicas disciplinares que produzem o que o autor descreve como “corpos dóceis”, descritos por ele em *Vigiar e Punir*. Os corpos dóceis são controlados por técnicas minuciosas que visam a formatar/dirigir o homem conforme a demanda dos sistemas sociais nos quais ele deve funcionar como uma peça de uma engrenagem, numa metáfora com o funcionamento fordista fabril. Dessa

⁶⁷ Em 25 de novembro de 2019, o perfil já tinha 748 mil seguidores.

⁶⁸ Em 25 de novembro de 2019, o perfil já tinha 191 mil seguidores.

maneira, a técnica disciplinar serve para enquadrar e encaixar os corpos em determinadas práticas, de maneira produtiva e utilitarista.

De forma distinta, a biopolítica é uma tecnologia de poder que não age sobre corpos individuais, mas sobre conjuntos populacionais, sobre a vida humana enquanto categoria.

Trata-se de um *conjunto de processos* como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas políticos e econômicos (os quais não retomo agora), constituíram, acho eu, os primeiros *objetos de saber* e os primeiros *alvos de controle* dessa biopolítica. (FOUCAULT, 2010, p. 204, grifos meus).

A partir da reflexão acima, Foucault estabelece entre anatomopolítica e biopolítica duas séries categóricas correlacionadas, respectivamente: “corpo – organismo – disciplina – instituições” e “população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores” (FOUCAULT, 2010, p. 2010). Com relação aos processos regulamentadores desse poder-saber da biopolítica, Foucault (2010) afirma ser essa especialmente a função do Estado. Para nós, do campo AD, o Estado é tomado como aparelho produtor-reprodutor das relações ideológicas desiguais, mas também como um terreno em que esses processos se dão de maneira contraditória (equivocas), uma vez que, em seu interior, acontecem a todo momento disputas políticas conscientes ou não. Desse modo, prefiro usar, em vez do adjetivo foucaultiano “regulamentador”, o termo “sobredeterminador”⁶⁹ para tratar dos processos que instauram as relações imaginárias⁷⁰ sobredeterminadas por posições de classe, uma vez que as disputas contraditórias que se dão no seio dos AIE, em determinadas condições de produção, são organizadas pelas ideologias dominantes. Como Foucault não reflete sobre essas relações de poder a partir da problemática da ideologia, penso que não seja o caso de descartar suas contribuições, mas, sim, o de

⁶⁹ Conforme explica Indursky (2013, p. 237), a partir da retomada das leituras de Freud e de Althusser, na AD, vamos entender a sobredeterminação como uma simultaneidade de acumulação de diferentes fatores que associam-se para produzir um efeito (da ordem do inconsciente e das condições sociais que produzem contradições). A sobredeterminação aconteceria na ordem do inconsciente e das relações sociais, enquanto a determinação aconteceria na ordem discursiva.

⁷⁰ As relações imaginárias mencionadas neste trabalho fazem referência à teorização de Pêcheux (2014a) referenciada na epígrafe do início deste capítulo. Trata-se do axioma pêcheuxtiano de que todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias, mecanismos de projeção que se operam no interior de qualquer formação social, “que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82, grifos do autor). No Capítulo 3, item 3.2, na discussão sobre lugar discursivo, e, no Capítulo 4, no trabalho com a distinção entre forma-sujeito e posição-sujeito, poder-se-á compreender de modo mais aprofundado como estou articulando esse conceito com minhas análises.

relocalizá-las no eixo das relações econômicas e ideológicas, o que pode ser produtivo para nosso objeto de análise. No entanto, é preciso esclarecer que a biopolítica é uma técnica de governo pensada por Michel Foucault (2008, 2010) em relação a uma sociedade disciplinar. O que vivemos, na contemporaneidade, não pode ser descrito a partir dessa chave de interpretação filosófica, tendo em vista a importância das categorias neoliberais da mundialização, globalização e a ingerência da internet na comunicação global.

Assim, o eixo *população – processos biológicos – mecanismos sobredeterminantes* a partir de uma visada materialista, poderiam descrever uma sociedade disciplinar tanto quanto o eixo *sujeito – processos psicológicos – mecanismos sobredeterminantes* podem descrever o que estou lendo como uma psicopolítica de Estado, a partir da qual pensarei a *ideologia neoliberal* contemporânea como uma formação ideológica, baseando-me nas reflexões do pensador Byung-Chul Han (2018).

O pesquisador sul-coreano reconhece que o trabalho de Michel Foucault em torno da biopolítica já vinha se redesenhando e que, não fosse sua morte prematura, talvez ele tivesse desenvolvido reflexões acerca das técnicas psicológicas neoliberais no controle das populações (cf. HAN, 2018, p. 37-44), tanto no sentido da arregimentação das democracias quando no que concerne a questões como saúde e controle populacionais⁷¹.

Assim como a biopolítica diz respeito a um conjunto de normas e técnicas que incidem sobre populações de modo a controlar a vida (*fazer viver, deixar morrer*), a psicopolítica seria um conjunto de técnicas de controle sobre as mentes individuais, o que pode produzir, contingencialmente, fenômenos ideológicos de massa.

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o 'biológico, o somático, o corporal'. Antes, descobre a *psique* como força produtiva. A *virada para a psique* e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas. O corpo como força produtiva não é mais central como na sociedade disciplinar na biopolítica. Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade. (HAN, 2018, p. 40, grifos do autor).

⁷¹ Basta observarmos como movimentos antivacinas, um fenômeno de massa propulsionado pela comunicação digital e pela relativização do discurso da ciência tem impulsionado o aumento da mortalidade em várias regiões do globo.

Esses “objetos intangíveis”, mencionados acima por Han (2018), são construídos e constitutivos da materialidade digital, que, conforme Loveluck (2018), medeia a “simbiose ser humano-máquina” (p. 41) como fundamento da instalação da rede de computadores não mais como um projeto cibernético, mas informático. Ele sustenta que os primórdios da internet como projeto de rede global de comunicação se deram entre os anos 1960 e 1970, com a implantação de uma “forma canônica” da rede, no pós-Guerra Fria. Assim, instaurou-se o que descreve como “tradução técnica de certo número de valores políticos, enquanto esboço das premissas de uma verdadeira filosofia política que se caracteriza pela vontade de abertura e de descentralização relativamente à circulação de informação” (LOVELUCK, 2018, p. 41).

É inegável, para não dizer óbvia, a função das redes informacionais na ingerência da psicopolítica; no entanto, já apreendemos bem com Pêcheux sobre como, justamente na ordem da evidência, podem-se observar contradições. O liberalismo informacional (Cf. LOVELUCK, 2018) é a expressão da “orientação moderna para a autonomia, mas se apoia na concepção científica da informação e em sua colocação em rede para engendrar novas modalidades de auto-organização social mediante a troca” (LOVEUCK, 2018, p. 293). Sendo assim, da nossa visada, entende-se que a rede é uma estrutura que se organiza em torno da evidência de que não é estrutura, efeito da materialidade imaterial, no interior do aparelho ideológico midiático, cujo funcionamento implica tantas especificidades quanto um aparelho ideológico tradicional (a exemplo da imprensa, família, igreja, etc.). Entendo, então, que ele funciona no interior dos AIE midiáticos como um ramo específico, mas atravessado pela memória de outros AIE midiáticos antecessores, como a TV, o rádio, a imprensa, etc.

Dito isso, gostaria de explicar que, neste trabalho, defendo que é no interior do AIE midiático da rede que a psicopolítica, como um conjunto de técnicas de dominação neoliberal – com suporte em sua estrutura panóptica -, ganha lastro mundializado e instaura uma racionalidade fundada nas técnicas de si.

Na contemporaneidade, a importância centralidade do *eu* individual está atrelada a uma série de transformações de ordem social, política e econômica. O sociólogo britânico Antony Giddens (1991) argumenta que o final do século 20, época em que escrevia, não se tratava do que, para muitos autores, poder-se-ia designar de “pós-modernidade”. Esse conceito estaria determinado pela “evaporação da *grand*

narrative – o ‘enredo’ dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definido e um futuro predizível” (GIDDENS, 1991, p. 12, grifo do autor), segundo o responsável pela popularização do termo, Jean-François Lyotard⁷².

De modo distinto, o autor defende que “estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GIDDENS, 1991, p. 13). Assim, o intelectual não apresenta uma postura apocalíptica em relação ao “fim das instituições sociais”, mas acredita estar ocorrendo um processo de *descontinuidades* sobre a vida social moderna.

Identificando essas descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das sociedades tradicionais, o filósofo enumera alguns fatores que creio serem pertinentes para pensarmos as condições de produção em que são produzidas as materialidades discursivas deste trabalho.

Em primeiro lugar, Giddens (1991, pp. 14-15) sublinha que, na forma *extensional* (em termos de extensão territorial), as mudanças da modernidade se desvencilham dos tipos de ordem social tradicionais pelas formas de interconexão social, que, na contemporaneidade, cobrem todo o globo (são consequências dos processos de mundialização e globalização comunicacional e econômica). Em segunda instância, o pensador mostra que, em termos *intensionais*, isto é, em se pensando as relações interpessoais, as transformações alteraram “algumas das mais íntimas e pessoais características da nossa existência cotidiana” (GIDDENS, 1991, p. 14). Segundo ele, “a esfera do que passamos hoje a chamar de ‘relações pessoais’ oferece oportunidades de intimidade e de autoexpressão ausentes em contextos mais tradicionais. Ao mesmo tempo, essas relações se tornaram arriscadas e perigosas, em certos sentidos desses termos” (GIDDENS, 2002, n. p.⁷³). Esses dois elementos, porém, não se contrastam; relacionam-se num regime de complementariedade.

Assim, contrapondo-se ao paradigma das grandes narrativas historiográficas que localizam mudanças sociais em fatores pontuais políticos ou econômicos, o autor busca descrever os regimes de descontinuidades que constituem os traços da

⁷² Apud Giddens (1991), em *The Post-Modern Condition* (Minneapolis : University of Minnesota Press, 1985).

⁷³ O livro do qual retirei a citação direta está em formato digital e foi lido no aplicativo do Kobo. Portanto, não há como captar diretamente a página ou a “location” (recurso oferecido pelo aplicativo da Amazon, o Kiddle). Nesse caso, decidi indicar em notas o capítulo e a página em leitura de página dupla, conforme apareceu no meu aplicativo: capítulo 2, página 11.

modernidade tardia; isto é, a época histórica que se costuma chamar de pós-modernidade ou mesmo contemporaneidade.

A primeira característica envolvida nas descontinuidades é designada como “ritmo de mudança” (idem, p. 16), que se refere às transformações experimentadas pelas instituições sociais modernas. A rapidez que tem se experimentado as mudanças no seio das instituições sociais tem causado, inclusive, uma série de instabilidades políticas, além de provocar o efeito de aniquilação institucional e perda de referenciais. A segunda descontinuidade trata-se do “escopo da mudança” (ibidem). Segundo Giddens, “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 16). A terceira propriedade dessas descontinuidades diz respeito ao espaço urbano, pois se trata da “natureza intrínseca das instituições modernas” (idem, p. 16). Para o filósofo, existem formas históricas do presente que não existiram em um período precedente. Como exemplo, ele cita o urbanismo moderno, que “é ordenado segundo princípios completamente diferentes do que estabeleceram a vida moderna em relação ao campo em períodos anteriores” (GIDDENS, 1991, p. 16).

Em outra obra, Giddens (2012) ressalta a evidência do crescimento da descentralização como marca da modernidade contemporânea, citando, no plano econômico, o que chama de “comércio invisível”, nos serviços e nas finanças. Segundo o autor, enquanto esses impactos mais macroestruturais são mais reconhecidos e difundidos como uma marca de globalização e atualidade, a outra face da questão – os impactos das ações individuais sobre o funcionamento do mundo – não provoca o mesmo efeito discursivo. Isto é, ele defende que, do mesmo modo que o funcionamento das grandes estruturas sociais afetam o cotidiano individual dos sujeitos, os comportamentos individuais e cotidianos adotados por cada indivíduo gera efeitos globais. Desse modo, ele entende o eixo globo-indivíduo como um complexo que transforma e, ao mesmo tempo, determina as relações sociais. “Coletividades e agrupamentos intermediários de todos os tipos, incluindo o Estado, não desaparecem em consequência disso, mas realmente tendem a ser reformulados ou reorganizados.” (GIDDENS, 2012, p. 92).

A experiência global da modernidade está interligada – e influencia, sendo por ela influenciada – à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana. Não apenas a comunidade local, mas as características íntimas da vida pessoal do eu tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e espaço. Estamos todos presos

às experiências do cotidiano, cujos resultados, em um sentido genérico, são tão abertos quanto aqueles que afetam a humanidade como um todo. As experiências do cotidiano refletem o papel da tradição – em constante mutação – e, como também ocorre no plano global, devem ser consideradas no contexto do deslocamento e da reapropriação de especialidades, sob o impacto da invasão dos sistemas abstratos. (GIDDENS, 2012, p. 94, grifos meus).

Resumo, assim, essas três descontinuidades na Tabela 2, organizada abaixo:

Tabela 2 - Descontinuidades da modernidade, segundo Anthony Giddens

Descontinuidades da modernidade	
Ritmo da mudança	Tempo de transformação dos acontecimentos sociais
Escopo da mudança	Relação entre as transformações em diferentes partes geográficas: ondas de transformação
Natureza intrínseca das instituições modernas	Características das instituições modernas não encontram princípios organizacionais em modelos pré-modernos

Para Giddens (1991), essas descontinuidades da modernidade provocam um sentimento de suspensão que tem levado muitos autores a nomearem a contemporaneidade como pós-modernidade – entre outras razões, como “a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente” (GIDDENS, 1991, p. 63).

O autor defende que há uma radicalização perturbadora da modernidade, porque estaríamos vivenciando um inquietante universo de experiências. O que o afasta da taxionomia da “pós-modernidade” é a ideia de um “além” que subjaz a esse termo, pois esse sociólogo não acredita que haja um afastamento tal entre as eras para que se possa distingui-las numa relação de anterioridade e ulterioridade.

Nesse sentido, ele descreve, assim como as descontinuidades, o que considera fontes dominantes do dinamismo da modernidade. A partir de meu gesto de leitura, algumas dessas fontes têm muita relevância no efeito de suspensão da materialidade do corpo, da vida e das relações sociais concretas, o que se reflete nos efeitos de sentido em condições de produção contemporâneas no digital.

A primeira delas é a *separação entre tempo e espaço* (GIDDENS, 1991, p. 63). Como a modernidade é “multidimensional no âmbito das instituições” (idem, p. 22), é preciso, segundo o autor, ter reservas quanto à noção de sociedade ou de formação social como um sistema fechado, conforme algumas concepções tradicionais, mesmo

a marxista ou durkerheimiana. Para o autor, o problema contemporâneo do “distanciamento do espaço-tempo – as condições nas quais o tempo e o espaço são organizados de forma a vincular presença e ausência” (idem, p. 24) limitam de modos diferentes as relações sociais de outrora, obrigando-nos a reordenar conceitos como fronteiras, territórios, lugares. Assim, para Giddens (1991), o *dinamismo* característico da modernidade é derivado da “separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial preciso da vida social” (p. 26).

No funcionamento dessa função, opera-se um “esvaziamento do tempo”, que é uma condição para o que vivenciamos como o “esvaziamento do espaço” (idem, p. 28). “O desenvolvimento de ‘espaço vazio’ pode ser compreendido em termos da separação entre *espaço* e *lugar*” (idem, p. 28, grifos do autor). Para o teórico, lugar refere-se à cena física da atividade social, situada da perspectiva geográfica. Já “nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela ‘presença’ – por atividades localizadas” (GIDDENS, 1991, p.28-29). Sendo assim, enquanto o conceito de lugar está circunscrito ao território geográfico, a ideia de espaço engloba o tempo mais à ideia de presença, de modo a inscrever também o sentido de interação, de atividade social. É possível compreender por que esse conceito começa a ser transformado na modernidade, uma vez que a presença e as interações humanas passam a sofrer transformações causadas pelas possibilidades técnicas comunicacionais ou vice e versa: novas técnicas passam a ser desenvolvidas para suprir as necessidades de uma nova subjetividade que passa a se inscrever como forma-sujeito de uma formação social.

Nessa esteira, Giddens afirma que “o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles” (1991, p. 29, grifo do autor). O efeito-sujeito, que já é em si o efeito de uma projeção imaginária, é afetado por um fantasmagorismo imaginário, efeito de uma suspensão material das condições materiais de interações sociais nas instituições modernas.

Mas a suspensão do lugar (território) como efeito da separação do tempo e do espaço não se dá em um mecanismo linear. Ela propicia o próximo fenômeno,

segunda função das discontinuidades da modernidade: o *desencaixe dos sistemas sociais*.

A formação de dimensões padronizadas determinadas pela separação entre tempo e espaço “penetram as conexões entre as atividades sociais e seus ‘encaixes’ nas particularidades dos contextos de presença” (GIDDENS, 1991, p. 30). Isso produz “instituições desencaixadas” no sentido espacial (copresença) e, na perspectiva de Giddens (1991), dilata mais amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço, o que favorece uma enorme possibilidade de mudança no que concerne às liberações e restrições de hábitos e práticas locais (Cf. GIDDENS, 1991, p. 30).

Sendo assim, o desencaixe significa o “‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (idem, p. 31). Em sua obra, Giddens debate sobre dois tipos de mecanismos de desencaixe envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas, a saber: criação de *fichas simbólicas* e estabelecimento de *sistemas peritos* (GIDDENS, 1991, p. 32).

As fichas simbólicas são meios de intercâmbio que circulam socialmente entre indivíduos que servem como legitimação política. O autor se concentra no exemplo do *dinheiro*, segundo ele, intitulado por Marx de “prostituta universal”, por substituir qualquer coisa, permitindo a troca avulsa e generalizando a simbolização de qualquer objeto e/ou pessoa (Cf. Giddens, 1991, p. 32).

Analizando os sistemas monetários modernos e a relação entre velocidade das transações simbólicas em comparação com os sistemas pré-modernos, Giddens (1991) afirma que a condição de desencaixe – distanciamento entre espaço-tempo – proporcionada pelas economias modernas é “imensamente maior do que em qualquer das civilizações pré-modernas em que existia dinheiro” (p. 35). Refuta, desse modo, a ideia de que o dinheiro “circula” ou que tem um “fluxo”: ele é um “meio de vincular tempo-espaço associando instantaneidade e adiantamento, presença e ausência” (GIDDENS, 1991, p. 36).

Ao lado das fichas simbólicas, Anthony Giddens (1991) analisa os sistemas peritos, que são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (p. 37-38). Para este trabalho, especificamente, vejo os sistemas peritos como um dispositivo no interior do aparelho ideológico neoliberal que especializa os discursos no intuito de legitimá-los como tais, criando subnichos extremamente especializados

em atividades sociais e preferências, o que se desdobra no desenvolvimento de mercados consumidores mais específicos.

“Os sistemas peritos são mecanismos de desencaixe porque, em comum com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações do contexto” (GIDDENS, 1991, p. 39). Quando eu entro em uma academia de ginástica, por exemplo, numa sala de musculação, estou inserida em um ambiente permeado por uma série de informações ligadas a conhecimentos peritos – maquinários específicos para desenvolver exercícios em músculos específicos, que devem ser realizados em um número de repetições específicas, com uma carga específica, conforme um objetivo específico. Há uma gama de conhecimento técnico detalhado e atrelado a cada informação exigida pelos elementos presentes em uma sala de musculação que impede com que eu, leiga, interaja de modo *seguro, com confiança* – confiança é uma categoria abstrata da qual dependem várias decisões na modernidade (Cf. GIDDENS, 1991, p. 36).

É assim que, como acontece com as fichas simbólicas (o dinheiro, por exemplo) e com os sistemas peritos, instaura-se um mecanismo de desencaixe geral, pois esses sistemas são condição do distanciamento espaço-tempo na relação social do indivíduo com o lugar. Para o indivíduo leigo, “a confiança é inevitavelmente, em parte, um artigo de ‘fé’” (GIDDENS, 1991, p. 39), dada a profusão de sistemas peritos e de fichas simbólicas na modernidade. Parece ser esse um cenário propício ao jogo com efeitos de verdade ou efeitos-sujeito na suspensão de lugares de saber? Como o empreendedorismo se torna uma discursividade tão potente, socio-historicamente, nesse cenário, no qual a ideologia neoliberal projeta um imaginário ideal de empreendedorismo de si como subjetividade contemporânea?

3.4 DO DESEMPENHO À PERFORMANCE

Na sociedade francesa dos anos 1980, o sociólogo Alain Ehrenberg já constatava um crescimento pungente daquilo que decidiu designar “espírito de empresa”, que se tratava, para ele, da tendência de se abrirem empreendimentos individuais como alternativas ao problema do desemprego. Segundo o pesquisador, entre os anos 1981 e 1986, naquele país, o número de criação de empresas havia passado de 150.000 para 210.000, e, em 1988, esse montante já havia chegado a 280.000, demonstrando-se um aumento de mais de 86% em sete anos. De acordo com

a mesma pesquisa, no ano de 1988, 12% da população ativa, dos quais um quarto tinha menos de 25 anos, diziam ter um projeto de empresa naquela ocasião (Cf. EHRENBURG, 2010, p. 46). Esse fenômeno aventava a mudança de um paradigma no mundo do trabalho, que se manifestava através de uma política neoliberal individualizada, por meio de uma política empreendedora, em detrimento do trabalho liberal.

Esse cenário europeu não está tão distante do Brasil contemporâneo, embora tenhamos uma série de especificidades, ainda mais se consideramos nossa tradição econômica ligada às atividades informais, traço de nosso desenvolvimento pós-colonial. Segundo análise quantitativa de Da Silva e Silva (2019), o Brasil, nos últimos anos (2002 a 2016), “apresentou um crescimento significativo em relação ao empreendedorismo, assim como avanço (sic) da contribuição do sexo feminino na economia, aumento do empreendedorismo por oportunidade” (DA SILVA; SILVA, 2019, p. 130). O relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2018 também nos oferece alguns dados relevantes a esse respeito.

Desde os anos 2000, passamos a integrar o grupo de países que são alvo de pesquisa sobre empreendedorismo do GEM. Esse projeto é liderado por duas universidades estrangeiras, a saber, London Business School (Inglaterra) e Babson College (Estados Unidos)⁷⁴, ambas instituições interessadas em pesquisas no âmbito do desenvolvimento de empresas. Conforme o relatório de 2018 (GEM, 2018), essa é

a maior e mais complexa pesquisa cooperativa sobre empreendedores e seus empreendimentos no mundo; que estuda o ambiente para criar e manter novos negócios, bem como apura a percepção que a sociedade, em cada um dos países, manifesta sobre o empreendedorismo de uma forma geral (GEM, 2018, p. 7).

A análise fornece dados de indivíduos entre 18 e 64 anos que são considerados empreendedores pelo GEM, o que compreende “as pessoas que criaram ou estão criando qualquer tipo de empreendimento, mesmo aqueles mais simples, gerados pela necessidade de subsistência” (GEM, 2018, p. 9). Nesse perfil, encaixam-se, por exemplo, desde criadores de startups tecnológicas até costureiras independentes, moradoras de comunidades, que oferecem serviços em casa ao mesmo tempo em que cozinham e cuidam das atividades do lar. Então, a partir dos parâmetros estabelecidos pelo relatório do GEM, entende-se que empreendedorismo, do modo como é discursivizado e tratado metodologicamente pelo relatório, tem efeito de

⁷⁴ Curiosamente (ou não muito), as instituições estão localizadas no Norte global.

sentido de trabalhar para sobreviver, por si e para si. Não se trata do efeito glamourizado e heroicizado que observamos mais adiante em nossas discussões e análises.

Na Tabela 3, abaixo, reproduzo os dados quantitativos do relatório em relação ao nascimento e desenvolvimento de empreendimentos no Brasil.

Tabela 3 - Taxas¹ (em %) e estimativas² (em unidades) de empreendedorismo segundo o estágio - Brasil – 2018. Fonte: GEM, 2018, p. 10.

Estágio	Taxas	Estimativa
Empreendedorismo total	38,0	51.972.100
Empreendedorismo inicial	17,9	24.456.016
Novos	16,4	22.473.982
Nascentes	1,7	2.264.472
Empreendedorismo estabelecido	20,2	27.697.118

Fonte: GEM Brasil 2018

¹ Percentual da população de 18 a 64 anos. A soma das taxas parciais pode ser diferente da taxa total, uma vez que empreendedores com mais de um empreendimento estarão sendo contabilizados mais de uma vez.

² Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2018: 136,8 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2018).

A Tabela 3 apresenta os dados relativos à população descrita a partir de entrevistas realizadas com um grupo de controle de 2.000 pessoas. Foi constatado, como nota-se na primeira linha, que houve um empreendedorismo total de 38%, no ano de 2018. Segundo o relatório, esse número diminuiu em 1% em relação à última pesquisa, mas vem crescendo ao longo dos anos. Como se pode atestar, ele indica que quase 52 milhões de brasileiros (de uma população total de 136,8 milhões entre 18 e 64 anos), entre iniciantes, novos, nascentes e estabelecidos, estão no mercado como empreendedores, tocando seus negócios como *chefes de si mesmos*.

Dados interessantes, ainda, são apresentados em relação aos perfis dos empreendedores brasileiros, conforme o estágio do empreendimento, o perfil socioeconômico dos empreendedores, seu gênero e sua faixa etária. Podem-se observar essas informações detalhadas no quadro reproduzido a seguir:

Quadro 1 - Intensidade da atividade empreendedora segundo estratos da população (taxas específicas). Fonte: GEM, 2018, p. 16.

Estratos da população que se destacam pela atividade empreendedora em estágio inicial	Estratos da população que se destacam pela atividade empreendedora em estágio estabelecido
Mínima diferença entre homens e mulheres.	As mulheres se mostram menos ativas que os homens
Os mais ativos são os indivíduos de 18 a 44 anos.	Indivíduos na faixa etária de 45 a 54 anos são os mais ativos. Na faixa dos 18 a 24 anos encontram-se os menos ativos.
Os menos ativos encontram-se na faixa de 55 a 64 anos.	
Os mais ativos são aqueles que possuem o ensino fundamental e médio completos. Os menos ativos possuem o ensino fundamental incompleto	Os mais ativos são aqueles que possuem o ensino fundamental incompleto. Os menos ativos possuem o ensino superior.
Não há diferenças significativas entre as faixas de renda consideradas. Ligeira prevalência para os indivíduos na faixa de renda superior a 6 salários mínimos.	Indivíduos na faixa de renda superior a 6 salários mínimos são os mais ativos. Os com renda de até 1 salário mínimo os menos ativos.

O Quadro 1, na coluna da esquerda, aponta a descrição do perfil empreendedor em estágio inicial. Essas atividades dizem respeito a negócios que exigem atitudes mais “arrojadas”⁷⁵, o que se vê refletido no perfil socioeconômico (prevalência de mais de 6 salários como renda), mais jovens e menos distinção de gênero. No meu entendimento, esses resultados refletem a maior penetração que o discurso do empreendedorismo vem tendo após os anos 2000 no mercado ativo brasileiro, o que se coaduna com a mudança do mercado de trabalho e do perfil geracional do que tem se intitulado geração Y ou millennial⁷⁶, cada vez mais exigente e pouco disposta a enfrentar um mercado de trabalho que não se adequa a suas expectativas.

É nesse cenário fértil que se oferece como alternativa a “aventura empreendedora”: você não precisa ser desempregado; tampouco precisa acordar cedo ou bater o ponto se *você não quiser*. Seja *você* mesmo, crie *sua própria* empresa, empreenda *do seu modo*. “A heroização do empreendedor tem, não há dúvida, um aspecto institucional, mas seu impacto vai além, pois é o sentido mesmo da palavra

⁷⁵ As atitudes arrojadas, na economia, sugerem a assunção de um alto grau de *risco* do investimento.

⁷⁶ Esse conceito refere-se aos chamados “nativos digitais” e abrange pessoas nascidas entre as décadas de 1980 e 1990. Obviamente, essas gerações se interconectam e as características associadas a cada uma delas tem a ver com muitas outras variáveis, como classe econômica, gênero, país, etc. Esses rótulos servem para marcar uma mudança global de tendência midiática que tem provocado transformações nas tecnologias e nos usos dessas plataformas, inclusive no Brasil, consideradas todas essas variáveis e outras não mencionadas.

empresa que mudou”, sustenta Ehrenberg (2010, p. 48). Empreender significa, pois, nessas condições de produção, “uma aventura possível para todos”. Vimos esse efeito de sentido funcionar, inclusive, nas formulações dos parâmetros definidores dos sujeitos da pesquisa do GEM (2018).

Pode-se imaginar que a cultura do ‘ganhe’ *não está no fim* de sua carreira. Seu limite imaginário seria *uma sociedade totalmente povoada de heróis*, onde cada um se tornaria *herói de si mesmo* – desde que [...] se respeitasse as instituições. Essa súbita promoção da ação de empreender como valor e princípio de ação no domínio da vida privada como no da vida profissional faz do sucesso, sobretudo do sucesso empresarial, a exemplo do esporte-aventura, um verdadeiro *sistema de normas que se endereça a todos, qualquer que seja o lugar de cada um na hierarquia social*. (EHRENBURG, 2010, p. 48-49, grifos meus).

A aventura empreendedora como um sistema de normas de uma formação social capitalista, que funciona pela sobredeterminação de uma ideologia neoliberal, não está concentrada apenas no mundo do trabalho. O discurso empreendedor como constituição de uma forma-sujeito hegemônica tem sobredeterminado sentidos em todos os AIE. Na verdade, segundo a ótica weberiana, é justamente no AIE religioso, via a ética protestante, que se legitima a prosperidade individual e o lucro, onde esse discurso encontra sua legitimação institucional de efeito de verdade (Cf. WEBER, 2013).

No AIE Escolar brasileiro, por exemplo, o eixo do empreendedorismo foi implementado como Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁷⁷, que tem força de lei, para regular o processo de ensino-aprendizagem nas três etapas: Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Conforme o documento explicita,

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de *caráter normativo* que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos *devem desenvolver* ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, *de modo a que tenham assegurados seus direitos* de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2019a, p. 7, grifo em negrito do documento, grifo em itálico meu).

Como documento *normativo*, a BNCC tem a função de determinar os eixos formativos em todas as escolas – públicas e privadas – do país, e o Ministério da Educação pode punir as instituições por não cumprirem suas diretrizes. É interessante ressaltar uma articulação paradoxal que funciona entre as sequências “devem desenvolver” e “de modo a que tenham assegurados seus direitos”. Observo nessa articulação o atravessamento do equívoco fundamental da interpelação ideológica que

⁷⁷ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 8 dez. 2019.

determina a existência material dos sujeitos numa formação social cujo discurso jurídico (Estado de Direito) determina todos os lugares sociais e posições discursivas. Para que sejam assegurados os direitos do cidadão-aprendiz, ele deve se submeter ao cumprimento de uma série de deveres, nesse caso, pedagógicos, que são determinados, verticalmente, a partir de uma estrutura ideológica legislativa educacional. A partir dessa contradição fundamental, tomo esse documento como corpus de análise auxiliar a fim de pensarmos como tem se estruturado a formação discursiva empreendedora no Brasil. Vejamos como se desenvolve a discursividade do empreendedorismo nesse documento.

Em todo o texto, a palavra empreendedorismo aparece quatro vezes. A primeira ocorrência se dá na lista das diretrizes de estruturação da juventude, em que são estabelecidos os objetivos e metas para o desenvolvimento das *competências e habilidades* dos estudantes do Ensino Médio.

FD EMPREENDEDORA NA BNCC

SD1

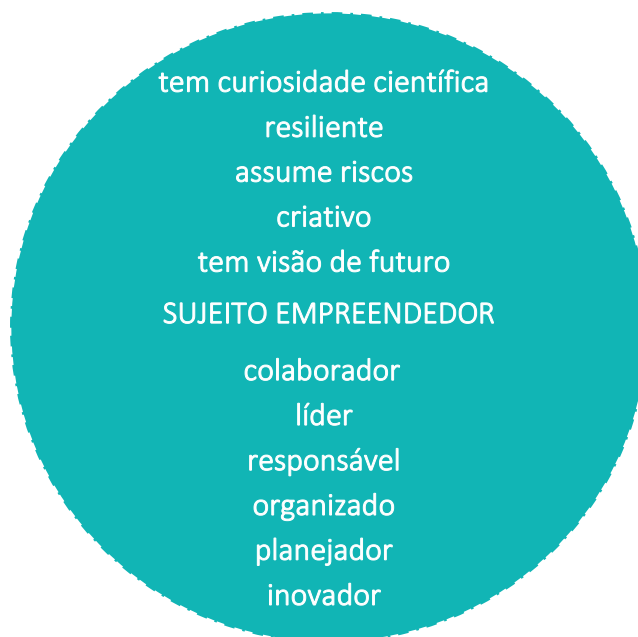
Para tanto, a escola que acolhe a juventude precisa se estruturar de maneira a:

[...]

proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o *empreendedorismo* (*criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros*), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade; e [...] (BRASIL, 2019a, p. 466, grifos meus).

Conforme se analisa no texto acima, a promoção do empreendedorismo é função da escola, isto é, cabe ao Estado e à escola, enquanto AIE, garantir o investimento em um projeto de formação empreendedora para os seus cidadãos. No grifo do texto destacado, verifico um gesto parafrástico por formulação apositiva – os termos elencados no interior dos parênteses têm função de explicar e/ou ampliar o sentido da palavra que os antecede. Assim, considero legítimo tomar todos os significantes subsequentes à palavra empreendedorismo como uma especificação/paráfrase sua, de modo que indicam as habilidades inscritas em uma forma-sujeito empreendedora, segundo a BNCC.

Quadro 2 - Sujeito empreendedor da BNCC



Na página oficial do Ministério da Educação, está disponível um caderno online de implementação de práticas relacionadas às novas diretrizes da BNCC. Na seção “Práticas empreendedoras na escola⁷⁸”, pode-se encontrar uma breve elaboração teórica sobre tipos de empreendedorismo e sobre a importância de se desenvolvê-lo como *competência* na escola, da qual destaco as seguintes sequências discursivas enquanto gestos de leitura meus desse arquivo (grifos também meus):

FD EMPREENDEDORA NA BNCC

SD2 - Hoje, o empreendedorismo entre os jovens ou mesmo no âmbito da família, ***precisa ir além da atividade informal*** desenvolvida com pouco ou nenhum planejamento e gestão.

SD3 - Com as transformações recentes ***nas relações de emprego***, o empreendedorismo vem ganhando *cada vez mais seriedade e importância*.

SD4 - Ele precisa ser aprendido em idade precoce, pois ***certamente será útil muito antes do que se pensa***. Além disso, ***para aprender a empreender***, é necessário desenvolver inúmeras competências gerais e específicas, bem como habilidades previstas na BNCC para todos os ciclos escolares.

(BRASIL, 2019b, n.p.)

⁷⁸ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/201-praticas-empreendedoras-na-escola>. Acesso em: 8 dez. 2019.

No texto veiculado no site oficial do Ministério da Educação, no que concerne aos sentidos mobilizados pela **SD2**, observo o seguinte funcionamento discursivo: o empreendedorismo, no interior da formação discursiva do trabalho, é o destino das antigas atividades informais, práticas econômicas comuns no mercado brasileiro, que sempre passou por momentos de instabilidade, para não falarmos do problema de desigualdade social e educacional. Parece-me, nesse sentido, que é um projeto de Estado transformar o contingente trabalhador potencial informal em *empreendedores*, enquanto posição-sujeito numa formação social neoliberal, através da educação. No entanto, como pudemos ver, uma vez que a ação de empreender é construída discursivamente mais relacionada a formas de pensar e de agir do que a estruturas econômicas objetivas. Nessa esteira, pode-se considerar, por exemplo, empreendedorismo a mera *gestão* de três aplicativos diferentes ao se dirigir uma motocicleta ou bicicleta, sem itens de segurança obrigatórios, sem que haja qualquer relação de trabalho. Se o Estado, por meio da Educação, enquanto AIE, oferece ao cidadão o *direito* de se educar empreendedor (apagando-se a diversidade de posições empreendedoras), mas se apagam sob esse rótulo todas as distinções de classe próprias às diversas naturezas de empreendimentos pessoais, a educação não é senão um instrumento de reprodução ideológica das estruturas desiguais já existentes. É sobre essa natureza de empreendedorismo, que silencia as distinções sociais, que o Estado, por meio da Educação, deve operar? Que posições de trabalho estão sendo criadas como projetos de Estado para abarcar novos empreendedores sem capital para investir em empreendimentos que gerariam lucros relevantes para si, propiciando uma ascensão social ou emancipação econômica?

Na mesma direção desse funcionamento, na **SD3**, através da oração introduzida pela conjunção *com*, que tem efeito de sentido causal, observo a mudança no cenário do trabalho como uma justificativa (causa) para a introdução do empreendedorismo como objeto de ensino-aprendizagem. Na **SD 4**, no primeiro período, observo na relação entre oração principal e coordenada explicativa um efeito de previsão: certamente será útil muito antes do que **se** pensa. O pronome “se” como índice de indeterminação do sujeito não estabelece um sujeito agente para o verbo pensar (Quem pensa o quê? Sabe-se o que é pensado; algo é pensado, está explícito, mas não quem o pensa); e o advérbio “antes” constitui-se um dêitico com referência vazia (Antes de quando?). Ainda na **SD4**, pode-se ver a formulação de uma oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (***para aprender a empreender***), que,

por estar linearizada especialmente nessa estrutura sintática, também tem seu sujeito apagado (qualquer sujeito social pode se inscrever como sujeito imaginário do verbo **aprender**). A necessidade de se desenvolverem competências e habilidades específicas é associada apenas à finalidade de se empreender, enquanto apagam-se quaisquer especificidades e distinções sociais possíveis entre os diversos sujeitos brasileiros, em suas desiguais posições econômicas, históricas, geográficas, identitárias, que, como sabemos, não são poucas.

Outro aspecto analítico do eixo sintático-discursivo indispensável de ser mencionado é um efeito de sentido que funciona especificamente nessa oração de valor adverbial final. O sentido se projeta na interface discursiva num desenho de uma forma-sujeito empreendedora – ainda que porosa – mas no interior da qual se dão limites não superáveis para ser ou não ser empreendedor. As orações principais que complementam, sintaticamente, o sentido das orações subordinadas de valor adverbial final, circunscrevem ao sentido do verbo atributos de uma forma-sujeito relacionada à ação ou ao processo descrito por esse verbo.

A estrutura das orações com construção adverbial final, conforme a Gramática de usos do português, de Maria Helena Moura Neves (NEVES, 2011, p. 884) se organizam em um período composto na seguinte ordem:



Em nosso exemplo, aparece a estrutura prepositiva **para** seguida de infinitivo, que segundo a autora (NEVES, 2011, p. 885), tem o mesmo valor sintático de *para que* com acepção de finalidade. Os dois exemplos mencionados pela pesquisadora, semelhantes sintaticamente a nosso corpus, podem ser vistos a seguir (NEVES, 2011, p. 885):

- a) Terra em que o gênio de Assis Chateaubriand requintado no seu dom encontra clima **para criar** o Museu de Arte Moderna.
- b) O entrevero com Maria Mimosa lhe dera tempo **para recuperar** sua famosa calma nos momentos de ação.

Merecem ser feitas algumas observações de ordem morfossintática e semântica que afastam os exemplos supramencionados da formulação de nosso corpus. No exemplo **a)**, a oração principal apresenta um verbo de natureza descritiva,

flexionado no presente do indicativo, de modo que não há traços argumentativos se projetando em torno da oração adverbial final. A criação do Museu de Arte Moderna não é uma finalidade condicionante do fato descrito na oração principal, mas uma consequência contextual de uma situação dada. Entre oração principal e oração subordinada existe uma relação verbal de presente (efeito de descrição/exposição) com infinitivo (efeito de finalidade).

No segundo exemplo de Neves (2011), na letra **b)**, pode-se observar outra relação morfossintática e semântica. O verbo flexionado no pretérito mais-que-perfeito (*dera* = tinha dado, na forma composta) subordina a oração de efeito final à principal como complemento mais sintático do que semântico; isto é, a finalidade como efeito de sentido se apresenta como uma circunstância mais periférica ao processo verbal, e não apresenta uma condicionante de sua ação verbal.

Agora analisemos, novamente, a formulação de nossa sequência discursiva a respeito do discurso empreendedor, recortada do site do Ministério da Educação.

FD EMPREENDEDORA NA BNCC

SD 5

Além disso, ***para aprender a empreender***, é necessário desenvolver inúmeras competências gerais e específicas, bem como habilidades previstas na BNCC para todos os ciclos escolares.

A relação entre estrutura subordinativa introduzida pela preposição ***para*** mais verbo no infinitivo⁷⁹, seguida de oração principal com sujeito oracional (desenvolver inúmeras...) e com estrutura verbo de ligação (ser), seguido de adjetivo ou verbo no particípio, isto é, sintagma adjetivo, (*é necessário, é preciso, é importante, é obrigatório, é permitido*, etc.) tem efeito de circunscrição de sentidos a uma forma-sujeito em determinada formação discursiva. A estrutura da oração principal composta por sujeito oracional introduzido por verbo no infinitivo (ex.: *para ser fitness, é preciso ser magra/treinar todo dia/comer bem*) nos permite, num movimento imaginário, projetar uma forma-sujeito discursiva⁸⁰ na qual indivíduos, em suas posições-sujeito, podem se inscrever ou não a partir do que formulam.

⁷⁹ Segundo Azeredo (2010, p. 329), “as orações finais são as únicas que podem preceder as orações base, o que faz delas autênticas orações adverbiais”. Os advérbios são a classe cuja função linguística é a de caracterizar circunstâncias relacionadas aos processos verbais, primordialmente, mas também a sintagmas adjetivos, adverbiais e a grupos de períodos.

⁸⁰ Seria interessante desenvolver, em pesquisas futuras, um trabalho sobre as regularidades desse funcionamento nessa estrutura sintática em textos de caráter instrucional, jurídico e pedagógico.

Desse modo, poderíamos reestruturar os atributos relacionados ao sujeito empreendedor nessa mesma estrutura sintática, como explicitado a seguir:

Quadro 3 - Análise da Estrutura Adverbial Final Empreendedora

***Estrutura subordinada adverbial
final***

(expressa efeito visado)

Para ser empreendedor,

***estrutura principal (verbo ser + sintagma
adjetivo)
(condição)***

*é preciso
é necessário
é obrigatório
é imprescindível
é importante*

***sujeito oracional introduzido por verbo no
infinitivo
(atributo condicionante do efeito visado)***

*ter curiosidade científica.
ser resiliente.
assumir riscos.
ser criativo.
ter visão de futuro.
ser colaborador.
ser criativo.
ter liderança.
ser responsável.
ser organizado.
saber planejar.*

Considerando que as orações adverbiais finais são estruturadas por verbos que, com maior ou menor força argumentativa, têm efeito de orientação, conselho ou instrução, é possível dizer que esse processo enunciativo é atravessado por um funcionamento do discurso autoritário (ORLANDI, 2015, p. 85), tal como o compreende Orlandi (2015) como uma tipologia de natureza discursiva, e não estrutural. Desse modo, trata-se de observar as relações entre os sujeitos e os sentidos do discurso em seus efeitos com a constituição dos referentes em determinada formação discursiva. Em nosso caso, a fonte dos textos é um documento com efeito de lei e está publicada em um portal institucional do Ministério da

Educação, de modo que se pode interpretar uma relação não polêmica (sem reversibilidade) e não aberta a polissemia na determinação dos sentidos das formulações. Isto é, embora o signo linguístico seja polissêmico por sua natureza discursiva intrínseca, faz parte do funcionamento próprio ao discurso autoritário apagar o que dele pode haver de polêmico ou polissêmico.

O vocabulário que se desdobra nos conceitos de competências e habilidades como metas pedagógicas a serem desenvolvidas nos estudantes não orienta o documento fortuitamente. Esses termos estão, também, ligados à formação discursiva empreendedora, conforme problematiza o grupo Jean-Pierre Vernant, em seu artigo *L'Université néolibérale et la théorie du capital humain*. Segundo os autores, “para o neoliberalismo, o Estado não é um inimigo a combater: ele o vê como um instrumento a serviço do mercado, sob seu controle – por meio de uma adesão e de uma adaptação de sua tecnocracia”⁸¹. Nessa formação ideológica, é “natural” que o Estado trabalhe a favor do mercado; não é de se espantar que categorias ligadas a empreendimentos individuais, e não coletivos, estejam pautando os parâmetros educacionais como política de Estado⁸², portanto.

Segundo a teoria neoliberal do capital humano, o indivíduo é um “agente econômico”, e o objetivo de sua formação é a aquisição de um *treinamento* para que ele obtenha uma renda posterior (VERNANT, 2019). Ainda de acordo com a discussão de Vernant (2019), a noção de competência tem origem ideológica justamente nessa teoria, cujo objetivo é naturalizar desigualdades por meio das características objetivas quantificáveis dos sujeitos sociais, as habilidades. Através desses dois eixos articulatórios, competências e habilidades, o Estado pode responsabilizar os agentes sociais individualmente por seus sucessos e fracassos em seus empreendimentos, tanto no campo escolar quanto no mercado de trabalho, apagando as determinações sociais, familiares, históricas, psicopatologias, ou quaisquer que sejam os outros campos que afetem os lugares desses sujeitos na sociedade.

⁸¹ Tradução livre de: Pour le néolibéralisme, l'Etat n'est pas l'ennemi à abattre : il y voit un instrument au service du marché, sous le contrôle de celui-ci – moyennant une adhésion et une adaptation de sa technocratie. Disponível em : <http://www.groupejeanpierrevernant.info/#QueFaire3>. Acesso em: 9 nov. 2019.

⁸² Vale salientar que a primeira versão do documento foi desenvolvida pelo então Ministro da Educação da Presidenta Dilma Rousseff (PT), o Ministro Renato Janine Ribeiro (Cf. BRASIL, 2019a, p. 593), intelectual e político conhecido por suas posições progressistas e de esquerda. O que quero sublinhar com isso é: não me parece que seja apenas causa de um governo de direita ou evidentemente liberal essa filiação do Estado ao discurso empreendedor; a formação discursiva empreendedora, como FD sobreterminada pela formação ideológica neoliberal, tem orientado, consciente ou inconscientemente, diversas posições políticas, tanto de esquerda quanto de direita.

No contexto escolar, as competências foram inicialmente importadas da administração como uma exaltação do saber-fazer, *que deveria revalorizar os alunos das classes populares*.

Em um segundo momento, veio a promoção das *habilidades sociais*, com uma roupagem *mística de bem-estar* e da *'injunção para a felicidade'* - confiança, empatia, inteligência emocional, comunicação, gerenciamento do tempo e estresse, ousadia, motivação, presença, visão. Além da dimensão óbvia do consentimento, esta *Escola de Competências* pretende *individualizar a formação das crianças*, de acordo com suas potencialidades, integrando às competências as *habilidades inatas* e o *capital cultural herdado do ambiente familiar*. Digerindo de vez a *retórica emancipatória*, disfarça *sob uma aparência cintilante uma desregulamentação brutal do sistema educacional*, pela *diferenciação de 'cursos' e diplomas*, e pela *competição de indivíduos e instituições*, de modo a constituir *um mercado*. Prometendo oferecer a cada criança a *educação mais adaptada à sua personalidade e às suas necessidades*, *ela atua de fato como um amplificador de desigualdades sociais*.⁸³ (VERNANT, 2019, grifos meus).

O texto do grupo Jean-Pierre Vernant reproduzido acima escancara em forma de denúncia o modo como o verniz moderno da linguagem da “escola de competências⁸⁴”, por meio de uma discursividade empreendedora, apaga a problemática das distinções sociais e das determinações inerentes a questões materiais quando um estudante passa a integrar um grupo escolar, como se categorias como competências e habilidades estivessem apartadas de determinações históricas e ideológicas. O real da história se apaga/é apagado no/pelo discurso empreendedor no funcionamento de uma forma-sujeito empreendedora livre de coerções sociais e imbuída de competências e habilidades a serem *desenvolvidas* para superar as limitações exteriores, de modo que a função das instituições sociais passa a ser apenas a de gerenciar da melhor maneira possível essas potencialidades individuais. Se o modelo disciplinar industrial achatava subjetividades buscando reproduzir massas produtivas, o modelo ideológico empreendedor reproduz um imaginário de subjetividade individual tão potente quanto desvincilhado de suas condições socio-históricas de existência.

Segundo Giddens (1991, 2010), o risco e a oportunidade são categorias centrais na modernidade contemporânea por vivermos um momento em que o futuro parece amedrontador ou sombrio, incerto. Ele cita os seguros (de vida, de residência, de saúde, etc.) como organizadores fundamentais da economia moderna, o que

⁸³ Tradução livre. Texto original disponível em <http://www.groupejeanpierrevernant.info/#QueFaire3>. Acesso em: 9 nov. 2019.

⁸⁴ Para um maior aprofundamento sobre a pesquisa com a categoria da competência em sua penetração no discurso pedagógico na França, conferir o conjunto de excelentes artigos do número especial da revista *Philosophie de l'éducation: les compétences en question*, editada pelo Collège International de Philosophie, Rue Descartes, 2012/1, N. 73. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2012-1.htm#>.

enxerga como um fenômeno de controle do tempo, a que denomina de “colonização do futuro”⁸⁵ (GIDDENS, 2002⁸⁶, n. p.).

Na ótica de Aubert (2003), desse cenário decorre um *culto da urgência*, o que a autora considera uma *doença do tempo* em nossa sociedade. De acordo com ela, “o tempo é manipulado numa lógica de flexibilidade⁸⁷” (AUBERT, 2003, p.39) tanto no que diz respeito ao controle do fluxo de produção em relação a outros processos quanto na “utilização flexível de equipamento e de mão de obra qualificada⁸⁸”. Pode-se causar, assim, tanto uma intensificação de trabalho (uma jornada pode demandar 35 horas) quanto pode haver uma redução dessa jornada, a depender do “regime de urgência empresarial” (Cf. AUBERT, 2003, p. 40). Assim, a lógica do mercado e a revolução da instantaneidade, alavancada pelos meios de comunicação digitais, são os dois fundamentos dessa cultura da urgência (AUBERT, 2003, p. 40), de modo que, em meu gesto de leitura, é possível ver nessa tríade uma relação com o que Giddens (2002) chamou de colonização do futuro. Essa ligação com o tempo provoca a necessidade de se lidar com a previsão, o que impacta no cálculo de decisões no presente e no sentimento de segurança e de insegurança.

Analisemos, então, mais uma sequência discursiva extraída da BNCC.

FD EMPREENDEDORA NA BNCC

SD 6

Hoje, o empreendedorismo é mais que tudo *uma postura e um espírito* que permitem ao empreendedor encarar problemas como oportunidades e cultivar, acima de tudo, a capacidade de estar atento e de tomar decisões. Atento aos riscos, às oportunidades, aos processos e aos comportamentos para gerar decisões transformadoras e benéficas para o empreendimento e o grupo social que dele se beneficia. (BRASIL, 2019b, grifos meus.).

Na **SD 6**, extraída do site do Ministério da Educação, na seção de aprofundamento sobre práticas empreendedoras na escola, pode-se ver discursivizado o efeito do empreendedorismo no jogo entre risco e oportunidade da modernidade. Na formulação, a tomada de decisão é significada como uma habilidade ligada a uma *competência* individual empreendedora que se projeta na economia de

⁸⁵ Psicopatologias endêmicas modernas como o transtorno de ansiedade têm uma relação sintomática com esse aspecto da modernidade, discutem autores como Han (2015), Aubert (2003), Ehrenberg (2010) e Queval (2008, 2013).

⁸⁶ Versão do Kobo, Capítulo 3, página 11.

⁸⁷ Tradução livre de: “Il est d’abord manipulé dans une logique de flexibilité [...]”.

⁸⁸ Tradução livre de: “[...] utilisation flexible à la main d’œuvre qualifiée [...]”.

“colonização do futuro”, na qual a previsão consta como um critério ao mesmo tempo racional e emocional/afetivo (*uma postura e um espírito*).

A racionalização da afetividade no âmbito empresarial é uma herança da entrada da psicologia comportamental como técnica de gerenciamento de trabalhadores nos Estados Unidos, no início do século 20, conforme sustenta Eva Illouz (2011). A autora explica que “a ascensão do *homo sentimental*” no âmbito empresarial se dá em um momento no qual se percebe que as técnicas de gerenciamento baseadas na punição e na linguagem agressiva faziam com que se perdesse muito em termos de produtividade e em aderência aos discursos da empresa por parte de seus trabalhadores. “Em contraste com os capitalistas, frequentemente retratados como gananciosos e egoístas, nessa nova ideologia da gestão os dirigentes emergiram como racionais, responsáveis e previsíveis, além de portadores de novas regras de racionalização” (ILLOUZ, 2011, p. 22).

Foi a partir dos anos 1920, então, que a cultura terapêutica se imprimiu como o vetor da “continuidade discursiva entre a família e o trabalho”, introduzindo “a imaginação psicanalítica bem no cerne da eficiência econômica” (ILLOUZ, 2011, p. 26). Essa nova abordagem dos afetos veio para “abrandar o caráter do capataz” e para funcionar, no nível do discurso, no apagamento das relações de trabalho de natureza coletiva em detrimento das relações de natureza privada; em se misturando os afetos, fica mais difícil serem percebidas as relações de dominação de ordem material/econômica. “O capitalismo afetivo realinhou as culturas dos sentimentos, tornando emocional o eu econômico e fazendo os afetos se atrelarem mais estreitamente à ação instrumental” (ILLOUZ, 2011, p. 38).

Enquanto a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1999) era marcada pela proibição e pelo controle minucioso dos corpos, a sociedade de desempenho (HAN, 2015) se desvincula desse *modus operandi*. Seu paradigma é o da positividade, e não o da negatividade. “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 24). Conforme defende Han (2015), a técnica da negatividade provoca um efeito de bloqueio a partir de determinado nível de produtividade. Desse modo, uma técnica mais eficaz para o “inconsciente social” (HAN, 2015, p. 25) seria o esquema positivo de poder. “O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. *O poder, porém, não cancela o dever*. O sujeito de desempenho continua disciplinado” (HAN, 2015, p. 25-26, grifo meu). Trata-se, portanto, não mais de uma disciplina exercida por um poder

centrípeto, mas, na sociedade do desempenho, a *autodisciplina* é o maior e mais eficiente dispositivo de controle e de produtividade, além de ser uma habilidade ligada à competência empreendedora.

Esse desempenho, que não se promove apenas por meio de práticas disciplinares, é vetor ideológico de uma economia de si, ou, como designa Alain Ehrenberg (2011), um empreendedorismo de si. Segundo o autor, essa lógica da performance e do desempenho tem produzido uma violência sistêmica, sob a forma de “infartos psíquicos”. “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*” (HAN, 2015, p. 27, grifo do autor). E não estamos falando de uma realidade encerrada apenas sob os muros das empresas. O desempenho, exigido nos níveis de exaustão psíquica dos sujeitos, tem sido o parâmetro de medição de *competência* de indivíduos nas relações afetivas (observe-se a proliferação de aplicativos digitais mediadores de relações afetivas), na produção intelectual universitária (vide análises de currículos e critérios para selecionar e descartar pesquisadores como candidatos a vagas), nas academias de musculação (não faltam recursos técnicos para medir o desempenho dos treinos de qualquer um, a começar pela simples “avaliação física” inicial da academia de ginástica), enfim, em todas as mais diversas práticas sociais. Exames de vestibulares, provas de seleção, concursos. “O seu maior concorrente é você mesmo”; lê-se em milhares de páginas de coachs na internet, que se proliferam também como sintoma desse tempo.

A autorreferencialidade constituída como efeito de uma forma-sujeito empreendedora pela sobredeterminação da formação ideológica neoliberal não prescinde, porém, de uma outra materialidade que, outrossim, não escapa das transformações da modernidade: o corpo.

3.5 O CORPO NA HISTÓRIA: DA INSTRUMENTAÇÃO À PERFORMANCE

Como é de se esperar, neste trabalho, minha visada sobre o corpo não se dará sobre sua constituição enquanto materialidade física, biológica, sexual e sexuada, sobre o que no corpo há de real ou artificial, como certos efeitos de sentido podem sugerir. O corpo, numa visada discursiva pêcheuxtiana, pode ser tomado como materialidade simbólica sobre a qual se formulam diversos discursos determinados

ideológica e historicamente. Dessa feita, é mister afirmar que não parto de uma postura essencialista sobre feio, belo, produtivo, improdutivo, forte, fraco, quando esses adjetivos, entre outros, inscrevem-se como caracterizadores do significante corpo nas textualidades.

O corpo, na história, além de ser uma materialidade simbólica, também foi tomado como materialidade política, como real da existência humana, materialidade sem a qual o ser humano não pode vir a ser. Objeto de controle, meio de resistências, signo de exclusão social, objeto de repressão social, referência de sexo frágil. Os corpos humanos são inscritos/inscrevem-se nos significados conforme as condições históricas de suas existências, e sua própria existência simbólica é constituída por esses sentidos, que atravessam suas posições sociais, em termos de visibilidade e invisibilidade.

A pergunta a ser respondida, neste momento, sobre a relação do corpo com a performance neoliberal, como forma-sujeito, é a seguinte: que processos históricos favoreceram a transformação da subjetividade social a tal ponto que os esforços sobre o controle e a dominação não estejam mais apenas sobre o corpo físico, mas sobre as mentes, o objeto de controle da formação ideológica dominante?

Poderia retomar a genealogia do corpo realizada com maestria pelas obras organizadas por Corbin, Courtine e Vigarello⁸⁹ (2011), mas decidi eleger dois organizadores históricos dos sentidos sobre o corpo, que emanam de nosso corpus de pesquisa: instrumento e performance.

Para esboçar a noção de corpo como instrumento, voltarei à Foucault (1999), com sua genealogia do poder em *Vigiar e punir*. Descrevendo a anatomia do corpo do soldado, o filósofo nos oferece uma análise de como, na metade do século 18, criaram-se técnicas para se transformarem os corpos de camponeses em soldados, ajustando-os ao automatismo dos hábitos exigidos pelo regime disciplinar. Segundo Foucault (2014, p.135),

o momento histórico das disciplinas é o momento em que se nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente.

⁸⁹ Refiro-me às três obras da História do Corpo, mas cito especificamente o quarto volume, que se concentra nos diversos olhares sobre o corpo no século 20.

Essas práticas disciplinares impunham aos corpos uma relação de “docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2014, p. 135) com a estrutura social. Foucault menciona a “elegância da disciplina” em tornar os corpos aptos ao desempenho, em relação aos métodos de dominação escravizatórios ou dosmesticadores. “A disciplina fabrica corpos submissos e ‘exercitados’, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

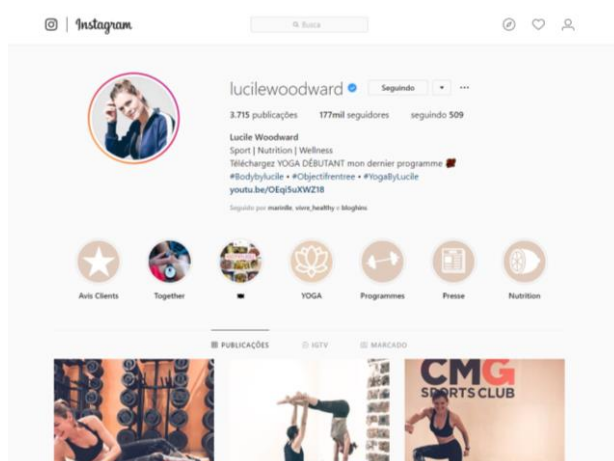
Inscribe-se, assim, nesse contexto socio-histórico, no corpo, o sentido de sistema mecânico autodeterminado: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p. 118). O corpo, para o poder disciplinar, passa a ser objeto de grande investimento e de esquadramento em instituições como a escola, o hospital e as concentrações militares, nas quais os indivíduos passaram a ser reconhecidos e enquadrados em um sistema detalhado de (re)conhecimento. Sem a disciplina, o sucesso desse modo de ação do poder não teria sido jamais possível: “A disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2014, p. 120).

Embora, como já disse, este trabalho não parta de uma narrativa cronológica estrita da história – reconheço suas descontinuidades -, é importante ressaltar que a preponderância desse funcionamento disciplinar sobre os corpos docilizados tem íntima conexão com a ordem social e econômica da Europa do fim do século 18. A sociedade industrial, na qual começa a se desenvolver uma burguesia capitalista e um processo de produção de bens cada vez mais massificado e exponente, requer mão de obra forte, contínua e disciplinada, o que implica a produção de corpos saudáveis, adaptados e anatomicamente ideais para desenvolver cada tipo de trabalho.

Nesse quadro socioeconômico, dá-se o nascimento da educação física, conforme defende Isabelle Queval (2013, p. 114). “A expressão ‘educação física’ só aparece na segunda metade do século XVIII, introduzida em 1762 por Ballexserd”. Trata-se de um cenário filosófico-cultural em que o iluminismo russeauniano instiga o interesse sobre as relações entre infância e mundo adulto, sobre o desenvolvimento intelectual e seu equilíbrio e sobre futuros estados de saúde dos indivíduos (QUEVAL, 2013, p. 114). A importância da medicina não é pouca na construção dessa nova mentalidade sobre o corpo como materialidade de progresso do homem, materialização metafórica do progresso de sua mente. Além da educação, que foi a “ferramenta da nascente democracia” (QUEVAL, 2013, p.115), a mudança de hábitos de higiene, de alimentação, de cuidados pessoais, de forma geral, “revelam, pouco a

pouco, de alçada da educação” (QUEVAL, 2013, p. 115). Toda essa educação, é preciso sublinhar, dá-se sobre o corpo da criança, que deve se tornar um adulto apto a superar os problemas iluminados pelas novas tecnologias sociais de cuidado populacional. Nessa época, surgem vários termos semanticamente equivalentes, de acordo com Queval (2013, p. 115): educação medicinal, educação física, educação corporal. Corpo, saúde e cuidado pessoal se linearizam, portanto, num efeito de correspondência e de sinonímia que reemergirá no discurso fitness, via memória discursiva, em torno de outros efeitos ideológicos.

Imagem 1- FD fitness – SD 1 - Página inicial do Instagram de Lucile Woodward⁹⁰



Se tomarmos como plano discursivo a materialidade discursiva acima (considerando-se as formulações verbais e visuais), uma fotocópia da página inicial da influenciadora fitness (ou blogueira) francesa Lucile Woodward, observa-se em sua descrição de perfil a justaposição de três substantivos: sport (esporte), nutrição (nutrição), wellness (bem-estar). Esse espaço (Bio), na rede social do Instagram, tem a função de descrever a finalidade da página ou mesmo de veicular informações pessoais a respeito do usuário do perfil. Muitas vezes esse espaço é utilizado para a divulgação de links comerciais, de pesquisas, etc., de modo que poderíamos dizer que tem uma função privilegiada no que tange à informatividade da página como um todo.

O fato de os significantes linguísticos esporte, nutrição e bem-estar linearizarem-se como formulações nesse espaço visual como definidores das temáticas tratadas por sua autora, como uma linha editorial, no meu gesto de interpretação, materializa discursivamente um retorno de uma memória discursiva em

⁹⁰ Registro de 7 de novembro de 2018, às 19h20.

que os cuidados com o corpo, com a saúde e com as práticas psicológicas se (com)fundem como/em uma só atividade, na origem mesma do surgimento de uma área de cuidado específico com o corpo. Mas, como veremos nas análises do Capítulo 4, o imbricamento dessas três áreas estabelece com a formação social contemporânea outras relações que não aquelas descritas por Queval (2013), quando falava de uma sociedade iluminista. Na educação rousseauiana, a racionalidade científica e técnica prega um “‘retorno à natureza’, tanto quanto aposta na ‘perfectibilidade’, no projeto político que propõe liberar o indivíduo dos entraves sociais e políticos tradicionais” (QUEVAL, 2013, p. 116).

Queval (2013) defende que o antropocentrismo iluminista, no século 18, cuja base argumentativa sustentava-se no domínio do homem sobre o mundo, na superação dos limites do conhecimento e da natureza pelo homem, “atua como detonador da ideia de progresso, a fonte *da superação de si*” (p. 116, grifo da autora).

A educação física ganha terreno na medicina, portanto, não apenas com função no auxílio à prevenção de doenças e malformações dos indivíduos, mas no desenvolvimento das potencialidades futuras dos corpos, o que nos leva a ver o trabalho do exercício no corpo como um sinônimo de progresso. Se antes o estudo do corpo e da anatomia esteve determinado pelo medo de deformidades, esse paradigma começa a mudar em direção ao trabalho por um aprimoramento da forma humana.

Nesse sentido, os exercícios se tornam precisos, específicos e acompanham a racionalização característica ao século 18. “O sonho de melhorar a espécie humana passa, portanto, aqui, pelo aperfeiçoamento corporal, uma nova cultura física (QUEVAL, 2013, p. 121, grifo da autora). Une-se a preocupação de *formar* o ser humano à de *melhorá-lo*. Assim, surgem as ideias de *desenvolvimento pessoal e individual*:

[...] é preciso admitir que a ideia de superação de si esteja ausente não somente das teorias médicas, mas também nas reflexões sobre o corpo, ou sobre a relação alma/corpo, assim como nas pedagogias que nela se inspiram, e, finalmente, em toda uma tradição da educação física pelo menos até o século XVIII. Porque, a seguir, estas educações físicas evoluíram para se impregnar da ideologia do aperfeiçoamento humano (QUEVAL, 2013, p. 37).

Mas uma nova mudança de paradigma acontece no século 19, quando “as ginásticas de inspiração militar e, depois, o esporte forem desenvolvidos” (QUEVAL, 2013, p. 121). As técnicas que propiciam essas novas práticas têm muito a ver com o fenômeno do “homem médio” e com os parâmetros de normalidade do corpo

propiciados pela antropometria, pela demografia e pela estatística criminal, que tentavam circunscrever o homem em uma subjetividade imaginária normal, definida por critérios da ordem da ciência, e não da religiosidade. Do malthusianismo, a sociedade caminha para um cientificismo capaz de provocar o que podemos conhecer como nazismo no início do século 20. Para toda positividade, contradições.

A pesquisa sobre o homem médio, desenvolvida por Adolphe Quetelet⁹¹, na França, estabelecia categorias de ordem médica, social e política para criar um perfil *normal* de homem médio, o que se mostra contraditório e “potencialmente discriminativo” (QUEVAL, 2013, p. 132). É desse homem médio que surge o interesse social pelos “homens fenômenos”: trapezistas, acrobatas, corredores, etc., são indivíduos considerados acima da média e capazes de realizar feitos extraordinários segundo a normalidade da média. “Esta temática irá transpassar a educação física, o esporte interpretando-a principalmente no sentido de uma otimização incessante do desempenho humano”.

Com esse elogio ao desempenho, ao extraordinário à normalidade, chega-se à conclusão, a partir de um ponto de vista iluminista, de que é preciso medir para otimizar e ultrapassar os limites do corpo. Queval (2013, p. 134) afirma que o músculo é o mais antigo dos motores – numa comparação proposital entre homem e máquina – para mostrar como se impôs a necessidade de se esquadriñar o estudo do corpo para sua otimização. Assim como uma máquina industrial, delinea-se a função do corpo como operário de um trabalho que deve ser aperfeiçoado, otimizado, melhorando-se seu rendimento e produtividade: o corpo é instrumentalizado.

Na educação física, esse processo é acompanhado por “uma reflexão quanto à energética, bem acima da mecânica isolada ou de uma nova visão do músculo e da capacidade respiratória, considerados como ‘motor da máquina’” (QUEVAL, 2013, p. 135). Da manutenção do corpo como uma máquina humana, passa-se a sua exploração. “Rendimento e otimização tornam-se finalidades para as quais concorrem, premidas pelos trabalhos científicos, a empresa, o Estado e o professor de ginástica” (QUEVAL, 2013, p. 135).

O desenvolvimento tecnológico, nesse sentido, coopera para a criação e para o aprimoramento de técnicas ergonômicas da performance corporal. As técnicas da medicina, que descrevem o funcionamento fisiológico, unem-se às restituições

⁹¹ Cf. *Sur L’Homme et le Développement de ses Facultés ou Essai de Physique Sociale*. Paris, Bachelier, 1835 apud Queval, 2013, p. 131.

numéricas de desempenho do corpo para uma maior compreensão dos limites da máquina a serem superados. O dinamômetro e o cronômetro foram os primeiros instrumentos de medida aplicados à performance atlética, conforme afirma Isabelle Queval (QUEVAL, 2013, p. 138), com base nos estudos de Georges Vigarello⁹², mas posteriormente surgem os manômetros (aparelho mecânico que media a pressão), os esfigmógrafos (o primeiro dispositivo não invasivo criado para medir a pressão arterial), os miógrafos (instrumentos que medem as contrações dos músculos), os polígrafos (medidor de mentiras) e termógrafo (equipamento capaz de medir a intensidade da temperatura em diferentes partes do corpo).

O desenvolvimento de todos esses dispositivos técnicos alarma sobre a centralidade do corpo-máquina na formação capitalista industrial, marcada por uma racionalidade científica, em que o desenvolvimento de métodos de medição de desempenho do corpo se torna central para a superação de seus limites, e não para a manutenção deles. “Medir para quantificar, quantificar para estabelecer padrões, padronizar para normatizar, normatizar para hierarquizar” (QUEVAL, 2013, p. 138-139). São essas as técnicas de si que vão marcar a transição do século 18 para o 19, que vem estabelecer de vez o corpo como território da perfectibilidade dos corpos dóceis.

É justamente no século 19 que veremos se distinguirem os conceitos de *educação física* e de *esporte*. De um lado, a primeira está determinada por uma pedagogia do corpo, sobretudo em se tratando de disciplinar as posturas e os comportamentos das crianças nas escolas para o desempenho escolar e, posteriormente, para se produzir um corpo apto ao trabalho mecânico. De outro, o esporte representa uma “cultura física privada do seu aspecto global” (QUEVAL, 2013, p. 152). No esporte, a ideia de luta e de competição, o que leva à priorização da performance, sustenta a justificativa de certos exageros aos quais o corpo é levado, o que não ocorre com a educação física, que se caracteriza pela busca do equilíbrio. Embora ambos estejam baseados em um sistema ideológico que projeta imaginariamente o corpo de maneira instrumental, seus princípios ramificam-se distintamente com base nos objetivos de cada um, conforme representei no quadro a seguir.

⁹² A referência que consta na autora é VIGARELLO, G. Le premier mouvement corporel mécanisé. In: *Anthologie Commentée des Textes Historiques de l'Éducation Physique et du Sport*, p. 18. Cf. Queval, 2013, p. 138.

Quadro 4 - O corpo no séc. 19 – 20: da instrumentação à performance

O corpo instrumentalizado Sociedade disciplinar: corpo-máquina	
Esquadrinhamento e detalhamento do corpo	
Educação física	Esporte
homem em integração à natureza	homem em integração com seu próprio corpo e espírito
harmonização das capacidades motoras visando um desenvolvimento geral do indivíduo	espetacularização da atividade física que resulta em excessos, visando à máxima performance
desabrochar de si	superação de si

A cultura da performance no trabalho do corpo, na transição do século 19 para o século 20, vai se impondo de modo contraditório também nas práticas da educação física. Embora o esporte de alto nível ponha em jogo o culto ao individualismo e reduza a prática do exercício, muitas vezes, a um espetáculo mercantil (Cf. QUEVAL, 2013, p. 153), à época se vê uma positividade que se desdobra em valor educacional, por ele “propiciar o desenvolvimento do indivíduo” (idem). A temática do progresso apaga as contradições postas pelas práticas esportivas de alta performance – o corpo é levado a seus limites, à dor, à exaustão pela competição.

Para Queval (2013, p. 155), é na tensão entre as posições políticas da educação física (posição educacional como AIE) – enquanto organização das práticas em torno da cultura do corpo em busca de um equilíbrio – e do esporte, enquanto espetáculo de uma cultura performática de si, que se dão os conflitos institucionais em torno do desenvolvimento dos traços modernos da disciplina.

A passagem da expectativa de força e desempenho para o propósito de se materializar no corpo “um interminável e íntimo desabrochar pessoal” (VIGARELLO, 2011, p. 198) diz respeito ao jogo moderno com os limites que desenham o corpo enquanto real da existência humana, de sua autoidentidade⁹³. Resta-nos “o sentimento de um corpo maleável às mudanças indefinidas, se não perigosas” (idem).

⁹³ Não é objetivo deste trabalho discutir o conceito de *identidade*; no entanto, esse termo tem figurado como um estruturador da subjetividade moderna em grande parte dos sociólogos que refletem sobre a modernidade. Assim, quando o conceito de autoidentidade reincidir nesta pesquisa, ele estará sendo compreendido por mim como efeito de uma projeção imaginária do eu constituída a partir de posições equívocas de identificação numa formação social, a partir da relação do indivíduo com grupos sociais ligados a território, gênero, etnia, idade, etc., isto é, fatores espaciais, históricos, geográficos, culturais que agrupam os indivíduos em torno de suas identificações com eles.

São essas possibilidades infinitas de adaptações do corpo que põem em tensão os limites entre coerção social e “aceitação”, como se o sujeito fosse desde sempre idêntico a si mesmo.

Assim, o que se designa como “nascimento” do esporte, na história, conforme documentação de Queval (2013, p. 155), dá-se no ano de 1828, na Inglaterra, quando Thomas Arnold reforma o método pedagógico no colégio de Rugby de uma direção coletiva para a individual. Tratava-se do *self-gouvernement* (governo de si), que, no futuro, resultaria no desenvolvimento pedagógico dos seguintes princípios:

responsabilização da criança pela liberdade, o aprendizado da disposição de seu tempo para o espírito, assim como para o corpo, o compartilhamento de jogos ao ar livre, de empreendimentos solidários, exercitando tanto a coragem quanto a força, a luta tanto quanto o respeito aos outros (QUEVAL, 2013, p. 35).

Influenciado por Arnold, o esporte nasce na tradição aristocrática inglesa, enquanto as raízes da educação física remontam à Grécia Antiga, numa tradição médica e num contexto teórico em que o homem e a natureza estão em estreita relação (QUEVAL, 2013, p. 37). A ideologia do aperfeiçoamento humano, marcada pelo antropocentrismo iluminista, irrompe na separação dessas duas áreas, e o esporte se torna um instrumento da superação de si, tanto no que diz respeito ao corpo quanto ao espírito. Inscrevendo-se na educação desde a sua origem, assim, o esporte atravessa simbolicamente a subjetividade moderna como meio de lazer e também como “eixo de uma construção social do indivíduo, promovendo ‘carreiras’” (QUEVAL, 2013, p. 158). Eis o modo como o esporte promove o empreendimento individualista sobre o corpo – em detrimento da ginástica – em busca da excelência corporal.

Assim, durante o século 20, o esporte de alto nível se legitima como uma prática da performance e da superação de si. Essa superação, tal como pensa Queval (2013), teria a ver com a competição esportiva de alto desempenho, e isso não incluiria, a priori, práticas esportivas “relaxantes” como ioga, alongamentos ou esportes como o surf, o esqui, isto é, esportes que se praticam “por prazer”. A autora circunscreve a noção de superação de si à ideia de competição; logo, não poderíamos classificar, por exemplo, a musculação como uma prática esportiva.

O problema dessa teorização é que, na contemporaneidade, tendo em vista o funcionamento da formação ideológica neoliberal como sobredeterminante em nossa formação social, a competição tem tomado cada vez mais a forma de entretenimento.

Assim, competimos não mais para “superar a nós mesmos”, mas “por prazer”, de modo que começam a surgir novas categorias esportivas que impõem a superação de si seja por uma competição do sujeito com um outro ou consigo mesmo, ainda que não se trate de um esporte de alta performance.

Um caso emblemático é o das academias de crossfit⁹⁴, que gamificam a prática de exercícios. Nesses jogos, seus participantes competem tanto entre si quanto consigo mesmos para superarem uns aos outros e seus próprios limites. Outro exemplo é o da enorme gama de aplicativos para a prática de corrida esportiva que existem para registrar os números detalhados do desempenho do corredor, a fim de que ele possa acompanhar a evolução de seu desempenho, superando seus próprios resultados e comparando-se a outros corredores, seja através de hashtags ou dos bancos de dados dos próprios aplicativos.

Então, no sentido de se imprimir uma distinção entre as categorias esportivas, podem-se distinguir três tipos de práticas quanto à natureza dos propósitos. A classificação é elaboração de Queval (2013), da qual apresento resumo a seguir.

Tabela 4 - Tipificação dos esportes na contemporaneidade

Esporte de alto nível:

“prática de competição intensiva e geralmente profissional, implicando, por sua busca da performance (recorde, vitória), o emprego de meios físicos, psicológicos, técnicos e financeiros otimizados por parte do atleta e do seu entorno” (p. 194).

⁹⁴ O crossfit é um método de treinamento patenteado pelo americano Greg Glassman, que compara a modalidade esportiva a um “bote salva-vidas”. O método em si é uma conjunção de vários elementos da prática fitness, o que oferece aos adeptos todas as experiências em uma única atividade: alto desempenho, pouco investimento de tempo, motivação e sentido de pertencimento a um grupo ou coletividade. Os treinos são propostos em exercícios funcionais, praticados em boxes de contêineres. Há festivais de competição em que os praticantes devem superar seus próprios limites com intensidade de treino, carga de pesos, volume de repetições, etc. Desenvolvido na Califórnia, esse esporte, segundo estimativa da Forbes 2015, movimenta 4 bilhões de dólares por ano, nos EUA. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/a-historia-crossfit-o-imperio-improvavel/>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Esportes de aventura:

são realizados em plena natureza, com um “espírito de ‘conquista’, de ‘aventura’, de ‘desafio’, onde (sic) a superação de si não se realiza em um contexto competitivo ‘clássico’, ainda que a competição esteja presente em alguns casos, com grande espaço para a *noção de risco*, ligada à imprevisibilidade da natureza (p. 196).

Esporte de massa, esporte lazer ou esporte saúde:

associados à diversão, “desenvolve-se num ambiente de vestimenta, comportamento de um linguajar ligado à ‘sensação pura’ ou ao ‘puro prazer’” (p. 200).

Analisemos, a seguir uma sequência discursiva selecionada a partir do meu corpus discursivo auxiliar. Ela compõe a FD fitness, embora não se enquadre no meu corpus discursivo por não ter sido produzida por blogueiras fitness, mas representa a estrutura tentacular desse discurso na rede social Instagram.

Imagem 2 – Corpus auxiliar – FD fitness - SD 1 - #run - Superar a si mesmo no Instagram⁹⁵



Como pode-se ver, na SD 1, apresenta-se uma fotocópia de uma postagem de um anônimo, atrelada ao corpus discursivo auxiliar da FD fitness através da hashtag

⁹⁵ Imagem coletada em 16 de dez. de 2019 através da #run, no aplicativo Instagram.

#run, no Instagram. Nela, observa-se como o tema da superação de si pode caracterizar o esporte contemporâneo, de maneira geral, inclusive quando se refere a práticas destinadas à diversão ou à espetacularização da vida cotidiana, no sentido em que articulei essa reflexão às teorizações de Queval (2013).

Na SD1, lê-se uma formulação fotográfica em que há uma montagem com alguns elementos. Nela, aparecem duas formulações fotográficas de selfies do autor em que ele sorri e acena com a mão com um gesto positivo e duas colagens de imagens com estatísticas das corridas desempenhadas por ele em dois períodos do dia, manhã e tarde.

Na legenda da imagem, formulada em língua inglesa, lê-se que a prática esportiva registrada em seu perfil se tratava de um “Desafio do Pateta” (Goofy Challenge), em referência ao personagem Pateta, dos desenhos animados da Walt Disney. O atravessamento do discurso do entretenimento e da diversão se explicita não somente na citação a esse personagem animado, mas toda a disposição facial-corporal do sujeito tem efeito de sentido de alegria e felicidade (ao lado de sorrisos, ele exibe um gesto com a mão que tem efeito de sentido de “está tudo bem”, “estou bem” e o plano fundo da colagem das fotos é uma imagem composta por bolinhas coloridas).

No texto verbal, o sujeito do discurso descreve suas sensações físicas no desempenho da atividade esportiva: atravessado pela memória do diário íntimo, o texto narrativo registra o horário em que ele acordou, quantas milhas correu e a região geográfica que percorreu. A narrativa em primeira pessoa e a descrição do passo a passo dessas atividades nos permite realizar o gesto de leitura de que opera no discurso atravessamento do inter no intradiscurso via memória do diário íntimo no registro da atividade esportiva cotidiana como uma atividade de superação – uma vez que se tratava de um *desafio* proposto (Goofy Challenge).

Conforme definições do Houaiss (2009), o substantivo masculino desafio tem efeitos de sentido possíveis: 1) ato de desafiar; 2) chamamento para qualquer modalidade de jogo, peleja, competição etc. 3) esse jogo, partida, competição etc. Exs.: d. poético d. de xadrez; 4) ato de incitar alguém para que faça algo, ger. além de suas possibilidades; 5) situação ou grande problema a ser vencido ou superado. Gostaria de chamar a atenção para os efeitos elencados particularmente nos itens 2, 4 e 5 do verbete, que dialogam especialmente com meus gestos de interpretação no que concerne à relação entre formulação e interdiscurso da FD fitness no Instagram

com a memória do esporte enquanto prática legitimadora da ideologia da superação de si no corpo.

No item 2, entendo que o significante “chamamento” apresenta uma relação sinonímica com “interpelação”. Curiosamente, ou não, este é o processo pelo qual, na teoria do discurso, acreditamos que o indivíduo se torna sujeito na linguagem. No campo do esporte, é o desafio à superação de si (seja numa competição consigo mesmo ou com o outro) que interpela os indivíduos em sujeitos do esporte, e é a formulação desses desafios em textos verbais ou visuais que inscrevem esses sujeitos na formação discursiva fitness, conforme estou compreendendo neste trabalho. Mas, como veremos no Capítulo 4, há outros discursos determinando essa forma-sujeito, sobretudo quando ele discursiviza a partir da posição feminina e é por isso que meu corpus de pesquisa apenas os inclui.

No item 4, a superação de si ecoa um efeito parafrástico na expressão “além das suas possibilidades”, atravessando, outrossim, o substantivo *desafio*. Já no item 5, os termos *vencer* e *superar* aparecem em correlação de alternância, com efeito de sinonímia, o que me permite dizer que o desafio está determinado pelo sentido da competição e da superação. Assim, “as noções de esforço, de progresso, de limites a superar são sua [do esporte] linguagem corrente” (QUEVAL, 2013, p. 193-194). Embora opere de maneira distinta nas várias práticas esportivas, o sentido da superação está nelas onipresente como uma categoria determinada pela performance, seja coletiva ou seja individual.

Vigarello (2011) nos ensina, outrossim, que nos anos 1970 e 1980, além dos aspectos objetivos e físicos da superação de si, o esporte atua socialmente como via de acesso ao “corpo profundo”. Os exercícios, a partir de então, passam a ter o objetivo de curar questões relacionadas à interioridade física dos sujeitos. “A busca despertaria os traços de uma história íntima, traumas enterrados nos refolhos de um corpo limitado até então à motricidade” (p. 243). Nessa época, surge uma profusão de textos sobre a descoberta da intimidade através do corpo, a fim de “melhor encontrar a própria verdade” (p. 244). Trata-se de uma nova etapa do indivíduo, que Sibilia (2016) estuda como uma transformação da intimidade como um novo paradigma de subjetividade e Giddens (1991, p. 127) formula como a transformação da intimidade nos contextos de vida cotidiana.

Nesse período (anos 1970-1980), “o trabalho sobre o íntimo se tornaria uma prática de massa, aventura disponível, empreitada ainda mais acessível quando se

pensam seus dados como objetos tangíveis e concretos” (VIGARELLO, 2011, p. 244). Surgem séries de revistas sobre beleza, bem-estar e um saber novo sobre o corpo, “a ponto de fazer do corpo uma instância quase psicológica” (VIGARELLO, 2011, p. 244). Esse fenômeno decorre de um processo de individualização, massificação midiática e espetacularização do corpo como substrato de uma sociedade psicologizada, determinada pelo capitalismo afetivo, sobre o qual teoriza Eva Illouz (2011). No final do século 20 e no início do século 21, as tecnologias ligadas à internet vão imprimir os imperativos discursivos da sua materialidade a todas essas transformações, levando-nos a adotar novas práticas de produção de narrativas íntimas nas quais o corpo é simbolizado como um espectro de performance e desempenho, mas também uma materialidade simbólica interpelada pela ordem publicitária em que se inscrevem efeitos sobre o viver bem e o existir projetados imaginariamente pelos/nos sujeitos digitais.

4 A BLOGAGEM FITNESS NO INSTAGRAM: NOVOS MODOS DE DIZER SOBRE

4.1 TRANSMIDIAÇÃO E ESPAÇO DIGITAL: COMO FICAM AS INSTITUIÇÕES IDEOLÓGICAS?

Falamos de transmidiação porque, na era pós-mídia, a histórica distância que, na era dos meios de massa, havia entre os distintos modos de produção explodiu, deflagrando uma mudança radical nas condições de circulação (CARLÓN, 2014, p. 29).

As mudanças nas estruturas sociopolíticas e econômicas ocorridas desde o final do século 20 não se dariam da mesma maneira se junto a elas não estivesse em jogo uma profunda transformação tecnológica que sobredeterminaria novos formatos de comunicação interpessoal, escancarando sobre telas de diversos tamanhos uma mutação significativa na subjetividade, no que concerne, sobretudo, à intimidade e sua relação com a vida pública.

No Capítulo 2, mencionei que, segundo Giddens (1991), na modernidade tardia, ou seja, na contemporaneidade, têm funcionado projeções imaginárias de lugares sociais atravessados pelo fantasmagorismo, o que decorre de uma suspensão geográfica do espaço-tempo propiciada pela mudança nas tecnologias da comunicação. Diria que, sem os artefatos tecnológicos que permitem o contato virtualizado entre os indivíduos, esse efeito não funcionaria na eficiência com a qual opera, de modo que não se pode ignorar a concomitância entre o desenvolvimento desse atributo das sociedades contemporâneas e a importância da comunicação como aparelho ideológico midiático nessa organização interpessoal.

Embora Sibilia (2014, p. 59) entenda que o imperativo da conexão por dispositivos virtuais seja mais *uma consequência* de uma mudança na subjetividade moderna - que demandou a criação dessas tecnologias por sua natureza econômica - do que sua causa, a autora reconhece a função da tecnologia no estímulo à aceleração e ao avanço do desenvolvimento dessa propriedade nas relações. Desse modo, é possível dizer que, apesar de a criação de tecnologias digitais estar ligada a necessidades humanas preexistentes⁹⁶ (Cf. CASTELLS, 1999b) pela natureza das

⁹⁶ As necessidades de desenvolvimento científico se sobrepõem ao desenvolvimento militar, nesse aspecto, como nos ensina Castells, desfazendo uma crença comum de que a Internet surgiu para atender a uma necessidade militar: "La primera lección sobre Internet es que se desarrolla a partir de la interacción entre la ciencia, entre la

mudanças nas relações materiais, após seu surgimento e desenvolvimento, temos visto um imbricamento entre técnica e prática social na atuação da transformação das relações sociais, instituindo-se novos valores políticos.

Obra indireta dos ciberneticistas, a arquitetura distribuída e os protocolos da Arpanet⁹⁷ e, em seguida, os da internet, constituem a tradução técnica de *certos valores políticos*, enquanto esboço das premissas *de uma verdadeira filosofia política que se caracteriza pela vontade de abertura e de descentralização* relativamente à circulação de informação” (LOVELUCK, 2018, p. 41, grifos meus).

Paula Sibilia denomina de *tecnologias da virtualidade* (SIBILIA, 2014, p. 59) o conjunto de aparatos teleinformáticos e dispositivos que operacionalizam, de alguma maneira, a suspensão da materialidade orgânica do corpo para que as relações se estabeleçam em outro regime de espacialidade. Incluem-se, no rol desses meios, os telefones celulares, tablets, GPS automobilístico, computadores portáteis, relógios digitais com acesso à internet, etc. Parece-me, dessa maneira, que a tecnologia sobredeterminante do funcionamento desse efeito de suspensão material orgânico do corpo é a internet e que, a partir dela, outros dispositivos desenvolvem-se em suas peculiaridades. A técnica também cria subjetividades.

Por seu turno, em seu tratado sobre a teoria política da internet, Benjamin Loveluck (2018) propõe-se a realizar uma análise de como a informação, no contexto da internet, constituiu papel decisivo na criação de uma nova ideia de economia política e na constituição de uma nova sociedade de mercado – conceito originado no liberalismo, no século 18. Segundo o cientista social francês contemporâneo,

no início, a internet foi apresentada [...] como uma nova indústria de serviços em relação à qual deveriam ser determinados, de forma bastante clássica, os papéis atribuídos ao Estado, por um lado, e por outro lado, à economia – em particular, sob a forma de leis, e eventualmente, de políticas públicas [...] (LOVELUCK, 2018, p. 107).

Surge, então, segundo o autor, a noção de *Nova Economia*, nos anos 1990, para dar conta teoricamente de um novo modelo de gestão baseado na regulamentação e desregulamentação do mercado a partir do que vinha sendo

investigación universitaria fundamental, los programas de investigación militar en Estados Unidos - una combinación curiosa - y la contracultura radical libertaria. Las tres cosas a la vez. Simplemente señalo que el programa de Internet nace como programa de investigación militar pero que, en realidad, nunca tuvo aplicación militar. Éste es uno de los grandes mitos que hay. No hubo aplicación militar de Internet; hubo financiación militar de Internet, que los científicos utilizaron para hacer sus cosas, sus estudios informáticos y su creación de redes tecnológicas.” (CASTELLS, 1999b, p. 2).

⁹⁷ A Arpanet foi a primeira rede interativa e distribuída de computadores, produzida pela agência americana Arpa (Advanced Research Projects Agency) e criada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os primeiros desafios da empresa estavam ligados às questões políticas da Guerra Fria e da corrida tecnológica em relação à Rússia (Cf. LOVELUCK, 2018, p. 45).

entendido como “sociedade de informação”, uma estrutura já não mais idêntica à sociedade de consumo. São novas formas assumidas pelo capitalismo, produzidas por novas condições de produção e por funcionamentos discursivos que constituem e ao mesmo tempo reelaboram essas estruturas.

Nesse sentido, apresentando os resultados do estudo de Rosanvallon (1999) sobre a história da ideia de mercado em sua relação com o liberalismo, Loveluck (2018) explica que este, longe de ser apenas um modelo econômico, trata-se de

uma filosofia *apolítica* no sentido em que o liberalismo econômico ‘traduz [...] a aspiração ao advento de uma sociedade civil imediata a si mesma, autorregulada’, não conferindo nenhuma legitimidade de governo ou simplesmente de autoridade a um princípio exterior” (LOVELUCK, 2018, p. 108, grifo do autor).

É desse traço discursivo, do efeito imaginário de que a política deixou de determinar as relações econômicas, atributo do liberalismo não apenas como um modelo econômico, mas como uma ideologia estruturante das relações humanas, de modo geral, que, a posteriori, desenvolver-se-á a ideologia neoliberal do modo como determina a subjetividade ocidental contemporânea. O termo *apolítico*, grifado pelo autor como marcação de um gesto de reconhecimento de sua contradição constitutiva, tornar-se-á, como veremos, uma via discursiva de abnegação das determinações ideológicas subjacentes a quaisquer filiações discursivas de ordem material, isto é, decorrentes da divisão social de classes econômicas. A sociedade de mercado se desenvolve a partir do arquétipo imaginário de que é o mercado econômico - e não o contrato político - o verdadeiro regulador da sociedade, e não somente da economia (LOVELUCK, 2018, p. 109), generalizando para todas as microrrelações a potência da autorresponsabilização individual. Nesse modelo, “a satisfação mútua das necessidades, em vez do contrato, constitui o alicerce do vínculo social” (idem, p. 110), instaurando-se um cenário social ideal para o estabelecimento de relações hedonistas e fetichizadas, nas quais a imagem, enquanto materialidade simbólica, terá uma centralidade cada vez mais potente.

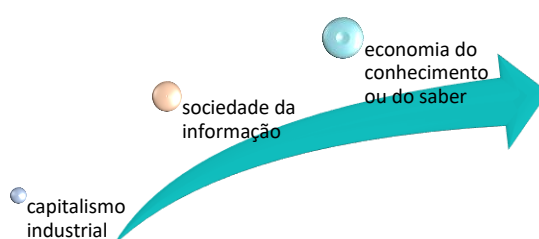
Nesse projeto político de sociedade, “a sociedade da informação”⁹⁸, tomada enquanto uma “sociedade pós-industrial e de uma economia marcada pela prestação de serviços” (BELL, 1973, p. 161-209 apud LOVELUCK, 2018, p. 111), foi vista como

⁹⁸ Loveluck (2018, p. 110-111) discute sobre a ambiguidade desse termo, indicando alternativas como “aldeia global” ou “sociedade do conhecimento”.

um modelo de organização em que novos tipos de relações sociais estariam sendo estabelecidos.

A sociedade da informação é a sociedade da mundialização ou da globalização, que vamos conhecer até o final do século 20, cujo foco central é a “vontade de fazer circular a informação, baseada na ideia de que a comunicação [...] é fonte de desenvolvimento econômico” (LOVELUCK, 2018, p. 111-112). Assim, as formas de controle da informação estariam no cerne das disputas políticas, sociais e econômicas considerando seu valor estratégico.

Quadro 5 - Historicidade da sociedade da informação, baseada em Loveluck (2018)



A preponderância do capitalismo pós-industrial, o que Loveluck (2018) nomeia *capitalismo imaterial*, desempenha uma função fulcral no sistema de produção e na criação de valor para o mercado, forçando a política Estatal a adotar práticas ligadas à desregulamentação (LOVELUCK, 2018, p. 112). Nesse sentido, categorias mais abstratas, como criação e propriedade intelectual, passam a demandar uma precificação e um reconhecimento judicializado *como propriedades privadas* e não como bens de ordem coletiva.

A respeito do tema, em *A Sociedade em Rede*, o sociólogo Manuel Castells (1999a) se dedicou a remontar a genealogia da noção de sociedade de informação e defendeu que, economicamente, ocorre na história uma reestruturação do capitalismo em “capitalismo informacional”, cuja base estaria sedimentada num modo de produção tecnoeconômico (CASTELLS, 1999a), tendo em vista a centralidade do valor da informação nas relações de troca.

Como bem nos explica Loveluck (2018, p. 113), há, além dessa, uma série de teorias que, sob diferentes perspectivas epistemológicas (neomarxista, weberiana, foucaltiana, etc), propõem-se a nomear a “nova” grande narrativa da sociedade à qual

subjazeria o “fim das ideologias”, fenômeno disparado pelo fim da Guerra Fria. Em suma, instaura-se uma outra grande narrativa que viria atenuar o “fim das ideologias”, sem admitir sua própria natureza ideológica, enquanto discurso mobilizador (LOVELUCK, 2018, p. 113). Nesse bojo, entretanto, conforme afirmam Boltanski e Chiapello (2009), apesar de se transformar em sua áurea, o capitalismo permanece sendo um sistema econômico baseado no acúmulo de capital e no livre-câmbio, o que tem ampliado as desigualdades sociais (Cf. LOVELUCK, 2018, p. 113).

Assim, enquanto a informação atende a uma agenda neoliberal em direção a uma racionalidade tecnicizada, a sociedade das indústrias se desloca “para as trocas desmaterializadas” (idem, p. 114). Nesse cenário, surgem as “supervias da informação”, no decorrer das décadas de 1980 e 1990, levadas às massas por meio da web, que se tornaria sinônimo de internet.

Em termos de transformações culturais, compara-se a popularização da web ao período da invenção da escrita (LOVELUCK, 2018, p. 177). O controle da informação não era mais o único centro da disputa política; sua *reprodução* se tornaria cada vez mais o alvo das conjecturas político-econômicas em torno da internet. “Sob o nome de ‘convergência’ foram desenvolvidos principalmente projetos de portais gigantes da internet e de um controle dos conteúdos e da distribuição, a partir do modelo rádio-televisão” (LOVELUCK, 2018, p. 120).

A internet, então, além de “materializar a era da informação”, por meio das possibilidades da técnica, transformou as relações econômicas, instaurando uma nova economia política. Velocidade e custos de transação; desterritorialização de mercado consumidor; exploração mais eficiente do recurso da propaganda personalizada; esses entre outros recursos fazem autores como Rifkin (2000) defenderem que a internet instaurou um hipercapitalismo por meio da ordem do acesso.

Todas essas condições de produção socioeconômicas vêm a atuar num recrudescimento de mídias broadcasting – um polo emissor, muitos receptores – em direção a uma expansão no mercado multicasting – vários polos emissores, vários polos receptores. Novos modos de produção de conteúdo midiático que têm a internet como eixo técnico básico representam a ascensão da cultura digital como formação discursiva determinante das práticas comunicativas neste início do século 21.

Com isso, as instituições midiáticas deixam de sofrer a determinação do espaço geográfico como sua condição de existência e legitimam-se novos espaços como

possíveis cenários de produção discursiva – a casa e a rua são exemplos. “Tudo isso significa que não é só a televisão que está sendo, atualmente, afetada: estamos vivenciando a crise da fotografia e do filme” (CARLÓN, 2014, p. 28). Cinema e fotografia digitais ocupam lugares estratégicos na economia do entretenimento. A TV digital é uma realidade mundial.

No entanto, apesar de esse cenário se apresentar aparentemente como linear, o imbricamento entre mídias se engendra de modo menos superficial do que uma mera sequência de técnicas e aparelhos que vão se obsolescendo e sendo substituídos. Jenkins (2009), com a tese da convergência midiática, sustenta que as mídias mais antigas e as mais recentes tendem a interagir de um modo complexo.

Como nos mostra Vélez (2014, p. 57), a televisão – assim como também o cinema e a indústria editorial – vive hoje o que o mercado fonográfico já experienciou. Com relação à música, essa indústria perdeu sua estabilidade, antes garantida pelas vendas de CDs, e de nada funcionou o acionamento de instâncias jurídicas para recuperar os privilégios de que gozavam antes no mercado, decorrentes do controle que a materialidade física dos objetos de consumo lhe garantia. O mesmo ocorre com outros nichos, como o de serviços de transporte, por exemplo.

Com a TV, a situação é semelhante. Desde os anos 1970 (VÉLEZ, 2014, p. 58), a televisão baseada em grades de programação – *appointment TV* – vem sendo substituída, com a entrada do formato VHS no mercado.

O fato de a tecnologia transformar a relação do sujeito com o tempo em suas práticas de consumo é a chave para essa mudança. O surgimento da *TV on demand*, na qual o telespectador escolhe o que vê e em qual horário, dissolve, parcialmente, o conceito de horário nobre. Em seguida, com a popularização da banda-larga, a cultura do download gratuito na internet força o mercado de produção televisiva a mudar de estratégias.

No Brasil, o acesso a mídias digitais acompanha o processo de crescimento mundial. Conforme dados do Ibope NetRatings, publicados na Folha de S. Paulo em 2010 (VÉLEZ, 2014, p. 59), o número total de usuários da internet no país aumentou de 4,9 milhões para 28,5 milhões nos nove anos antecedentes à pesquisa. Ainda segundo esse censo, o bolo publicitário para a televisão cresceu, no período, apenas 1,4%, enquanto para a internet esse valor foi de 17,4%, valor quase vinte vezes superior.

Alguns anos depois, segundo o Ibope Inteligência de agosto de 2017, a partir de dados de pesquisa realizada no ano de 2014, excetuando-se a população acima de 55 anos (7% do total de internautas brasileiros), os brasileiros com idade entre 35 e 54 anos são os que mais acessam a internet. Eles representam 34% dos acessos totais no país, seguidos pelos jovens de 25 a 34 anos (32%) e de 16 a 24 anos (28%)⁹⁹.

Essa transformação mercadológica visível tem se dado em termos do que Jenkins (2009) denominou de cultura da convergência, que se trata da conexão entre diferentes formatos de produção audiovisual nas quais a interação do público espectador altera a programação da TV. Decorrente dessa premissa, surge o fenômeno da segunda tela (PROULX; SHEPATIN, 2012), através do qual a internet interage com a televisão numa lógica produtiva de coparticipação, com “abertura” para a intervenção direta dos espectadores nos programas, com opiniões, votações em tempo real, através de hashtags no Twitter, etc. Fala-se em uma era da convergência e da transmidiação, em que diversas naturezas de transmissão e recepção estão em jogo concomitantemente.

Neste ponto dessa pequena retrospectiva narrativa de sobre como a internet, através das mídias digitais, passa a centralizar a economia da produção e da reprodução de sentidos da mídia, é preciso referenciá-la enquanto dispositivo do AIE midiático.

Concordando com Dias (2018), neste trabalho, meu olhar sobre o funcionamento do discurso digital se dará tanto considerando-o na ordem de uma materialidade que põe em jogo algumas evidências de sentido e imaginários que não funcionam em outras discursividades quanto como “uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas” (DIAS, 2018, p. 28).

O processo de produção do discurso, conforme desenvolve Orlandi (2012a, p. 9), é constituído por três etapas de idêntica relevância: sua constituição, sua formulação e sua circulação. A primeira se dá a partir da “memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo” (idem); na segunda, fala-se de suas condições de enunciação (considerando-se situação enunciativa, a cena de enunciação mais específica); a terceira, por fim, constitui a difusão e a conjuntura específica dela.

⁹⁹ <http://www.aba.com.br/canais/insights/artigos/ibope-inteligencia-traca-perfil-dos-internautas-brasileiros/>. Acesso em: 1 jan. 2020.

A partir da problematização realizada por Dias (2018), porém, a circulação, quando se trata de analisar o discurso eletrônico ou digital, é tomada como “ângulo de entrada” (p. 29), e por isso a autora entende que é “pela circulação que o digital se formula e se constitui” (idem). Isso significa dizer que assume-se, no digital, uma relação de perspectiva entre um discurso e outro, não de anterioridade (idem).

Sendo assim, todo esse cenário constitutivo do discurso digital como um discurso formulado em mídias *cujo efeito de participação* é determinante tanto para sua constituição quanto na sua formulação requer sempre um olhar atento para a ordem da circulação, o que muda com frequência a depender dos ambientes digitais em que se mobiliza o discurso. Isso torna o trabalho do analista um exercício contínuo de interpretação desse jogo que se redesenha a cada instante, considerando a efemeridade dos dispositivos que são ativados e desativados na rede.

As mídias digitais, dentre elas os aplicativos que se apresentam como canais entre produtores e receptores de textos, então, serão compreendidas, neste trabalho, como dispositivos do AIE midiático determinados pela memória da televisão e da radiodifusão¹⁰⁰, mas transformados pelo imperativo da coparticipação que a ordem do discurso digital determina, decorrente das transformações nas relações de produção e reprodução da informação na virada do século 20 para o 21.

Nessa ordem de funcionamento, instaura-se um movimento de interpelação do sujeito espectador no sentido de que, a fim de que se legitime a instância produtora como lugar institucionalizado de *dizer sobre* (MARIANI, 1998), é necessário que esteja previsto em seu dizer, em sua enunciação, o princípio da reversibilidade¹⁰¹ discursiva, mesmo que, de fato, um diálogo não se instaure no sentido em que Grigoletto (2011) o entende como condição da interlocução discursiva¹⁰².

Considerando esses aspectos, neste momento, cabe entender como o Instagram, enquanto dispositivo que funciona no interior do AIE midiático digital, tem estabelecido condições para a circulação de sentidos e de materialidades que explicitam publicamente uma forma particular de o sujeito digital narrar a si e de se

¹⁰⁰ Em nossas análises (cf. Cap. 4), veremos que não apenas essa memória atravessa os dizeres no discurso fitness. Mas considerando que o Instagram é um aplicativo cujos modos de dizer se representam através das materialidades audiovisual e escrita, entendo que a memória da televisão tem efeitos determinantes tanto no nível da constituição quanto na circulação do discurso nesse ambiente digital.

¹⁰¹ A problematização do conceito pode ser lida em Orlandi (2015).

¹⁰² A autora associa o fenômeno da interlocução discursiva à produção de polissemia na interação em ambientes virtuais de aprendizagem, enquanto denomina de interação discursiva as interações que estabelecem apenas a repetição de sentidos.

projetar imaginariamente como influenciador de outros sujeitos que se inscrevem na rede como seus seguidores.

4.1.1 O que deve e pode dizer o Instagrammer?

O Instagram é uma rede social de fotografia criada no ano de 2010 pelos empresários Mike Krieger (brasileiro) e Kevin Systrom. A aplicação de filtros artísticos em fotografias caseiras dos usuários do sistema IOS (sistema operacional de aparelhos da empresa Apple) era sua funcionalidade principal. O mundo da fotografia digital de qualidade se ampliava e se tornava mais acessível a usuários leigos, que poderiam experimentar cores, ângulos e filtros com aparência de profissionais em seus registros autorais.

Figura 1 - Um dos primeiros testes de imagem publicados pelo Instagram, em setembro de 2010 (Foto: Reprodução)¹⁰³



O lançamento do aplicativo havia sido um sucesso. Em pouco mais de seis meses, ele se tornaria uma rede social, isto é, passaria a ter a função de compartilhamento das fotografias entre grupos e passaria integrar uma rede com o Facebook e com o Twitter. No final do mesmo ano, o aplicativo que começou com investimento de US\$ 500 mil era avaliado em US\$ 20 milhões e chegaria ao marco de um milhão de usuários¹⁰⁴.

Nesse cenário, o Instagram desponta no mercado das redes sociais em um momento em que o capitalismo imaterial e o capitalismo artista (LIPOVETSKY;

¹⁰³ Reprodução de reportagem realizada pelo portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>

¹⁰⁴ Dados coletados na reportagem supracitada.

SERROY, 2015) ascendem como central na representação das subjetividades bem-sucedidas. Trata-se de “um capitalismo de sedução focalizado nos prazeres dos consumidores por meio das imagens e dos sonhos, das formas e dos relatos” (idem, p. 42). Estamos falando de uma economia estruturada em “narrativas, imagens e emoções” (ibidem, p. 44).

A variedade de filtros artísticos aumenta, e o aplicativo continua a crescer em termos de importância social e econômica. Em janeiro de 2012, a equipe de comunicação do então presidente americano Barack Obama cria um perfil em seu nome nessa rede. Na campanha presidencial, o Instagram já é considerado um ambiente estratégico de influência eleitoral. No ano de 2012, o Facebook compra o Instagram por cerca de US\$ 1 bilhão¹⁰⁵, quando o aplicativo já estava disponível para aparelhos portáteis usuários do sistema Android e já tinha mais de 27 milhões de usuários no mundo. Hoje, são 800¹⁰⁶ milhões. Segundo o blog da Rock Content, empresa brasileira líder em venda de marketing de conteúdo, o engajamento digital gerado pelo Instagram é cerca de 10 vezes maior do que o Facebook e 84 vezes o do Twitter.

Desde sua compra pela empresa de Mark Zuckerberg, então, várias mudanças em termos de funcionalidades aconteceram. Por exemplo, a possibilidade de compartilhar vídeos e, mais recentemente, a criação do espaço para a publicação de stories, um decalque da funcionalidade principal da rede social Snapchat¹⁰⁷, que não aceitou várias ofertas de compra realizadas pelo Facebook ao longo de anos.

A ascensão do Snapchat no mercado dos aplicativos digitais é muito importante para entendermos os modos de circulação do discurso, hoje, no Instagram. No seu nascimento, esta plataforma foi concebida como álbum fotográfico virtual, dado o foco do aplicativo na variedade de filtros que estetizavam as imagens, conferindo-lhes um efeito mais profissional. Havia o espaço dos comentários públicos e das curtidas para a inscrição de gestos de interação entre os autores das fotografias e seus seguidores na rede.

O Snapchat, de outro modo, nasce como um aplicativo de mensagens de chat, através do qual a troca de imagens e vídeos curtos é um diferencial em relação aos

¹⁰⁵ <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>

¹⁰⁶ Cf. <https://rockcontent.com/blog/dicas-engajamento-no-instagram/>. Acesso em : 9 jan. 2020.

¹⁰⁷ Para conferir o histórico da relação entre o Snapchat e o Facebook, conferir reportagem da revista Exame em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/um-breve-historico-da-briga-entre-facebook-e-snapchat/>. Acesso em: 5 jan. 2020.

existentes. Algumas funcionalidades de edição de imagem e vídeos (com efeitos sonoros), outrossim, tornavam a interação mais lúdica, à moda de cenas de programas televisivos: a possibilidade de se inserirem textos nas imagens, a colagem de figurinhas, os vários efeitos de filtros, etc. Além disso, uma questão relativa à privacidade tornou essa rede um sucesso: os vídeos ou imagens enviados destruíam-se instantaneamente após serem abertos pelos receptores. Uma vez recebida, a mensagem não poderia ser visualizada novamente. O efeito dessa interpelação técnica atualiza uma memória da interação face a face que é a efemeridade da vivência, além de garantir a proteção da propriedade privada da imagem de quem enviou, abrindo a possibilidade para interações de caráter mais íntimo e considerado até vexatório em se tratando de interações públicas.

A seguir, reproduzo um trecho de uma entrevista, dada ao site Leia Já, da hoje apresentadora do canal GNT e influenciadora digital Thaynara OG, maranhense que emergiu nas mídias sociais através no Snapchat. Em março de 2016, quando foi publicada a reportagem¹⁰⁸, a rede tinha 11 milhões de usuários no Brasil e alavancou esse novo modo de construir narrativas videobiográficas que viria a se tornar os stories do Instagram.

Quadro 6 - SD auxiliar - Entrevista sobre o funcionamento do Snapchat

Leia Já - Você acha que mais pessoas irão migrar para o Snapchat?

Thaynara OG - Já ouvi falar que esse ano de 2016 é do Snap, até por ser uma rede social **muito instantânea, mais espontânea. Ele garante que a gente possa acompanhar a vida e a rotina de uma pessoa que você admira, por exemplo.** Hoje as pessoas não conhecem muito os benefícios do aplicativo, mas a partir do momento que conhecerem, acho que a tendência é acontecer essa migração pra o Snap.

Outro dado essencial para compreendermos os modos de circulação do discurso no Instagram é o fato de que essa rede foi concebida para operar em smartphones ou tablets, e não para aparelhos desktops, como computadores. Hoje, até se pode acessar uma conta através de notebook ou computador, mas algumas funcionalidades, como a produção de stories, não podem ser acionadas se não através de aparelhos móveis. Essa questão técnica produz efeitos tanto na produção quanto na circulação de discursos.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://m.leijaja.com/tecnologia/2016/03/09/conheca-thaynara-og-estrela-maranhense-do-snapchat/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Ora, se, para formular nesse aplicativo, um sujeito o faz usando um aparelho móvel, pequeno, que o acompanha a todo momento (em geral, o smartphone), estabelecem-se condições técnicas de produção ainda mais favoráveis para uma intensificação e massificação na produção e na circulação do que estou chamando, neste trabalho, de narrativas fotobiográficas do eu. Buscarei demonstrar que, além de produzirem outros efeitos, elas funcionam como discursividades determinadas pela narratividade digital do cotidiano, nas quais o sujeito, no Instagram, se inscreve como empreendedor de si pela exibição cenográfica de formulações imaginárias de si em uma posição-sujeito de protagonista inspirador. Esse processo discursivo decorre da emergência do compartilhamento da vida privada como espetáculo instaurado pela política das redes de relacionamento enquanto aparelhos ideológicos midiáticos, como efeito do funcionamento do capitalismo imaterial, além de uma cultura da felicidade como corolário da ascensão de uma psicologia individual como paradigma de cuidado. Como consequência, no processo discursivo, instaura-se um efeito de *conexão* e de *intimidade* entre indivíduos que não se relacionam necessariamente em outros espaços sociais, o que favorece a política neoliberal do empreendedorismo como uma categoria ligada ao individualismo.

Nessa esteira, entendo que a técnica determina a circulação, que, por sua vez, determina modos de se formular na rede, conforme tem discutido Dias (2018) em diversos trabalhos. Ao mesmo tempo, podemos dizer que a técnica se reformula a partir de uma demanda social, que vem se expandindo, do contar-se a si mesmo publicamente, concordando com o que Sibilia (2004) discute a respeito de mudança da subjetividade contemporânea com a ascensão dos gêneros confessionais e do que Giddens (2002) define sobre a reflexividade do eu como eixo centralizador da modernidade.

Assumirei, logo, que existe uma relação simbiótica em termos de determinação no que diz respeito à técnica, à materialidade digital e ao discurso, para aproveitar nosso diálogo com o que Orlandi (2012a) apresenta sobre constituição, formulação e circulação. Portanto, no meu entendimento, a técnica não interpela os indivíduos em sujeitos ao mesmo modo da Ideologia, da história ou da língua¹⁰⁹, porque os sujeitos não são obrigados a se inscreverem no digital, necessariamente, para simbolizarem

¹⁰⁹ “Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aqui que é colocado pelos linguistas como condição de existência (de princípio), sob a forma de existência do simbólico, no sentido de Jakobson e Lacan.” (PÊCHEUX, 1990, p. 50).

sobre si na e pela linguagem, como uma condição de inscrição no discurso de forma geral – eles já podiam fazê-lo através de outras materialidades.

No entanto, considerando-se a centralidade da técnica informática como condição das relações de produção capitalistas contemporâneas e tendo em vista o imperativo ideológico de uma cultura do “ressentimento do corpo pelo orgânico¹¹⁰”, da fragmentação do corpo dos sujeitos como um efeito ideológico pós-moderno de uma utópica libertação das normas e dos contratos sociais (Cf. QUEVAL, 2008, p. 93), é preciso respeitar a função coercitiva do digital, enquanto materialidade significativa, na cadeia do discurso. Nesse processo, ao se inscrever na ordem do discurso digital, entendo que o indivíduo é, sim, interpelado em sujeito pelas técnicas que desenham os modos de circulação desse ambiente, que também é atravessado por questões diversas concernentes à historicidade da materialidade do corpo, do tempo e do espaço. Essas determinações são mútuas e concomitantes, pois produzem um complexo simbólico que se dá na ordem do discurso em sua historicidade, isto é, constituem suas condições de produção.

Levando esses aspectos teóricos em conta, passarei ao momento da descrição-interpretação dos espaços de circulação e de inscrição de sentidos no Instagram, considerando que o trabalho sobre as materialidades discursivas deve “dar o primado aos gestos de descrição” (PÊCHEUX, 1990, p. 50). Observe-se a imagem a seguir, que tomo como SD.

¹¹⁰ A expressão é de David Le Breton, citada por Sibilia (2015, p. 102).

Imagem 3 – SD1 - Espaço de chat privado no Instagram: acesso apenas por celular ou tablet. Fonte: acervo pessoal da autora. Coletado em 5 de jan. 2020.



Na SD1, acima, pode-se ver representado o espaço denominado *direct* pela plataforma, no qual ficam armazenadas as mensagens privadas trocadas entre os seguidores da rede. Pode-se enviar, por meio dele, mensagens de texto, de áudio (de até um minuto por vez), de fotografias e de vídeos, sendo possível escolher se o receptor pode rever a mensagem ou se ela será destruída após a visualização. Não se pode fazer ligações instantâneas através do direct, mas o Instagram oferece o recurso de “fazer uma live”, funcionalidade na qual um usuário pode produzir uma transmissão em vídeo em tempo real com acesso dos seus seguidores via conferência pública. Os seguidores da página recebem uma notificação com o aviso de que o usuário em questão está presente ao vivo. Frequentemente, os perfis com grande número¹¹¹ de seguidores disponibilizam a gravação para acesso no ícone de *Destaques*, disposto na página inicial da conta.

¹¹¹ Algumas funcionalidades de edição, como o recurso de “arrastar para cima”, nos stories, que leva a tela a outro domínio fora da rede, só estão disponíveis para perfis de empresas ou para perfis pessoais com uma alta quantidade de seguidores. Há, também, o recurso de “verificação” (conta verificada), que é um selo dado pela empresa Instagram a perfis com potenciais de alta audiência, como é o caso de Gabriela Pugliesi (selo azul ao lado do perfil), Sujeito 1 de nosso corpus de pesquisa. Segundo a rede, a verificação é “uma forma importante de mostrar que a conta com a qual você está interagindo é a presença autêntica de uma pessoa pública, celebridade, marca global ou entidade”. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/agora-todo-mundo-pode-tentar-ter-a-conta-verificada-no-instagram-veja-como-121364/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Na imagem a seguir, que tomo como SD2¹¹², vê-se a localização espacial de algumas funções disponíveis em um perfil público no Instagram, o da digital influencer e blogueira fitness Gabriela Pugliesi. A descrição e análise da página será realizada tendo em vista minha consonância com Adorno de Oliveira (2016, p. 256), no que tange à consideração dos elementos simbólicos programados na tela como “mecanismos que movimentam o (não) acesso aos elementos significantes”, o que determina a formulação e circulação de discursos nesse espaço.

Imagem 4 – SD2 - Página inicial de Gabriela Pugliesi¹¹³



1- Stories: espaço de acesso à publicação dos stories, que são um canal para o registro instantâneo de cenas em texto, fotografia ou vídeo de 3 a 15

¹¹² Refere-se ao corpus de pesquisa.

¹¹³ Registro do dia 5 de janeiro de 2020, às 20h44.

segundos de duração. Cada cena fica disponível para visualização durante as próximas 24 horas de sua publicação. Os comentários sobre elas são privados e seu envio é autorizado apenas mediante aprovação do administrador da página.

- 2- **Destaques:** os círculos alinhados horizontalmente nessa seção representam o espaço de Destaques. Trata-se de conteúdos que o administrador do perfil organiza em torno de um tema e mantém disponíveis sem prazo para retirada. O padrão de visualização repete o modelo nos stories: cenas consecutivas se reproduzem em sequências de até 15 segundos.
- 3- **Feed:** álbum principal, fixo, em que ficam disponíveis as fotografias, que podem ser publicadas com textos e em séries. Também há a possibilidade de se publicarem vídeos, mas esse uso é mais incomum. Há fixo para comentários públicos. É o espaço de maior valor estético do aplicativo, pela sua centralidade na página inicial.
- 4- **IGTV**¹¹⁴: seção reservada à publicação de vídeos entre 1 e 60 minutos.
- 5- **Filtros personalizados:** nesta seção, podem ser encontrados os filtros fotográficos ou de vídeo disponibilizados pelo usuário que assina o perfil.
- 6- **Marcações do perfil em outras postagens:** neste espaço encontram-se todas as citações do perfil em fotos publicadas em outras contas. As imagens aparecem disposta no mesmo formato do feed, organizadas numa grade de colunas com uma sequência vertical de três imagens.

Observando a organização dos dados na página do Instagram reproduzida na SD2, a partir do meu gesto de leitura, entendo que essa rede social tem funcionado, atravessada pela memória¹¹⁵ da televisão e do discurso do entretenimento (incluem-se mídias como revista impressas, produções cinematográficas e anúncios

¹¹⁴ A sigla IG é usada como substantivo, sinônimo de perfil no Instagram (*InstaGram* > *IG*), em enunciados como “Segue meu IG” ou “Qual é seu IG?”.

¹¹⁵ Neste trabalho, tendo em vista meus propósitos principais, não empreenderei uma discussão teórica mais profunda sobre o conceito de memória na AD, mas é necessário dizer que parto das conclusões do trabalho de Indursky (2011), que distingue memória discursiva e interdiscurso. Para a autora, enquanto o segundo refere-se ao todo complexo dos já-ditos saturados, a primeira é regionalizada e circunscreve-se ao que pode ser dito em uma FD, a partir das determinações de sua Forma-Sujeito. Outrossim, menciono Achard (2010, p. 15), que localiza “a memória do lado não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o linguístico, na sua suspensão em vista de um jogo de força de fechamento que o ator social ou o analista vem a exercer sobre discursos em circulação.”

publicitários nesse rol), como um canal de TV individual, estruturado em rede, mas que também põe em jogo uma discursividade que remete à memória das revistas informativas de variedades, isto é, ao jornalismo de entretenimento e de comportamento.

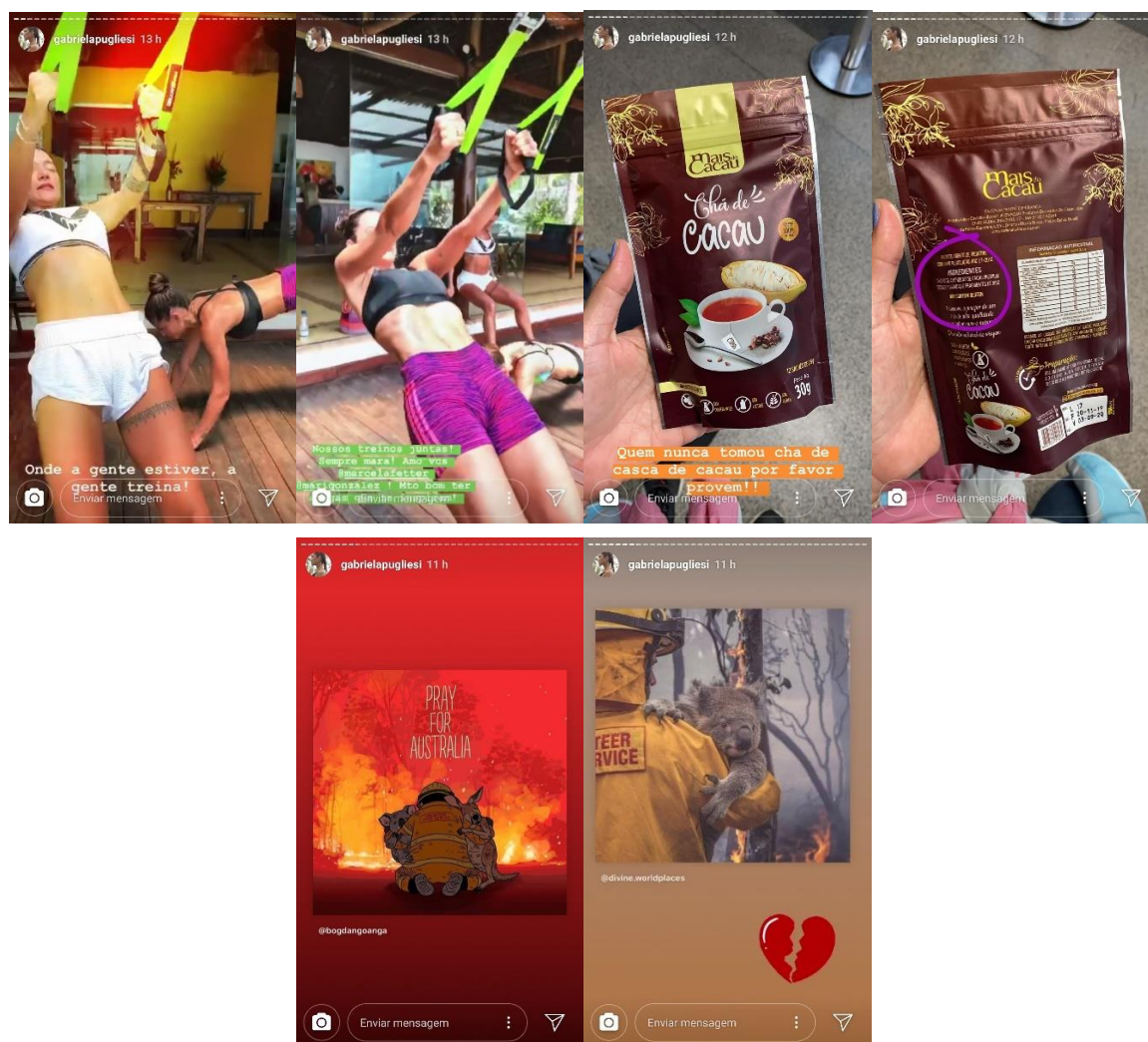
As funcionalidades diversas que permitem aos usuários transmitirem imagens e conteúdos em diferentes formatos oferecem uma ilha técnica de edição ao alcance de mãos leigas, transplantando para o ambiente doméstico/privado os aparatos tecnológicos outrora exclusivos de empresas de mídia broadcasting. Em outras palavras, o Instagram instrumentaliza tecnicamente o usuário para que ele se inscreva na ordem do discurso digital como sujeito produtor e editor de conteúdos midiáticos, interpelando-o a produzir sentidos na função-autor a partir de uma posição de protagonista numa lógica de produção em rede.

A seguir, apresento uma sequência discursiva que faz parte do meu corpus de pesquisa, constituída de fotogramas, popularmente conhecidos no ambiente digital como *printscreens*. Trata-se de capturas de imagens de vídeos ou de cenas estáticas compartilhadas numa sequência de stories da digital influencer fitness Gabriela Pugliesi, Sujeito 1 desta pesquisa, no dia 5 de janeiro de 2020. Inspirada em alguns trabalhos de Suzy Lagazzi (cf. LAGAZZI, 2015) e na observação do atravessamento da memória televisiva na produção de sentidos no Instagram, denominarei de **cen**as as unidades composicionais¹¹⁶ das sequências discursivas como um todo, o que significa dizer que, na **SD3**, reproduzida na Imagem 5, abaixo, veremos o recorte de seis cenas tratadas como uma **SD única**. Vale ressaltar, ainda, que, para trabalhar com a descrição da produção de sentidos no espaço dos stories, vou tomar cada cena como recorte de sequência discursiva simbolicamente complexa, composta concomitantemente pela materialidade significativa imagética e textual (oral¹¹⁷ ou escrita), buscando considerar todos esses elementos significantes em meu gesto analítico.

¹¹⁶ Podemos dizer também, que, neste trabalho, as cenas apresentam-se como *composições*, tal como teorizou Adorno de Oliveira (2016, 265): “A composição é o entremeio de diferentes materialidades significantes imbricadas”.

¹¹⁷ Como veremos mais adiante, selecionei uma sequência discursiva oral descrita por transcrição.

Imagem 5 – SD3 - Sequência de stories de Gabriela Pugliesi, 5 de janeiro de 2020.



Como se vê, acima, na **SD3**, mobilizada na Imagem 5, há seis cenas. Seu formato é justamente a medida de uma tela inteira de celular na vertical, na proporção 9:16. Isto é, não há como assistir aos vídeos em outra posição, o que demonstra a injunção pelo uso de um smartphone como condição de inscrição como seguidor ou produtor de textos nesse espaço para que sua experiência funcione em consonância à espacialização digital do dizer (ADORNO DE OLIVEIRA, 2015).

Em relação ao espaço do feed, cuja organização da circulação determina uma produção de efeito de permanência, pois as imagens não têm prazo determinado para desaparecer, os stories seriam um espaço cuja inscrição se dá sob o efeito de espontaneidade no fluxo narrativo do cotidiano, o que decorre, além de outras razões, do fato de as cenas apagarem-se com 24h após sua publicação. Por isso mesmo, também, a frequência de postagens costuma ser muito maior. Segundo o blog da Rock Content, empresa brasileira líder em venda de marketing de conteúdo, o uso dos

stories, junto com as hashtags, é uma das melhores estratégias para a criação de engajamento no Instagram. A empresa indica que entre 800 milhões de usuários da rede, 300 milhões estão ativos diariamente nessa seção da plataforma, visualizando as cenas sequenciadas de quem seguem.

Por outro lado, após reforma no algoritmo da rede, o feed passou a requerer mais engajamento para ser acessado, de modo que se aconselha a quem tem uma página no Instagram para negócios que use várias ferramentas ao mesmo tempo para trazer seus seguidores até o feed¹¹⁸.

Como vemos na **SD3**, a sequência de seis cenas foram publicadas no intervalo de três horas (vide topo esquerdo da cena). Após essas cenas, há ainda várias outras a seguir, que não trouxe para a análise. Isso pode ser constatado a partir da leitura dos traços pontilhados no topo da imagem. Cada um deles alinhado horizontalmente representa uma cena nova publicada. Um traço branco à esquerda significa que o espectador já visualizou a cena. Um traço cinza à direita significa que ela ainda será visualizada.

Esse recurso produz o efeito imaginário de controle do espectador sobre a sua programação, mais uma demanda do funcionamento midiático da cultura da participação. Poder saber *o que* e *o quanto* já se viu e será visto oferece ao sujeito espectador a projeção imaginária do *direito privado* de decidir quando e o quanto ainda vai visualizar, e em qual momento do seu dia. Esse efeito de liberdade que funciona pela composição visual e digital da mídia do Instagram contrasta com a programação tradicional da televisão¹¹⁹, por exemplo, em que se deve aguardar a duração dos quadros, o horário dos programas, das propagandas. No Instagram, assiste-se à programação que se quer, no momento em que se deseja e com a possibilidade de se planejar o melhor momento de se consumi-la – nada mal para uma sociedade determinada pelo hedonismo e pela *happycracia*¹²⁰ (CABANAS; ILLOUZ, 2018).

A partir desse prisma, o modo de circulação dos sentidos e o maior grau de saturação que existe no espaço dos stories em relação ao feed pode ser relacionado com suas condições sociodiscursivas. No último, a liturgia da práxis da rede determina que seja publicada apenas uma fotografia por dia, no máximo, para que não ocorra

¹¹⁸ Cf. <https://rockcontent.com/blog/dicas-engajamento-no-instagram/>. Acesso em: 9 jan. 2020.

¹¹⁹ Na TV digital, o recurso da participação já foi incorporado.

¹²⁰ O termo original, *happycracy*, é uma elaboração teórica de Cabanas e Illouz (2010), traduzido para o francês como *happycracie*. Não encontrei melhor maneira de traduzir para o português do que a mesma solução do tradutor francês, mantendo o radical inglês: *happycracia*.

excesso de informações¹²¹ e que não se dissipe o interesse do público leitor em seu consumo.

O feed se expande sobre a página inicial do perfil e, para os seguidores, aparecem apenas as novas publicações diariamente em sua linha do tempo pessoal, não necessariamente na mesma ordem em que foi publicada por seu autor; não há a possibilidade de “fuga” das informações ali inscritas, a não ser que se silencie o perfil ou que se desfaça a amizade, movimento que tem forte efeito de impolidez entre digital influencers¹²². Desse modo, o efeito de liberdade de escolha fica mais reservado ao espaço dos stories, que também é usado para divulgação de anúncios das novas postagens no feed, estando ali disponíveis filtros com estratégia de marketing para promover o clique no encaminhamento do storie para o feed e para domínios fora da rede.

Nas cenas dos stories, é possível realizar, também, uma série de formas de interação com seguidores, com criação de enquetes, com a funcionalidade dos testes, em que os usuários assinalam alternativas a perguntas, com o bate-papo público, com o compartilhamento de músicas, etc. Enfim, são recursos que, além de ecoarem a rede de memória televisiva, sofrem a determinação do imperativo da *participação*, modelo comunicacional instituído com a cultura da convergência.

Voltando à programação recortada pela **SD3** da Imagem 5, assim, podemos observar que as duas primeiras cenas representam uma cena narrativa de treino de exercícios coletivos. Na *cena 1*, pode-se ler uma legenda na imagem (originalmente um vídeo em movimento), em que consta o enunciado “Onde a gente estiver, a gente treina!”. Na *cena 2*, uma continuação do vídeo dos exercícios, outra legenda apresenta a voz da enunciadora blogueira: “Nossos treinos juntas! Sempre mara! Amo vcs @marinafetter @marinagonzalez! Mto bom ter amigas que me inspiram!”.

Nas duas cenas mencionadas, as formulações são enunciadas a partir de uma posição-sujeito blogueira fitness individual pela inscrição da primeira pessoa, mas

¹²¹ Decidi não discutir sobre as estratégias de engajamento e sobre como os algoritmos determinam a circulação a partir de número de seguidores, por exemplo. Meu intuito, aqui, por hora, é demonstrar como os elementos significantes produzem sentido nesse espaço.

¹²² Quando uma celebridade deixa de seguir outra no Instagram, isso pode se tornar pauta de notícias em sites. Para a imprensa de colonismo social, esse é um dos sintomas de que um casal se separou por exemplo, ou de que pessoas têm rixas no ambiente profissional. Vide caso de Bruna Marquezine e Neymar ou Anitta e Pablo Vittar. Cf. <https://aratuon.com.br/noticias/neymar-e-bruna-marquezine-param-de-seguir-um-ao-outro-no-instagram/>. Cf. <https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/leo-dias/2020/01/03/anitta-e-pablo-vittar-voltaram-a-se-seguir-nas-redes-sociais.htm>. Acesso em: 9 jan. 2020.

representam ao mesmo tempo uma coletividade (a gente/nossos). A realização da prática esportiva ganha sentido no contexto de grupo, que, no eixo narrativo, recebe o atributo de inspirador da prática do sujeito enunciador. Como veremos mais adiante em outras análises, o apagamento do eu individual para a irrupção de um eu coletivo nas formulações dos textos da FD fitness apresenta-se como uma regularidade, que, no meu entendimento, tem relação com o efeito tutelador/pedagógico do discurso fitness em seu eixo de determinação do discurso de autoajuda.

O pesquisador Vander Casaqui vem desenvolvendo análises no campo da cultura e da comunicação a respeito do que denomina “cultura da inspiração” (CASAQUI, 2017, 2018). A partir de algumas ideias de Angenot (2010), o autor entende que as narrativas, nas mídias contemporâneas, têm sido instrumentalizadas como um mercado, a fim de inspirar indivíduos interpelando-os enquanto consumidores. Isso, aliado ao empreendedorismo, segundo ele, mobiliza enunciadorees enquanto sujeitos da inspiração. Esses sujeitos ocupariam, conforme leitura da teoria de Giddens (2002), lugares de saber em um sistema especialista (Cf. CASAQUI, 2017, p. 4). Para mim, isso significa dizer que existe uma legitimação social do efeito-sujeito influenciador como um lugar social de saber sobre os assuntos sobre o qual discursiviza.

Seguindo na análise da **SD3** mobilizada, como em um programa de televisão, após a cena do treino, surge a **cena 3**, um vídeo no qual a blogueira divulga um produto, comentando sobre seus atributos. Sem apresentar nenhuma marcação discursiva de anúncio¹²³, ela recomenda o chá de cacau que expõe em sua mão, comentando oralmente sobre ele, além de incluir legenda na cena: “Quem nunca tomou chá de casca de cacau, por favor provem!!”. Nessa formulação, lineariza-se uma forma verbal injuntiva, mais evidentemente afetada pela memória do discurso publicitário. Na **cena 4**, a blogueira comenta sobre os componentes do produto, exaltando suas qualidades saudáveis e seus ingredientes.

Embora não haja uma explicitação de que se trate de um momento de propaganda na programação entre as cenas da narrativa, essa sequência (**cenaa 3 e 4**) evidenciam o funcionamento de um discurso publicitário, pelas razões já

¹²³ No Instagram, existem alguns modos de marcar publicações publicitárias. O mais explícito trata-se do uso de algumas hashtags como #publi, #publipost ou #ad (abreviação de *advertising*, do inglês). Não fortuitamente, a menos evidente e sutil, em inglês e abreviada (#ad), é a mais frequentemente marcada pelas blogueiras, mas essa indicação costuma ser feita apenas no espaço do feed, e não nos stories, onde os anúncios se integram com efeito de naturalidade ao fluxo narrativo das cenas.

mencionadas. Diferentemente do modelo de composição publicitária da televisão, o fato de não haver uma quebra na estrutura da narrativa cenográfica nem uma mudança nos personagens – a protagonista de todas as cenas é sempre a blogueira que administra a página – faz funcionar um efeito de naturalização entre os fatos vividos e os fatos publicitários formulados enquanto cenas do cotidiano, de modo que, no plano do discurso, essas formulações se linearizam como textos da mesma ordem. No meu entendimento, esse fenômeno fortalece a publicidade como formação discursiva integrada ao discurso do cotidiano, o que reforça o imbricamento material e ideológico entre a vida e o capital.

Na sequência, as **cenas 5 e 6** apresentam um compartilhamento de notícias a respeito dos incêndios nas florestas da Austrália, tema amplamente divulgado naquele dia nas redes. A página não apenas compartilha as publicações como também lineariza um gesto de autoria na **cena 6** pela inserção de um emoji¹²⁴ que representa um coração partido, acrescentando ao texto original um gesto de leitura de humanização a partir da posição de autora.

O engajamento político das celebridades e a manifestação de seus posicionamentos ideológicos tem sido, cada vez mais, uma demanda do público consumidor de suas imagens no espaço digital. A proximidade imaginária que se projeta nas relações pós-orgânicas entre sujeitos do discurso no digital tem exigido deles posicionamentos sobre questões não relativas apenas às suas áreas de atuação profissional, mas também sobre fatos políticos e sociais polêmicos. O silêncio sobre desastres de cunho ambiental ou social pode acarretar um retorno negativo para esses influencers; desse modo, é compreensível que se encontrem essas formulações de ordem política e ambiental no fluxo narrativo dos stories na **SD3**. Se um fato irrompe como enunciado na narratividade social do cotidiano e demanda um posicionamento porque adquiriu status coletivo (com muitos compartilhamentos no Twitter e no próprio Instagram), espera-se que ele ressurgirá como temática em postagens mesmo em uma página de linha editorial fitness, como é o caso da sequência discursiva em análise. Esse fenômeno reforça ainda mais minha hipótese

¹²⁴ Emojis são ideogramas, isto é, elementos significantes que simbolizam formulações semiotizadas em imagens no espaço digital. Eles adquiriram um status elevadíssimo nas redes sociais em se tratando de sua influência no *engajamento* de usuários. Segundo dados do Rock Content, 92% dos internautas, hoje, usam emojis. Para a empresa analista de marketing digital, esses ideogramas humanizam marcas e ajudam na comunicação com o público jovem. No Instagram, o uso de emoji gera cerca de 17% de engajamento a mais em cada post. Dados disponíveis em: <https://rockcontent.com/blog/emoji/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

de que as formulações nesse espaço se estruturam em torno da projeção de um imaginário da vida cotidiana da posição-sujeito íntima do blogueiro. Isso porque a vida projetada imaginariamente como “real” de qualquer pessoa é atravessada por uma diversidade de fatos e de temas que não podem ser roteirizados numa sequência lógica por *apenas* uma linha editorial: o futuro não cabe em um script. Filtrá-los seria contaminá-los com a artificialidade da comunicação caduca da programação broadcasting acionada pela memória da televisão analógica.

No Instagram, no entanto, pode-se organizar essa narrativa de um modo que a imaginária desordem constitua uma ordem própria de organização: o cotidiano não cumpre necessariamente um planejamento e o efeito de verdade de sua narrativa depende de sua identificação com essa projeção discursiva.

Para trabalhar mais algumas questões concernentes à enunciação no espaço dos stories, observe-se a SD4, reproduzida na Imagem 6, abaixo, constituída de uma cena dos stories da blogueira francesa Lucile Woodward, Sujeito 3 desta pesquisa, coletada no dia 5 de janeiro de 2020.

Imagem 6 – SD4 - Cena dos stories do perfil da blogueira francesa Lucile Woodward.



A cena reproduzida na SD4 foi apreendida de uma sequência de vídeo em que a blogueira apresentava o recurso da enquete, que podemos ver no centro da imagem no box de perguntas. A questão “Comment ça va aujourd'hui” (Como você está

hoje?), com espaço para respostas privadas, diretamente encaminhada para a caixa da influenciadora, interpela os seguidores para que se expressem sobre seu *bem-estar*. A demanda pelo falar de si tem sido explorada nesses canais de interlocução, porque se sabe que a busca pela autoidentidade é um dos principais problemas modernos e ela é atravessada, também, pelo tema do bem-estar e do estilo de vida, que passa, necessariamente pela escuta do corpo (GIDDENS, 2002). Trata-se do funcionamento do que vou demonstrar, no Capítulo 4, como regularidade de uma formação discursiva fitness determinada tanto por um discurso do cotidiano quanto por uma discursividade médico-esportiva¹²⁵.

O aparato midiático-tecnológico que constitui a ordem do digital institucionaliza esse saber como forma-sujeito ideologicamente autorizada a dizer sobre em uma condição de produção sociodiscursiva em que há um “deslocamento” e uma “reapropriação de especialidades” do saber, sob o impacto da invasão dos sistemas abstratos como significantes dominantes (GIDDENS, 2012, P. 94-95).

Na SD4, ainda, há uma especificidade simbólica da enunciação nos stories a ser destacada: o efeito que o movimento produz na produção de um imaginário narrativo cotidiano na cena. O movimento da câmera, nas cenas, que, em geral, não são produzidas para um evento especial de transmissão estática (como em vídeos do IGTV ou do Youtube), mas remontam a cena cotidiana de conversação face a face, seja em espaços internos ou externos. Essa estrutura narrativa faz funcionar no eixo da formulação um efeito de copresença relevante na construção de um imaginário de intimidade entre seguidores e produtores de conteúdo.

Voltando à cena dos stories do perfil Lucile Woodward, pode-se observar que, na imagem, não há uma pré-produção cenográfica no modelo de estúdio de gravação. A blogueira não usa maquiagem, seu cabelo está preso de modo espontâneo, com efeito de naturalidade, e, em segundo plano, vê-se na pia de sua cozinha um corredor de pratos e caixas de chá espalhadas. Essa disposição textual-imagética paradoxalmente despretensiosa funciona como formulação num efeito de imersão do sujeito espectador no interior da cena doméstica e privada que se ambienta na residência da blogueira, desterritorializando a comunicação face a face tanto no que se refere ao local geográfico quanto ao tempo, uma vez que a cena pode ser acessada nas próximas 24h. Instaura-se, nesse funcionamento, um efeito imaginário de

¹²⁵ No Capítulo 4, essas discursividades são descritas como formações discursivas relacionadas.

interlocução íntima, tanto decorrente dos elementos visuais em movimento no vídeo quanto da questão lançada pela enquete proposta, que interpela os seguidores-espectadores a inscreverem-se no diálogo numa ordem discursiva conversacional.

Em *O show do eu: a intimidade como espetáculo*, a pesquisadora Paula Sibilia (2016) realiza uma profunda e extensa análise da emergência dessas poderosas figuras contemporâneas que surgem com os reality shows nas TVs nos anos 2000, no final desta década do século 21, e se consolidam no mercado da mídia como influenciadores digitais. Retomando as reflexões do filósofo Walter Benjamin sobre o ethos burguês no romance do século XIX, em *O narrador* (BENJAMIN, 1994), a filósofa (2016, p. 69) julga que as narrativas modernas perderam em termos de profundidade com relação aos relatos das sociedades pré-modernas, em que o lugar da experiência era marcado pelo tempo e pelo envelhecimento. Contar histórias passou a ser, conforme o prisma moral de ambos os autores, atributo de uma juventude pobre e inexperiente, que denunciaria uma “forma inédita de miséria” (SIBILIA, 2016, p. 70). Trata-se de uma análise, digamos, moralista e um tanto apocalíptica sobre a discursividade das redes, mas que revela também um lado obscuro nem sempre mencionado quando se fala das maravilhas e facilidades que as tecnologias trouxeram para a vida humana.

A autora vê os modos de narrar na rede como um regime de continuação do ethos burguês do qual falava Benjamin, como “indigências narrativas” marcadas pela expressão do pacto autobiográfico (LEJEUNE, 2014). A estudiosa explica que os sustentáculos da exibição da intimidade nas narrativas de si nos blogs, como os das influenciadoras fitness analisadas neste trabalho, são os seguintes: “informação, eliminação das distâncias e forte dependência da veracidade; ou seja, necessidade de uma ancoragem verificável *na vida real*” (SIBILIA, 2016, p. 71, grifo da autora).

Tendo em vista essa argumentação, entendo, assim, que o efeito de verdade decorrente de uma desorganização paradoxalmente organizada na discursividade dos stories contribuem para reforçar uma identificação discursiva das narrativas nesse espaço com a *realidade* que elas projetam imaginariamente, eliminando distâncias e temporalidades.

É preciso explicitar, portanto, do cerne de minha visada discursiva, como o discurso autobiográfico no Instagram, a partir de nosso olhar sobre a FD fitness, tem se legitimado como um discurso sobre, nos termos em que Mariani (1998) define a

expressão, enquanto lugar institucionalizado de saberes com efeitos de verdade na rede.

4.2 FALAR DE SI É PODER DIZER: DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO COMO DISCURSO SOBRE

Junto com a estética do modo de vida e da domesticidade, o filme-vida também deu ensejo a uma estética do corpo, que transformou cada músculo e nervo numa forma de autoexpressão. (GABLER, 1999, p. 2000)

Se concordamos que os dispositivos tecnológicos funcionam no interior do aparelho ideológico midiático como operadores de discursividades determinadas por condições de produção específicas, podemos afirmar também que eles próprios constituem condições de produção dos processos discursivos. Isso porque no imbricamento entre a ordem da materialidade significativa e a dialética da memória discursiva, eles se impõem como “condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

A proliferação das redes sociais massificou uma comunicação determinada por um “consumo transestético” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 62), que caracteriza uma forma-sujeito consumidora ávida por novidades instantâneas, espetáculos, evasões turísticas, experiências emocionais e fruições sensíveis (idem). Segundo Lipovetsky e Serroy (2015), essa subjetividade seria individualista, mas desapegada (não possessiva), porque ela é também hedonista e transestética. Desse modo, para esses autores, o mesmo sistema econômico que, como vimos, com o desenvolvimento das tecnologias, instaura um paradigma informacional ligado a dados e cálculos, opera no eixo paradoxal da projeção de subjetividades individuais sobredeterminadas pela ordem das experiências e emoções via fruição estética.

Essa atual configuração da cultura do espetáculo (DEBORD, 1997) põe em jogo lugares de memória marcados por um regime de repetibilidade (INDURSKY, 2011), que nos levam a (re)pensar os lugares sociais (PÊCHEUX, 2014a, p. 80), lembrando que eles sempre estão *representados* nos processos discursivos. Nas palavras de Pêcheux (2014a, p. 81), “o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*” (grifos do autor).

Considerando que o sujeito é efeito do funcionamento da ideologia sobre o indivíduo e é produzido simbolicamente por um processo equívoco de identificação (PÊCHEUX, 2014b), é mister reiterar que a designação *blogueira* não se refere aos indivíduos identificados por/em suas próprias imagens e nomes. Trata-se de uma “figura da interpelação” que representa, enquanto ilustração¹²⁶, a materialização do vínculo entre o sujeito de direito e o sujeito ideológico (PÊCHEUX, 2014b, p. 140). É justamente pela enorme eficácia do funcionamento dessa identificação entre sujeito “como origem e causa de si” (PÊCHEUX, 2014b, p. 139) que se torna indispensável observar a constituição dos sentidos e *o que significa se constituir sujeito* em determinado lugar discursivo, em nosso caso, o de *blogueira fitness*, tão ou mais equívoco quanto qualquer outro – tendo em vista os efeitos significantes da materialidade digital e sua eficácia simbólica.

Brevemente, é necessário explicitar que a noção de sujeito da qual parto para realizar as análises subsequentes está totalmente vinculada à noção de formação discursiva, pormenorizada no Capítulo 4, no qual trabalharei com a descrição-interpretação das regularidades que compõem as discursividades que atravessam e constituem do discurso *fitness*. Sendo assim, para o momento, é necessário reiterar que, dessa visada, não há sujeito apartado do processo de identificação de unidade imaginária com os sentidos de uma ou mais formações discursivas nas quais se inscreve, enquanto posições, para que possa se constituir sujeito. No entanto, há dois conceitos que nos ajudam a pensar o sujeito *blogueira* como *um lugar* de discursividade. Para isso, voltarei ao trabalho de Grigoletto (2008).

Retomando as teorizações de Foucault (1997) a respeito do conceito de dispersão na ordem do discurso, a autora evoca a noção de *lugar social* como lugar institucional que legitima e autoriza (assim como também interdita) determinados movimentos da práxis ou do discurso de um sujeito na sociedade. Desse modo, a inscrição de um sujeito em posições discursivas estaria condicionada ao lugar social que ele ocupa em determinado momento, considerando a estrutura social em que se dão suas enunciações (GRIGOLETTO, 2008, p. 53). No entanto, esse lugar não é límpido nem homogêneo; é atravessado por dispersões e descontinuidades. Assim, a partir do axioma foucaultiano de que o sujeito é uma descontinuidade em relação a si mesmo, pois está submetido às contingências várias de sua formação social, a autora

¹²⁶ Termo usado por Pêcheux (2014b, p. 140), literalmente.

pensa o lugar discursivo como “um espaço que se configura no interior do discurso e é da ordem da sua constituição” (GRIGOLETTO, 2008, p. 54), relacionado a um lugar social, mas distinto dele dado seu caráter constitutivamente simbólico.

Embora haja uma problemática de ordem fenomenológica em pensarmos a ideia de um empírico apartado do discursivo, Grigoletto (2008) faz o exercício de elaborar a noção de lugar discursivo como um espaço localizado no plano teórico, pensando-o em relação a uma forma-sujeito do discurso com a formação discursiva com a qual ele se identifica, dado que numa formação social existe a dimensão da prática, na qual estaria representado o lugar social do sujeito. “O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe sua inscrição em determinado discurso” (GRIGOLETTO, 2008, p. 56).

A seguir, reproduzo o diagrama concebido pela autora para representar como entende a relação entre o sujeito, o lugar social e o lugar discursivo.

Quadro 7 - Relações entre lugar social e lugar discursivo: diagrama de Grigoletto (2008).



A acadêmica teoriza, em seu trabalho, os lugares discursivos como construídos simbolicamente pelos sujeitos em sua relação com a língua e com a história (GRIGOLETTO, 2008, p. 56). Como pode-se ver em seu diagrama, ela entende que as relações de poder institucionais determinam os lugares sociais de um modo unilateral, servindo como uma represa que desenha arquitetonicamente, em um contexto específico, modos de existir em determinados lugares na sociedade.

Grigoletto (2008) localiza esses fenômenos no domínio que nomeia como espaço empírico, que seria o campo das práticas sociais, mas isso não significa dizer que nessa dimensão não haja constituições simbólicas discursivas, o que se pode

observar na representação das setas no topo do diagrama no sentido anti-horário. Trata-se de uma dupla constituição apresentada pelo esquema a título de ilustração visual; suas fronteiras não devem ser tomadas como literais e/ou estanques, considerando que os processos sociais e discursivos são dinâmicos.

Distintamente do lugar social, por outro lado, o lugar discursivo (GRIGOLETTO, 2008) sofre uma dupla determinação, tanto da forma-sujeito quanto das posições-sujeito de um discurso. Essas três instâncias subjetivas serão influenciadas pelo lugar social do sujeito enquanto projeção da infraestrutura na superestrutura, sempre considerando-se a dimensão histórica e simbólica desse processo. “Ainda é importante esclarecer que, ao passar do espaço empírico para o espaço discursivo, o sujeito é afetado pelo inconsciente, tendo a ilusão, muitas vezes, de que é possível produzir um apagamento do seu lugar social” (GRIGOLETTO, 2008, p. 56). Esse processo de apagamento é verificado no *corpus* de análise do trabalho de Grigoletto (2008), quando a estudiosa observa que o sujeito jornalista apaga o sujeito da ciência na formulação de seu discurso, ocorrendo o que Pêcheux denomina de “fenômeno de simulação-presentificação” (2014b, p. 156). O sujeito simula sua presença na cena enunciativa e, ao reproduzir um fato narrado em seu texto como se estivesse presente no momento de seu acontecimento, presentifica-se em um “*como se*”, simulando um efeito-presença. Essa simulação, vale lembrar, não é de ordem consciente: está inscrita no jogo dos esquecimentos elaborados teoricamente por Pêcheux (2014a, 2014b) a partir do conceito de interpelação talhado por Althusser (1970). Assim, nessa incorporação não marcada do discurso-outro produzida por um apagamento e, em seguida, por uma apropriação, típica de processos discursivos produzidos por sujeitos jornalistas enquanto um lugar discursivo, produz-se um lugar heterogêneo determinado pela heterogeneidade não mostrada, isto é, constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 2015).

Como busquei demonstrar em trabalho fruto de meu estágio sanduíche (Cf. KRAMER WANDERLEY, 2018), em discursos ordinários, como é o caso dos processos discursivos que observamos na blogagem fitness no Instagram, acontece como regularidade a apropriação do discurso outro via apagamento e esquecimento, este que é da ordem do próprio efeito-sujeito, isto é, esse fenômeno acontece na origem do “reconhecimento do sujeito por si mesmo” (PÊCHEUX, 2014b, p. 158). A blogagem fitness, neste trabalho, está sendo compreendida como um *processo discursivo* produzido na rede social Instagram, constituído pela produção de

discursividades sobre bem-estar, saúde, corpo, alimentação, isto é, estilo de vida, a partir do lugar discursivo de blogueira. Nos termos de Pêcheux (2014b, p. 148), o “processo discursivo compreende o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”. Estou considerando como elementos significantes não apenas os linguísticos, mas também os da ordem da imagem e da geometrização do dizer no espaço da tela como significantes, conforme Adorno de Oliveira (2015, 2016). Além disso, meu intuito será o descrever-interpretar como se constitui a formação discursiva que estou denominando FD fitness¹²⁷, na qual emerge o lugar discursivo de blogueira fitness.

Para Pêcheux (2014b), o funcionamento do sujeito do discurso só pode acontecer mediante uma tomada de posição enquanto sujeito-falante, num “ato de linguagem” que se deseja livre de determinações de discursos outros. Desses movimentos de tomadas de posição do sujeito relativas às formações discursivas com as quais se relaciona deriva o conceito de posição-sujeito. Conforme Indursky (2000, p. 77), “cada posição-sujeito representa diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito”. A posição-sujeito descreve, como categoria analítica, os movimentos subjetivos de identificação, desidentificação e contraidentificação com a forma-sujeito dominante de uma formação discursiva, enquanto o lugar discursivo é o domínio imaginário no qual o sujeito se inscreve ao dizer sobre.

Enquanto sujeitos do discurso, as blogueiras se constituem discursivamente como um tipo específico de profissionais do dizer sobre, sustentando e legitimando seu lugar social¹²⁸ de influenciadoras digitais. Esse lugar é marcado pela memória de outros lugares sociais, como os de celebridade, de jornalista, de tutor/professor, de guru religioso e mesmo o de blogueiro, conforme os sentidos que esse termo já teve na ordem do digital.

Então, a partir dessas questões pontuadas, proponho, neste último subcapítulo, antes de chegarmos à análise do discurso fitness como formação discursiva, objetivo principal deste trabalho, pensarmos sobre esse lugar discursivo de blogueira fitness no jogo imaginário de representações sociais a partir do qual ele tem se constituído

¹²⁷ Ver Capítulo 4.

¹²⁸ Grigoletto (2008) toma lugar social e empírico como sinônimos. No entanto, afirmar que esses lugares são reconhecidos imaginariamente não significa dizer que esse reconhecimento não seja, ele mesmo, de ordem ideológica, equivocada e material, pois os lugares se constituem em relação aos outros sempre de acordo com valores simbolicamente determinados.

enquanto um lugar legitimado de *dizer sobre* bem-estar, corpo, saúde e alimentação, mas também sobre *como* viver a vida, identificando-se com uma ordem do discurso pedagógico, que estou denominando como *discurso tutelar*. Essa discursividade, no meu entendimento, se produz a partir das transformações nas mídias apresentadas nos subcapítulos anteriores e nos modos de expressar da intimidade, que vêm se transformando na modernidade.

Em primeiro lugar, o dizer sobre tem relação com um tipo específico de construção dos sentidos sobre os quais pensaram Mariani (1998) e Lunkes (2014) ao analisarem o discurso jornalístico. Conforme a primeira autora,

os discursos sobre são discursos que atuam na *institucionalização dos sentidos*, portanto, *no efeito de linearidade e homogeneidade da memória*. Os discursos sobre são *discursos intermediários*, pois, *ao falarem sobre um discurso ('discurso-origem')*, situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, *representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento*, já que o falar sobre transita na correlação entre o *narrar/descrever um acontecimento singular*, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecidos pelo interlocutor. (MARIANI, 1998, p. 60, grifos meus).¹²⁹

Entre os grifos destacados na citação acima, gostaria de explicar que todos eles se aplicam ao funcionamento do discurso da blogagem fitness tal como o analisaremos neste trabalho, exceto por um deles: “ao falarem sobre um discurso ('discurso-origem')”. Na blogagem fitness, o efeito de verdade se constitui justamente no maior apagamento possível de um discurso-origem¹³⁰, por um gesto, muitas vezes, explícito dos sujeitos blogueiras de desidentificação com ordens do discurso institucionalizadas, como é o caso de saberes profissionais ou da ciência, como veremos na análise das sequências discursivas produzidas pelo perfil da blogueira Lara Nesteruk, Sujeito 2¹³¹ desta pesquisa.

Desse modo, embora se identifique com o discurso jornalístico como discurso intermediário, atuando na institucionalização de saberes e investido de tomadas de posição ideológicas, a eficácia da interpelação do sujeito do discurso fitness se constitui da dissimulação de sua identificação com quaisquer formações discursivas que não sejam da ordem da *intimidade* e da *pessoalidade*. A centralidade referencial do eu como enunciador legitimado a dizer sobre demarca uma condição de ascensão ao lugar discursivo de blogueiro nas redes sociais: é preciso que se institucionalize a

¹²⁹ Esta citação foi reproduzida, também, na seção 1. Introdução.

¹³⁰ Mostrei como se dá esse movimento de apagamento em Kramer Wanderley (2018).

¹³¹ Cf. Subcapítulo 4.3.

crença de que o blogueiro não é ninguém além de si próprio e de que fala unicamente a partir do lugar de sua experiência – a narrativa individual se sobrepõe ao empirismo científico nessa ordem de discurso.

Um blogueiro ou influenciador digital¹³² é um sujeito reconhecido nas redes digitais como legitimado a dizer sobre algo, institucionalizando-se como um tipo específico de sujeito do *dizer sobre*, a depender de seu nicho de atuação. Esse processo de legitimação social não *exige* uma certificação institucional¹³³ ou qualquer tipo de formação; esse lugar social é determinado por questões que dizem respeito ao modo de narrar sobre si mesmo e sobre uma capacidade de mobilização de um rebanho de adesão, a que tem se chamado de seguidores. Promove-se uma institucionalização pastoral digital individualizada e tentacular baseada num jogo de representações que envolvem os processos de identificação subjetiva pulverizado. Esse é um fenômeno próprio da modernidade e das redes.

A teoria de Giddens (2012) assevera que a modernidade e a vida cotidiana estão tão entrelaçadas, que isso acarretou uma transformação relevante na noção de intimidade.

A experiência global da modernidade está interligada – e influencia, sendo por ela influenciada – à *penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana*. Não apenas a comunidade local, mas as *características íntimas da vida pessoal e do eu* tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e no espaço. (GIDDENS, 2012, p. 94, grifos meus).

Essa centralidade da intimidade na vida moderna, entre outros fatores, também decorre da desestabilização de sentidos de público e privado. Bolesina (2015) atribui à noção de direito à privacidade a sua relação de posse individual sobre a tutela jurídica de ideias como intimidade, privacidade, segredo, entre outras. Segundo o autor, a concepção de direito à privacidade mudou ao longo do tempo, passando a agregar um sentido mais ativo que passivo, contemporaneamente (BOLESINA, 2015, p. 1). Citando Kuhn (1994), o pesquisador defende que nossa sociedade passou de uma ordenação lógica “pessoa-informação-sigilo” para “pessoa-informação-

¹³² Embora eu reconheça que esses termos adquirem sentidos distintos em formações discursivas diferentes, neste trabalho, estou tomando-os como sinônimos. Referencio-me sobretudo à palavra blogueira para atualizar a memória dos blogs e da importância desse atravessamento no discurso das influenciadoras digitais.

¹³³ É preciso explicar, porém, que instituições como o Google e o Youtube, por exemplo, hoje, já oferecem treinamentos e têm um programa de certificação oficial sobre as competências de uso de suas plataformas. No entanto, acredito que a construção discursiva desse lugar social e discursivo de blogueiro ainda está em processo de legitimação social.

circulação-controle/gestão” (BOLESINA, 2015, p. 2). Na atual formação social capitalista, essa última sequência passa a funcionar como um paradigma relacional para pensarmos o lugar discursivo de blogueira como um lugar de saber e de produção de verdades.

O efeito do imaginário na constituição do sujeito blogueira como lugar discursivo é o de projeção imaginária de um saber desinstitucionalizado, uma vez que o efeito-sujeito blogueiro é o de um indivíduo que fala *de si por si mesmo* a partir do saber da própria experiência (narrativa testemunhal). Para além da contradição constitutiva que instaura o efeito-sujeito fundamental do discurso (determinado pela inscrição na língua), nesse processo de identificação, há uma eficácia específica na interpelação ideológica, que apaga as redes de memória e os discursos-outros que ecoam na prática discursiva desses sujeitos. Para Adorno de Oliveira (2015, 2016), a partir da sua análise de vlogueiros no Youtube, ocorre naquele espaço um fenômeno que o autor denomina de *identificação paradoxal de criadores de discurso*. Isso acontece porque, pela análise da composição simbólica equívoca dos vídeos, das designações de vlogueiro, youtuber e criador e dos enunciados “Eu sou eu mesmo” e “Broadcast Yourself”, o pesquisador interpreta um processo discursivo de “metaforização metonímica da intercambialidade entre sujeitos, entre criador e criação, entre autor e texto, entre sujeito e objeto” (ADORNO DE OLIVEIRA, 2016, p. 285).

Conforme o próprio autor nos lembra, o efeito de autenticidade já havia sido teorizado por Pêcheux (2014b, p. 160) quando o teórico francês explorou o que já comentei sobre o retorno do “Sujeito” no sujeito, fenômeno que desemboca na não coincidência subjetiva, caracterizando a dualidade sujeito-objeto (algo fala em mim). “Diremos que o coração desse mito se apoia na noção de consciência como poder sintético unificador” (PÊCHEUX, 2014b, 160).

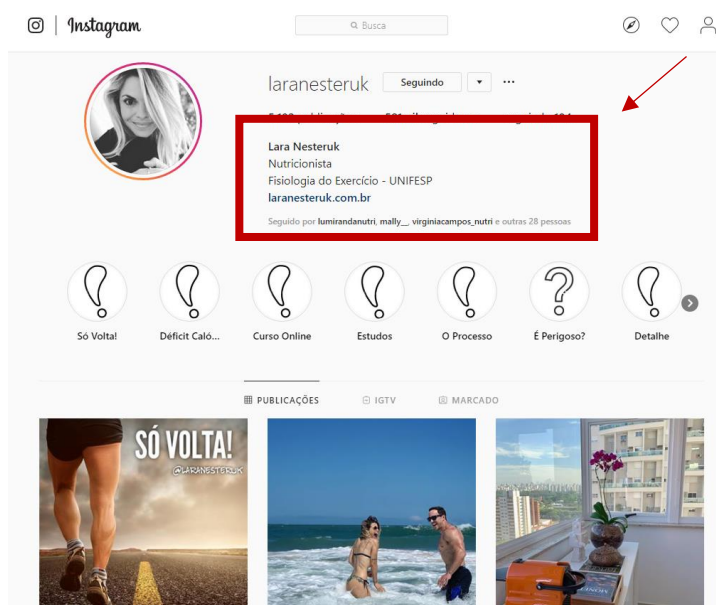
As diferenças do funcionamento de um sujeito “do discurso”¹³⁴ para o sujeito do discurso digital, mais especificamente o vlogueiro, de acordo com Adorno de Oliveira (2016, p. 286), estão relacionadas à explicitação de diferentes materialidades na constituição dos processos de identificação além dos jogos significantes na

¹³⁴ Usei essa expressão na tentativa de me referir ao sujeito do discurso pensado por Michel Pêcheux em seus trabalhos, que compreendia a reflexão sobre a língua como materialidade significante. Como sabemos, o autor não chegou a pensar a determinação de outras materialidades simbólicas na constituição dos sentidos, mas outros autores brasileiros vêm fazendo esse trabalho na perspectiva pêcheuxtiana, como Lagazzi (2015), Insdurky (2011), Ferreira (2015), Adorno de Oliveira (2015, 2016), apenas para citar alguns nomes.

história, que estão sujeitos às contingências materiais, tese com a qual concordo e que buscarei endossar com minhas análises no que diz respeito à constituição do lugar discursivo de blogueira fitness no Instagram.

Nesse sentido, realizarei a análise de uma sequência discursiva composta de cenas do stories da página de Lara Nesteruk, Sujeito 2 desta pesquisa. Antes, apresento a imagem de sua página inicial para algumas considerações, a seguir.

Imagem 7 – SD1- Página inicial do perfil Lara Nesteruk no Instagram.



Na SD1 reproduzida pela Imagem 7, observa-se um printscreen da página inicial do perfil de Lara Nesteruk. Nesta etapa, gostaria de chamar atenção para o espaço destacado em retângulo vermelho apontado por uma seta, inseridos ambos por mim. Nesse campo visual da espacialidade significativa da página, denominado *bio* (redução vocabular de *biografia*), espera-se encontrar uma descrição social ou pessoal do sujeito, com algum tipo de apresentação. Morfologicamente, o termo biografia é formado por um radical grego *bio-*, que significa vida, numa composição com o radical grego *-grafia* ('escrita, escrito, convenção, documento, descrição'). Conforme o Houaiss (2009), o primeiro efeito de sentido relacionado à palavra biografia é o de “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem” e o segundo é a de “suporte físico onde se insere uma biografia, a história de alguém”. Assim, na constituição dos sentidos de dicionário desse termo, há um efeito de sentido de ordem narrativa e outro de ordem

física, concreta, local. Então, a partir desse gesto de leitura do dicionário, vou entender que o espaço da *bio*, no Instagram, determinado pela memória do termo biografia, reserva-se ao lugar de inscrição de sentidos que representam imaginariamente, de modo metonímico (a parte pelo todo), a narrativa da vida de quem assina o perfil no Instagram como sujeito. Analisemos discursivamente a *bio* de Lara Nesteruk.

Abaixo do nome próprio que intitula o perfil, na primeira linha, está escrito o adjetivo “Nutricionista”. A adjetivação é um processo de caracterização de um referente que pode se dar em diversas formações discursivas; nesse caso, ela se dá no interior de uma FD profissional, bem como também a descrição nominal que se expõe na segunda linha da *bio* “Fisiologia do Exercício – UNIFESP”. Essa descrição também funciona na caracterização do sujeito como uma profissional formada no curso mencionado e na instituição de ensino pública referenciada. Na terceira linha, por fim, apresenta-se um link de encaminhamento para seu site¹³⁵ oficial, onde se pode ter acesso a uma elaboração mais ampla da gama de informações e serviços oferecidos por ela, como cursos online, palestras, consultas nutricionais, mas também outros dados informativos pessoais como livros preferidos, receitas, viagens, etc.

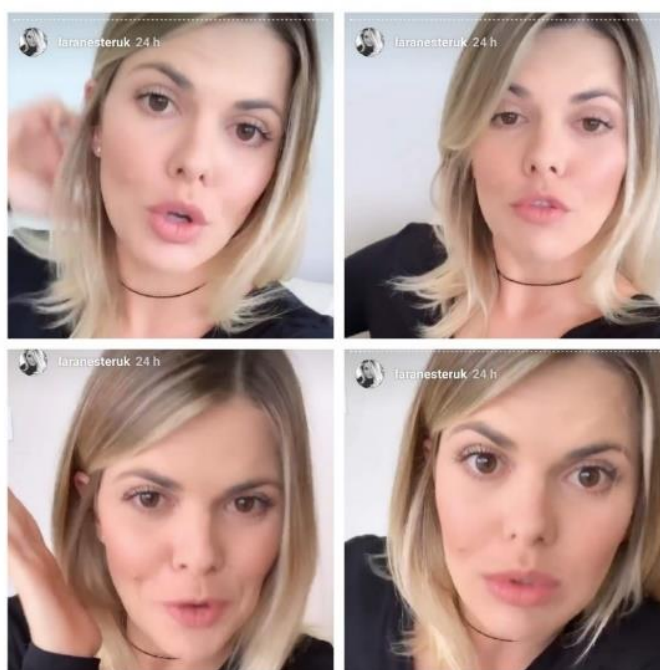
A partir da inscrição desses sentidos no espaço significativa da página, entendo que, nessa *bio*, inscreve-se uma memória biográfica que desliza para o campo da atividade profissional institucionalizada, constituindo-se nesse lugar discursivo um sujeito duplamente determinado pelo lugar discursivo de blogueiro e pelo lugar social de nutricionista especializada em fisiologia do exercício. Isto é, o sujeito se posiciona de duas maneiras no interior de uma mesma FD. Esse movimento, produzirá efeitos no funcionamento ideológico do efeito-sujeito, que se reflete no modo como estou lendo o lugar discursivo de blogueira.

A seguir, proponho a análise de uma sequência discursiva (SD2) composta por um texto oral transcrito e extraído de cenas dos stories da página de Lara Nesteruk, que consiste em uma apresentação de seu perfil para novos seguidores, no dia 25 de maio de 2019, às 10h40 da manhã. O áudio completo¹³⁶ tem duração de 5 minutos e 50 segundos, mas transcrevi apenas os primeiros 3 minutos, que considere mais

¹³⁵ Não vou analisar as relações entre o espaço do Instagram e do site oficial da blogueira (ele surgiu posteriormente ao sucesso dela no Instagram, como um aperfeiçoamento de seu empreendimento digital), pois isso foge de meus propósitos analíticos neste trabalho, mas considero, para pesquisas futuras, interessante verificar a relação entre esses diferentes espaços como ambientes de inscrição de lugares discursivos distintos no digital.

relevantes para a discussão a ser realizada neste momento. O texto foi transcrito a partir de metodologia livre, de modo que esse gesto pode ser considerado já uma interpretação minha. Alguns trechos serão mobilizados na análise como sequências discursivas. O som foi apreendido através gravador do Windows, que captou o áudio da fala da blogueira enquanto eu assistia às cenas de seus stories através de meu smartphone. Guardei, ao mesmo tempo, alguns printscreens (fotogramas) das cenas que acompanhavam o texto oral. Nas imagens, a face aparece centralizada, olhar direcionado à câmera, em diálogo com a tela, expressões faciais articuladas.

Imagem 8 – SD2 - Sequência de stories de Lara Nesteruk - Apresentação do Instagram para novos seguidores (25/05/2019).



Quadro 8 - SD2 - Transcrição da narração dos stories de Lara Nesteruk – Apresentação do Instagram para novos seguidores. (25/05/2019).

SD2 – Texto transcrito da sequência de stories descrita na Imagem 8

Tá chegando agora? Seja muito bem-vinda... Pega uma cadeira, senta aííí... Pede alguma coisa pra beber... peraí que eu peço pra você. Viu?! (ruído ao fundo de pratos mexendo). Por sinal, eu vou fazer isso... vou aproveitar que hoje tá entrando um monte de gente nova... por causa da entrevista... da Silvia (hesitação). Vou dar uma introduzida no assunto, tá?! Primeira coisa que cê tem que saber... eu não tô brava! Eu falo desse jeito (fala incisiva). Então, assim, ó... é isso aí mesmo! Eu não tô brava. Eu falo assim...

Aí, assim, ó... **Eu sou nutricionista, mas nutricionista é só minha profissão... E esse aqui não é o meu perfil profissional (entonação reforçada). Aí cê vai dizer: - Qual que é o seu perfil (enrola um pouco a língua, retoma a fala) profissional? – Qual que é o seu perfil profissional? E eu vou te dizer: - Nenhum (entonação reforçada). Isso aqui é meu perfil pessoal (acento na última palavra), calha (aumenta o tom da voz) d'eu falar bastante aqui de nutrição porque é isso que eu faço, é isso que eu gosto e tudo o mais. Mas, aqui, se você ficar por aqui, você vai ver de tudo**

(acento na última palavra). Então aqui tem foto de xícara (acento)... sem café! (fala incisiva). Então, quer dizer, não tem a ver (hesitação) porque ingere, entendeu? (respiração forte)

Aqui **cê vai ver um monte de coisa de viagem (acento), aqui cê vai ver eu falando de coisas da vida, não que eu saiba nada... Mas o lance é que no fim das contas eu vejo muita gente fazendo muita coisa que eu falo “hum... isso deve ser bom”, aí eu conto aqui (acento)...**

Aqui **cê vai ver, que mais cê vai ver aqui... música (acento)... umas músicas que são muito boas, muito velhas, eu vou botando aqui pra você ver (acento)... que mais cê vai ver aqui, deixa eu ver... BRONCA! Ah, bronca cê vai ver... porque lembra que eu falei que eu não tô brava? Mas na verdade às vezes eu tô, sim...**

A verdade é que é o seguinte... você tem que vir... tem que vir pra cá preparado pra muito pouco... esperando muito pouco... que daí cê vai ser surpreendido (acento, palavra pronunciada lentamente). Mas se você vem já esperando um monte de coisa... aaaahhhh... bi, eu vou te decepcionar tanto...

Não, agora falando sério, pra quem tá chegando agora... gente, tem um moooooonte de informação que já está aqui. Tá? Já está aqui no perfil, ou que tá no meu site, então eu vou dar umaaaa... sei lá, como é que chama isso? Vai... vou dar uma resumida aqui pra vocês, vou botar alguns prints aqui de uns lugares onde cês podem procurar coisa... Então tem a maioria (acento), a maioria, não, né, eu diria que quase todos, os posts informativos (acento) que tem aqui no meu Instagram... tão lá pra baixo. Então cê vai ter que correr feed, assim, tá?! Mas é um feed agradável aos olhos (acento), pode correr esse feed que ele não tá ruim, não (risadas).

Outra coisa importante aos que chegam, eu diria que essa é a mais importante: VEJAM OS STORIES EM DESTAQUE. VEJAM. Tem muuuuuuuita coisa nos stories em destaque e quem já é daqui sabe... a gente tem uma coisa... que é o seguinte... toda vez que alguém pergunta alguma coisa que já tem nos stories em destaque... um anjo chora (expressão de tristeza/irônica).

O texto transcrito¹³⁷ é um recorte de uma apresentação da página da blogueira, que, como podemos observar não se autodesigna através desse significante. Na ordem da língua, o enunciado explícito que inscreve esse sujeito em um lugar social encontra-se na SD2.1, destacada abaixo:

SD2.1 - Eu sou nutricionista, mas nutricionista é só minha profissão... E esse aqui não é o meu perfil profissional (entonação reforçada).

Na **SD2.1**, irrompe um sujeito que, num movimento de contradição, ao se descrever e se definir, inscreve-se numa posição e, em seguida, apaga-a. Uma paráfrase possível para esse enunciado seria a formulação: “Sou nutricionista; ser nutricionista é só minha profissão; esse não é um lugar profissional; logo, aqui, no Instagram, não sou nutricionista”. Se o perfil do Instagram *não* é um *lugar* profissional, se ser nutricionista é só uma profissão, por que ocorre o primeiro gesto de identificação “sou nutricionista”?

Considerando que o lugar discursivo de blogueira funciona pela eficácia da dissimulação da ideologia pelo funcionamento de um eu idêntico a um *eu íntimo*, essa contradição se constitui no processo discursivo causando efeito de autenticidade. Um perfil *pessoal* no Instagram não deve ser destinado a negócios ou assuntos profissionais; esse espaço é um lugar de interações sociais pessoais e autênticas;

¹³⁷ Para acesso ao áudio completo, visitar o link aberto do Google Drive:

<https://drive.google.com/file/d/1iXN8B8QpkiumZvYefJh66Jkghck9fvlf/view?usp=sharing>

dissimular relações ideológicas da ordem do capital como relações de ordem afetiva e familiar evidencia o funcionamento da ideologia neoliberal, que apaga, na ordem do discurso, determinações ideológicas de classe pela eficácia da manutenção de relações desiguais.

Sibilia (2004, p. 5) denomina como “referência ao real” as técnicas narrativas de verossimilhança que, da literatura ficcional às narrativas digitais, buscam projetar um efeito de realidade na construção da simbolização de fatos. Segundo a autora, estamos vivendo uma época em que as noções de realidade e verdade estão abaladas e não é mais a ficção que recorre à realidade para ganhar efeito de verdade. Aliás, segundo a autora, a ficção está vivendo uma crise. O espírito do tempo explicita uma “fome do real” (SIBILIA, 2004, p. 7) em termos narrativos, e a emergência de narrativas em blogs e em páginas pessoais decorre desse fenômeno cultural.

É nesse contexto que as vendas de biografias aumentam em todo o planeta, excedendo os limites de um fenômeno meramente mercadológico para evidenciar uma peculiar tendência contemporânea: o forte e renovado interesse pelas vidas reais – mesmo que não sejam “grandes vidas”, de figuras ilustres ou exemplares, basta apenas que sejam reais; isto é, “verdadeiras”, “autênticas”, enfim: realmente vividas. (SIBILIA, 2004, p. 7, grifos meus)

O sujeito do discurso, na formulação enunciativa na SD2.1 e na SD2.2 (ver a seguir), relaciona-se com a formação discursiva profissional num gesto sequenciado e contraditório de identificação e desidentificação, como se sua inscrição ideológica nessa FD projetasse o efeito de uma ficção indesejada do seu “verdadeiro eu”. Mas, como aprendemos com Pêcheux (2014b, p. 277), “não há ritual sem falhas” e “esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, identificada com a evidência de um sentido”. Contraditoriamente, assumindo a posição de nutricionista (“Eu sou nutricionista”), o sujeito também goza como sujeito de direito de dizer sobre a partir do lugar discursivo da nutrição: o discurso profissional, via memória, sobredetermina sua fala endossando institucionalmente os sentidos sobre alimentação e cuidado do corpo, quando, ocasional e “acidentalmente” (**calha d’eu falar bastante aqui de nutrição**) esses temas vierem à tona. Veremos, no Capítulo 4, todavia, que a dietética e a alimentação são temas dominantes na discursividade fitness, de modo que constituem um eixo fundamental da estrutura dessa FD. Assim, negando a posição de nutricionista, no entanto, no gesto de desidentificação com a forma-sujeito profissional, o sujeito apaga ideologicamente sua posição hierárquica na constituição de sentidos, dissimulando

uma simetria de relação pessoal com seus seguidores num efeito-leitor amigo íntimo; nesse processo discursivo, funciona a eficácia do efeito de amizade da ordem constitutiva da rede social. A SD2.2, a seguir, com os destaques, reforça esse gesto de leitura:

SD2.2 - Qual que é o seu perfil profissional? E eu vou te dizer: - **Nenhum** (entonação reforçada). **Isso aqui é meu perfil pessoal** (acento na última palavra), *calha* (aumenta o tom da voz) **d'eu falar bastante aqui de nutrição** porque é isso que eu faço, **é isso que eu gosto** e tudo o mais.

A pergunta retórica como efeito dialógico conversacional reforça o efeito-leitor amigo íntimo no jogo de projeções imaginárias da cena enunciativa recortada na SD2.2. Outrossim, o jogo de referenciação dos dêiticos demonstrativos “isso”, “aqui” e possessivo “meu”, esvaziados referencialmente na construção em questão, funcionam pela evidência de sentido de que o Instagram é uma espacialidade desterritorializada mas presentificada. Apagam-se a distância física e a suspensão de espaço-temporalidade e o espaço é significado como território de interação físico simbólico do sujeito enunciador com o sujeito leitor, reiterando-se o efeito-leitor de amigo íntimo.

Na construção “isso é o que eu gosto”, observa-se uma recategorização do dêitico “isso”, e ocorre um deslizamento para a formação discursiva profissional (isso → nutrição). Funciona, novamente, uma identificação com desidentificação: *isso é o que eu faço/isso é o que eu gosto*. O verbo *gostar* desliza o sentido do enunciado de uma posição-sujeito profissional para uma posição-sujeito afetiva, o que reitera meu entendimento sobre o funcionamento de um efeito-autor amigo íntimo na construção do lugar discursivo do sujeito do discurso.

A cena a seguir, denominada **SD2.3**, compõe a textualidade da sequência do áudio transcrito e registra um enunciado na imagem, que tomarei, também, como SD2.3: “Aqui é meu cantinho”.

Imagem 9 – SD2.3 - Cena dos stories de Lara Nesteruk - Apresentação do Instagram para novos seguidores (25/05/2019).



Na formulação enunciativa linguística da **SD2.3**, funciona uma metáfora que simboliza o Instagram como um lar (ambiente digital → ambiente doméstico pessoal) via polissemia da expressão “meu cantinho” em relação a suas redes de memória. O pronome dêitico “aqui” não faz referência ao lugar geográfico da cena enunciativa na qual a enunciadora formula o enunciado. Considerando que a enunciação se dá no espaço desterritorializado da cena do storie, suspensa no espaço-tempo, pode-se dizer que o perfil da rede Instagram é metaforizado como um espaço de casa, lar. Se pensarmos em nossa formação social, sob sentidos do já-la, que espaço geográfico sugeriria efeito mais íntimo e particular relacionado à existência individual? Ao inscrever o significante “aqui” na cena dos stories, o sujeito identifica a cena da tela como representação de um espaço físico, a despeito da materialidade do corpo se manifestar por meio da imagem pixelada. A afetividade inscrita no diminutivo “cantinho” reforça o efeito de intimidade e de proximidade entre a cena e o eu projetado como real e verdadeiro: na imagem da face próxima da tela, na qual o rosto pode ser visto de perto (se o rosto está próximo, o sujeito também está), no gesto enunciativo de significar a página como uma casa. Apenas amigos íntimos frequentam os lares uns dos outros. Se os seguidores do perfil têm acesso ao “cantinho” da blogueira, o efeito imaginário construído a partir desse processo discursivo será o da constituição de uma amizade íntima, mesmo que os sujeito não tenham nenhuma relação fora do espaço digital.

Pensando nessa narratividade do espaço simbólico do eu no digital, conforme discute Sibilia (2015), existe uma diferença muito expressiva entre as narrativas do eu que se estabelecem nas redes sociais e aquelas que se faziam outrora em diários íntimos. Em seus trabalhos, recompondo a genealogia do dizer sobre o eu (SIBILIA, 2016), a autora evoca o conceito de *extimidade*¹³⁸ em contraponto ao de intimidade numa redefinição sobre o modo como a discursividade do eu tem se apresentado nos espaços digitais de inscrição do dizer. Para ela, o objeto de desejo dessas narrativas não é mais a análise interior dos sujeitos narradores, mas a exibição do eu ao olhar alheio, numa lógica de espetacularização:

cada vez mais, portanto, a ‘verdade’ sobre o que é cada indivíduo abandona essa essência interior, sigilosa e íntima da subjetividade, e passa a se exibir. Se o alvo desse mostrar-se é sempre o olhar alheio, ele tem como cenário prioritário o próprio corpo: os gestos, a roupa, o aspecto físico, o estilo visual de cada um. (SIBILIA, 2008, p. 145).

Nesse sentido, na **SD2.4**, reproduzida abaixo, pode-se observar alguns movimentos do sujeito que nos permitem pensar o lugar discursivo de blogueira a partir do qual se fala da vida íntima numa lógica da extimidade, isto é, num projeto de exibição da narrativa do cotidiano privado. Esse funcionamento só é possível, no meu entendimento, pela eficácia no processo de constituição do efeito-leitor amigo íntimo sobre a qual comentei nas análises das SDs precedentes. Verifiquemos mais alguns aspectos sobre essa análise na SD2.4, a seguir.

SD2.4 - Aqui cê vai ver um monte de **coisa de viagem** (acento), aqui cê vai ver eu falando de **coisas da vida**, não que eu saiba nada... Mas o lance é que no fim das contas eu vejo **muita gente fazendo muita coisa que eu falo “hum... isso deve ser bom”, aí eu conto aqui (acento)...** Aqui cê vai ver, que mais cê vai ver aqui... **música** (acento)... umas músicas que são muito boas, muito velhas, eu vou botando aqui **pra você ver** (acento)... que mais cê vai ver aqui, deixa eu ver... BRONCA! Ah, bronca cê vai ver... porque lembra que eu falei que eu não **tô brava?** Mas na verdade **às vezes eu tô, sim...**

No discurso formulado na SD2.4, inscrevem-se sentidos, via paráfrase, que constituem uma formação discursiva. Se uma FD¹³⁹ é o que, em uma dada FI, “pode e deve ser dito a partir de uma posição numa dada conjuntura” (GADET; HAK, 2004a, p. 163), posso tomar a expressão “Aqui cê vai ver” como um ponto de deriva desse sentido. Ao se inscrever no lugar discursivo de blogueira (aqui = lugar discursivo a

¹³⁸ Conforme nos explica Bolesina (2015, p. 2), extimidade é um conceito teorizado por Lacan, que se estendeu a outras áreas de conhecimento pelos estudos de Tisseron (2001). Segundo Tisseron (2001), extimidade é o modo como se expõe a intimidade ao olhar do outro com objetivo de se obter validação ou invalidação social.

¹³⁹ O aprofundamento teórico do conceito de FD poderá ser encontrado no Capítulo 4.

partir do qual eu falo), diz-se sobre viagens, coisas da vida, narra-se sobre o que se viu de bom que os outros fazem (***aí eu conto aqui...***), música, bronca... Percebo, em meu gesto de leitura, inscritos nessa lista um conjunto de enunciados que constituem fatos do cotidiano de um sujeito burguês moderno, um sujeito também de consumo, que, numa dada conjuntura, a partir de um lugar de intimidade constitutivo de um efeito de verdade e autenticidade, legitima-se ideologicamente por esses dizeres em seu lugar discursivo sobre todos os mais variados temas da vida (**coisas da vida**), e não **apenas** sobre seu domínio profissional (Cf. **SD2.2 - calha** (aumenta o tom da voz) **d'eu falar bastante aqui de nutrição**). Isto é, o lugar discursivo de blogueira, constituído pelo efeito de autenticidade e intimidade, no qual inscrevem-se enunciados da ordem do cotidiano, legitima-se justamente por não se **alegar** como um lugar institucionalmente legitimado, apagando-se, assim, a sobredeterminação do seu poder dizer como um lugar discursivo de poder. E por que seu poder dizer se constitui um lugar de poder?

A resposta, dentre outros fatores, pode estar no conceito de reflexividade social (GIDDENS, 1991, 2002, 2012) e na centralidade das “tecnologias de si” (FOUCAULT, 2013) como paradigmas da formação social capitalista contemporânea. Michel Foucault (2013), falando sobre as origens do que estudou como hermenêutica do sujeito (as origens de si), tem um depoimento interessante sobre o que encontrou em suas pesquisas:

Mas, estudando a experiência da sexualidade, percebi gradualmente que em todas as sociedades, acredito, em todas as sociedades, sejam elas quais forem, outro tipo de técnica: *técnicas que permitem aos indivíduos realizar, por si mesmos, um certo número de operações em seus próprios corpos, em suas próprias almas, em seus próprios pensamentos, em seu próprio comportamento*, de modo a transformar a si próprios, a modificar a si mesmos e alcançar um certo estado de perfeição, felicidade, pureza, poder sobrenatural, etc. Vamos chamar esse tipo de técnica de “técnica” ou “tecnologia de si”¹⁴⁰. (FOUCAULT, 2013, p. 38, grifos meus).

Foucault (2013) demonstra que o sentido de “ocupar-se de si mesmo” vai deslizando desde a antiguidade para a modernidade de uma discursividade mais interiorizada e holística para outra mais disciplinar e normativa. Conforme apontam

¹⁴⁰ Tradução livre de : Mais, en étudiant l'expérience de la sexualité, je me suis progressivement rendu compte qu'il y a dans toutes les sociétés, je crois, dans toutes les sociétés quelles qu'elles soient un autre type de techniques : des techniques qui permettent aux individus d'effectuer, par eux-mêmes, un certain nombre d'opérations sur leurs propres corps, sur leurs propres âmes, sur leurs propres pensées, sur leur propre conduite, et cela de manière à se transformer eux-mêmes, se modifier eux-mêmes et atteindre un certain état de perfection, de bonheur, de pureté, de pouvoir surnaturel, etc. Appelons cette sorte de techniques « techniques » ou « technologie de soi » .

Assunção e Jorge (2014, p. 154-155), “o conhecimento de si passa a ser entendido como um fim em si [...] que poderia ser alcançado por meio do assujeitamento a um saber, tal como o médico ou psicológico, na medida em que tais saberes estabelecem normas para produção de discursos sobre si”.

Na cultura grega, ponto de partida da reflexão de Foucault (2013) no projeto da hermenêutica do sujeito, o cuidado de si passa pela *renúncia*. Já no cristianismo e no iluminismo, a *confissão* se torna fulcral na relação do sujeito com o autocuidado. E esse “dispositivo” (FOUCAULT, 1999) disciplinar materializa-se no falar sobre si para outras instâncias de controle governamental, como é o caso da medicina e da psicologia, lugares de saber institucionalizados cujas funções são as de normatizar e classificar sujeitos em normais ou anormais.

Na alta modernidade, “os regimes corporais e a organização da sensualidade” (GIDDENS, 2002, n. p.¹⁴¹), juntamente ao planejamento de vida e de opções de *estilo de vida*, são temáticas nodais do aspecto reflexivo da sociedade e relacionam-se numa rede de memória com as novas discursividades que surgem em torno dos cuidados de si.

Seria muita miopia ver esse fenômeno apenas em termos dos novos ideais de aparência corporal (como a esbelteza ou a juventude), ou apenas como produzido pela influência mercantilizada da propaganda. Tornamo-nos responsáveis pelo desenho de nossos próprios corpos, e, em certo sentido, indicado acima, *somos forçados a fazê-lo* quanto mais pós-tradicionais forem os contextos sociais em que vivemos (GIDDENS, 2002, n. p., *idem*, grifo meu).

Estilo de vida, corpo e autocuidado. Na discursividade das redes sociais e nas publicações que engendram o imperativo editorial das blogueiras fitness, esses temas determinam a ordem do discurso como pautas cotidianas. No entanto, a despeito de serem considerados assuntos “menores” ou “fúteis”, por um moralismo intelectualista, na sua evidência, o modo como essas temáticas têm mobilizado um enorme engajamento e investimentos de grandes mercados econômicos não deveria ser tão menosprezado pela crítica discursiva, especialmente de base materialista.

No Brasil, apesar da crise econômica dos últimos anos, o mercado de cosméticos tem gozado de um crescimento desproporcional ao de outras indústrias. Em 2019, apenas entre janeiro e março, o setor movimentou R\$ 4,7 bilhões¹⁴², um

¹⁴¹ Kobo, Capítulo 3, página 105.

¹⁴² Dados divulgados por reportagem do Correio Braziliense disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/06/06/internas_economia,760579/mercado-de-cosmeticos-cresce-apesar-da-crise.shtml. Acesso em: 19 jan. 2020.

crescimento de 10,64% em relação a 2018. Além disso, o segmento fitness, que inclui negócios como os de nutrição esportiva (suplementos), tecnologia (monitores de condicionamento), moda e até beleza (cosméticos específicos para esportistas) movimentou 2,1 bilhões de dólares no Brasil — a receita é a maior da América Latina e a terceira das Américas¹⁴³.

Conforme reportagem da Revista Exame, pelo levantamento de 2018 da IHRSA (associação internacional de fomento ao universo de saúde e exercícios), o Brasil tem mais de 34 500 academias. Esse número torna o país o segundo lugar mundo com maior concentração de estabelecimentos do tipo, atrás apenas dos Estados Unidos, curiosamente, berço do que Cabanas e Ilouz (2018) denominam como “psicologia positiva”, iniciada pelos idos de 1998 naquele país.

A América do Norte defendeu, exportou e disseminou essa “aspiração” em todas as direções, contando para isso com uma infinidade de partes interessadas “não políticas”: autores especializados em *autoajuda*, profissionais de treinamento diversificado e variado, empresários, fundações e outras organizações privadas, a indústria cinematográfica, talk-shows, celebridades e, é claro, psicólogos. (CABANAS ; ILLOUZ, 2018, p. 13, grifo dos autores).¹⁴⁴

Nesse sentido, o cuidado de si é interpelado pelo cuidado com o corpo e com a saúde, que, por sua vez, são determinados pelo consumo e pelas tecnologias. E esse fenômeno é regulado pelo funcionamento da ideologia neoliberal.

Não por acaso, esse foi o ponto cego da analítica do poder de Foucault (2013), segundo a crítica de Han (2018). “Ele (Foucault) não reconhece que o regime neoliberal de dominação se apropria completamente das tecnologias do eu, nem que a otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não seja mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração” (HAN, 2018, p. 43).

Se o indivíduo contemporâneo como sujeito de direito de uma formação ideológica neoliberal deve gerir a si mesmo como um indivíduo S.A. (EHRENBERG, 2010) “empresário de si” mesmo ou como um “corpo-empresa”, a quem resta a responsabilidade social de ensinar a ele como cuidar de si enquanto sujeito-empresa?

¹⁴³ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/onda-fitness-movimenta-us2-bi-no-brasil-e-so-cresce-veja-como-aproveitar/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

¹⁴⁴ Tradução livre de : L’Amérique du Nord a prôné, exporté et diffusé tous azimuts cette « aspiration », pouvant compter en cela sur une foultitude d’intervenants « non politiques » : auteurs spécialisés dans le *self-help* (ou aide à soi-même), professionnels du coaching divers et variés, hommes d’affaires, fondations et autres organismes privés, industrie du cinéma, talk-shows, célébrités et – bien évidemment – psychologues. (CABANAS ; ILLOUZ, 2018, p. 13, grifo dos autores).

Discuti um pouco, no Capítulo 2, sobre como o Estado tem legitimado práticas do discurso neoliberal em relação à formação discursiva do empreendedorismo a partir de uma formação discursiva pedagógica. Vimos, ali, também, que a meritocracia determina os pontos de deriva dos sentidos sobre o que é ser empreendedor, apagando-se as determinações de classe. Surge, portanto, nessa estrutura social, uma alta demanda por funções discursivas tutelares e pedagógicas do cuidado e do empreendedorismo de si. Como vimos na citação de Cabanas e Illouz (2018), e também por Foucault (1999), a medicina e a psicologia já ocupam um lugar importante como dispositivos de saber e de poder sobre os cuidados dos corpos numa ordem biopolítica, há algum tempo.

Então, na psicopolítica tecnocrática, em que a visibilidade e a exposição do eu são engenhos de um modelo comunicacional hegemônico, uma função-autor pedagógica e tutelar do cuidado de si emerge como lugar discursivo privilegiado. Nessa esteira, Bruno (2013, p. 47) entende os dispositivos midiáticos de visibilidade tecnológicos como estruturas de um *palinóptico*, num diálogo com a ideia de panoptismo debatida por Foucault (1999) em Vigiar e Punir. O radical grego *palin* designa processos de via dupla, e como significante descreveria esse “modelo reticular e distribuído onde muitos vigiam muitos ou onde muitos veem e são vistos de variadas formas” (idem). O foco de visibilidade, na lógica do espetáculo de celebridades, não recai sobre figuras nobres ou inalcançáveis. Ele se dá “sobre o indivíduo comum, embaralhando ainda mais as fronteiras entre vigilância e espetáculo” (BRUNO, 2013, p. 47).

Sobre evidências que constituem o imaginário de indivíduo comum nas redes sociais se estrutura o imaginário de lugar discursivo de blogueiro, que deve ser um modelo de estilo de vida, cuidado e investimento sobre o corpo, por um lado, mas também deve dissimular, por outro, as dissimetrias sociais com seus seguidores pelo funcionamento de um efeito-sujeito cidadão comum e tangível. Nesse processo discursivo, opera-se o apagamento do discurso profissional no que dele há de determinação superestrutural da ordem da dominação, porque nesse sentido também restringe um campo de ação da influência/tutela. Como afirma Han (2018), “a sociedade da transparência funda uma democracia de espectadores” (HAN, 2018, p. 22). No meu entendimento, isso corrobora um aspecto da ideologia para o qual Zizek chama a atenção: “ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse” (ZIZEK, 1999, p. 9).

Nesse eixo das práticas tutelares, o significativo *mentoria* emerge no campo da gestão empresarial como uma palavra-solução para “o desenvolvimento de pessoas” no mercado neoliberal. Silva (2008) realiza um estudo interessante sobre essa atividade na esfera empresarial, do qual destacarei alguns aspectos relevantes para esta argumentação.

Segundo a autora, a noção de mentoria tem origem na cultura grega e remonta à tradição literária de A Odisseia, de Homero. A partir dessa memória, segundo ela, o termo pode significar “orientador, conselheiro, **amigo tutor**, professor e homem sábio” (SILVA, 2008, p. 48). Observe-se que os sentidos de *amigo* e *tutor* aparecem numa composição coordenada em uma das citações da autora; o trabalho de tutoria atrelado à amizade como um exercício de mentoria era paradigma na prática pedagógica da cultura greco-latina. Prossigamos.

Segundo a autora, no contexto empresarial contemporâneo, a mentoria é uma técnica forte na Europa e nos Estados Unidos e ainda está em desenvolvimento no Brasil. Introduz-se no mundo dos negócios na década de 1970 “com o objetivo de melhorar a qualidade de trabalho nas empresas e criar condições para que as pessoas pudessem desenvolver o seu potencial” (SANTOS, TRACTENBERG e PEREIRA, 2005 apud SILVA, 2008). A pesquisadora ressalta que esse conceito surge num contexto de mudança tecnológica e competitividade no campo profissional.

Além da mentoria profissional, que se dá como uma prática institucionalizada dentro de empresas, há o conceito de “mentoria natural ou informal”. Segundo Silva (2008, p. 55), esse tipo de relação pode acontecer ou não dentro da empresa, mas o que a define é o fato de não ser planejada. Na mentoria formal, há um intuito explicitado de se “gerarem mudanças nas pessoas dentro das organizações” (SILVA, 2008, p. 55), enquanto, na mentoria natural, o processo de intervenção interpessoal pode acontecer tanto na esfera profissional quanto em espaços como o familiar e afetivo, importando apenas se houve uma relação mútua entre um mentor e um mentorado que gerou mudanças de comportamento dirigidas ao desenvolvimento de necessidades não ligadas *apenas* ao campo profissional. “Neste tipo, a pessoa deseja ser mentorada, *visando ao autoconhecimento* e o mentor aceita esse papel” (SILVA, 2008, p. 55, grifo meu).

A partir daí, gostaria de pensar o sentido de mentor como parafrástico ao de tutor para explicar como estou entendendo o deslizamento desses significantes na constituição dos sentidos de blogueiro como um tutor digital, que funciona numa

projeção imaginária de mentor, pelo apagamento do controle que exerce sobre seus tutelados. Sua função é de aprimorar o autoconhecimento de seus seguidores, e esse projeto se materializa através da produção, circulação e da reprodução de um discurso autobiográfico espetacularizado.

Para sustentar esse gesto de leitura, voltemos à SD2, recortada no Quadro 7, mobilizando neste momento outra sequência discursiva de seu interior:

SD2.5 - Não, agora falando sério, pra quem tá chegando agora... gente, tem **um moooooonte de informação** que já está aqui. Tá? Já está **aqui no perfil**, ou que tá no **meu site**, então eu vou dar umaaaa... sei lá, como é que chama isso? Vai... vou dar **uma resumida aqui pra vocês**, vou botar alguns prints aqui **de uns lugares onde cês podem procurar coisa...**

Na **SD2.5**, observo que o sujeito do discurso fala da posição de mentor/tutor, explicando em que lugares os leitores-seguidores de sua página podem encontrar as informações que procuram. Podemos dizer que nessa cena enunciativa o sujeito enunciador se inscreve na posição de mentor e inscreve seus seguidores (interlocutores) na posição de mentorados, estabelecendo-se uma relação de tutoria informal conforme descrita por Silva (2008) anteriormente. Julgo ser importante explicitar esse movimento do sujeito porque, na interface de uma posição de *inspiração* ocupada pelos sujeitos do discurso fitness, que pressupõe imaginariamente lugares de referência/seguidores, ao estabelecer gestos de mentoria numa posição de tutor, o movimento do sujeito evidencia, no lugar discursivo de blogueira, uma função-autor pedagógica, revelando uma contradição constitutiva à origem do discurso empreendedor.

Se, na sociedade do desempenho (HAN, 2018), a autodisciplina estabelece o nó na rede de sentidos que sustentam o sujeito empreendedor, a contingência da existência material de um mentor – seja ele formal ou informal – irrompe daí a contradição no que fundamenta ideologicamente o discurso do empreendedorismo de si. Se “para fazer você mesmo” é preciso que “alguém ensine você a fazer”, a coletividade se impõe/sobrepõe como um retorno simbólico do apagado na ordem do discurso neoliberal. No entanto, é nessa contradição que os lugares de blogueiros e influenciadores têm se legitimado como um poder dizer institucionalizado do dizer sobre, dissimulando sobre si mesmo a legitimidade do seu poder dizer na ordem ideológica de visibilidade digital.

Nessa linha de raciocínio analítico, não será estranha a coincidência de que à função-leitor dos consumidores de informação de uma página no Instagram dê-se o

nome justamente de “seguidores”. Conforme definições do Houaiss (2009), um seguidor é a) que ou aquele que segue; **continuador**; b) integrante ou **simpatizante de um partido**; partidário, sectário; c) que ou aquele que segue; perseguidor, **espião**. Nesses sentidos de efeito logicamente estabilizados evocados pela memória lexicográfica, observo o funcionamento tanto da memória pedagógica quanto política. Um seguidor é um sujeito tutelado e é, também, um sujeito político. Além disso, dessa rede de memória imerge o traço discursivo que determina o voyeurismo panóptico inscrito no ato de seguir um perfil digital. Bruno (2013) atesta em sua pesquisa que “as iniciativas mais numerosas e mais características da vigilância participativa na web 2.0, entretanto, são aquelas realizadas pelo internauta dito comum” (p. 136).

Desse modo, ao passo em que o lugar discursivo de blogueiro põe em cena um sujeito tutelador, ele estabelece em rede um tecido digital ideológico (político, que se pensa apolítico) que serve tanto ao Estado quanto ao capitalismo como um dispositivo de vigilância distribuída. Em se pensando as blogueiras fitness, veremos, no capítulo a seguir, que discursividades entram em jogo quando da inscrição de um sujeito enunciator no lugar discursivo de blogueira a partir de algumas posições; a esse processo darei o nome de formação discursiva fitness ou discurso fitness.

5 O DISCURSO FITNESS MERECE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA?

Não é porque eles são banais, escrevia ele (Foucault), que eles não existem. O que é preciso fazer com fatos banais é descobrir – ou tentar descobrir – qual problema específico e talvez original se liga a eles (FOUCAULT, 1984, p. 299 apud GUATARI, F., 1985).

5.1 AS FDS E SUA HETEROGENEIDADE RELATIVA

Seria redundante reproduzir por meio de paráfrase toda a história da arte que remonta o quadro do conceito de Formação Discursiva na AD, uma vez que esse trabalho já foi muito bem feito por Courtine (2014), Indursky (2007, 2008), Baronas (2007) e De Nardi (2009), apenas para citar alguns exemplos excelentes. Portanto, nesta seção, levantarei apenas os problemas e questões que afetam mais diretamente este trabalho de leitura de arquivo, como análise de um processo discursivo no qual a FD fitness se constitui na interface de outras discursividades pelo meu gesto de leitura.

O discurso, para Pêcheux (1990, 1997, 2014a, 2014b), é *efeito* de sentido entre interlocutores como já foi mencionado de outras maneiras nos capítulos anteriores. Mas o que essa máxima realmente inscreve academicamente enquanto gesto teórico-metodológico diante das teorias subjetivistas da linguagem? Neste trabalho, entendo que reforçar a noção de *efeito* enseja explicitar o movimento teórico-metodológico de reafirmar a importância da ideia de *esquecimento* na teoria não subjetiva do discurso, dado que o sentido nunca é um já-lá, mas sempre funciona em condição de produção determinada, e o dizer não se inscreve *apenas* no jogo de intenções¹⁴⁵ dos indivíduos ou sujeitos falantes envolvidos no processo discursivo, como desejaria o narcisismo da comunicação bem-sucedida.

Essa explicação, em um trabalho de/para analistas do discurso, pode parecer redundante; no entanto, mesmo no interior das ciências da linguagem, ainda tem sido imperativo que repitamos o que cabe ao nosso lugar teórico e que esclareçamos nosso engajamento no que concerne a analisar a língua(gem) por um viés não

¹⁴⁵ É preciso desfazer, sempre que tivermos oportunidade, a falácia recorrente que circula no senso comum, mesmo acadêmico, de que, na AD, **nega-se a existência das intenções** do indivíduo falante. Para a AD, o *indivíduo* tem, sim, intenções e age também regido pelo consciente (ego). Para falar desse aspecto do *sujeito* do discurso (que é, para nós, uma categoria distinta da de sujeito falante, isto é, indivíduo), Pêcheux (2014b, p.161) formulou o conceito de “esquecimento nº2”, o que Freud tratava como “sistema pré-consciente-consciente”. Sucede que, sendo esse esquecimento ulterior ao esquecimento nº1 - o que é constitutivo de todos os sujeitos falantes, pois somos sujeitos desde sempre dotados de e influenciados por um inconsciente -, ele também é atravessado pelo primeiro. Isso significa *apenas que* essa teoria nega o primado da consciência sobre os efeitos que tem o inconsciente em tudo o que dizemos e fazemos enquanto indivíduos, não que a teoria defende que os sujeitos falantes não digam ou ajam com consciência.

empirista, em busca de olhar os mecanismos que desnaturalizem a obviedade das intenções e dos sentidos, sobretudo nesse cenário em que a ideologia neoliberal se estabelece como dominante nas instituições sociais, como foi discutido nos Capítulos 2 e 3.

Sendo assim, para pensarmos o conceito de formação discursiva, é preciso reiterar que o discurso, em nossa perspectiva, não é tomado como sinônimo de texto nem de enunciação, embora essas duas categorias, tão caras à Linguística, nos sirvam como materialidade. Em um dos modos possíveis de tomá-lo, o discurso pode ser visto enquanto “um conjunto de textos passíveis de serem produzidos conforme as *coerções* de uma formação discursiva” (ORLANDI, 2015, p. 69, grifo meu), como quando como nos referimos a discurso político, discurso pedagógico, discurso esportivo ou a um discurso *fitness*.

Essa coerção trata-se do que Foucault ([1970]2001a) explicou serem procedimentos de exclusão social que se projetam em formas de interdição do dizer. “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p. 9). Flagramos, então, no trabalho com o discurso como unidade analítica, sua associação direta ao conceito de formação discursiva.

Conforme problematiza Maingueneau (2007, p. 68), quando se coloca a questão sobre *o que é e como* determinar uma formação discursiva, trata-se de se tensionar a própria “natureza das unidades sobre as quais trabalha o analista do discurso”. Tendo em vista que a Análise do Discurso (AD) não é uma disciplina de aplicação, a própria noção de formação discursiva – esta, na AD pêcheuxtiana, sobretudo, determinada pela história e também pelo inconsciente – padece com as dificuldades de fechamento em torno de suas definições, na concorrência com rótulos que, em outras áreas, reúnem conjuntos de textos baseados em alguns critérios formais ou pragmáticos.

Mesmo na AD, justamente por sua heterogeneidade, o conceito de formação discursiva não é um consenso entre os estudiosos. É o que endossa Baronas (2007) no prefácio da necessária obra que organizou em torno dessa noção-conceito, na qual os maiores nomes no assunto, divergentes, convergentes e dissidentes, problematizaram suas fronteiras epistemológicas. Por essa razão, torna-se ainda mais imperioso explicitar de que lugar estou falando quando penso em partir da ideia de

formação discursiva para trabalhar com essa “noção-conceito” (BARONAS, 2007) no viés pêcheuxiano.

Como nos ensina Indursky (2007, p. 78), a teorização mais consistente sobre a noção de formação discursiva (FD) por Pêcheux pode ser datada a partir da publicação de seu trabalho com Fuchs¹⁴⁶. Nesse texto (GADET; HAK, 2004a, p. 163), os autores levantam a problemática da impossibilidade da identificação da ideologia e do discurso – uma vez que, o fazendo, estaríamos nos filiando “a uma concepção idealista da ideologia como esfera das ideias e dos discursos”. Desenvolvendo essa tese, eles afirmam que

a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar ‘comportam necessariamente’, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura (...), numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (p. 163-164, grifos dos autores).

A formulação dos autores tende a estabelecer uma relação hierarquizada entre os conceitos de ideologia e discurso, como se aquele fosse preexistente a este, o que faz bastante sentido num espectro materialista althusseriano, cujo axioma basilar é o de que não há sujeito nem sociedade fora da ideologia. Nessa esteira, Indursky (2007, p. 78) explica, com outras palavras, que o conceito de formação discursiva “corresponde a *um domínio de saber*, constituído de enunciados discursivos que representam *um modo de relacionar-se com a ideologia vigente*, regulando o que pode e deve ser dito” (grifos meus). A ideologia vigente mencionada por Indursky (op. cit.) seria a ideologia dominante numa determinada condição de produção, uma vez que outras ideologias sempre atravessam a FD.

Em *Semântica e Discurso*, ao discorrer sobre o projeto fenomenológico husserliano, Pêcheux (2014b, p. 160-161) atribui ao funcionamento da formação discursiva (como espaço de reformulação-paráfrase) o mito da consciência como “poder sintético unificador” (p. 160). Isso significa dizer que as fronteiras (porosas) das formações discursivas seriam o operador do efeito da “intersubjetividade falante”, “pela qual cada um já sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer” (p. 161). Mas como esse jogo é constituído pela falha e pelo esquecimento, é da própria

¹⁴⁶ Trata-se do Capítulo 4 publicado em Gadet e Hak, 2014, intitulado “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975).

natureza da FD ser atravessada por outros dizeres, “esquecidos” dentro e fora dela. Então, se esses dizeres são dinâmicos, moventes; se as fronteiras de uma FD são porosas, qual seria o intuito de tomarmos essa noção como parâmetro de análise?

Certamente se estivéssemos falando a partir de um lugar teórico positivista, essa escolha seria questionável. Mas considerando a noção de FD delineada por fechamento e abertura, dispersão e regularidade, a partir de gestos de leitura, podemos chegar a conjuntos de enunciados – baseando-nos numa leitura material dos efeitos de sentido, sobretudo, e não apenas, mas também, na língua – indicadores de funcionamentos discursivos e sociais contemporâneos, que afetam os modos de dizer, de viver e de nos organizar politicamente.

A noção de FD, num primeiro momento, foi associada a um domínio de saber mais fechado, homogêneo, o que leva a teoria a pensar na relação do sujeito do discurso com as formações discursivas de uma maneira automatizada. A identificação do sujeito do discurso com uma FD aconteceria, para Pêcheux (2014b), nessa etapa, de forma plena, não havendo espaço para alteridade, diferença nem contradição (INDURSKY, 2007, p. 80). Foi justamente pensando sobre a operação da contradição constitutiva dos discursos e da ideologia que Pêcheux (1980) promoveu, teoricamente, uma fragmentação da noção de forma-sujeito através da reformulação da noção de FD. Segundo ele, “uma ideologia não é idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza *a não ser na contradição* que com ela organiza *a unidade e a luta dos contrários*” (PÊCHEUX, 1980, p. 192, grifos meus). Sendo assim, a noção de forma-sujeito, uma vez associada à de FD, também não poderia ser homogênea. Logo, bem como reforça Indursky (2005, p. 8), “é possível pensar esse sujeito histórico como um sujeito dividido entre as diferentes posições-sujeito que a interpelação ideológica lhes faculta”.

O conceito de posição também figura já em Foucault, como nos indica Pêcheux (2007, p. 185), quando o primeiro explica a relação dos indivíduos com as formações discursivas. “Um indivíduo, um só e mesmo indivíduo, pode ocupar, a cada vez, *em uma mesma série de enunciados, diferentes posições* e desempenhar *o papel de diferentes sujeitos*” (FOUCAULT, 1990, p. 43 apud PÊCHEUX, 2007, p. 185, grifos meus). Essa máxima problematiza a liberdade relativa de agência dos indivíduos no corpo social quando se trata de produção discursiva. As posições que sujeitos podem desempenhar em diferentes formações discursivas variam conforme as regras que regulam cada uma especificamente. Pêcheux (2007, p. 185) ilustra essa teoria

comparando os deslocamentos do sujeito em um romance ou em um discurso político; poderíamos fazê-lo com outras categorias, como discurso médico, pedagógico ou mesmo o fitness, FD sobre a qual trabalharemos neste trabalho.

O que fica nítido é que, para que desenvolvamos uma reflexão sobre FD, é mister que convoquemos outras noções-operadoras, esses que darão conta da descrição-interpretação da movência de sentidos no interior dessa noção-conceito, a saber, sujeito, forma-sujeito e posição-sujeito, a serem aprofundadas ao longo deste capítulo.

No que concerne à previsão do contraditório no interior da FD e dos atravessamentos de sentidos constitutivos da noção de FD, convém que retomemos a origem do termo no trabalho de Foucault ([1970]2001a), de quem Pêcheux empresta inicialmente a ideia. Em *Remontemos Foucault à Spinoza*, Pêcheux volta à definição de Foucault (1969) em *Arqueologia do Saber*:

No caso em que se puder descrever, *entre um certo número de enunciados*, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, uma correlação, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por *convenção*, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1990 apud PÊCHEUX, 2007, p. 184-185, grifos meus).

Da clássica citação, escolhi salientar dois trechos elementares para a função metodológica que a FD assume nos trabalhos pêcheuxtianos. Uma FD será sempre definida a partir de *um certo número de enunciados*, cuja existência no escopo de um trabalho é já fruto de um movimento de leitura do arquivo, isto é, esse conjunto deriva sempre de um gesto de interpretação do analista, que pode ser mais ou menos baseado em critérios formais, sociais, históricos, etc., a depender da natureza do trabalho. Em segundo lugar, destaquei o termo *convenção* justamente para sublinhar o caráter relativamente arbitrário na adoção de um ou outro adjetivo para se caracterizar determinada FD. Como o discurso em funcionamento é da ordem da dispersão - e considerando-se o trabalho desautomatizador do analista do discurso -, convencionou-se ler o arquivo baseando-nos em uma pergunta ou em questões que cercam a problemática da produção discursiva como trabalho da linguagem na história. Em nosso caso, a questão principal deste capítulo centra-se sobre “o que (e como) pode ou deve ser dito para que se fale e que se seja reconhecido como uma blogueira fitness na rede social Instagram?”.

Quando se consideram “as relações interiores a um conjunto de enunciados, destacados do espaço dimensional onde eles se distribuem” (PÊCHEUX, 2007, p. 184), já estamos falando de um gesto de interpretação do analista em relação ao seu arquivo e ao campo discursivo sobre o qual se debruça na investigação. Para mim, isso não parece ser um problema, já que “conceber a teoria como discurso significa pensar epistemologicamente nas relações de constituição dos discursos teóricos por outros discursos” (FIGUEIRA, 2015, p. 31), além de assumir que não há posicionamento não ideológico nas ciências, sejam humanas ou naturais. “Isso significa não denegar a *constitutividade da teoria pela política*” (idem, p. 36, grifo do autor).

A partir dessas considerações, no que concerne à relação da formulação teórica da FD, Courtine (2014, p. 82) tensiona as acepções da noção-conceito em Foucault e na AD, considerando que “reler Foucault não é ‘aplicá-lo’ à AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD”. O atravessamento constitutivo da categoria ideologia no conceito de FD na AD – o que não ocorre nas teorias foucaultianas, como critica Pêcheux (2007) em *Remontémos Foucault à Spinoza* – acarreta sobretudo um efeito relevante na noção de enunciado.

Maingueneau (2007, p. 66-67) atribui o que designa, ideologicamente, vale salientar, como “*confusão atual*” que se dá em torno do conceito de FD à definição original de Foucault (1997), em *A arqueologia do saber*. O autor atribui sua avaliação à contradição que observa entre os termos “regularidade” e “dispersão”, ambos balizadores da definição foucaultiana mencionada. Para ele, isso acarreta em “soluções engenhosas” dos analistas foucaultianos.

Segundo a análise de Courtine (2014, p. 83), em Foucault (1997) o conceito de FD correlaciona “contraditoriamente dois níveis distintos que constituem dois modos de existência do discurso como objeto”. Essa noção aparece também atrelada à acepção que o conceito *discurso* adquire em *A arqueologia*, a saber “um conjunto de enunciados na medida em que se inscrevem na mesma FD” (COURTINE, 2014, p. 82). Isto é, para se definir ou se descrever um discurso, não se pode prescindir da limitação de uma FD.

A respeito da *confusão* tachada por Maingueneau (2007), Courtine (2014, p. 83) prefere defini-la como uma contradição que estabelece a FD como uma *unidade dividida*. Assim, o autor nos oferece dois níveis de modo de existência de discurso

como objeto: o *nível de um sistema de formação de enunciados* e o *nível de uma sequência discursiva concreta*.

O primeiro nível designaria, ainda segundo Courtine (2014, p. 83), o que, para Pêcheux, define-se como “o que pode e deve ser dito” sob a dependência do interdiscurso de uma FD¹⁴⁷. Tratar-se-ia de uma “matriz de sentido”, “inerente a uma FD determinada no plano dos processos históricos de formação, reprodução e transformação no campo do arquivo” (idem).

O segundo é o que ele concebe como nível da formulação. Não se trata mais do dizer que é possível, mas do que é manifesto, materializado, seja na linguagem verbal ou não verbal¹⁴⁸. É o que Courtine (ibidem) chama de “estado terminal do discurso”, citando Foucault (1997). O nível da formulação é a materialização do inter no intradiscurso: “o estudo do intradiscurso que tal sequência manifesta é indissociável da consideração do interdiscurso da FD” (COURTINE, 2014, p. 84). Apesar de fazer essa associação entre as noções na teoria de Foucault e de Pêcheux, Courtine (ibidem) reitera que os termos não podem ser tomados uns pelos outros pelo fato de tanto a noção de discurso quanto a de sujeito apresentarem acepções diferentes nos dois autores.

Como categoria analítica, a noção de FD, na AD, sempre estará associada ao conceito de forma-sujeito histórica. Ao enunciar, a partir de uma posição dada, o sujeito se filia a formações discursivas a partir de suas formas-sujeitos históricas, que são uma regionalização (não livre da contradição) do que pode e deve ser dito naquela formação discursiva. Segundo Pêcheux (2014b), “a forma-sujeito (pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no

¹⁴⁷ A noção de interdiscurso adquire acepções diferentes em autores e situações específicas quando do trabalho com o processo discursivo. Por exemplo, Orlandi (2015) usa interdiscurso para falar da historicidade do texto. Segundo a autora, “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, isto é, ele é da ordem do já dito e a ocorrência de retomada de enunciados já formulados anteriormente configura um caso de intertexto, e não de interdiscurso. A autora tende a tomar as noções de interdiscurso e memória como equivalentes em suas teorizações, inclusive fazendo referência às reflexões de Pêcheux (2010). Já Indursky (2011) distingue as duas categorias analíticas, frisando que o interdiscurso é totalmente saturado, porque reúne “todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas”. Já a memória seria regionalizada, um produto do contato do interdiscurso com a forma-sujeito de uma formação discursiva, seria a “existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos (INDURSKY, 2011, p. 86).

¹⁴⁸ Embora Pêcheux não tenha se debruçado sobre as materialidades não verbais em seus empreendimentos analíticos, diversos trabalhos em AD, cf. Lagazzi (2015), Ferreira (2015), Adorno (2015, 2016), entre muitos outros, vêm incluindo em seu escopo de análise o processo de discursivização de outras materialidades semióticas, como imagem, corpo, tatuagens, pichações, etc.

intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como puro ‘já-dito’ [...] (PÊCHEUX, 2014b, p. 154). Courtine (2014, p. 88) completa explicando que a descrição da forma-sujeito de uma FD pode ser feita a partir das diferentes posições de sujeito em seu interior, considerando-se, obviamente, que suas fronteiras são porosas, atravessadas, entremeadas. Isto é, é um movimento que cabe ao analista, ancorado na análise das determinações históricas dos sentidos em dadas condições de produções, descrever as posições possíveis dentro de uma região discursiva (FD).

A partir do que foi dito, a forma-sujeito do discurso, portanto, não está sendo tomada neste trabalho como uma noção rígida, embora, em uma formulação específica, seja possível identificar posições ligadas a uma forma-sujeito determinada por essa ou aquela formação ideológica. A forma-sujeito é uma categoria analítica que uso para identificar a relação do sujeito com a formação discursiva em que se inscreve, mas é, sobremaneira, também um efeito. Na esteira do que ensina Pêcheux (2014, p. 165), “o efeito da forma-sujeito do discurso, é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº I, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº II”. Desse modo, como a própria noção de sujeito se trata de um efeito, pois sua “liberdade de sujeito falante” não se sobrepõe ao funcionamento do sujeito do discurso, conceber a forma-sujeito como uma relação do sujeito do discurso com sua formação discursiva dominante é a busca por delinear de maneira não hermética o espaço desse dizer que, embora identificável, será sempre determinado pela contradição e pelo atravessamento de outros dizeres.

Outra noção balizadora do trabalho com a categoria FD na constituição da teoria, a partir da leitura de Foucault e Pêcheux, é a de enunciado, conforme atualiza Courtine (2014). Ao explicar sobre as noções de enunciado e de sujeito em *A Arqueologia*, o antropólogo francês elenca quatro propriedades caracterizadoras da função de existência do enunciado, ao que denomina “função enunciativa”, as quais têm algumas influências no que tomamos a posteriori como enunciado na AD e também no que avaliamos serem posições-sujeito de uma forma-sujeito.

O primeiro atributo do enunciado é sua ligação a um referencial. Isso não quer dizer que, nessa perspectiva, eu esteja tratando de um enunciado-etiqueta ou de um enunciado com valor de verdade ou de falsidade conforme sua verificação no “mundo real”, bem como o observam nas teorias formais da semântica. Trata-se de pensar a existência de um estado de coisas e de objetos que é colocado em jogo pelo próprio enunciado. “Ele define as possibilidades de delimitação daquilo que dá sentido à frase

e que dá sentido a oração” (FOUCAULT, 1969, p. 120-121 apud COURTINE, 2014, p. 86). Concluindo essa argumentação, Courtine (idem) defende que a estabilidade (ou o efeito de estabilidade) referencial dos elementos do saber de uma FD estão ligados ao jogo discursivo posto em cena, o que privilegia o gesto metodológico de descrição-interpretação dos elementos do discurso em suas condições materiais de produção.

A segunda propriedade do enunciado trata-se da sua relação específica com o sujeito, que não é nem o gramatical nem o da enunciação (para que não se confunda com os enunciadores benvenistianos ou de alguns analistas sociopragmáticos do discurso). É também por essa razão, além do fato de o sujeito na AD ser afetado pelo inconsciente e pela ideologia, que o sujeito da formulação não coincide com o sujeito do enunciado numa perspectiva foucaultiana, o que atinge a AD especificamente no que tange à nossa visão de enunciado em relação à de FD.

Se, para Foucault (1997, p.123), o sujeito do enunciado “é uma função vazia podendo (sic) ser preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes, ao formularem o enunciado”, isso nos leva a pensar que, considerando o campo de possibilidades do dizer, em uma formação social dada, em condições de produção específicas, sopesando as regras de uma língua determinada, os indivíduos teriam a “liberdade” de criar, inovar, formular de modo infinito. No entanto, para se inscreverem enquanto sujeitos do discurso e serem reconhecidos publicamente como sujeitos de direito, numa dada formação social, suas formulações inscrevem-se como enunciados num complexo dominante de formações discursivas. “[...] diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ nas formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014b, p.147, grifo do autor).

Nesse sentido, a descrição de um enunciado enquanto tal – e não como formulação individual, ato linguístico situado –, consoante Courtine (2014, p. 87) relê em Foucault (1997), consiste em “determinar qual a posição que todo indivíduo pode e deve ocupar para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 1997, p. 126). O que Foucault (1997) vê como “função vazia” é chamada por Courtine (2014) de posição de sujeito.

“É o lugar do *sujeito universal próprio a uma determinada FD*, a instância de onde se pode enunciar ‘todos sabem ou veem que’ para todo sujeito enunciator vindo situar-se num lugar determinado, inscrito nessa FD, por ocasião de uma formulação” (COURTINE, 2014, p. 87, grifo meu).

Esse lugar do sujeito universal próprio a uma determinada FD seria a estabilidade referencial que faz com que seja possível falar a partir de uma posição dada a partir de uma FD na qual se inscreve uma rede de formulações que, por sua vez, é atravessada por saberes de outras FDs, quando se trata de analisar seu domínio de formulações associadas (por exemplo: eu sou fitness porque cuido do meu corpo e da minha saúde/eu preciso comer bem para ser fitness/comer bem é comer saudável/comer saudável é comer alimentos não industrializados e baixos em carboidratos, etc.). Existem, pois, enunciados linearizados sob a forma de pré-construídos nesse “vazio” aparente que preenche a forma-sujeito de um discurso (COURTINE, 2014, p. 87-88).

No que concerne à relação do sujeito enunciador, sujeito da enunciação ou o que, em outras teorias, convencionou-se chamar de “locutor”, com o sujeito do saber da FD, Pêcheux (2014b) trabalha posteriormente a respeito das modalidades de identificação subjetiva em que se inscreve a prática discursiva “no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 2014b, p. 197).

Essas modalidades, segundo ele, são resultado de um desdobramento constitutivo – porque derivam da heterogeneidade constitutiva de todo e qualquer discurso – da relação do sujeito da enunciação com o sujeito de saber de uma FD. Trata-se de uma relação entre o plano do pré-construído, “o ‘sempre-já aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade” (PÊCHEUX, 2014b, p. 198), e o da articulação.

Essa teorização dá origem ao que ficou conhecido como as três modalidades de tomada de posição do sujeito da enunciação: a identificação (bom sujeito), a desidentificação¹⁴⁹ e a contraidentificação (mau sujeito). Falar delas é o mesmo que falar em posições de sujeito, segundo Courtine (2014, p. 88). No entanto, em outros trabalhos (cf. GRIGOLETTO, 2008), a noção de posição se relaciona com outras,

¹⁴⁹ Num dado processo discursivo, é possível observar a desidentificação (assim como as outras modalidades) sob uma perspectiva diacrônica ou sincrônica. No primeiro caso, muitos trabalhos optam pelo método de coletar o(s) discurso(s) de um “autor”, isto é, recortam-se formulação(ões) de um sujeito/indivíduo para se observar como esse sujeito - entendendo-se sua identidade pública como um efeito-sujeito - movimenta-se em relação a uma ou mais formações discursivas. Esse é o caso, por exemplo, do estudo de discursos de presidentes ao longo do tempo ou em eventos discursivos distintos. Ainda que se opte por essa metodologia de análise, não se trata de observar os discursos *individuais*, mas de perceber a formulação como uma interpelação da linguagem de um sujeito naquela posição discursiva, naquela condição de produção, a ser relacionada com seus enunciado(s)-origem em relação à(s) FD(s) que o(s) regula(m).

como a de lugar discursivo e de lugar social, questão teorizada no Capítulo 3, subcapítulo 4.2, quando tensionei teoricamente o lugar discursivo de blogueira fitness como um lugar midiático institucionalizado do dizer sobre. Desse modo, a posição-sujeito diz respeito ao movimento do sujeito em relação aos dizeres dominantes da FD na qual se inscreve e, ao mesmo tempo, ela constitui o conjunto heterogêneo de enunciados possíveis de serem inscritos em apenas uma FD.

Uma crítica recorrente ao trabalho com a noção de forma-sujeito diz respeito a esse seu implícito “efeito de fechamento”, que negaria ou apagaria a heterogeneidade constitutiva dos discursos. Segundo essas críticas, uma categoria teórico-analítica como essa, que, no fazer teórico, ajuda-nos a delimitar eixos norteadores do que “pode e deve ser dito” para que um sujeito, dentro de um domínio de posições, inscreva-se numa formação discursiva dada, desconsideraria de alguma maneira o que afirmamos anteriormente sobre dispersão, contradição e heterogeneidade.

Em primeiro lugar, elas consideram apenas o que a teoria entende como a modalidade da identificação do sujeito com a forma-sujeito do discurso, conforme aponta Indursky (2008, p. 11). Na conclusão de *Semântica e discurso*, Pêcheux (2014b, p. 238) reitera que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” e explica que isso se dá através da relação do sujeito com a *forma-sujeito* (p. 243). Nesse momento, Indursky (2008, p. 11) vê, sim, essa noção como dotada de bastante unicidade.

No entanto, no capítulo de “retificação”¹⁵⁰ que Pêcheux (2014b) inclui em *Semântica e discurso*, ele elabora o que ficou popularizado na teoria como “a implosão da formação discursiva”. Não porque essa noção tenha se desintegrado, mas porque os desdobramentos das modalidades de tomada de posição, em que estão os processos anteriormente já citados de desidentificação (mau sujeito) e de desidentificação (“transformação-deslocamento da forma-sujeito”), acrescidos ao de identificação¹⁵¹, passam a se afastar da ideia de fechamento ideológico.

Em *Remontemos de Foucault à Spinoza*, Pêcheux (1980) endossa ainda mais a impossibilidade de fechamento ou de delimitação de uma FD conforme os termos

¹⁵⁰ É nesse capítulo que Pêcheux (2014b) reitera que “não há ritual sem falhas” e que, por isso, não há possibilidade de uma identificação plena de um sujeito do discurso com a forma-sujeito de uma FD.

¹⁵¹ Escolhi desenvolver mais profundamente a argumentação e a teorização sobre as modalidades de tomada de posição ao longo das análises do corpus.

foucaultianos. A partir do reconhecimento de que “uma ideologia é não idêntica a si mesma” e de que “ela só existe sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta de contrários” (PÊCHEUX, 1980, p. 187), ele reafirma a impossibilidade de se criar uma tipologia discursiva e defende que a categoria formação discursiva pode ser útil, se tomada como unidade dividida.

Logo, uma vez que partimos de uma posição epistemológica que pensa a língua(gem) “não como um sistema (o software de um órgão mental!¹⁵²), mas como um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades” (PÊCHEUX, 2001, p. 228), e que, outrossim, concordamos com a ideia de que um discurso é regularidade e, ao mesmo tempo, dispersão, a busca pela descrição ou sistematização dessa dispersão sob a(s) forma(s) de sua(s) regularidade(s), ainda que afetada(s) pela contradição constitutiva do gesto de interpretação, não me parece que usar a noção de forma-sujeito apague os aspectos da ordem da heterogeneidade imbricados no processo discursivo ou que, nos termos da crítica de Maingueneau (2007), isso implique uma confusão, embora reconheça que exija uma habilidade analítica não tão facilmente reproduzível quando esquemas de categorias.

O que nos distingue, os analistas de discurso, de pesquisadores de outros domínios da linguagem é assunção *declarada* de uma prática teórica *jamaís* (a)política e não ideológica, situada ideologicamente, afetada pelas interpelações ideológicas em jogo e pelo processo histórico, por falhas e furos. Essa reflexão que faço aqui tem a ver com o exercício que sempre me proponho a fazer, inspirada por uma característica própria a Michel Pêcheux, que era a de pensar sempre seu lugar teórico de maneira crítica em relação às suas condições epistemológicas de (re)produção.

Nesse sentido, pensando nas determinações que envolvem a produção de científica nos termos iluministas, e, sobretudo, positivistas, Pêcheux (2014b, p. 175) comenta sobre a relação entre os cortes epistemológicos que se dão na história das ciências e o questionamento consequente da forma-sujeito do discurso da ciência, bem como da evidência do sentido que acompanha o paradigma dominante anterior. No que concerne à relação entre a Linguística e a AD, ao que me parece, por mais que a esta teoria tenha realizado um “corte” no “entremeio”, mas, ainda assim, *no*

¹⁵² Esse comentário é do próprio Pêcheux (2011, p. 228).

interior da Linguística, a luta política que travamos por não estarmos inscritos em algumas práticas metodológicas que determinam na forma-sujeito da FD da ciência Linguística pouco avançou em termos de legitimidade em relação à época em que escrevia Pêcheux. Ora porque somos essa disciplina de “entremeio” (e, portanto, não sendo apenas Linguística, não somos Linguística – e isso é evidente!), ora porque nosso “método” não é “aplicável”, “reproduzível” ou “replicável”.

Então, após o cinquentenário da primeira obra de Michel Pêcheux, em uma tese que reafirma as mudanças que ele veio propondo ao longo de suas produções a fim de pensar o discurso sem que se esqueçam suas determinações ideológicas, sem que se esqueça que a língua(gem) impõe coerções da natureza da forma e dos sentidos e sem que se apague o fato de que os sujeitos não dizem sempre aquilo que desejam dizer ou pensam que disseram, gostaria de reafirmar, então, o papel do analista do discurso como aquele cuja missão (contraditória) é a de interpretar nas evidências dos sentidos suas filiações discursivas, identificando quais *coerções* são da ordem da forma-sujeito, que impõem o que pode e deve ser dito para que qualquer indivíduo possa se subjetivar em diferentes posições em uma determinada formação discursiva.

Desse modo, volto ao título desta subseção: a heterogeneidade das FDs é um fato teórico, já há muito, trabalhado como constitutivo por Pêcheux. Mas ela também é relativa na medida em que todo falante, para agir discursivamente como tal, constitui-se um sujeito ideológico e assim se inscreve numa rede de enunciados preexistentes, ideológica e historicamente determinados. É sobre esse sujeito que L. Althusser teoriza quando afirma que os “indivíduos são interpelados em sujeitos pela Ideologia” (ALTHUSSER, 1985). Conforme nos ensina Pêcheux (2014), quando o sujeito se identifica com uma forma-sujeito (o *Sujeito* em Althusser), acontece o reconhecimento do sujeito consigo mesmo. “É nesse reconhecimento que o sujeito se ‘esquece’ das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa - entendamos que, sendo ‘sempre-já’ sujeito, ele ‘sempre-já’ se esqueceu das determinações que o constituem como tal” (PÊCHEUX, 2014b, p. 158).

Assim, nesses esquecimentos, agindo no mundo, identificando-se, desidentificando-se e contraidentificando-se, os sujeitos inscrevem-se numa rede de reformulação-paráfrase em enunciados ligados a formas-sujeito relativamente estáveis, mas sempre ideológicas, que revelam determinações de sentidos sobre o funcionamento de sua formação social em condições de produção específicas. É

sobre as formas-sujeito constitutivas do discurso fitness, como unidade dividida, que trabalharei meu gesto de interpretação a seguir, a partir do corpus de análise desta pesquisa, como um recorte historicamente situado em determinadas condições de produção.

5.2 O DISCURSO FITNESS: FD EMPREENDEDORA NA WEB¹⁵³

A partir do que já foi teorizado nos Capítulos 2 e 3, podemos observar que, nos ambientes digitais de comunicação, a produção de discursos de diversas materialidades sobre o corpo, a saúde, a alimentação, rotina de esportes, etc., está determinada por uma prática cotidiana de escrita de si que, em minha visada, está necessariamente ligada a práticas sociais e a processos ideológicos neoliberais.

Essas narrativas do eu midiáticas começaram a ganhar espaço nos ambientes virtuais com a popularização da Web 2.0 e com a disseminação de blogs pessoais, que, no princípio, tinham sobretudo a função de diários pessoais. Os textos eram mais centrados no mundo interior dos seus autores e tematizavam sentimentos, sensações, impressões. Era comum, inclusive, que se abordassem os blogs nos estudos da textualidade e do discurso como “gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2004), já que eles reuniam características mais ou menos estáveis e propósitos comunicativos comuns. Esse cenário foi se modificando e os blogs hoje, além de não terem mais a função de diários íntimos públicos, também não se caracterizam somente como suporte discursivo (MARCUSCHI, 2004) ou como uma plataforma em que circulam textualidades de diversas naturezas ideológicas.

Isso porque o espaço digital, passou a se caracterizar como um dispositivo que impõe a convergência de mídias, tal como a concebe Jenkins (2009, p. 29). Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre mercados midiáticos e ao comportamento migratório de públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Embora esse termo venha se popularizando nos debates sobre mídia no Brasil nos últimos 10 anos, a discussão sobre ele não é nova.

¹⁵³ Nos Capítulos 2 e 3, debati sobre como a formação discursiva empreendedora tem determinado os sentidos de outras FDs, como FD educacional, por exemplo. Isso porque estou entendendo essa FD como a forma material pela qual a ideologia neoliberal funciona na nossa formação social. Na FD fitness, o funcionamento do discurso empreendedor apresenta algumas especificidades, que serão estudadas neste capítulo.

A ascensão pela democratização das mídias de Web no contexto europeu e americano já sinalizavam isso nos anos 1980, segundo atesta a fala do cientista político Ithiel de Sola Pool de 1983 reproduzida na pesquisa de Jenkins (2009).

Um processo chamado ‘convergência de modos’ está tornando imprecisas as fronteiras entre os meios de comunicação, mesmo entre as comunicações ponto a ponto, tais como o correio, o telefone, o telégrafo, e as comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. (POOL apud JENKINS, 2009, p. 37).

Podemos experienciar essa convergência quando compartilhamos conteúdos ao mesmo tempo nas redes Facebook e Instagram (através dos *stories*, por exemplo) e no aplicativo de conversas Whatsapp. É possível, também, compartilhar partes de vídeos do Youtube no espaço dos *stories* do Instagram e do Facebook, além de podermos compartilhar os links integrais em todas as outras plataformas. Os recursos são tão diversos que seriam exaustivos os exemplos. O Youtube, embora Adorno (2015) o explore como um espaço “imaginariamente fechado”¹⁵⁴, tem ocupado o espaço midiático que outrora era exclusivo da televisão em seu cotidiano. Para a geração millennials (TAPSCOTT, 2010), que tem sido designada também, por outros autores, como Geração Internet, Geração Digital ou Geração Y¹⁵⁵, o Youtube funciona como uma central de canais pelos quais se pode navegar à vontade através dos computadores, dos smartphones ou das TVs digitais, essas presentes inclusive nos lares de brasileiros de baixa renda, como atestam as pesquisas reunidas no livro *Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social?* (cf. SPYER, 2018).

No Brasil, o uso massivo das redes sociais acontece em meados dos anos 2000, quando o País vive um momento de prosperidade econômica. Os consumidores de baixa renda passam, então, a possuir computador em casa (antes esse acesso era feito por *lan houses*), a guinada das redes sociais se consagra ainda mais no cenário de um consumo de mídia emergente (cf. SPYER, 2018, p. 28), não ficando apenas restrita ao uso das classes A e B.

¹⁵⁴ Essa análise também é pertinente, uma vez que a o Youtube funciona como uma “plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e anunciantes grandes e pequenos” (ADORNO, 2015, p. 26), conforme divulga a própria empresa.

¹⁵⁵ Esse conceito refere-se aos chamados “nativos digitais” e abrange pessoas nascidas entre as décadas de 1980 e 1990. Obviamente, essas gerações se interconectam e as características associadas a cada uma delas tem a ver com muitas outras variáveis, como classe econômica, gênero, país, etc. Esses rótulos servem para marcar uma mudança global de tendência midiática que tem provocado transformações nas tecnologias e nos usos dessas plataformas, inclusive no Brasil, consideradas todas essas variáveis e outras não mencionadas.

Assim, as televisões digitais, equipadas de acesso a redes de streaming¹⁵⁶, incentivam esse uso que aciona o imaginário “make yourself” (faça você mesmo), oferecendo ao espectador-usuário os recursos tecnológicos necessários para que ele *sinta-se* editor da própria programação e que *escolha sozinho* o que deseja consumir em termos de informação e de entretenimento, movimentos que trabalham discursiva e tecnologicamente na constituição da eficácia imaginária da performance nesses gêneros autobiográficos digitais, como “objeto paradoxal” da ideologia, tal como nos explica Adorno de Oliveira (2016, p. 278) ao reler Pêcheux (2011b). Este autor relaciona a problemática da identificação paradoxal do sujeito vlogueiro consigo mesmo com a problematização feita por Pêcheux (2011b) a respeito da movência das relações de força nas lutas ideológicas em torno de alguns significantes políticos como “povo, direito, trabalho, gênero, vida, ciência”, etc. (PÊCHEUX, 2011b, p. 115-116).

Essa cultura de convergência alia-se à ascensão das narrativas do eu no espaço digital, ou dos “usos confessionais da internet”, nos termos de Sibilia (2016, p. 57), tornando-se condição de produção material digital da proliferação de tantos blogs e redes sociais que visibilizam os corpos de sujeitos fitness e evocam um conceito importante para se pensar a relação entre a sociedade, o uso das mídias digitais e a transformação nos nossos modos de dizer. A noção já é bastante conhecida, difundida e foi cunhada por Guy Debord, teórico marxista: a sociedade do espetáculo.

O filósofo, em termos gerais, entende que as relações pessoais passaram a se intermediar pelas imagens, por uma cultura de imagens. No caso dos perfis de redes sociais mais bem-sucedidos da atualidade, a primazia da imagem em detrimento dos textos evidencia um aspecto agudo do que Debord (1997) pensou ser a sociedade do espetáculo. Há, nessas redes – o Instagram tem sido seu melhor exemplo –, uma potencialização da (re)produção de imagens que buscam uma visibilidade em mais alto grau pela saturação – números de seguidores, de likes e de indexações em hashtags. É posta em funcionamento pelo discurso de múltipla materialidade uma espetacularização da vida cotidiana por meio de uma narratividade do eu determinada pela materialidade da imagética. Alguns estudos comportamentais¹⁵⁷ têm sugerido que esses recursos – tantas técnicas disponíveis em torno de se (re)produzir uma

¹⁵⁶ O termo *streaming* é de uso corrente nas mídias digitais e designa a tecnologia de fluxo de dados em tecnologia multimídia. Exemplos de tecnologia streaming são as plataformas digitais Youtube (vídeos e músicas), Netflix (vídeo), Spotify (música), etc.

¹⁵⁷ Cf. Andreassen, Pallese e Griffiths (2017) e Bergman et al. (2011).

(auto)imagem engajadora, geradora de audiência e, por que não, de lucro – incentivam o narcisismo da sociedade contemporânea, contribuindo para a legitimação do eu reflexivo sobre o qual trabalha Giddens (1991, 2002, 2012).

É preciso registrar que, no início desta pesquisa, minha tendência era a de avaliar como negativa ou apocalíptica essa espetacularização, seguindo os princípios de Debord (1997). Sucede que, devido ao efeito de saturação gerado pela materialidade digital, percebo muitas vezes o fenômeno da preocupação latente com a imagem ou mesmo a autoexposição como algo novo ou provocado pela ascensão dessas mídias. No entanto, pesquisando com mais acuidade sobre a história da beleza (VIGARELLO, 2004; SANT'ANNA, 2014) e sobre a História da imagem social, sobretudo nos textos e seminários que segui em 2017 na EHSS (*L'image social* – Prof. Dra. Barbara Carnevali) durante o doutorado sanduíche, tendo, hoje, a perceber esse fenômeno como uma construção social que não é exclusiva de nosso tempo, embora a modernidade contemporânea favoreça a essa exposição pelo status que tem sido dado à performance das individualidades. Nosso tempo tem algo de novo que é o superestímulo tecnológico a essas práticas, o que me parece ser um dispositivo ideológico de poder midiático, o que deve ser observado por esse prisma, e não sob um viés moralista ou moralizante sobre a relação dos sujeitos com seus próprios corpos.

A título de ilustração da representação simbólica midiática que o Instagram ocupa no espaço digital contemporâneo em relação a essa “espetacularização do eu” no imaginário dos usuários das redes sociais mais acessadas, reproduzo abaixo, como corpus auxiliar, um meme¹⁵⁸ que tem circulado nas redes a esse respeito:

¹⁵⁸ É uma característica própria aos memes, publicações viralizadas nas redes sociais, a ausência de uma fonte-origem identificável em termos de referências. Estou tomando esse meme como corpus auxiliar, componente do campo discursivo de referência. Ele foi acessado por mim através da página do Twitter do colunista José Simão. Disponível em: https://twitter.com/jose_simao/status/1002326495858176001. Acesso em: 8 dez. 2019.

Imagem 10 – Corpus auxiliar - SD1 - Meme 7 Pecados Capitais da Internet



O meme que tomo como SD1 relaciona-se com o interdiscurso pela rede da memória religiosa cristã, na evocação dos sete pecados capitais. Na lista dos pecados atualizados para a versão do espaço digital, o Instagram foi formulado em ordem de equivalência com o pecado da vaidade. Esse significante, por sua vez, atualiza a memória da crítica do espetáculo de Debord (1997), uma vez que o Instagram é a rede que foi criada prioritariamente para o compartilhamento de fotos¹⁵⁹. Em princípio, essas fotos não enquadravam imagens de pessoas, mas tratava-se sobretudo de aplicar diferentes filtros a cenários, coisas e paisagens – isso fazia parte da linguagem do Instagram.

Segundo Bruno (2013, p. 55), “as narrativas do eu se tornaram correntes em webcams, blogs, fotologs e videologs a partir de 1996, 1999, 2002 e 2005, respectivamente, enquanto as primeiras redes sociais on-line se tornaram populares a partir de 2002 (Friendster) e 2003 (Myspace)”. Com o crescimento do Facebook como um espaço de circulação de textos de maior volume e com o desuso de plataformas como os blogs e os fotologs para o compartilhamento de fotos (no Brasil, isso coincide, ainda, com a migração de usuários do Orkut¹⁶⁰ para o Facebook), o Instagram começa a ser cada vez mais usado como um espaço de inscrição de registros cotidianos autobiográficos, legitimando-se como espaço de narrativas

¹⁵⁹ A rede foi lançada em 2010, mas somente em 2013 começou a abrigar o formato de vídeo. Cf.: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>.

¹⁶⁰ O Orkut encerrou seu funcionamento oficialmente no ano de 2014.

fotobiográficas do eu¹⁶¹, ainda com uma linguagem muito ligada à arte, com foco na subjetividade visual (por exemplo, fotos de partes do corpo apenas) e na aplicação de filtros, e pouco ligada ao texto verbal, o que vem se modificando desde então, como veremos nas análises do corpus.

Bruno (2013, p. 55) defende, em seu trabalho de base genealógica, que há duas matrizes organizadoras dessa prática de visibilização do eu na Web. Para a autora, a disciplina e o espetáculo são orientadores dessa dinâmica digital. Com relação à matriz da disciplina, Bruno (2013, p. 55) interpreta que ela opera numa “reconfiguração topológica da subjetividade, cujo foco de investimentos e cuidados se deslocam da interioridade, da profundidade e da opacidade para a exterioridade, a aparência e a visibilidade”.

O segundo prisma, o do espetáculo, está associado ao da *disciplina*, e diz respeito ao atravessamento do olhar do outro com relação à exterioridade, à aparência e à visibilidade mencionadas. A autora corrobora nossa visão de que essas mudanças de estatuto da subjetividade contemporânea reconfiguram as fronteiras entre público e privado, sobretudo nos ambientes em que a exposição do eu é o norteador desse processo. E, nesse sentido, ela endossa também nossa leitura de que os textos produzidos sobre o eu e sobre o corpo precisam ser analisados não só pelo que obviamente eles dizem, mas pela heterogeneidade que os constitui e que se apaga neles como efeito do funcionamento ideológico. Trata-se do que, no Capítulo 3, discuti sob o rótulo de extimidade (SIBILIA, 2016).

Nessa esteira, as páginas fitness, assinadas por um gesto de autoria que se guarda sob o significante *blogueira*, acompanhando a tendência, espalham-se sobre diversos aplicativos e dispositivos digitais, não se caracterizando necessariamente como um gênero do discurso, mas uma prática discursiva disseminada nas redes. Ela pode se identificar em um perfil público de um sujeito reconhecido e validado como blogueiro fitness ou mesmo em perfis de anônimos, que marcam seu gesto de identificação com esse discurso através de registros de selfies nos espelhos de academias, de fotografias de suas refeições “saudáveis”, de suas rotinas de exercício e alimentação, em geral, desde que as publicações estejam ligadas a três eixos centrais: corpo, saúde e estilo de vida.

¹⁶¹ Esta expressão é de minha autoria. A composição fotobiografia visa descrever o condicionamento da inscrição narrativa do eu à reprodução de imagens cotidianas de si, isto é, com o uso do termo eu pretendo sublinhar a primazia da imagem nessa ordem discursiva.

Assim, para pensar o discurso fitness como uma formação discursiva empreendedora no Instagram, restituindo as filigranas que tecem suas redes de memória, voltemos à etimologia do termo que o adjectiva. A palavra fitness tem origem lexical no verbo *to fit*, do inglês. As possíveis traduções para esse verbo em português seriam *encaixar*, *caber*, *estar em conformidade*, *ajustar-se*. A união do verbo com o sufixo, ainda inglês, *-ness* desloca gramaticalmente o termo para a classe de substantivo, como sinônimo de *boa forma física*.

No entanto, esse significante é mais recorrente em seu uso adjectivado. Ser fitness, é, portanto, segundo as narrativas e os conselhos de blogueiros, ser tonificado ou forte (a porcentagem de gordura corporal é um atributo mencionado, ir à academia ou fazer esportes diariamente, comer de acordo com dietas regradas – mas não somente isso: é preciso fazê-lo em nome de um estilo de vida saudável).

A fim de teorizar inicialmente sobre o(s) sentido(s) equívoco(s) do fitness como norteador do gesto de leitura que possibilita compreendê-lo como uma região discursiva (FD) que funciona de maneira específica no espaço digital, trago um recorte discursivo (ORLANDI, 1983), que faz parte de meu corpus auxiliar, retirado de meu campo discursivo de referência, que é a internet em geral. Trata-se de uma citação do site *Geração Fitness* (o próprio título do site, no gesto de seleção e leitura do arquivo, funcionou como um indexador de identificação com a FD) na qual se expõe o “real”¹⁶² significado do fitness e a “equivocada” prática desse estilo de vida:

O que é Fitness?¹⁶³

Embora nos últimos anos o Fitness venha evoluindo de definição no moderno meio profissional, empresarial e mercadológico em que se encontra, ainda hoje o termo popularmente pode ser idealizado de forma equivocada em uma só palavra: MAROMBA.

De origem inglesa a palavra "Fitness" significa aptidão física e/ou bom condicionamento, também conhecido como "malhado(a)" ou "em forma". A expressão também pode se apresentar com uma conotação de exercício físico ou nível de treinamento de acordo com a frase ou situação em inglês.

De acordo com a publicação Longman - Dictionary of American English -1983, a palavra "Fit", isolada, significa literalmente "boa forma", que deve ser remetida ao objetivo de alcance do equilíbrio corporal e espiritual.

A medida em que este mercado se profissionaliza a expressão, Fitness, ganha novas analogias que remetem sempre a prática da atividade física. Mas, na busca de um “corpo perfeito” esta expressão vem sendo corrompida por atitudes e pensamentos inconsequentes de, daí sim, marombeiros que desprezam o prazer da prática de uma atividade em busca de resultados, somente, estéticos a qualquer custo.

¹⁶² A palavra real põe em jogo o sentido de falso (real = verdadeiro, não real = falso). Nesse sentido, o texto visa desfazer os “equivocos” causados pelos sentidos considerados falsos em relação à expressão fitness. Temos um trabalho flagrante do funcionamento dos esquecimentos 1 e 2 na formulação do sujeito do discurso.

¹⁶³ Quem assina o texto é o jornalista Daniel Negreiros, Editor de Convergência e Jornalismo On line, Repórter/Colunista da Editoria de Esportes - Fitness & Bem estar do JORNAL O ESTADO (www.oestadoce.com.br). Os trechos em grifo são destaques meus. Os demais destaques são do autor.

O Fitness tem como função básica traçar um padrão de treinamento para que um indivíduo possa chegar ao estado de bom condicionamento físico, através dos seguintes componentes: flexibilidade, força, eficiência cardiovascular, resistência aeróbica e resistência muscular localizada. E para treinar esses componentes o Fitness, entendido aqui como um conjunto de estudos específicos em torno da saúde, aplica determinados princípios de treinamento embasados no balanceamento de uma boa composição corporal, ou seja, sem excessos na porcentagem de gordura e de um bom índice de massa magra.

Desta forma, o verdadeiro conceito Fitness incentiva a busca do equilíbrio entre dedicação e o prazer, nos apresentando, como consequência, o sentido de “bem estar” do SER como um todo, inclusive saúde mental e emocional, que nos ajuda a controlar os sentimentos e ansiedades originadas da vida agitada da modernidade.

>>História. Desde a década de 70, nos Estados Unidos, a Associação do Fitness discutia a busca da atividade física como instrumento da qualidade de vida, aprimorando o conceito e os estudos até chegar em uma outra expressão menos conhecida, o Wellness, que também significa bem estar, mas que também remete a valorização do trabalho do profissional de Educação Física que cuida da saúde em toda a amplitude desta palavra. Assim (ufa...), o Fitness é um conceito que se inclui neste ainda maior que é o Wellness (Ahhh...).

A qualificação profissional no campo Wellness/Fitness juntamente aos passos largos em que os empresários de saúde caminham neste setor tem gerado grandes lucros ao campo, que hoje atende com sucesso as exigências de qualidade do mercado, subsidiada por seu cliente final que já é consciente sobre a importância do profissional de Educação Física que é capaz de dirigir um programa de atividades, procurando desenvolver um trabalho integral e específico, agregando profissionais de áreas afins como nutricionistas, médicos, fisioterapeutas e especialistas em geral.

Do texto recortado¹⁶⁴, podemos interpretar pelo menos três efeitos de sentido evidentes atribuídos à formulação *fitness*. 1) O fitness tem efeito de sentido de “estar em forma” ou “estar malhado”. 2) Ele também tem o efeito de sentido de “busca do equilíbrio corporal e espiritual; representa a busca do balanceamento de uma **boa composição corporal**, ou seja, sem excessos na porcentagem de gordura e de **um bom índice de massa magra**”.

Na SD2, essas duas definições representam posições-sujeito distintas em relação à forma-sujeito fitness. A primeira integra a voz do domínio de saber da estética, da aparência e da imagem. A *boa* forma é aquela que atende às necessidades visuais conforme determinado(s) imaginário(s).

A segunda é atravessada pelo discurso da saúde e do esporte como uma prática de bem-estar no mundo. As noções de *bom resultado* em relação a estatísticas corporais atravessam a segunda posição pelo saber médico-esportivo sobre o corpo e têm a ver com o que Queval (2008) descreve como paradigma médico-esportivo contemporâneo. Conforme a autora, nesse paradigma, “cada um faz o que lhe dá prazer, claro, mas isso se alimenta de um imaginário de um corpo são, de um controle de sua procriação, da utopia de uma saúde perfeita que deveria proteger da morte, de

¹⁶⁴ Disponível em : http://www.geracaofitness.com.br/o_que_e_fitness.php. Acesso em: 30 set. 2016.

um corpo magro e ‘em forma’, de uma injunção esportiva dominante ”¹⁶⁵ (QUEVAL, 2008, p. 22-23).

A terceira definição construída pela SD2 é a de que 3) “o verdadeiro conceito Fitness incentiva a busca do equilíbrio entre dedicação e o prazer, nos apresentando, como consequência, o sentido de “bem estar” do SER como um todo, inclusive saúde mental e emocional”. Essa posição lineariza o discurso do empreendedorismo do corpo, cujo endosso material se dá na dupla determinação do corpo como lugar psicológico e visual do controle de si. Vigarello (2011) considera que esse é um projeto caricatural que “atribuiria um substrato enfim detectável ao espaço íntimo que nossas sociedades psicologizadas vão aprofundando sempre mais” (VIGARELLO, 2011, p. 244).

Observo, ainda, evidência de sentido e do funcionamento do esquecimento 2 no excerto “o verdadeiro sentido de fitness”. A partir da análise dos efeitos de sentido construídos no texto, *o fitness* só teria *um* sentido verdadeiro e, obviamente, esse sentido está sob o controle do sujeito do discurso, que o caracteriza em seguida. A própria condição de existência do sintagma nominal definido “o verdadeiro conceito de Fitness” aponta para o equívoco, isto é, põe em jogo no eixo horizontal a disputa de sentidos do interdiscurso com relação à palavra (se existe o verdadeiro, existem *outros* falsos), esses vindos de outras FDs, negadas pelo discurso formulado no texto. É disso que falamos quando nos referimos ao eixo unidade-dispersão, ou mesmo ao que Courtine (2014) chamou de enunciado dividido.

Além disso, duas palavras se repetem tanto na segunda sequência quanto na terceira, a saber: *equilíbrio* e *bem-estar*. Na FD fitness, esses dois vocábulos funcionam com efeitos de sentido muito específicos, que têm uma ligação íntima com a determinação da formação ideológica neoliberal.

É instigante observar, analiticamente, que há uma pejorativização do fitness quando este termo designa a busca de um corpo “malhado¹⁶⁶”, da maneira como aponta a SD2, em análise. Trata-se da constituição de uma moralização da “estética pela estética” e é nesse funcionamento ideológico que o discurso da saúde e do bem-

¹⁶⁵ Tradução livre de « Chacun fait ce que lui plaît, certes, mais ce qui lui plaît se nourrit de l’imaginaire d’un corps sain, d’une maîtrise de sa procréation, de l’utopie d’une santé parfaite censée prémunir de la mort, d’un corps mince et ‘en forme’, d’une injonction sportive dominante ».

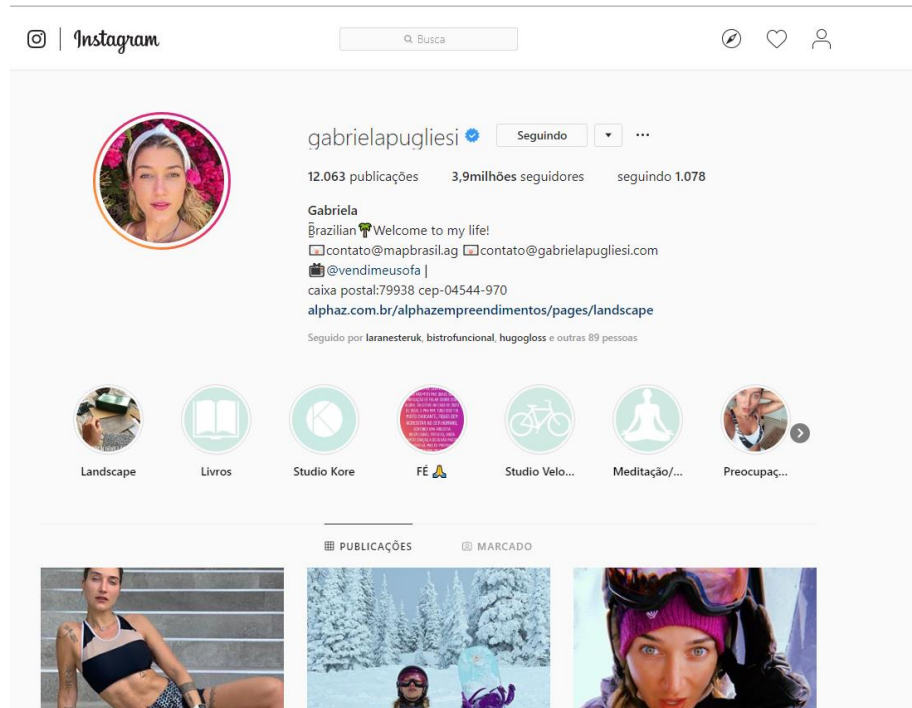
¹⁶⁶ O termo “malhação” refere-se à prática de musculação. O adjetivo malhado, na FD da estética, ganha o efeito de sentido de musculoso, definido, aquele que possui corpo trabalhado por musculação. Um termo, mais informal, usado como parafrástico a esse é “marombado”, derivado de “maromba”, uma gíria para se referir às barras usadas em exercícios para membros superiores.

estar vem compor a FD fitness, para redimir a estética por meio de uma moral médico-esportiva. Nas academias de ginástica, mesmo entre os leigos adeptos, não circula mais com efeito positivo o verbo “malhar” na acepção de exercitar o corpo pela musculação; ele foi substituído pelo verbo “treinar”, que carrega os princípios do discurso fitness tal qual a definição de “um padrão de treinamento pelo qual o indivíduo possa chegar a um bom condicionamento”. No meu entendimento, a troca de expressões se dá por uma estratégia ideológica que busca apagar o atravessamento da estética em detrimento do discurso da saúde, o que traz mais credibilidade ao discurso fitness pela legitimação via saber da ciência pela memória médico-esportiva.

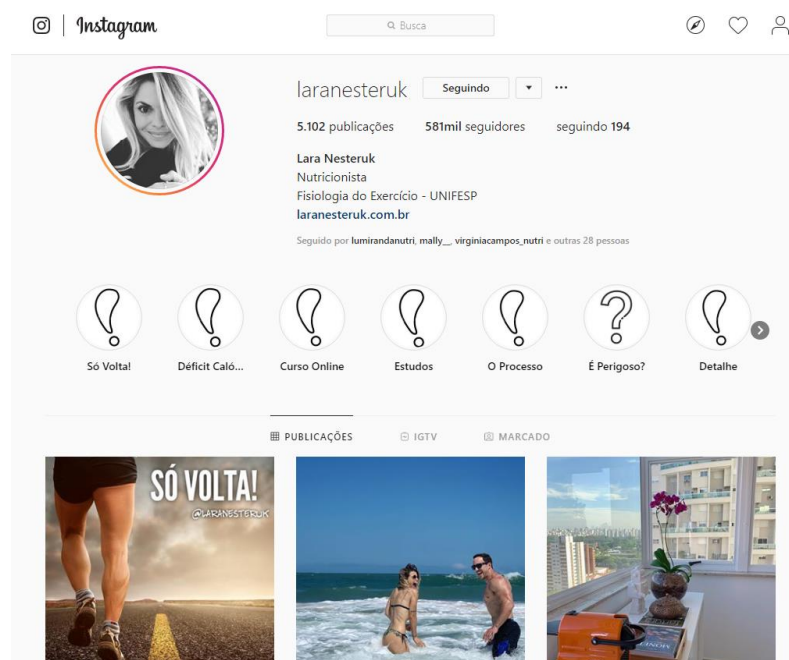
Nesse contexto, tem surgido uma série de novas empresas que prometem aos clientes um conjunto de experiências para além do exercício físico. O exemplo mais popular e atual deles, atualmente, é o *crossfit*, que se expandiu ainda mais no Brasil depois que várias blogueiras e celebridades passaram a divulgar sua adesão à prática.

No texto “O que é Fitness”, através de sua análise como SD2, podemos observar, ainda, a tomada de posição do sujeito-autor em relação ao sentido da expressão, que não é apresentada como consenso. Vislumbramos aqui apenas uma amostra da heterogeneidade discursiva presente no discurso fitness, que, como todo discurso, é marcado pela contradição e pela disputa de sentidos. No meu corpus discursivo de análise, no entanto, não há movimentos nos quais os sujeitos-blogueiras reclamam para si o título de fitness ou buscam se identificar com essa forma-sujeito. A designação “blogueira fitness” é, na maioria das vezes, um movimento do *outro*, que reconhece no sujeito, a partir de suas práticas de inscrição subjetiva no digital, sua identificação com a forma-sujeito fitness. Num processo cotidiano de acompanhamento de vários sujeitos que se inscrevem nesse discurso, percebi que os perfis de maior adesão do público são justamente aqueles que não identificam a si mesmos como perfis fitness, mas que se designam como perfis de “coaching life”, “nutrição”, “bem-estar”, “lifestyle” (*estilo de vida*), “saúde”, como podemos ver, a seguir, nas páginas iniciais dos três sujeitos de nosso corpus discursivo.

SD 3 - Página inicial do Sujeito 1 – Gabriela Pugliesi – Corpus de pesquisa
Imagem 11 - <https://www.instagram.com/gabrielapugliesi/>. Acesso em: 24 jan. 2019, 6h15.

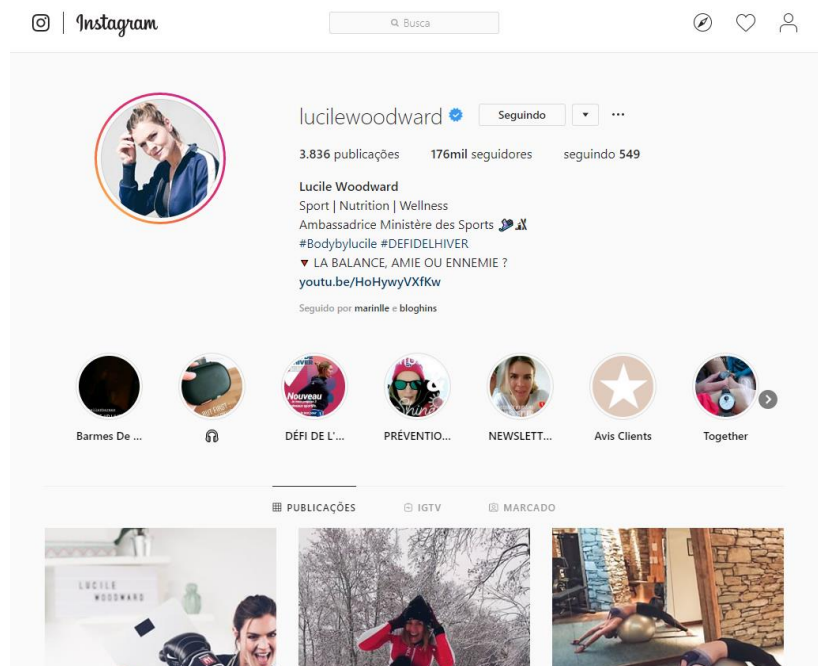


SD4 - Página inicial do Sujeito 2 – Lara Nesteruk - Corpus de pesquisa
Imagem 12 - <https://www.instagram.com/laranesteruk/>. Acesso em: 24 jan. 2019, 6h18



SD5 - Página inicial do Sujeito 3 – Lucile Woodward - Corpus de pesquisa

Imagem 13 - <https://www.instagram.com/lucilewoodward/>. Acesso em 24 jan. 2019.



A partir de uma leitura visual e textual das páginas iniciais das três blogueiras que constituem os perfis de corpus desta pesquisa (SD3, SD4 e SD5), meu primeiro gesto de interpretação se dá no sentido de perceber que o apagamento do termo *fitness* acontece como constitutivo do processo de identificação do sujeito com seu discurso pela ordem de dois esquecimentos, do constitutivo e o da ordem da formulação, nos termos de Pêcheux e Fuchs (2014). Se, conforme os autores, “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo, *por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina*” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 177, grifo dos autores), quando um significante não é formulado, mas as suas redes parafrásticas se inscrevem na FD, isso se apresenta como um gesto de dizer no não dizer. No Capítulo 3, discuti sobre a constituição do lugar de blogueira como um processo marcado por um gesto de denegação¹⁶⁷ do sujeito do discurso do seu lugar institucional em detrimento do seu lugar de sujeito íntimo, funcionamento cuja eficácia legitima o lugar de blogueira a partir do qual se diz uma verdade da ordem da experiência vivida, isto é, autêntica.

¹⁶⁷ Refiro-me ao sentido da palavra denegação empregado por Pêcheux (2014b) quando descreve o movimento de negação do político no jogo da política: “as formas burguesas da prática política – essencialmente a *denegação* da política e o *jogo* político são formas ‘espontâneas’ onde se exprimem *cegamente* os interesses de classe da burguesia” (PÊCHEUX, 2014b, p. 187-188, grifos do autor).

Na leitura da formulação visual-textual da composição da página inicial que compõe o intradiscurso, identificam-se, nas três SDs, palavras como bem-estar, saúde, esporte, exercício, nutrição, meditação, fé, etc. Ao mesmo tempo, as imagens que se apresentam no feed inicial inscrevem o corpo do sujeito em situações cotidianas ou de realização de esportes, bem como, em muitos casos, de alimentação, como veremos em análises subsequentes. No entanto, apesar de sentido de fitness, segundo a SD2, analisada no texto O que é o Fitness, deslizar a partir das diferentes posições-sujeito possíveis na FD, esse termo, explicitamente, não é mencionado pelas blogueiras como um rótulo discursivo com o qual se identificam textualmente.

Vejo nesse apagamento do significante como decorrente de dois fenômenos da ordem da exterioridade. Um deles tem a ver com um processo de deslegitimação do dizer do blogueiro como um lugar de saber por alguns grupos sociais; esse fenômeno tem produzido efeitos de sentido negativos sobre a designação “blogueiro” (a partir deles foram geradas paródias humorísticas como “blogueirinha de merda¹⁶⁸”, um famoso personagem do Youtube que satiriza as blogueiras de moda e estilo). Tendo em vista essas condições de produção expostas, reconheço traços da *blogagem* e do *fitness* nas práticas dos sujeitos selecionados como corpus discursivo, mas seu processo de autodesignação e de identificação explícita com a forma-sujeito na qual entendo que se inscrevem (FD fitness) se apaga devido a certo embate ideológico sobre tanto sobre o significante blogueiro¹⁶⁹ quanto sobre o fitness. No que concerne ao primeiro, creio haver uma forte relação desse fenômeno no campo do discurso com as novas formas de trabalho que o neoliberalismo tem instituído como práticas legítimas, mas nem sempre legitimadas, em termos de reconhecimentos institucionais, instaurando-se embates sobre a equivocidade dos significantes na ordem do político. Isso porque, em esferas profissionais como medicina, educação física, psicologia e no jornalismo, tem-se debatido bastante sobre a qualificação¹⁷⁰

¹⁶⁸ O personagem mudou de nome para apenas “blogueirinha” por razões mercadológicas. Seu perfil no Instagram e no Youtube satiriza comportamentos e formulações de blogueiras. Cf. https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/01/oi-meninas-tutupom-9-videos-para-voce-entender-o-sucesso-da-blogueirinha-de-merda_a_23349330/. Acesso em: 15 fev. 2020.

¹⁶⁹ Como demonstrei no Capítulo 3, para dizer sobre a partir do lugar discursivo de blogueiro não é preciso receber endosso institucional; trata-se de um lugar cuja legitimação se dá por um reconhecimento midiático de massa, atestado por número de seguidores e de likes. Isto é, a legitimidade do dizer sobre do blogueiro se dá pelo poder dizer que a ordem da difusão e da circulação instituíram no digital.

¹⁷⁰ Tramita, hoje, no senado nacional uma proposta de projeto de iniciativa popular de regulamentação do coach. No Brasil, a atividade ainda não está regulada por setores trabalhistas. Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/23/criminalizacao-ou-regulamentacao-do-coaching-esta-em-discussao-no-senado>.

desses sujeitos para ocupar esse lugar discursivo midiático sem a devida apropriação de saberes mediados pelas instituições científicas.

Dito isso, parto da ideia de que a blogagem fitness tem se configurado como prática discursiva digital especialmente (mas não unicamente) em que sujeitos femininos ocupam o lugar discursivo de enunciantes legitimadas a falar de/sobre corpo, saúde, estilo de vida e se inscrevem no digital posição sujeitos-corpos-empresas¹⁷¹, **porque** é projetado imaginariamente nesse discurso o lugar de sujeito enunciantes-narradores *da experiência* antes de qualquer outro saber. Nessa esteira, está o que chamo de *fotobiografia do eu*, considerando uma ordem própria aos elementos digitais que configuram a textualidade digital. Os relatos biográficos são, ao mesmo tempo, injuntivos - pois aconselham sobre formas de viver - e testemunhais, como ferramentas pessoais e públicas de uma técnica de governança de si que se dá por meio de um empreendedorismo midiático de si.

O que entendo como empreendedorismo midiático de si parte da teorização de Ehremberg (2010) sobre os “sistemas de condutas de si” (p. 18), mas, no âmbito desta pesquisa, eu os qualifico, especialmente, em dois eixos principais de inscrição discursiva: numa inscrição midiática, determinada por uma memória discursiva publicitária (ou televisiva, num plano de memória mais geral); e numa inscrição narrativa cotidiana digital, determinada pelas contingências da subjetivação dos sujeitos enunciantes no espaço digital. Ambas estão sobredeterminadas pela ideologia neoliberal e pela forma-sujeito empreendedora, que é regulada por um discurso que preconiza o sujeito como único responsável pelas causas e consequências das vitórias e derrotas de sua vida.

5.2.1 O sujeito da performance, discurso de autoajuda e ideologia Neoliberal

A ideologia neoliberal, como discutimos sobretudo no Capítulo 2, sustenta-se sobre o imaginário de uma subjetividade individual autorresponsável. O empreendedorismo, portanto, seria um dispositivo discursivo e político que faz funcionarem práticas sociais baseadas nessa ideologia. Vimos, também, que o discurso da psicologia individual atua socialmente como um dispositivo de controle das mentes (Cf. HAN, 2018; CABANAS; ILLOUZ, 2018; ILLOUZ, 2011), habilitando

¹⁷¹ Neste trabalho, estou tomando o corpo-empresa como unidade imaginária do sujeito empreendedor, a partir do que teorizei sobre o empreendedorismo de si no Capítulo 2.

novas técnicas de poder que constituem-se na dominação pelas crenças, isto é, pelo controle das mentes, e não do corpo, de maneira mais direta. Vimos, também, que a internet, como um dispositivo no interior do aparelho ideológico midiático, tem atuado como um excelente dispositivo de controle psicopolítico (HAN, 2018), nesse sentido em que legitima discursos de autocobrança e autorresponsabilização como dominantes na nossa formação social.

Direi, então, que esse sujeito da performance, como projeção imaginária (PÊCHEUX, 2014a) de um efeito sujeito ideal produzido pela ideologia neoliberal, é determinado por uma formação discursiva empreendedora. Esta, por sua vez, é sustentada por uma formação discursiva de autoajuda, que se caracteriza pela inscrição, em seu interior, de enunciados determinados pelo empreendedorismo e pela meritocracia e sustentam-se sobre um efeito argumentativo motivacional.

As duas imagens a seguir são fotografias urbanas captadas em momentos e em locais diferentes. Tomo-as como SDs de meu corpus discursivo auxiliar. A primeira delas trata-se de uma publicidade em um painel disposta na Rue de Rennes, centro comercial muito movimentado de Paris. Deparei-me com esse anúncio durante meus primeiros meses na cidade, em 2017. O enunciado diz, em tradução livre, “As desculpas não queimam calorias” e promove a academia de ginástica CMG Sports Club. A segunda imagem é uma fotografia de outro anúncio, desta vez afixado em um cartaz de papelão sobre uma esteira ergométrica na academia Smart Fit, em Recife, em janeiro de 2020. O enunciado “Viva a vida sem se preocupar o tempo todo com a sua alimentação” promove um aplicativo de gerenciamento pessoal de alimentação produzido pelo grupo administrativo da rede de academias.

Imagem 14 – SD1 - Painel publicitário localizado na Rue de Rennes, Paris. Fotografia autoral, março de 2017.



Imagem 15 – SD2 - Impresso publicitário afixado numa esteira ergométrica. Academia de ginástica Selfit, Avenida Conselheiro Rosa e Silva, Recife, janeiro de 2020.



Ambos os textos, considerando-se que foram produzidos em condições distintas e circulam em situações distantes e aparentemente desconexas, linearizam o que argumentei anteriormente a respeito de como o discurso fitness se constitui. No meu gesto de leitura, os dois se inscrevem numa formação discursiva fitness por estarem determinados por sentidos que exaltam o empreendedorismo de si ligado necessariamente a práticas disciplinares da ordem do corpo e do bem-estar. Além disso, a posição-sujeito de autoajuda, a partir da qual o sujeito aconselha, no meu entendimento, constitutiva da formação discursiva empreendedora, também atravessa ambos os enunciados, a despeito de tantas distinções sobre suas condições de produção e de circulação.

O que eu gostaria de reforçar com a evocação dessas duas materialidades aqui – já que não fazem parte oficialmente de meu corpus de análise – tem a ver com a noção própria de formação discursiva como unidade dividida. A unidade da formação discursiva fitness não será entendida *apenas* “no nível de uma sequência discursiva concreta” (COURTINE, 2009, p. 84), mas no que há de dispersão em sua tomada enquanto processo discursivo em consideração ao interdiscurso. Desse modo, considerando que os enunciados têm uma existência material “indefinidamente repetível” (FOULCAULT, 1969, p. 134 apud COURTINE, 2014, p. 91).

A partir disso, estou falando de uma forma-sujeito fitness que, determinada por sentidos que afetam a saúde, o bem-estar, e as tecnologias empreendedoras de si,

não prescinde da materialidade corpórea-imagética do sujeito. Se, na textualidade verbal, é por meio de narrativas e bravatas de aconselhamentos que o sujeito se inscreve nessa forma-sujeito, é o seu corpo que materializa o efeito de verdade do seu dizer na materialidade da fotografia, na ordem simbólica que joga nos imaginários da imagem. O corpo indicia o que a palavra enuncia. É nesse sentido que tomo o corpo (nesse caso, a formulação fotográfica do corpo) também como materialidade significativa desse discurso.

Pelo nó na teia fitness marca o encontro dos discursos empreendedor, médico-esportivo, publicitário (da ordem do espetáculo) e cotidiano (testemunhal), Queval (2008, p. 23) tensiona o cenário das forças que agem sobre o corpo como uma coerção que dança numa intersecção entre uma prescrição coletiva e o “trabalhar” para seu próprio corpo. Aí ela encontra a dimensão da interiorização das normas sobre o corpo sobre as quais também falava Vigarello (2011).

O sujeito se inscreve em um processo, *livremente* e de maneira *autônoma*, consciente dos valores encarnados pelo corpo, qualquer que seja o corpo. Essa persistência de valores cruza o horizonte individualista e se torna impensável *sem a contrapartida da culpa*. Porque livre e responsável, o sujeito é necessariamente *culpável* quando seu corpo falha, quando a estética colapsa, quando a doença acontece ou quando a morte, antes da grande velhice, aniquila o instrumento já desgastado. (QUEVAL, 2008, p. 23, grifos meus).

No que concerne ao funcionamento de uma lógica contemporânea da performance já discuti a partir de Ehrenberg (2010) como tem se destacado uma *aventura empreendedora* como modelo dominante na relação política entre os indivíduos. O autor afirma que o espaço público tem limites porosos e, nesse sentido, a uniformização dos indivíduos não seria um princípio estruturante do tipo de poder que regula essa sociedade. Ele fala, assim, de uma nova transparência social, que busca superar a uniformização (característica, por exemplo, de uma sociedade industrial) e ressaltar as diferenças.

Essa *nova transparência* permite então atribuir a cada um, de maneira dinâmica, o lugar que ele se fez para si mesmo. Ela tem por consequência a formação de um estilo de laço social em que a *implicação* de cada indivíduo é trocada por sua *realização* e *visibilidade* pessoais. (EHRENBURG, 2010, p. 176, grifos meus).

A realização e a visibilidade são vetores mais do que pungentes das publicações do Instagram, e isso não se aplica apenas ao universo do fitness. Essa rede social, como espaço digital de legitimação e de trocas de experiências pessoais

por meio de narrativas autobiográficas audiovisuais, é um dispositivo que, ao mesmo tempo, atende essa demanda social e cria novas ferramentas, ampliando o leque de possibilidades de edição e “personalização” das publicações, para que os sujeitos ali possam “ressaltar suas diferenças”.

O empreendedorismo de si, numa prática discursiva em que a imagem de si e do corpo são centrais, desenha uma subjetividade forjada discursiva e ideologicamente para funcionar num sistema social específico. Como diz Sibilia (2016), fazendo referência à discussão de Gilles Deleuze sobre o que chamou de “sociedades de controle”, o fenômeno da exposição de si como aventura empreendedora trata-se da manifestação discursiva de “uma organização social capaz de fertilizar o capitalismo mais ágil e voraz da atualidade, que se caracteriza pela superprodução e pelo consumo exacerbado, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais” (SIBILIA, 2016, p. 28).

Em *O homem pós-orgânico* (SIBILIA, 2015), Paula Sibilia (2015) vê a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle como um processo de deriva de novas subjetividades em torno de “novas técnicas de poder” (p. 28). E a Internet como “panóptico digital” tem uma função primordial na mediação desse poder, que alguns denominam de “imaterial” (SIBILIA, 2015, p. 29). Estamos falando de uma sociedade hedonista, ávida pelo consumo e superestimulada. Os produtos físicos, concretos, não mais são suficientes para atender às demandas de consumo dessa sociedade. No espaço digital, esse “problema” de mercado é parcialmente resolvido: o consumo de informação e de entretenimento muitas vezes faz o papel do superconsumo de produtos. É muito comum, nas redes sociais, encontrar relatos de sujeitos que “maratonam”¹⁷² séries da Netflix, tutoriais do Youtube, podcasts... Sem falar no impacto das ferramentas de comunicação na flexibilização do trabalho.

Com as práticas de comunicação a distância, os limites do tempo e do espaço são redesenhados, o que gera quase sempre uma sobrecarga nos indivíduos e uma superexposição do privado ao público¹⁷³. A colonização do cérebro causa um

¹⁷² Alguns usuários relatam passarem até 10 horas seguidas assistindo a seriados. O mesmo ocorre com jogos online. É interessante, também, observar o atravessamento do discurso esportivo numa prática de natureza midiática como é a de consumir produtos em streaming. O verbo *maratonar*, equivocadamente, descreve uma atividade esportiva em que se pressupõe um papel temático ativo para o sujeito (correr uma maratona), enquanto, contraditoriamente, no deslizamento desse significante para a formação discursiva midiática o sujeito passa a desempenhar um papel temático passivo.

¹⁷³ É interessante observar como o sentido “privado”, determinado pela memória liberal de “capital privado” passa a funcionar em relação ao público, mas ainda inscrito numa rede de sentidos ligada à memória liberal. O

superestímulo dos quais os efeitos têm se percebido através do que tem se chamado de medicalização da existência (AUBERT, 2003).

Giddens (1991, p. 13) entende que nesse aspecto a modernidade “expande as arenas de realização pessoal e de segurança a respeito de amplas faixas da vida cotidiana” (p. 159), na qual todos nós somos pessoas *leigas* a respeito dos sistemas especializados (seja como consertar um carro, seja como pintar as paredes de sua própria casa, por exemplo). Ele arremata: “a *falta de controle* que muitos de nós sentimos em relação a certas circunstâncias de nossas vidas é real” (GIDDENS, 1991, p. 159, grifo meu).

O sentimento de falta de controle gerado pela profusão e pela saturação de demandas e serviços periciais (quantos serviços utilizávamos – ou melhor, de quantos serviços *precisávamos?* - há vinte anos e quantos usamos hoje?) revela a contradição entre o excesso e a falta produzidos na formação social capitalista. À medida que, para sermos interpelados em sujeitos no digital, submetemo-nos a um sistema de controle¹⁷⁴ de dados, de informações pessoais. Entre o sentimento de falta de controle e o total controle do panoptismo digital, estamos imersos em um processo de transição entre uma modernidade tardia e uma pós-modernidade (GIDDENS, 1991, 2002), que fornece-impõe a ideia de controle em forma de evidência de uma segurança, da qual, contraditoriamente, parecemos estar cada vez mais distantes.

Isso também ocorre com o par “risco e oportunidade”, um par paradoxal bastante presente nos discursos de engajamento empreendedor e de coaching. A esse par, Giddens (1991) atribui uma responsabilidade que talvez nos dê pistas para explicar o que tem sido chamado de “era da pós-verdade”, em que discursos institucionais – como o da ciência, por exemplo – têm sido relativizados. O autor defende que “a mistura entre risco e oportunidade é tão complexa em muitas das circunstâncias envolvidas que é extremamente difícil para os indivíduos saberem até onde atribuir confiança a prescrições ou sistemas específicos e em que medida suspendê-las” (GIDDENS, 1992, p. 161). Desenvolvendo o raciocínio, o sociólogo inglês nos dá um exemplo que cabe perfeitamente ao entendimento das condições de

neoliberalismo está em relação de continuidade com o liberalismo. Assim, o sentido de “público”, funcionando numa formação ideológica neoliberal, tem efeito de sentido filiado às ideias de Estado e de centralização governamental.

¹⁷⁴ Uma máxima muito disseminada no campo do marketing digital diz respeito ao funcionamento da interpelação dos indivíduos em sujeitos nesse espaço, sobretudo em se tratando de redes e serviços online “gratuitos”, como Facebook, Gmail, Nubank, é a de que “se você não paga por um produto ou serviço, você é o produto”. Os dados dos usuários são usados pelas plataformas como moeda para atrair anunciantes ou para troca de informações.

emergência de figuras como gurus e blogueiras fitness, isto é, nos interessa para compreender melhor o funcionamento dessa formação discursiva. Ele se questiona sobre como saber se estamos comendo de maneira saudável se todos os alimentos são potencialmente tóxicos ou se os peritos nutricionais relativizam “o que é bom pra você” (o que é bom para um indivíduo pode ser fatal para outro). Além disso, como confiar no discurso da ciência se sua “verdade”¹⁷⁵ muda? Poderemos individualizar de tal forma essa ideia a ponto de precisarmos criar tantos labels (ou tags) possíveis para tantas especificidades individuais? A ideia de “indivíduo”, segundo Giddens (2002), surge, nas sociedades modernas, com a diferenciação da divisão do trabalho. Ele também frisa que a escuta de autobiografias só se desenvolveu no período moderno, ocupando o centro da autoidentidade na vida contemporânea.

Assim, sociólogo analisa a nossa sociedade contemporânea como uma modernidade tardia e a ela associa, intrinsecamente, os conceitos de “indivíduo”, “eu” e “autoidentidade”. Em *Modernidade e identidade*, o autor esmiúça várias características desses que ele nomeia de traços distintivos da modernidade, dos quais, para nós, interessam alguns principais para entendermos, no interior da formação discursiva fitness, a função do discurso de autoajuda.

O primeiro indica que “o eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos” (GIDDENS, 2002, p. 21). O segundo que nos interessa é o de que “a autoidentidade, como fenômeno coerente, supõe uma narrativa – a narrativa do eu é explicitada” (op. cit, p. 23). E, por último, “a reflexividade do eu se estende ao corpo, onde o corpo é parte de um sistema de ação, e não um objeto passivo” (op. cit, p. 27).

A consciência do corpo é básica para ‘captar a plenitude do momento’, e envolve o monitoramento consciente dos fluxos sensoriais do ambiente, assim como dos principais órgãos e disposição do corpo como um todo. A consciência corporal também inclui a consciência dos requisitos de exercício e dieta. (GIDDENS, 2002, p. 27, grifos meus).

¹⁷⁵ No campo perito da nutrição, os paradigmas mudam e acabam gerando “ondas” de dietas da “moda”. Em certa época, acreditava-se que comer ovos aumentava o risco problemas cardiovasculares. De vilão, por conta de novas pesquisas, o ovo passou a ser construído como herói da alimentação saudável, rico em proteína, em gorduras “boas” e ótimo para o crescimento muscular. As blogueiras fitness têm um papel muito relevante na disseminação dessas informações e no incentivo do consumo desse alimento, que já causa impactos no mercado avicultor.

Numa busca¹⁷⁶ na rede social Instagram pelo indexador digital #lifestyle (estilo de vida), expressão extremamente frequente nas postagens em blogs fitness, encontrei mais de cento e sessenta milhões de publicações associadas por seus autores à hashtag. Essa profusão de indexações à ideia de estilo de vida não é fortuita. Ligada ao projeto ideológico neoliberal moderno de autoidentidade como reflexividade do eu em que o corpo ocupa um lugar privilegiado, a concepção de estilo de vida se impõe como um orientador do agente individual na contemporaneidade, embora Giddens (2002) não faça essa reflexão pelo prisma das ideologias. De acordo com o autor, “um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade” (GIDDENS, 2002, p. 41, grifo meu). O autor explica também que esse termo não é encontrado em sociedades tradicionais porque ele implica “adoção”, “escolha”, ou seja, o sujeito que o incorpora está guiado pela ideia de que tem o controle sobre suas decisões e que é mestre de si mesmo.

Essa lógica da performance e do controle individual responde a várias demandas do neoliberalismo como sistema ideológico dominante na formação capitalista contemporânea. Concordando com Lucca Marsi (2017), o neoliberalismo não é uma nova versão do capitalismo. Acompanhando Dardot e Laval (2016), o autor entende o neoliberalismo como uma nova racionalidade do capitalismo contemporâneo (DARDOT E LAVAL, 2016), uma disciplina que constrói a ideia de homem como empresa e *reconfigura todas as instituições como empresas*. O empreendedorismo seria, para o pesquisador, uma atitude, uma habilidade de valorizar a experiência, o que implica uma disciplina de si (autodisciplina) extremamente coercitiva e demanda um processo contínuo de avaliação/autoavaliação.

Assim, o discurso empreendedor, determinado pela ideologia neoliberal, impõe ao sujeito que sua própria subjetividade imaginária seja o centro de si mesmo, orientando-se por uma racionalidade política empresarial do indivíduo, em que há um fetichismo da liberdade: “você é livre para escolher, você é a fonte de liberdade, criatividade, você é livre para desenhar sua trajetória de vida”. A técnica de avaliação/autoavaliação é um braço muito importante do que Marsi (2017) entende

¹⁷⁶ Em 20 de janeiro de 2019, às 17h31, horário de Recife, PE, Brasil, o número exato obtido na busca foi de 160.074.143 publicações.

por “dispositivo normativo disciplinar neoliberal” e nos toca sensivelmente no que diz respeito à blogagem fitness. Para o autor, o princípio da performance, que põe em evidência a necessidade do controle de si mesmo, mostra um traço de subjetivação de uma lógica funcional e ideológica em conformidade com a preservação do sistema do capital. Isso porque a busca dos sujeitos por resultados de si mesmos sempre mais eficientes e seu engajamento pessoal (com consequente autorreponsabilização por todas as consequências positivas e negativas do que ocorre em suas vidas) alimenta a lógica da competição e apaga as influências do sistema em suas próprias vidas.

Como um dos “sintomas da era neoliberal”, Marquis (2017, p.1) aponta a profusão de produções de produtos de autoajuda e de livros dessa natureza. Ele afirma que “esse fenômeno remonta as raízes do individualismo, quando, no início dos tempos modernos nos Estados Unidos, a mitologia do Velho Oeste encontra a doutrina protestante do sucesso individual como sinal de salvação da alma”.

Illouz (2011, p. 18-19) também faz uma análise de como a literatura de aconselhamento (que tratarei como discurso de autoajuda), durante a primeira metade do século 20, nos Estados Unidos, remodela as relações sociais e afetivas via a indústria cultural, num contexto de redefinição de uma sociedade industrial para um modelo organizacional. A autora demonstra como a imaginação empresarial americana foi reconfigurada pelas práticas da psicologia no campo da orientação e no aconselhamento. Essa linguagem, segundo ela, moldou o discurso da identidade empresarial, “porque pôde dar sentido às transformações do local de trabalho capitalista e porque tornou naturais novas formas de competição e hierarquias” (ILLOUZ, 2011, p. 28).

Vemos, aqui, uma relação política de origem entre o discurso da psicologia comportamental seu funcionamento no campo do empreendedorismo, que apaga as contradições do sistema e as opressões sofridas pelos trabalhadores e, posteriormente, desembocará na política da happycracia da qual falam Cabanas e Illouz (2018). Illouz (2011) relata que, com a inserção dos psicólogos nas empresas para gerir os sentimentos conflituosos dos funcionários, após a recessão de 1920 nos EUA, a relação entre trabalhadores e empresários se pacificou. Ela atribui esse sucesso à linguagem sutil usada pela psicologia, em contraponto aos métodos de pressão¹⁷⁷ dos capatazes de outrora.

¹⁷⁷ “um método que envolvia supervisão rigorosa e ofensas verbais” (ILLOUZ, 2015, p. 29).

Assim, o discurso da psicologia *arquitetou uma nova forma de sociabilidade e afetividade* em cuja base se encontravam dois temas culturais fundamentais – o da ‘igualdade’ e o da ‘cooperação’ -, porque as relações se forjavam entre pessoas tidas como iguais, e o objetivo dessas relações era cooperar para tornar o trabalho mais eficiente. (ILLOUZ, 2015, p. 30, grifo meu).

Pelo verniz da linguagem da psicologia, várias relações de opressão e de exploração que causavam sofrimento à classe trabalhadora foram atenuadas. Podemos falar de novos métodos de docilização dos corpos: a linguagem psicológica, no século 20, a medicalização da existência na transição do século 20 para o 21. Sim, porque mesmo que se apague pela linguagem as relações dissimétricas produzidas pelo capitalismo, que se apague a existência da “luta de classes” em prol de uma cruzada antimarxista, as contradições inerentes a essas relações emergem no real do corpo.

Por fim, resumi algumas características gerais do discurso de autoajuda (que identifico como parafrástico ao discurso empreendedor), ou discurso de desenvolvimento pessoal (*développement personnel*), numa tradução literal do francês, exploradas no artigo de Marquis (2017), em sua análise dos livros de autoajuda. O ponto convergente de todos esses traços são a narrativa de si:

Quadro 9 - Características do discurso de autoajuda.

Um conjunto de produções bibliográficas que visam pôr cada um no comando de sua vida (literatura de autoajuda);
Os autores de autoajuda testemunham sobre suas trajetórias de vida, sobre seus “verdadeiros eus”;
Procura da melhora contínua;
Celebração contínua da novidade/do novo;
A crença de que qualquer um pode se tornar “alguém” (meritocracia);
Responsabilização por si mesmo: não esperar nada de ninguém. Cada um é o único responsável por sua vida. Internalização da responsabilidade sobre a mudança desejada;
Valorização da escolha, da vontade, do projeto pessoal;
Resistência a todas as normas impostas pelo exterior, que incitariam viver como um “falso-eu”, aquele que os outros desejam que sejamos;
É preciso ser produtivo para ser alguém de sucesso.

Esses enunciados se inscrevem em uma rede parafrástica sobre a qual trabalha a forma-sujeito empreendedora contemporânea ou, em outras palavras, elas regulam os sentidos que determinam as condições de existência de um sujeito empreendedor.

Analisando a respeito da penetração do discurso empreendedor nas relações econômicas francesas, Ehremberg (2010) denuncia a mudança no imaginário coletivo daquele país em termos de lutas de classe tendo em vista que a empresa surgiu como solução para todas as questões em torno desse “símbolo da França autossuficiente” (p. 14). Para ele, a resposta está justamente na popularização do esporte como símbolo da realização pessoal e do consumo.

O impacto do esporte se deu em dois níveis simultâneos: na sociedade francesa, de um modo geral, com a mudança de atitudes com respeito ao sucesso social; e na empresa, com os modos de ação empreendedora, afetando as concepções sobre políticas de gestão de pessoal. (EHREMBERG, 2010, p. 14).

O sociólogo defende que a vida em sociedade se tornou uma “aventura empreendedora”. No meu entendimento, esse empreendedorismo pode ter como vetor de impulsionamento o esporte (poderíamos dizer que uma FD esportiva atravessa o empreendedorismo pela via da aventura e pela disciplina do corpo heroico e livre), mas funciona como FD própria determinada por uma formação ideológica neoliberal, que é como o sistema capitalista tem operado ideologicamente na contemporaneidade. Isto é, a dominância da ideologia neoliberal é a condição de existência do empreendedorismo, enquanto a condição de sobrevivência da primeira garante a perpetuação da formação social capitalista.

A partir desses fatos, Ehremberg (2010) enxerga a vigência de uma cultura da performance, cuja unidade subjetiva imaginária seria o que ele designa *indivíduo S.A.* Segundo essa cultura, os empreendedores são glorificados como semideuses, seriam os modelos de sucesso a serem atingidos numa formação social.

Se relacionarmos esse conceito de indivíduo S.A. ao que estamos pensando como forma-sujeito empreendedora, e, por conseguinte a uma forma-sujeito fitness, poder-se-ia dizer que, nessa unidade imaginária, o corpo-empresa simboliza-se por uma determinação mais *evidente* do discurso médico-esportivo e do cotidiano, enquanto há, também, um atravessamento do discurso publicitário e empreendedor sustentando materialmente a existência desse processo discursivo.

Na representação abaixo, ilustro a relação entre o corpo-empresa como unidade imaginária do sujeito fitness em sua relação com seus principais discursos constitutivos, a saber: discurso empreendedor (autoajuda), discurso médico-esportivo, discurso publicitário e discurso do cotidiano (narrativas do eu).

Quadro 10 - Esquema corpo-empresa baseado no funcionamento do discurso fitness no Instagram.



O corpo-empresa como uma unidade imaginária de uma forma-sujeito empreendedora possível lineariza-se em uma série de formulações, tanto no processo metonímico de *corpo* → *empresa* quanto *empresa* → *corpo*. Vejamos alguns exemplos de enunciados de um campo discursivo de referência que podem ser encontrados em várias ocorrências diversas na internet.

I) Metonímia empresa-corpo

O corpo tem saúde e merece cuidados, o cuidado de si; a empresa tem corpo e, portanto, tem saúde, que merece cuidados.

Figura 2 – SD metonímia empresa-corpo - <http://www.artsevenagencia.com.br/noticias-de-marketing-digital-seo/102-cuide-da-saude-financeira-da-sua-empresa>.



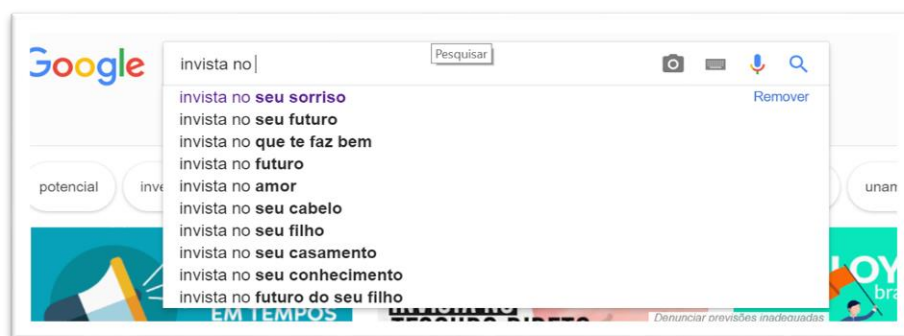
II) Metonímia corpo-empresa

Investe-se financeiramente em empresas; o corpo é um empreendimento empresarial em que se deve investir; empreendedorismo de si.

Figura 3 – SD metonímia corpo-empresa - <http://www.artsevenagencia.com.br/noticias-de-marketing-digital-seo/102-cuide-da-saude-financeira-da-sua-empresa>.



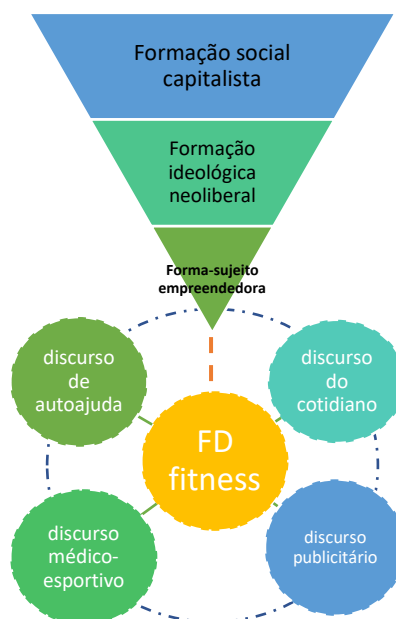
Figura 4 - Sugestão automática de pesquisa do Google - indivíduo S.A. 24 jan. 2019. 7h02178



Os exemplos evocados permitem ilustrar brevemente certa intercambialidade sintática entre complementos verbais que têm efeito de sentido afetivo, econômico e corporal, de modo que podemos dizer que esses significantes se organizam em uma rede parafrástica considerando a ordem simbólica da formação social capitalista.

A partir desses gestos de interpretação e do desenvolvimento subsequente das análises do corpus de pesquisa, apresento o esquema de representação a seguir, no qual consta minha proposta da relação da FD fitness com suas discursividades constitutivas.

¹⁷⁸ Não considerei os problemas temáticos de sugestões de pesquisa com relação à seleção algorítmica do site porque o simples fato de os termos terem aparecido como sugestões possíveis já confirmam a hipótese da intercambialidade sintático-semântica, independentemente da temática recortada.

Quadro 11 - Esquema de representação da FD Fitness

5.3 (A)PARECER-SABER-ACONSELHAR: DIFERENTES POSIÇÕES-SUJEITO NA BLOGAGEM FITNESS

No corpus de análise, que constitui-se de publicações compostas de fotografia e texto dos feeds de publicação das blogueiras analisadas, a forma-sujeito do discurso fitness abriga diversas posições discursivas que estão determinadas pelos gestos de (a)parecer-saber-aconselhar no que concerne ao movimento de identificação do sujeito do discurso com a FD fitness, que tem o a imagem do corpo como unidade imaginária e como imagem midiática e midiaticizada por si, o que é determinado blogagem como uma prática cotidiana do dizer sobre.

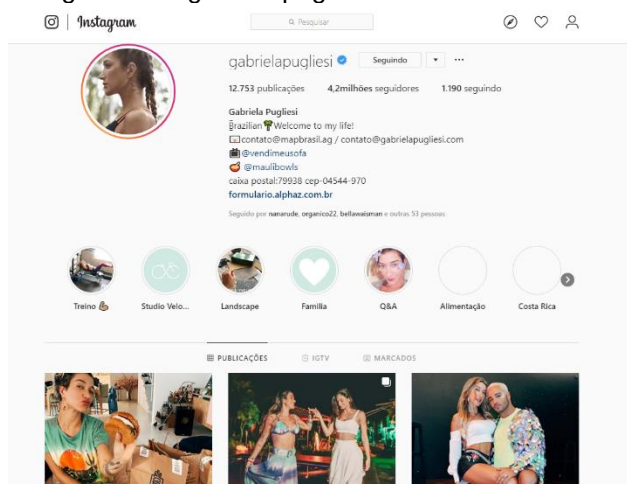
No Instagram, podem ser analisadas, certamente, outras posições de identificação subjetiva com a FD fitness¹⁷⁹. No entanto, proponho o estudo de um eixo-base de quatro discursividades dominantes como constitutivas da FD como as regularidades interdiscursivas que determinam a inscrição de um sujeito na FD fitness

¹⁷⁹ Apenas para citar um exemplo, venho acompanhando o perfil Miran Bottan (@mbottan), uma blogueira que cresceu na esteira dos discursos de resistência sobre imagem e corpo nesse segmento do Instagram (um de seus bordões é “#ProjetoVidão – porque a vida pode ser bem mais que um projeto verão”. O que quero dizer, no entanto, é que, ainda que se desidentificando com uma forma-sujeito fitness, que estabelece limites para o “belo” e o “saudável”, o sujeito blogueiro fitness bem-sucedido nas redes como tal (isto é, com engajamento digital), no que eu entendo, para se inscrever na FD fitness, mesmo num movimento de resistência, está atravessado por saberes que circulam nessas quatro FDs que proponho descrever-interpretar-analisar neste trabalho.

no Instagram,¹⁸⁰ a partir da análise de SDs selecionadas como corpus¹⁸¹ das páginas de três sujeitos-blogueiras de diferentes perfis, a saber:

BLOGUEIRA FITNESS 1 – Gabriela Pugliesi, brasileira, 4,2 milhões de seguidores

Imagem 16 - Página inicial de Gabriela Pugliesi no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/gabrielapugliesi/>. Acesso em: 16 fev. 2020, 19h53.



BLOGUEIRA FITNESS 2 – Lara Nesteruk, brasileira, nutricionista, 800 mil seguidores

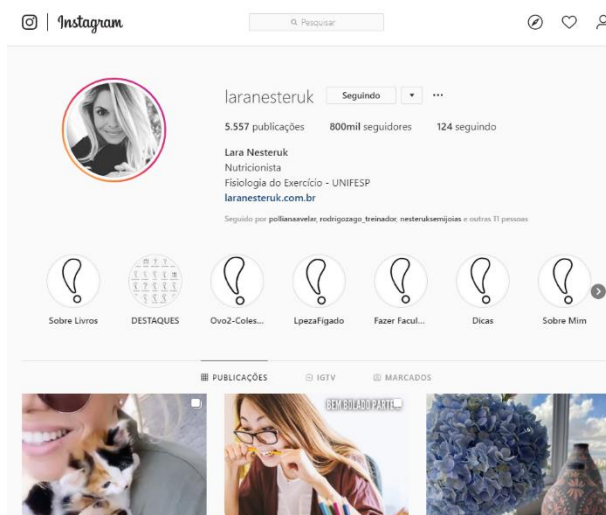
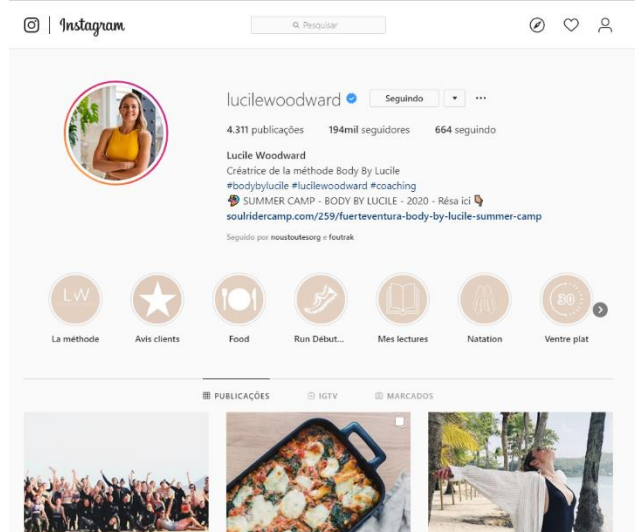


Imagem 17 - Página inicial de Lara Nesteruk no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/laranesteruk/>. Acesso em: 16 fev. 2020, 19h54.

BLOGUEIRA FITNESS 3 – Lucile Woodward, francesa, coaching, criadora do método “body by Lucile”, 194 mil seguidores

¹⁸⁰ No Capítulo 3, expliquei a diferença de análise entre o feed do Instagram e os stories e problematizei efeitos discursivos que o uso desses recursos acarreta no funcionamento da textualidade digital.

¹⁸¹ No Capítulo 2, subcapítulo 3.2 Gesto de leitura no/do arquivo: corpus auxiliar e corpus principal, pormenorizei as justificativas dos métodos de seleção das SDs.

Imagem 18 - Página inicial de Lucile Woodward no Instagram.

A seleção das blogueiras se deu segundo os seguintes critérios, descritos também no Capítulo 2, subcapítulo 3.1: a) era preciso que fossem mulheres; b) era preciso que fossem reconhecidas e reportadas em outros ambientes, por meio de reportagens e fontes diversas (publicidades, por exemplo) como *referências de saber* sobre corpo, saúde e/ou alimentação saudável (critério de relevância e reconhecimento social institucionalizado); c) era preciso que elas mantivessem uma relação de *trabalho* com sua página no Instagram; d) era preciso que elas tivessem um número relevante de seguidores e de engajamento digital; e) era preciso que uma delas fosse de nacionalidade francesa, tendo em vista meu estágio de doutorado sanduíche no ano de 2017, no projeto Representação do Discurso Outro e discursividade escrita: estudo comparativo em francês, espanhol e português brasileiro, financiado pelo programa CAPES/COFECUB.

Como método de organização descritiva, vou demonstrar como funcionam essas diferentes posições no interior da FD fitness ao mesmo tempo em que descreverei-analisarei em concomitância na descrição-interpretação das FDs constitutivas da própria FD. As análises serão apresentadas na próxima seção, considerando a organização das legendas descritas na tabela a seguir.

Tabela 5 - Legendas de identificação dos elementos analíticos das discursividades

Blogueiras fitness		
Gabriela Pugliesi	Blogueira Fitness 1	BF1
Lara Nesteruk	Blogueira Fitness 2	BF2

Lucile Woodward	Blogueira Fitness 3	BF3
Discursividades constitutivas		
Discurso do cotidiano	DCot	
Discurso publicitário	Dpubli	
Discurso médico-esportivo	Dsport	
Discurso de autoajuda	DS.A.	

5.3.1 As discursividades constitutivas do da FD fitness

Para estudar a constituição da forma-sujeito fitness, através da observação das regularidades dos processos discursivos em funcionamento no campo discursivo de referência, estabeleci algumas discursividades produzidas como efeitos do interdiscurso no intradiscorso tanto por meio da análise das fotografias quando dos textos que compõem uma postagem do feed no Instagram.

A partir dessas considerações determinei uma zona denominada FD fitness, identifiquei alguns discursos a partir de características dominantes relacionadas às condições de produção analisadas tanto no Capítulo 2, a saber, a relação do discurso empreendedor com a formação ideológica neoliberal, considerando-se o estatuto do corpo nessa sociedade, quanto no Capítulo 3, no que diz respeito ao lugar discursivo de blogueira como lugar de saber legitimado por um dizer sobre a ordem cujo efeito de verdade se dá na ordem do discurso do cotidiano e na espetacularização da imagem segundo o status que assume na ordem digital.

5.3.1.1 Discurso do cotidiano: o efeito-intimidade

O discurso do cotidiano, atravessado pela memória dos diários íntimos e dos blogs como diários da intimidade (SIBILIA, 2016), funciona a partir da demanda ideológica capitalista de uma espetacularização narrativa de si, delineadora de uma autoidentidade moderna. Conforme demonstra Giddens (2002), “a autobiografia – particularmente no sentido amplo de uma auto-história – interpretada, produzida pelo indivíduo em questão, seja escrita ou não, está realmente no centro da autoidentidade da vida social moderna” (GIDDENS, 2002, p.25).

O processo discursivo que caracteriza o discurso do cotidiano compõe-se de minúcias, registros de detalhes íntimos da vida, que podem estar, ou não,

relacionados ao corpo e à saúde, e que, publicizados e compartilhados com os seguidores das páginas, projetam o imaginário de uma intimidade pública, o que tem produzido efeito discursivo de confiança mútua e confissão íntima. Demonstrei, no Capítulo 3, que um dos efeitos desse jogo é o apagamento da função pública da blogueira, enquanto *empreendedora econômica do dizer sobre*, devido ao funcionamento de um efeito-sujeito amigo íntimo, que é legitimado pelo funcionamento memória da rede social¹⁸².

O discurso do cotidiano caracteriza-se pelos movimentos de sentido com efeito de intimidade, continuidade e do efeito de copresença entre o sujeito blogueira e seus seguidores/leitores. O registro de fatos pré-construídos como banais, sem o desenvolvimento de textos longos ou comentários a respeito, funciona num regime comportamental que promove o reforço dos laços sociais e a manutenção do contato de relação cotidiana e pessoal que a blogueira estabelece com seu público leitor.

Como vimos nas discussões desenvolvidas no Capítulo 3, no “show do eu” (SIBILIA, 2016), o seguidor não é apenas espectador ativo da narrativa da vida de quem segue, mas funciona sobre ele o efeito de coparticipação determinado pelos modos de circulação postos em jogos pelos recursos textuais-discursivos da rede social. O blogueiro não é apenas um personagem distante de um seriado que não tem temporada nem data para acabar e a ordem da saturação impregna o significante como narrativa do cotidiano. Sobre ele funciona também um efeito protagonista íntimo. As interfaces do Instagram, através das quais podem ser compartilhadas imagens, vídeos, filmagens ao vivo, com recursos de edição pré-programados como filtros, trilhas sonoras, gifs animados, textos, etc., compõem o jogo significativo da textualidade midiática que atualiza a memória da televisão na constituição da circulação dos sentidos, em que o reality show é estrelado, encenado e editado por seus próprios usuários.

Assim, para observarmos como se constrói esse efeito de intimidade, passamos à análise do funcionamento do discurso do cotidiano nas publicações das três blogueiras que constituem o corpus de pesquisa deste trabalho.

¹⁸² Recuero (2005, p. 89) aponta como “laços fortes” [...] “aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas”. A organização das redes nos permite dizer que tem funcionado nelas um *efeito de laço forte* nas relações digitais, que se dá tanto devido aos modos de formular discursos quanto à própria programação dos ambientes, numa predeterminação dos modos de circulação no digital.

BF1 - SD3



As três SDs acima são recortes que privilegiam a análise do funcionamento do discurso do cotidiano no perfil da BF1. Eu poderia ter trazido uma série de outras SDs de mesma natureza para corroborar meu gesto de leitura, uma vez que a produção discursiva dessa rede é da ordem da saturação e da repetição. No entanto, por uma decisão de ordem metodológica qualitativa, decidi selecionar esses três recortes que apresentam cenas discursivas diferentes que inscrevem o discurso do sujeito no *Dcot* como dominante.

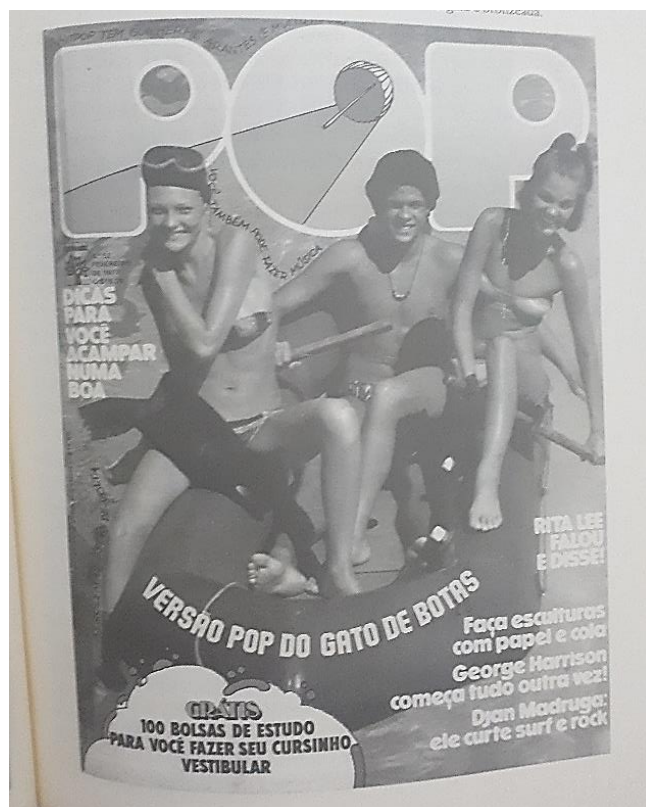
Nas duas primeiras SDs, a cena discursiva apresentada apresenta um casal. Trata-se da blogueira (identificada consigo mesma pela imagem) e do seu esposo. Ele é um personagem constante de suas narrativas. Na BF1 – SD1, inscreve-se via materialidade imagética um efeito de felicidade, relaxamento e intimidade. A blogueira e seu esposo aparecem um ao lado do outro, a mão dela sobre a perna dele e o braço dele encostado ao dela. Segurando uma garrafa de cerveja, ele sorri olhando para o horizonte, sem fitar a câmera. Ela olha para o mesmo ponto, de modo que o efeito imaginário desse (não) olhar é o de espontaneidade.

No entanto, concomitantemente ao esse efeito-espontâneo que funciona pela combinação desses elementos significantes da materialidade fotográfica, também pode-se notar uma disposição organizada dos elementos visuais na imagem. Ambos

os sujeitos estão centralizados na fotografia, isto é, o enquadramento foi respeitado na reprodução dos corpos em relação ao campo visual geral do quadro, bem como aspectos como cor, saturação e brilho atendem a uma estética visual espontânea e luminosa. O texto verbal que legenda a publicação é “Nossos dias”. Assim, entendo que a formulação texto e imagem nos permite perceber uma relação de paralelismo semântico entre as duas materialidades; isto é, a imagem é igual a nossos dias, ou em outras palavras, os nossos dias são assim, como a imagem demonstra. Nesse sentido, o sujeito do discurso se inscreve numa posição de (a)parecer a partir da sua relação com o discurso do cotidiano, uma vez que a narrativa do seu dia a dia se dá no gesto (re)produzir midiaticamente, via produção imagética, a cena íntima do seu dia a dia.

Para observar como a memória do espetáculo midiático, isto é, o que tratarei como discurso publicitário, também atravessa o discurso do cotidiano no processo de sua formulação no Instagram, observe-se a imagem abaixo, tomada como SD auxiliar, retirada do livro *A história da beleza no Brasil*, de Denize Bernuzzi de Sant’anna (SANT’ANNA, 2014, p. 136), em suas relações parafrásticas com a BF1SD1.

Imagem 19 – SD auxiliar - Capa da Revista Pop, anos 1970 – n. 52, fev. de 1977 – (SANT’ANNA, 2014, p. 137).



Conforme explica Sant'anna (2014, p. 135), a Revista Pop, apresentada na SD auxiliar, nos anos 1970, ilustrava o “o universo de muitas adolescentes de classe média, embaladas pelos apelos à paz, ao amor e à liberdade”. Tratava-se de uma época em que, nas reportagens de moda e de comportamento, habilitava-se discursivamente o narcisismo atributo positivo para as mulheres, enquanto este, antes, era reportado discursivamente como um desvio de caráter (Cf. SANT'ANNA, 2014, p. 132). Nesse período histórico em que, a partir de conquistas econômicas e políticas, a emancipação feminina passa a provocar uma mudança de vocabulário no tratamento das relações entre homens e mulheres¹⁸³, bem como nos modos de significar a relação das mulheres com seus corpos e com os cuidados de si. Amar a si mesmo e gostar do próprio corpo (cuidar de si e exibir a si mesma como consequência) para as mulheres, ao lado de um endurecimento político marcado pela ditadura militar, passava a ser visto como um comportamento de ruptura e de quebras de tabu que passava a ser naturalizado pelo discurso de veículos de comunicação como jornais, revistas e televisão. Essa é uma conquista do movimento feminista e do legado dos movimentos de maio de 1968, conforme atesta Sant'Anna (2014, p. 133).

O fato é que passava a ser a ordem dominante do discurso literário e publicitário com relação ao imaginário feminino a “conquista de um tempo para si”, “a percepção da sua própria intimidade” e a “escuta do seu próprio corpo”. Esses são dizeres que, hoje, num contexto de efervescência de pautas feministas nas redes, ressurgem como inovadores, disruptivos e resistentes, mas, como podemos ver, circulavam institucionalizadamente na mídia tradicional desde os anos 1970¹⁸⁴. Os “apelos à paz, ao amor e à liberdade” (SANT'ANNA, 2014, p. 135) são a motivação e o ponto de partida é o cuidado com o corpo. É nesse período, também, que a imagem da mulher bela sofre mudanças. A silhueta passa a ser mais fina e altura maior, isso por influência dos padrões internacionais (SANT'ANNA, 2014, p. 135).

Na SD auxiliar da imagem 19, observam-se duas mulheres magras, bronzeadas¹⁸⁵, a sorrir; entre elas, um homem, com os mesmos atributos físicos. Os três trajam roupas de banho e estão sentados sobre um bote inflável com remos ao

¹⁸³ Segundo Sant'anna (2014, p. 134), o termo infidelidade passa a ser usado no lugar de traição na imprensa feminina para se tratar de relações extraconjugais. Essa substituição de significantes nos mostra uma ruptura entre formações discursivas patriarcal e feminista.

¹⁸⁴ Com isso não estou dizendo que todas as mulheres tenham conquistado essas demandas; fique claro, aqui, que essas são pautas de uma classe burguesa (classe média) branca e jovem, de acordo também com Sant'Anna (2014, p. 135).

¹⁸⁵ A imagem está em preto e branco, mas essa informação é reportada em Sant'Anna (2014, p. 137).

lado, o que sugere a prática de um esporte de aventura. A partir desse elemento simbólico, irrompe uma memória empreendedora na ordem do intradiscurso visual nas duas materialidades visuais, tanto na imagem do barco quanto na do bote. Conforme Ehenberg (2010, p. 33), ao esporte aventura subjaz o funcionamento de uma ideologia empreendedora de heroísmo que passa de um patamar aristocrático para uma cultura de massa. Dividindo a aventura de massa em aventura de expedição e de competição, o autor põe em relevo duas dimensões desse fenômeno. A primeira trabalha na construção de um *ethos* aventureiro e a segunda aciona o caráter classificatório do esporte (EHENBERG, 2010, p. 33-24), isto é, em nossos termos, poder-se-ia dizer que a aventura de expedição constrói um imaginário de aventura enquanto a segunda põe em jogo um imaginário classificatório. Desse modo, posso afirmar que o efeito de aventura funciona pela memória do esporte aventura de expedição, evocada tanto pela imagem do barco quanto pela do bote nas duas materialidades fotográficas analisadas.

No conjunto da disposição desses elementos com as expressões corporais relaxadas e felizes nas imagens fotográficas dos sujeitos, produzem-se no eixo da formulação visual parafrástica textualidades de sentidos complementares, com efeito de prazer, alegria, relaxamento, todos eles inscritos na textualização do cotidiano dos sujeitos em questão. Trata-se de efeitos de sentido que associam o prazer do cotidiano à ordem da experiência e do bem-estar com o corpo, que assume uma forma específica e tem uma relação com o espaço natural (ambas as imagens estão ambientadas em ambientes aquáticos, isto é, põe o corpo em relação com o espaço natural). Nessa formulação, portanto, o sujeito do discurso assume a posição de (a)parecer, que se trata do próprio gesto de se inscrever na rede via materialidade fotográfica numa identificação com a FD do cotidiano, articulando no eixo da formulação com o efeito-sujeito afetado pelo imaginário da FD publicitária. Há, portanto, uma dupla determinação: ao se inscrever no discurso no eixo da formulação como blogueira fitness, o sujeito do discurso assume a posição de sujeito do parecer ser e do aparecer, porque é um sujeito da espetacularização cotidiana de sua intimidade. A sobredeterminação da FD empreendedora se dá via memória do discurso esportivo pelos sentidos da aventura, que mobilizam num eixo parafrástico os sentidos ligados ao empreendedorismo de si, à competição consigo mesmo e com o outro, o que nos leva à origem matricial meritocrática em termos políticos, isto é, à

base da formação ideológica neoliberal; no entanto essa memória é presente, mas transformada, para retomar os termos de Pêcheux (2014a).

Se a competição esportiva é um ideal social de justiça meritocrática, a aventura é uma forma de viver a mudança quando o futuro é dificilmente previsível e quando a complexidade crescente do mundo embaralha as referências estabelecidas. Quando a crise constitui o funcionamento normal da realidade social, o ganho do esporte-aventura consiste em deslocar, em 'descentralizar' sobre o indivíduo as obrigações que antes eram assumidas de maneira centralizada pelas instituições (EHRENBERG, 2010, p. 42).

Já na BF1- SD2, o ambiente no qual se apresenta a cena da imagem é o doméstico. O efeito-intimidade se dá justamente na representação de uma situação ligada ao cotidiano do lar: o esposo da blogueira, trajado apenas com shorts informais, descontraídos, está deitado sobre um sofá com almofadas bagunçadas, o que sugere que não houve uma preparação para o momento do registro, e dois cachorros sobre ele. Aparentemente, ele dorme. No texto verbal que legenda a imagem, uma formulação com efeito de humor: “Qd eu começo a falar de física quântica aqui em casa”. A relação lógico-semântica que funciona entre o texto verbal e a cena da imagem é a de causa e consequência. Ao ouvir falar sobre física quântica, tema significado como difícil como efeito de pré-construído, o marido da blogueira dorme no sofá.

O funcionamento do discurso do cotidiano informal e natural e o efeito-sujeito imaginário de pessoa íntima, como já foi debatido no Capítulo 3, se dá na programação narrativa da seção dos stories no Instagram, área em que se publicam cenas mais “banais” do dia a dia. No entanto, perceber que uma formulação dessa natureza aparece também no espaço do feed me permite interpretar que o discurso do cotidiano é determinante para a legitimação do lugar de blogueira como um lugar de saber e de dizer sobre o mesmo em um espaço em que a FD publicitária seria sobredeterminante a ela – veremos que o discurso publicitário elege sentidos superproduzidos¹⁸⁶ midiaticamente em detrimento dos que funcionam com efeito de espontaneidade, instaurando uma relação imaginária entre o sujeito enunciador e o efeito de amigo íntimo. Com isso, projeta-se um imaginário de relação próxima entre sujeito enunciador e sujeito leitor, o que nos fala sobre um sujeito do discurso fitness fundado no equívoco da dupla constituição do *saber dizer* e do *viver sem saber*.

No recorte da BF1 – SD3, a publicação apresenta uma fotografia da blogueira em fila com três amigas. Desta vez, elas estão vestidas com roupas de festa – curtas,

¹⁸⁶ Estou me referindo ao uso de produção de arte, de finalização digital, isto é, recursos de pré e pós-produção.

transparentes, que deixam seus corpos à mostra. Elas não se inscrevem em um cenário doméstico ou de esporte-aventura. Elas estão sorrindo, usam maquiagem realçada, e estão todas em contato físico, num gesto de apoio/suporte mútuo. A blogueira está de braços levantados, o que faz funcionar um efeito cenográfico de celebração conjunta. O texto verbal da legenda “Chama nois”, acompanhado de um emoji que representa um raio, reforça o efeito de união e de sinergia entre o grupo.

Comparando as SDs da BF1, podemos dizer que, além da posição de esposa no âmbito doméstico, esse sujeito se inscreve numa posição de mulher livre, que aproveita a vida noturna com as amigas (o esposo não aparece na fotografia), o que, no limite, está em eixo de sentido parafrástico com uma mulher empoderada. Ela não é mais *apenas* (mas também é) a mulher que aparece ao lado do marido feliz; ela se inscreve, outrossim, numa posição empoderada ao significar em seu cotidiano sua relação de cumplicidade e de diversão ao lado de amigas, também mulheres. Falei um pouco a respeito do imperativo do empoderamento como pauta política sobretudo em redes sociais neste momento histórico (cf. subcapítulo 2.1.2). Entendo que o discurso da blogueira, nesse sentido, materializa o processo discursivo da relação ambígua do discurso do empoderamento e de como ele desliza pela inscrição dos sujeitos tanto em discursos que circunscrevem a mulher e suas realizações a relações afetivas com homens e ao espaço doméstico quanto ao efeito de liberdade que funciona na relação da mulher com outras mulheres no espaço público, aqui especificamente de lazer noturno. Este funciona, por meio de pré-construídos, como um espaço de ousadia, liberdade e vivência de prazeres outrora destinados moralmente apenas aos homens, solteiros ou não. Conforme nos diz Pêcheux (2013, p. 8, grifo do autor), “o duplo caráter dos processos ideológicos (caráter regional e caráter de classe) permite compreender como as formações ideológicas se referem aos ‘objetos’ (como a Liberdade, a Justiça etc.), ao mesmo tempo *idênticos e diferentes*, isto é, cuja unidade está submetida a uma divisão”.

Nessa baila, entendo que o discurso do cotidiano funciona como um conjunto heterogêneo de enunciados de materialidade híbrida determinado pelo efeito intimidade; essa discursividade determina diversas posições de um sujeito feminino cujo corpo está sobredeterminado pela FD empreendedora. Como vimos, o empoderamento é produzido por uma matriz discursiva de ordem política empreendedora, que, no limite, atende a uma ideologia neoliberal de constituição discursiva de um sujeito que forja a si mesmo como único merecedor ou responsável

por suas vitórias e derrotas. A consequência disso é um processo de naturalização da divergência de posições antagônicas no interior de uma FD; não é *estranho*¹⁸⁷ que uma mulher empoderada seja feliz tanto no casamento, no ambiente doméstico, quanto vivendo a “liberdade” de seu corpo com suas amigas. O sujeito do discurso não é coagido a deixar de dizer em uma posição para produzir sentidos em outras; se ele empreende a si mesmo, é legítimo que crie, *ele mesmo*, a constelação de posições que *melhor convier ao imaginário de autenticidade como efeito-sujeito*, mesmo que o antagonismo dessas posições possa parecer politicamente contraditório. E se esse processo se produz na ordem cotidiana, a contradição dessas posições sofre ainda mais esse apagamento, justamente por um funcionamento próprio à ideologia, a respeito do qual Zizek comenta: “ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse” (ZIZEK, 1999, p. 9)¹⁸⁸. Isso se coaduna com a propriedade da dissimulação ideológica que ocorre no interior das formações discursivas. Conforme Pêcheux (2014b, p. 149), “o próprio de toda formação discursiva” é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso”.

BF2 – SD1



¹⁸⁷ Com o uso da palavra *estranho*, remeto aqui ao efeito de pré-construído elaborado por Michel Pêcheux. “Essa mistura surpreendente de absurdo e de evidência, e esse retorno do estranho no familiar, já foram encontrados por nós a propósito da noção de *pré-construído* (cf. por exemplo, a anedota citada por Freud, e já lembrada por nós, que falava sobre o lugar onde o duque de Wellington (não) pronunciou suas célebres palavras; [...] e, na ocasião, devíamos nos limitar a constatar que esse efeito de pré-construído consistiria numa *discrepância* pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’” (PÊCHEUX, 2014b, p. 142, grifos do autor).

¹⁸⁸ Usei essa mesma citação no subcapítulo 4.2 para tratar do efeito transparência relacionado à atividade da mentoria.

Já nos recortes discursivos da BF2, a FD do cotidiano tem como cenário narrativo preponderante o ambiente doméstico e as microatividades da rotina. Na BF2-SD1, acima, vê-se uma fotografia de uma xícara de café espresso. Ao fundo, o mobiliário e as pernas cruzadas da blogueira: a fotografia não inscreve como protagonista apenas a xícara de café, mas sim a narrativa de que a blogueira está tomando esse café, no meio de um dia, durante o trabalho em seu consultório de nutrição (ao fundo, veem-se livros da área da nutrição empilhados na estante) e está compartilhando esse momento íntimo com seus seguidores. Na legenda verbal, o texto “Aquele faixa equilibrada de 2 a 20 por dia...” acompanhado de três emojis seguidos – um emoji gargalhando, outro com a representação de um dos três macacos sábios, o que tapa os olhos, e o terceiro com a de uma xícara de café. O texto verbal inscreve sobre a fotografia o efeito de humor, que funciona pela contraposição entre o sentido de “equilibrada” e “20 por dia”, além dos emojis. Assim, o sujeito do discurso, via sarcasmo e registro do cotidiano íntimo, enaltece seu “exagero” no consumo diário de café. Nessa SD, o efeito intimidade ocorre no processo discursivo pelo funcionamento de uma micronarrativa de hábitos dietéticos do sujeito. Vejo esse fenômeno como um funcionamento político disciplinar de natureza discursiva em favor de um processo ideológico neoliberal. Se a disciplina é uma “anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2014, p. 137), nas narrativas do eu do cotidiano, as minúcias têm efeito ao mesmo tempo pedagógico e de espetáculo/entretenimento, uma vez que nas mídias digitais esses vetores se imbricam. Observe-se, a seguir, a BF2-SD2, no feed de Lara Nesteruk:

BF2 – SD2



Do jantar de ontem! Vamos lá:

O quiabo do meu prato e a vagem do dele fiz do mesmo jeito que faço o famoso brócolis queimadinho (está nos destaques, bem na capa do perfil). 🍀💙 A abóbora é do jeito mais fácil do mundo: cortei em fatias, coloquei em uma forma, temperei com sal, páprica defumada (totalmente opcional), sal e um pouquinho de azeite e levei ao forno pré-aquecido por mais ou menos 20min de cada lado! 🍂

A maminha (que ficou DELICIOSA) também fiz do jeito mais simples: em uma panela de pressão refoguei um pouco de bacon artesanal (**para saber sobre e descobrir onde encontra, apenas jogue na busca do Google “bacon artesanal” ativando a ferramenta “localização”**), nem vi quantidade, era um restolho que tinha aqui na geladeira (**se você não tiver, sem problema, só coloque um pouco de azeite no fundo da panela**), deixei fritar um pouco até soltar a gordura e cobri com rodelas grossas de cebola e tomate.

Coloquei a peça de maminha (usei uma de 1kg) por cima da cebola, salguei e cobri com mais rodelas de cebola (usei 2 no total), tomate (também usei 2 no total) e uns 5-6 ramos de alecrim. .

Acrescentei só um pouquinho de água (meio copo, mas nem precisa, porque ela solta bastante água) e deixei cozinhando por 20-30min depois de pegar pressão. Desliguei o fogo, tirei a pressão, abri a panela e com ela aberta deixei em fogo médio mais um pouquinho até o caldo engrossar.

Tirei a maminha para fatiar e o caldo grosso que ficou ali, congelei em um potinho e vou usar de tempero para uma próxima receita com carne ou frango! 🍲❤️

Na B2 - SD2, considerando o conjunto da publicação, vê-se uma fotografia de dois pratos de refeição, um em primeiro e outro em segundo plano. Ambos estão compostos por duas guarnições – abóbora assada e quiabo no primeiro; no segundo, o quiabo foi substituído por vagem. A proteína animal que figura na imagem é um corte de maminha, sentido que se associa à imagem significativa apenas na leitura do texto verbal. Este, por sua vez, apresenta uma receita em forma de narrativa autobiográfica (verbos no passado, sujeito em primeira pessoa). As receitas são um gênero do discurso que geralmente apresentam a tipologia injuntiva como predominante em sua composição linguístico-textual; nesse caso, as formas verbais injuntivas, características dessa tipologia, aparecem apenas nos dois recortes apositivos que destaquei no texto em negrito. Desse modo, posso afirmar que em vez de o sujeito do discurso centrar suas formulações no sujeito leitor, o discurso centra-se na narrativa do sujeito enunciador na enunciação que caracteriza uma receita culinária.

A posição de amigo íntimo que funciona pelo efeito-intimidade na narrativa do eu caracteriza-se, também, pelo compartilhamento desse tipo de informação detalhada sobre uma atividade íntima e cotidiana, que é a dieta pessoal. Giddens (2002, n. p.¹⁸⁹) defende que o corpo se tornou parte da reflexividade da modernidade, e isso tem efeito direto nas práticas de cuidado com o corpo. “O cuidado com o corpo produz a ‘força do corpo’” (idem). Segundo o ator, os regimes¹⁹⁰ corporais passam a ocupar uma função central no que ele denomina de “organização da sensualidade”.

¹⁸⁹ Na versão do Kobo, Capítulo 3 – A trajetória do eu, p. 127.

¹⁹⁰ O autor usa a expressão no sentido de regime alimentar, dieta.

Seria muita miopia ver esse fenômeno apenas em termos dos novos ideais de aparência corporal (como a esbelteza ou a juventude), ou apenas produzido pela influência mercantilizada da propaganda. *Tornamo-nos responsáveis pelo desenho de nossos próprios corpos*, e em certo sentido, indicado acima, *somos forçados a fazê-lo* quanto mais pós-tradicionais forem os contextos sociais em que vivemos. (GIDDENS, 2002, n.p.¹⁹¹, grifos meus).

A interpelação ideológica sobre o cuidado de si, que, nessas formulações, se formula como o cuidado com o corpo, com a imagem e com a alimentação está determinada pelo discurso empreendedor, como podemos ver pela citação de Giddens (2002) acima, uma vez que o termo “responsabilidade” atualiza uma memória neoliberal na constituição do sujeito desse discurso. Desse modo, a presença cotidiana de orientações dietéticas travestidas de relatos de si cumpre um ritual discursivo e ideológico de uma prática sobre o corpo da ordem disciplinar e também tutelar: falar de si é determinar sentidos que o outro deve seguir, uma vez que me segue. Essa interpelação escapa justamente nas formulações imperativas apagadas do gênero discursivo receita reformulado como um relato autobiográfico: os verbos *jogue* e *coloque* impõem ao sujeito leitor uma posição de tutelado na cena do relato.

Ainda a respeito da BF2 – SD2, é preciso sublinhar os efeitos da presença dos dois pratos na fotografia. Na análise das formulações da BF1, vimos que a posição de esposa e mulher inscrita no espaço privado concorre com a de mulher empoderada. Nesse caso, a B2 se inscreve também na posição de esposa, além de o cenário e o objeto de sua narrativa serem sentidos todos circunscritos às atividades do lar. O prato em segundo plano destina-se ao seu marido. Esse prato, aliás, contém uma das guarnições distintas do outro (“O quiabo do meu prato e a vagem dele eu fiz do mesmo jeito que faço o brócolis queimadinho...”). Ela foi feita *para ele* (“a vagem dele”). Nesse pronome pessoal que retoma um referente subentendido, inscreve-se a função de esposo ou marido.

Considerando esse trecho específico da sequência discursiva completa, nessa posição, o sujeito blogueira ocupa a função de cuidadora de si, da dietética do lar e também da cuidadora da dietética do seu marido, o que inscreve sua posição-sujeito em uma posição antagônica à posição de mulher empoderada, nos termos em que sentidos pré-construídos têm constituído a ideia de empoderamento feminino¹⁹². Esse

¹⁹¹ Versão do Kobo, Capítulo 3 – A trajetória do eu, p. 127.

¹⁹² Os sentidos que determinam a composição significativa “empoderamento feminino” no cenário das redes sociais mereceriam, sozinhos, um trabalho de investigação, uma vez que eles têm deslizado para várias formações ideológicas a partir de suas inscrições em distintas formações discursivas feministas e/ou antifeministas.

funcionamento repete o que observamos na BF1 - SD1 na dupla constituição como um sujeito que fala de si de um lugar público, mas também doméstico, este atravessado pela memória da mulher que fala do lugar de cuidadora do lar e da família, que vivencia momentos cotidianos de equilíbrio e bem-estar dietético nessa posição.

BF2 – SD3



Na BF2 – SD2, na fotografia, vê-se a imagem de um cachorro com tubos de soro. Trata-se do animal de estimação da blogueira, que havia morrido na ocasião da postagem. No texto verbal, vê-se uma narrativa em primeira pessoa sobre os efeitos sentimentais da ocorrência desse fato. “Meu filhinho lutava há um tempo com todas as suas forças pra ficar mais tempo ao nosso lado.” Nesse trecho da SD, o foco narrativo muda de primeira para terceira pessoa, cujo referente é significado como “meu filhinho”: o animal é designado como um filho, isto é, como um membro da família, o que o inscrevem numa posição de sujeito humanizada, afetada por uma ordem de afetividade cujo valor social é da ordem da instituição familiar e, ao mesmo tempo, inscreve o sujeito do discurso numa posição de mãe e cuidadora.

Eu não trouxe recortes discursivos desses fatos porque não estavam no escopo da análise, mas a rotina da blogueira com o animal era registrada diariamente em seus stories: passeios na rua com ele, idas ao veterinário, preparação de sua alimentação caseira, etc. Desse modo, posso afirmar que ele é um personagem constantemente presente no fluxo da programação do “show da vida” do perfil, inscrevendo-se na

posição de filho, o que justifica, também, a publicação da mensagem de despedida como um epitáfio público de anúncio de sua partida. O mercado de produtos para animais (mercado pet) é um dos que têm crescido mais no país. Conforme reportagem da Folha de Pernambuco¹⁹³, o faturamento nacional previsto para 2019 nesse setor era de R\$ 36,2 bilhões, um crescimento de mais de 5% em relação ao ano anterior. Ainda segundo a reportagem, a partir de dados do Sebrae, o aumento da população de animais domésticos tem uma relação direta com a diminuição da taxa de filhos por família. A partir dessa leitura do cenário mercadológico, pode-se afirmar que animais de estimação tem substituído filhos em seus lugares sociais e isso tem impacto também na economia. Assim, no fio do discurso, perceber a inscrição do animal de estimação na posição de filho e a blogueira na posição de mãe¹⁹⁴ cuidadora parece corroborar ainda mais esse cenário, quando observamos as SDs das outras blogueiras. Na BF1 – SD2, vale lembrar, havia cães na fotografia junto com o esposo da blogueira, inscrevendo-os na materialidade fotográfica como uma família reunida.

É importante sublinhar, ainda, que na no discurso do cotidiano, no fluxo narrativo diário, a irrupção como notícia da morte de um animal de estimação que é significado como filho se dá estruturalmente via uma narrativa de si (centralizada em primeira pessoa), já que é a partir do universo interior do sujeito do discurso que o fato é narrado. São suas *impressões afetivas sobre o fato* e não apenas os dados objetivos relacionados a ele que estão em relevo no relato autobiográfico, de modo que a ordem discursiva emocional se sobrepõe à factual na construção textual narrativa. Essa representação imaginária do mundo interior do narrador funciona discursivamente, também, no trabalho simbólico do efeito-intimidade característico à discursividade cotidiana da narrativa do eu.

¹⁹³ Disponível em:

https://www.folhape.com.br/economia/economia/economia/2019/09/22/NWS_116910,10,550,ECONOMIA,2373-MERCADO-PET-BRASIL-MOVIMENTA-BILHOES.aspx. Acesso em: 24 fev. 2020.

¹⁹⁴ A designação “mãe de pet” já é popular nas redes e tem provocado embates discursivos em torno da posição de mãe ser legítima ou não nesse caso. Para mais informações a respeito dos debates, conferir: <https://mdemulher.abril.com.br/familia/por-que-as-pessoas-se-incomodam-tanto-com-mae-de-planta-e-mae-de-pet/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

BF3 – SD1



SD textual da publicação traduzida (tradução livre)

ANTES/DEPOIS DO JANTAR

Sobre o menu da Meta Volta das Férias desta noite: batatas assadas (ou batata doce), cenoura e berinjela fritas e guacamole. E todos os meus filhos adoraram! **Você também, mostre a todo mundo como sua família gosta das suas refeições feitas em casa.** Eu adoro o conceito de refeição pré-treino e pós-treino. Me permitam tomar essa pequena taça de vinho tinto Bandol... Porque está perto do fim de semana e o outono já está chegando! Tim-tim!

BF3 - SD2



SD textual da publicação traduzida (tradução livre)

Para as mães
Não façam igual... Todas nós sabemos que a volta das férias são uma loucura! **Retomar** os bons hábitos, dar uma volta para **comprar** os supimentos, **tranquilizar** as crianças... e **vê**-las crescer também!

Nas duas SDs da BF3, pode-se observar a inscrição do sujeito do discurso na posição de gestora da alimentação familiar, e isso decorre de sua inscrição tanto na posição-sujeito mãe quanto na posição de mentora nutricional. Na BF3 – SD1, o relato prepondera sobre sequência injuntiva (em negrito), que, no meu entendimento, no meu corpus de pesquisa, é determinada pelo discurso de autoajuda¹⁹⁵ ou aconselhamento, sobre o qual funciona o efeito amigo-tutor¹⁹⁶ e o efeito de inspiração, como veremos adiante nas análises concernentes ao funcionamento dessa discursividade do cotidiano.

A BF3 – SD1 está em relação parafrástica com a BF2 – SD2, exceto por não estar inscrita a posição esposa nem fotografia nem o texto verbal; dessas duas, apenas a posição mãe irrompe o discurso do texto verbal, mas não o fotográfico. A família surge como um elemento narrativo relevante no cuidado de si com relação à dietética: “batatas assadas (ou batata doce), cenoura e beringela fritas e guacamole. E todos **os meus filhos** adoraram! **Você** também, **mostre** a todo mundo **como sua família gosta** das suas refeições feitas em casa.”. O propósito da realização da receita é prover uma alimentação saudável e prazerosa, não apenas para si como também da família. Essa posição de mãe cuidadora do lar que se dá por meio do cuidado com a alimentação interpela sujeitos leitores que se identificam com a mesma posição: **Você** também, **mostre** a todo mundo **como sua família gosta...** Direi que o vocativo você, nessa SD, só pode ser preenchido pela posição-sujeito de cuidador(a) do bem-estar alimentar doméstico, mas a interpelação abriga uma posição equívoca. “Mostrar a todo mundo” implica ocupar, também, a posição de enunciador público da vida íntima, de modo que, no meu entendimento, essa posição se sobrepõe à primeira. Isto é: ocupar-se do cuidado com a alimentação da família tem o propósito de mostrar a todo mundo como a família gosta desse cuidado, e não à finalidade do cuidado em si. Assim, a posição de narrador da intimidade sobredetermina a posição de cuidadora

¹⁹⁵ No entanto, não quero dizer, com isso, que o discurso de autoajuda ou de aconselhamento assume APENAS essa estrutura.

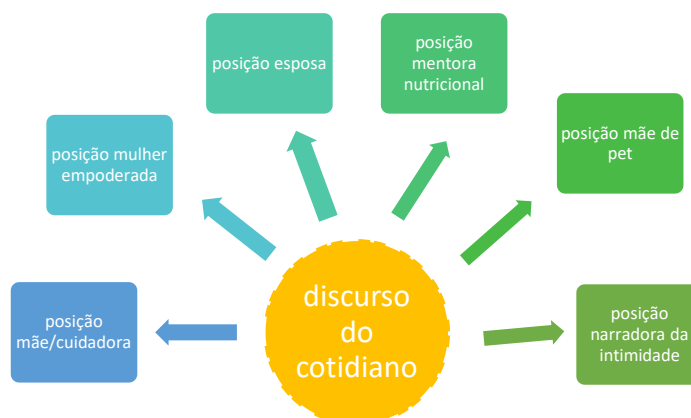
¹⁹⁶ Teorizei sobre esse efeito no Capítulo 3, subcapítulo 3.2, demonstrando que a mentoria determina o lugar discursivo de blogueira na sua função de tutoras na destruição da ideologia neoliberal.

da alimentação e da família, afinal o imperativo do dizer sobre si nas redes sociais determina o lugar discursivo do sujeito no digital, o que é reproduzido no discurso do sujeito. Essa conclusão analítica nos levará a analisar melhor algumas características da enunciação inscritas nas imagens do discurso publicitário.

Já na BF3 – SD2, são as posições de mãe cuidadora e de mentora digital que se coadunam na constituição do discurso. A fotografia apresenta a blogueira oferecendo uma torta a sua criança no ambiente doméstico da cozinha, iluminado pelo sol, vestindo uma roupa informal, o que me permite interpretar um efeito de espontaneidade e de intimidade na composição visual da cena. O texto verbal apresenta um gesto de aconselhamento às mães leitoras/seguidoras a não fazerem o mesmo apresentado na imagem, isto é, oferecer alimentos não “saudáveis” a seus filhos. Essa construção discursiva releva a sobreposição da posição de sujeito mentora à de mãe cuidadora; no entanto, é a partir do lugar discursivo de mãe, inscrito na imagem da fotografia, que o sujeito legitima os dizeres do seu discurso de mentora. Os verbos no imperativo impessoal (retomar, comprar, tranquilizar e ver) têm efeito de imperativo, mas se apresentam nessa estrutura que apaga o efeito do discurso autoritário. Nesse processo de eficácia do funcionamento ideológico, o sentido desliza do campo da interpelação para a inspiração: o sujeito seguidor *não é ordenado a praticar, mas interpelado a se inspirar na narrativa* íntima e cotidiana do mentor e a repetir seus movimentos. O efeito intimidade e o efeito espontaneidade legitimam esse funcionamento discurso do cotidiano, que, como observamos, é atravessado por outras discursividades, como a publicitária.

Em resumo, ofereço um diagrama ilustrativo das posições-sujeito abrigadas pelo discurso do cotidiano, a partir de sua relação com a FD fitness:

Quadro 12 - Resumo das posições-sujeito inscritas no discurso do cotidiano



5.3.1.2 Discurso publicitário: como se anuncia

No eixo da discursividade publicitária, inscrevem-se discursividades que estão associadas à divulgação de produtos, serviços e bens de consumo. Além disso, a projeção imaginária de um estilo de vida como um produto simbólico também determina os sentidos dessa FD.

Trata-se de uma linearização do interdiscurso do capitalismo artista (LIPOVETSKY; SERROY, 2015) nas narrativas do eu digital, que propicia, por meio de variados recursos tecnológicos, o trabalho simbólico com a linguagem da imagem para que ela se torne bela e esteticamente adequada no que concerne a sua identificação com um “emocionalismo consumista” decorrente de um hiperconsumismo de massa (idem, p. 63). Como vimos no Capítulo 3, a linguagem da fotografia é determinada simbolicamente pela harmonização de cores, formas, luzes, formas, disposição de objetos na cena, o que afeta via memória a construção do espaço do feed, que deve funcionar como um álbum pessoal, mas também como a capa de uma revista que abriga o diário da intimidade do eu. No discurso publicitário, o efeito de espontaneidade é sobre determinado pelo efeito estético, tanto nas imagens individuais quanto na composição de seu conjunto, como se compusessem um quadro artístico. Como afirmam Lipovsky e Serroy (2015, p. 54), “o capitalismo artista e sua ordem midiático publicitária é um sistema que produz a ‘diversidade homogênea’, a repetição na diferença, o mesmo na pluralidade”. Vejamos como esse processo se dá no interior do que estou tomando como discursividade publicitária constitutiva do discurso fitness.

Funciona nesse processo discursivo tanto um atravessamento da memória da arte quanto da publicidade, via referência estética de imagens que circulam em revistas e em meios de comunicação digitais institucionalizados: a glamourização da imagem e do corpo presentifica-se também no funcionamento das narrativas do eu, mas temáticas como a dietética ou práticas esportivas, todas associadas ao bem-estar do corpo, também figuram simbolicamente nessas representações.

BF2 – SD1

Imagem 20 – SD auxiliar - Revista Vogue online. Fotografia da reportagem “Oito hábitos que deixam seu metabolismo preguiçoso - e como tirá-los da rotina”, publicada em 3 de fev. de 2019¹⁹⁷.



Na BF2 – SD1, vê-se um conjunto de louças com alimentos dispostos numa mesa reproduzidos na fotografia a partir de um plano *plongée*, ou câmera alta. A captação da imagem é feita de cima para baixo, o que inscreve simbolicamente o efeito de que o espectador está num plano mais alto do que os elementos da imagem, isto é, ele está observando de cima. Note-se que a SD auxiliar, com imagem reproduzida de reportagem da Revista Vogue, apresenta uma fotografia a partir da mesma perspectiva visual. Veem-se louças com alimentos como frutas, pães integrais, chia, suco, chá, geleia, iogurte, etc. dispostas em uma mesa composta por louças brancas, em contraste com o marrom da madeira. Direi que essas técnicas correspondem a gestos narrativos do sujeito autor no processo discursivo em relação à materialidade simbólica da imagem.

¹⁹⁷ Reportagem disponível no site da revista em: <https://vogue.globo.com/beleza/fitness-e-dieta/noticia/2019/02/oito-habitos-que-deixam-seu-metabolismo-preguicoso-e-como-tira-los-da-rotina.html>. Acesso em: 16 fev. 2019

Considerando isso, posso afirmar que existe uma relação parafrástica muito próxima entre as narratividades fotográficas inscritas nas duas imagens, o que, talvez, pela evidência do sentido, levasse-nos a pensá-las como o mesmo discurso. No entanto, na BF2 – SD1, a enunciação do lugar discursivo de blogueira inscreve no discurso, via atravessamento do discurso do cotidiano, um efeito de verdade distinto do que ocorre na imagem 21, SD auxiliar da revista Vogue. Vejamos como e por que isso ocorre.

Ao trabalhar com o conceito de discurso transversal, especialmente no nível da sintaxe, Pêcheux (2014b, p. 154) mobiliza a relação entre inter e intradiscurso na determinação dos elementos no fio do discurso.

Observaremos, por outro lado, que o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como 'sujeito falante' com a formação discursiva que o assujeita (PÊCHEUX, 2014b, p. 154, grifos do autor).

No fluxo dessa reflexão, o autor explica que é a partir desse fenômeno ideológico de natureza discursiva que a forma-sujeito de um discurso “tente a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (idem), o que ele mesmo designa como um processo de simulação.

Na ocasião da análise da relação entre a paráfrase-reformulação entre a BF2-SD1 e a SD auxiliar da Revista Vogue, entendendo que os elementos visuais são constituintes simbólicos na formulação da cena fotográfica, entendo que o intradiscurso da formulação da blogueira está determinado pela discursividade publicitária em relevo na imagem da revista, mas esquecida como pré-construído na formulação da BF2-SD1. Desse modo, ao ser esquecida no interior do discurso do sujeito, o discurso publicitário funciona num processo de simulação da sua existência, quando a evidência do sentido se dá na formulação de um discurso que se inscreve na ordem do cotidiano. A *estranha* coincidência entre as cores, as formas, os alimentos, o gesto narrativo na perspectiva da fotografia atualiza uma memória discursiva de um discurso habilitado a vender ideias e produtos por um processo de sua exaltação estética e funcional, que é afetado por um efeito emocional. Esse processo discursivo é determinado ideologicamente por uma economia liberal pós-industrial, que, segundo Lipovetsky e Serroy (2015), caracteriza-se por “[...]um capitalismo de sedução focalizado nos prazeres dos consumidores por meio das

imagens dos sonhos, das formas e dos relatos” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 42).

Assim, a relação que a BF 2 – SD1 estabelece com a SD auxiliar da imagem 21 é de repetição e de reformulação, uma vez que a primeira atualiza de um modo quase idêntico os sentidos da segunda em termos simbólicos narrativos imagéticos, não fosse o deslocamento que o lugar discursivo do enunciador opera no plano das condições de produção desse discurso. Afirmar, anteriormente, que o sujeito do discurso fitness é fundado no/pelo equívoco da dupla constituição do *saber dizer* e do *viver sem saber*, integrando na constituição de sua própria existência como sujeito do discurso sobre o esquecimento ideológico como um dispositivo de legitimação dos efeitos de verdade do seu dizer. O que quero defender com isso é o seguinte, em outras palavras: como o lugar de blogueiro não é determinado por um compromisso ideológico institucional com um lugar de saber legitimado (por exemplo, lugar de jornalista, de publicitário, etc.), o equívoco da sua identificação subjetiva enquanto sujeito de um discurso tutelador joga ideologicamente a favor dos efeitos pedagógicos e autoritários desse próprio discurso, considerando o que Pêcheux (2014b) afirma sobre a absorção-esquecimento do inter no intradiscurso.

Sendo assim, enquanto a textualidade reproduzida na SD auxiliar põe em relevo o efeito publicitário que constitui discurso-origem do seu próprio dizer sobre, a BF2-SD1 apaga esse efeito pelo funcionamento do discurso do cotidiano. Desse modo, entendo que, no discurso fitness, a discursividade publicitária atinge uma eficácia ideológica mais sofisticada no que concerne à dissimulação do ideológico no discurso, em se comparando ao seu funcionamento em outros espaços de circulação do discurso.

Analisemos, a seguir, outras textualidades constitutivas do discurso publicitário, observando as seguintes publicações¹⁹⁸ da BF1:

¹⁹⁸ Essas publicações foram selecionadas, especificamente, em um conjunto de outras publicações que se repetem com muita frequência, com as mesmas características, que se dividem em três grupos: 1) o produto em destaque, em primeiro plano; 2) o produto como componente de uma narrativa do corpo da blogueira; 3) o produto como componente de uma narrativa do corpo da blogueira em um cenário esportivo.

BF1 - SD1



BF1 - SD2



BF1 - SD3



Como destaquei na introdução desse subcapítulo, a discursividade publicitária põe em circulação textualidades atreladas à divulgação de produtos¹⁹⁹. Também afirmei que o efeito espontaneidade produzido pelo funcionamento do discurso cotidiano sobredetermina o dizer sobre no processo discursivo dessa divulgação, o que trabalha na eficácia do funcionamento ideológico do discurso publicitário na FD fitness. Considerando as três SDs da BF1, no entanto, pode-se perceber níveis diferentes de evidência do funcionamento do discurso publicitário.

Na BF1-SD1, considerando a materialidade fotográfica, dois produtos estão em foco na câmera em primeiro plano na cena, ocupando as duas laterais do quadro, enquanto a blogueira aparece no centro, desfocada, em segundo plano, segurando-os à frente, num gesto com os braços que performa um movimento de apresentação. O texto verbal que legenda a imagem se inicia com um cumprimento de bom dia e em seguida apresenta uma descrição expositiva com efeito de exaltação de um dos produtos, o café com leite. No entanto, insere-se uma interrupção apositiva “(pelo menos *pra mim*)” que inscreve um gesto de subjetividade narrativa na exposição. Em seguida, o texto se volta ao leitor, num gesto dialógico, interpelando-o sobre o outro produto, uma bebida de castanha. Ele segue descrevendo e exaltando suas características positivas: “*purinho, gostoso, cremoso e mto saboroso!*”. O emprego de termos axiológicos ou avaliativos no discurso publicitário é considerado um dos três pilares da linguagem nesse campo, em se tratando da forma tradicional de divulgar um produto. Para Carvalho (2001, p. 37), “só há linguagem publicitária se houver nome próprio, atributo e afirmação”. Ainda segundo a autora, os substantivos próprios designam a marca, os comuns apresentam o objeto, os abstratos descrevem qualidades do objeto assim como os adjetivos linearizam o caráter do objeto (CARVALHO, 2001, p. 37). Esses são alguns recursos lexicológicos característicos da textualidade publicitária tradicional, cuja evidência de sentido se dá na identificação do próprio texto como uma publicidade, isto é, como um texto destinado a divulgar um produto a fim de que seja vendido.

A BF1-SD1, portanto, se inscrevem na ordem publicitária por um gesto de identificação, tanto no que diz respeito ao texto verbal quanto à materialidade da imagem, em sua evidência. O sujeito do discurso se inscreve, desse modo, na posição

¹⁹⁹ Pode-se entender que a imagem do corpo é significada, também, como um produto na ordem do discurso fitness, já que essa imagem tem um valor de mercado e um consumo associado.

de publicitário por meio de uma identificação plena com a forma-sujeito na qual se inscreve.

Já na BF1-SD2 e na BF2-SD3, o sujeito se inscreve na posição de consumidor-experienciador-produto. Em ambas as fotografias, a blogueira posa no centro do enquadramento. Na primeira, ela usa um biquíni e exhibe seu corpo harmônico e tonificado, diante de uma porta de madeira entre um muro de pedras, em um ambiente com natureza – o que se evidencia pelas plantas que aparecem em primeiro e em segundo plano. Ela está descalça e sua expressão facial está relaxada - a boca semiaberta e o olhar semicerrado têm efeito de sentido que desliza entre sensualidade e relaxamento. Ela veste um biquíni multicolor cujo sutiã apresenta um decote transparente entre seus seios firmes. Sua pele é tatuada. Na legenda, apenas um emoji com um sorriso e a referência da página do Instagram da marca do biquíni que ela usa.

Na BF2-SD2, inscrevem-se sobre o corpo do sujeito sentidos de beleza, liberdade, harmonia e sensualidade. A associação entre essa rede simbólica no plano da imagem do corpo à marca da roupa de banho que ela veste se dá via legenda da fotografia. Entendo que nesse processo discursivo o anúncio se dá pela inscrição do sujeito na posição de consumidor-experienciador e na identificação simbólica dos atributos físicos imaginariamente associados como *qualidades do objeto* a ser divulgado. O corpo-empresa é uma unidade simbólica do sujeito empreendedor de si e é possível que a partir do corpo se simbolize; no limite, que se venda produtos.

Na BF-SD3, outrossim, na mesma posição discursiva de consumidora-experienciadora-produto, o sujeito blogueira divulga uma roupa fitness. Na materialidade fotográfica, ela está sentada em posição diagonal em relação ao foco da câmera, com seu corpo projetado para frente, em relação aos membros inferiores, estendidos no chão, e com suas costas projetadas para trás, suspensas com o apoio dos braços sustentados pelas mãos no chão. Seu olhar fita o horizonte lateral, o rosto tem semblante calmo, os cabelos estão amarrados de modo organizado por um rabo de cavalo. Ela veste um top e uma calça justos, próprios para a realização de exercícios físicos. Um espelho ao fundo, contraposto à câmera, evidencia o ambiente cenográfico em que se dá a narrativa fotobiográfica da cena: vê-se um maquinário próprio a uma academia de treinamento físico. No texto verbal, lê-se “Só fui treinar hj **pra usar** minha roupinha nova da @bodyforsure (emoji com olhar de corações)”. No eixo da articulação, na materialidade linguística, lineariza-se um enunciado de

natureza argumentativa que evidencia um efeito que funciona nas orações adverbiais finais, distinto daquele sobre o qual trabalhei no Capítulo 2²⁰⁰, com uma estrutura composta por preposição mais verbo no infinitivo. Neste caso, compreendendo o efeito da inserção do advérbio só na introdução da oração principal, o efeito da articulação é o de condicionamento passado da ação + finalidade. O sujeito do discurso, assim, relaciona, argumentativamente, a ação desenvolvida na primeira cena enunciativa (ir treinar) à segunda (usar a roupa nova da marca x), de modo que ele põe as duas ações em um nível discursivo hierárquico de importância.

Usar a roupa X → é a razão de (causa) → realizar ação Y (consequência/realização da meta).

Entendo, num gesto de interpretação, portanto, que o produto é significado como objeto motivacional, e isso funciona discursivamente como um atributo dele.

O processo de articulação sintática com orações adverbiais finais compostas por preposição mais verbo no infinitivo também aparece nas formulações da legenda da BF3-SD1:

BF3 - SD1



BOA ALIMENTAÇÃO, BOM ABDÔMEN
Eu não como nenhuma proteína em pó que seja **química**, e **vocês também não precisam fazer isso!** **Pra seguir uma boa alimentação, confira meus programas no meu site.** E para fazer um pouco de abdominais extras, **abdominais sem prancha!** Deem uma olhada no meu canal no YouTube no vídeo “abdominal sem prancha” no link na bio ou no story.

²⁰⁰ Cf. Subcapítulo 2.3 Do desempenho à performance

O título do texto da legenda apresenta uma coordenação sintática com valor condicional: (SE EU TENHO) BOA ALIMENTAÇÃO, (EU TEREI UM) BOM ABDÔMEN. Na imagem da materialidade fotográfica, a câmera está em perspectiva *plongée*, situando o leitor/observador num plano acima do abdômen da blogueira, sem gorduras. Após um trecho narrativo em que o sujeito do discurso se inscreve na posição de mentora nutricional e de narradora da exitimidade, ao mesmo tempo, constam as construções adverbiais mencionadas anteriormente:

Para seguir uma boa alimentação → confira meus programas no meu site;

Para fazer um pouco de abdominais exta → abdominais sem prancha (vídeo no Youtube).

O eixo sintagmático lineariza argumentativamente uma relação linguística entre um problema (adverbial final) e uma solução (oração com verbo no imperativo). Assim, observando as relações de sentido entre o título e essas sequências discursivas no texto e na imagem da SD, temos:

Tabela 6 - Articulação mentora/publicitária

Meta a ser atingida	bom abdômen/abdômen igual ao da blogueira	
Modos de atingi-la	boa alimentação e abdominais	
Soluções/Produtos	boa alimentação → produtos do site	abdominais → programa de treinamento
Mentor/Agente da solução	sujeito blogueira fitness	

Se entendermos que, em última instância, a articulação entre as posições de mentora e de publicitária coaduna essas posições quando o agente da solução é, também, o produto a ser anunciado, podemos dizer que funciona nesse processo discursivo, pela discursividade publicitária, uma terceira posição-sujeito: a posição de mentor-produto, pois o serviço oferecido como meio de atingir a meta apresentada (esta, por sua vez, é o pressuposto da argumentação) é justamente o aconselhamento/mentoria do próprio sujeito que anuncia esse produto. Além disso, esse objetivo materializa-se simbolicamente na imagem exibida como a de seu corpo: o abdômen enunciado simbolicamente como modelo de meta é o do próprio sujeito enunciator, que fala do lugar discursivo de quem atingiu esse objetivo e também da posição de anunciante, isto é, está endossado pelo efeito de verdade do lugar da experiência.

Esse lugar da experiência pode se materializar, outrossim, linguisticamente, na textualidade verbal como relato da experiência com o produto, conforme poderemos observar, a seguir, na análise das BF3-SD2 e BF3-SD3.

BF3- SD2



QUAL É SUA (VERDADEIRA) IDADE?

Há uma semana eu **estou testando** as novas funções do Steel HR Sport @withins. O que eu mais gostei? O cálculo da idade!! Através do "Nível Fitness". Se dar conta de que com **36 anos a gente tem uma forma física esportiva de 25 anos** faz muito bem à autoestima.

Isso é prova de que a alimentação equilibrada, o esporte e a gestão do estresse **são REALMENTE eficazes para a boa forma e para a saúde.**

BF3 - SD3



DORES DE FADIGA MUSCULAR!? NORMAIS OU NÃO? Muitas **de vocês** vão fazer atividades físicas e, **SURPRESA**, imediatamente chegam as dores de fadiga muscular. E, é verdade, isso não é nada agradável. **Eu também sinto.** Mas, na verdade, as dores de fadiga muscular são um sinal positivo. **E se vocês me**

conhecem bem, vocês sabem que pra mim as dores de fadiga são muito frequentes!

Para ajudar a vocês a entender melhor por que e como elas aparecem, **eu gravei um vídeo no YouTube**, onde eu também dou **minhas dicas** pra melhorar essas dores **usando o óleo de massagem da @weledafr**, minha **parceira** desde o início como coach esportiva.

Na BF3-SD1, vê-se, em primeiro plano e em foco, um tênis cujo cadarço está sendo amarrado. Uma mão realiza essa ação e, em seu pulso, está presente um relógio e uma pulseira. No meu gesto de leitura, a narrativa fotobiográfica se dá através do relato elaborado pela cena. Assim, é importante perceber que, simbolicamente, o objeto a ser anunciado não é apresentado como protagonista narrativo imediato na cena, uma vez que sua ação principal se dá em torno do gesto de amarrar o tênis.

A leitura do texto verbal da legenda, no entanto, reorganiza os gestos de interpretação para que se inscreva o relógio como objeto principal do anúncio. Isso é realizado através da inscrição do sujeito do discurso na posição de consumidora-experenciadora (**estou testando** as novas funções do Steel HR Sport @withins./Que eu mais gostei?...). Essa posição produz um apagamento da posição de publicitária, que se evidencia na divulgação do produto como coadjuvante discursivo do anúncio, o que, no processo discursivo trabalha a favor da dissimulação do caráter ideológico que determina o discurso publicitário. A argumentação desenvolvida na textualidade verbal se dá em torno do estabelecimento do efeito de convencimento do leitor sobre a necessidade de se aderir a uma vida saudável para ser/parecer mais jovem, e o produto anunciado, na posição de coadjuvante, aparece como um recurso para medir e controlar²⁰¹ a esse processo, esse que, em última instância, também é um produto.

Já a BF2 se inscreve no discurso publicitário a partir de uma posição-sujeito ainda menos evidente e ainda mais afetada pela ordem da estética e da linguagem da arte e da fotografia, que evoca sentidos da ordem da fruição, afetados pela memória do consumo estético-emocional (LIPOVETSKY; SERROY 2015, p. 67). Observem-se as SDs a seguir:

²⁰¹ Ele se inscreve, no discurso, como um dispositivo disciplinar, conforme discussões do Capítulo 2.2, quando tratei sobre biopoder e práticas disciplinares.

BF2 – SD2



BF2- SD3



BF2 - SD4



Na BF2-SD2 e na BF2-SD3, veem-se duas publicações compostas de imagem e legenda com hashtags. Na primeira imagem, não há a presença do corpo da blogueira como elemento significativo. Vê-se um pôr-do-sol em um céu com vários

tons de laranja, ao fundo, em uma fotografia de um avião da companhia aérea Delta, estacionado em uma pista de voo de um aeroporto. Na publicação, vê-se a localização: Aeroporto Internacional de John F. Kennedy, no Queens, na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Na legenda da imagem, a tag #TakeMeHome (Me leve para casa) seguida de um emoji com a representação de uma aeronave. O efeito de sentido dessa inscrição em conjunto com a imagem, considerando que a blogueira é brasileira, avança em um gesto narrativo de sua partida dos Estados Unidos para a volta para casa.

Na BF2-SD3, vê-se a blogueira diante de uma casa coberta de lodo nas paredes. Ela olha para o chão, veste um chale rosa, natureza verde ao fundo. Há outros casarões com arquitetura semelhante também em terceiro plano. Na localização, lê-se Angkor Wat – trata-se de um templo hindu localizado na cidade de Siem Reap, no Camboja. Esse templo é considerado um patrimônio da Humanidade pela UNESCO²⁰², e é um tesouro arqueológico e religioso. Trata-se, portanto, de um local de vasta exaltação turística, mas, também, marcado por um caráter transcendental e religioso.

Na BF2-SD4, gostaria de apresentar meu gesto de leitura da materialidade a partir da divisão de três planos da imagem fotográfica. No primeiro deles, está o corpo em movimento. Equilibrado de ponta-cabeça, numa posição do loga, o corpo está erguido na posição vertical, num gesto físico de força e equilíbrio. As pernas estão estendidas horizontalmente, acompanhando exatamente o desenho da árvore que constitui o objeto centralizado na imagem em segundo plano. O corpo e a natureza estão organizados em paralelo num gesto de força e equilíbrio consoantes. As folhas verdes dos galhos dessa mesma árvore cujo tronco está em relação parafrástica com o tronco do corpo da blogueira se espalham horizontalmente, encontrando, ao fundo, o contraste com o branco do muro da construção no terceiro plano da fotografia. Direi, então, que nessa cena fotográfica, o corpo, a natureza e a construção humana estão simbolizados como objetos em relação de harmonia, equilíbrio e força. Na legenda, lê-se também a localização: Victoria Xiang Thong Palace. Trata-se de um hotel localizado no Laos, país do sudeste asiático cuja economia turística gira em torno de viagens de aventura (pelas monções asiáticas) e de meditação budista. Além disso, o exotismo dos animais, da alimentação étnica, além das graves consequências que a

²⁰² Cf. <https://whc.unesco.org/en/list/668/>.

região sofre ainda hoje por causa da Guerra do Vietnã. Nas BF2- SD3 e SD4, vemos a blogueira em gestos corporais meditativos; na primeira, com o olhar para baixo, parada, e, na segunda, praticando um exercício de natureza meditativa. A orientalidade se inscreve como um eco de uma religiosidade ligada ao bem estar, tanto no corpo quanto nas localizações das publicações.

A partir desses gestos de interpretação, entendo que o sujeito do discurso se inscreve na discursividade publicitária não pela divulgação de um produto que se vende como bem de consumo. O produto, nessas SDs, é um estilo de vida cujo referente simbólico é a experiência única e transcendental vivida através do turismo. Esses sentidos são constituídos pela narrativa fotobiográfica esteticamente trabalhada na materialidade da imagem.

Lipovetsky e Serroy (2015) elencam as viagens como um dos imperativos de consumo transestético que delineiam uma “estética autorreflexiva que estrutura o consumo hiperindividualista”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2005, p. 31). Conforme os autores, o hiperconsumidor vê em cada experiência vivida um “valor de exposição” (idem), o que se dá também “com o olhar turístico que em toda parte só vê paisagens a admirar e a fotografar, como se fossem cenários ou pinturas” (ibidem). Ainda para eles, esse fenômeno produz um fetichismo e um voyerismo social sem precedentes. Os autores veem esses funcionamentos como uma face cultural do capitalismo, que tem se tornado cada vez mais “multiforme e multipolar” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 67), porque atinge uma série de classes, idades, gêneros etc. devido à disseminação da cultura digital.

Pensando esses aspectos em relação ao que já debati sobre estilo de vida, bem-estar e corpo na construção de imaginário subjetivo sobre ele, entendo que, nessas SDs, há uma inscrição em uma posição de turista artística, sobre a qual incidem ecos discursivos da ordem religiosa e transcendental, que afetam o corpo no que concernem à busca pelo equilíbrio e pelo bem estar. Esses sentidos assumem uma forma artística na materialidade da imagem como narrativa fotobiográfica, que captura o momento como mágico ou transcendental, elevando-o ao status artístico, dando-lhe um “valor de exposição” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). No entanto, a geolocalização, o meu entendimento, é o movimento de irrupção da posição publicitária no interior da posição turística artista: a divulgação do consumo apagada na imagem é lembrada na legenda, fazendo convergirem as duas posições em sua inscrição na discursividade publicitária.

Em resumo, apresento o seguinte diagrama ilustrativo das posições-sujeito inscritas no discurso publicitário, a partir de sua relação com a FD fitness:



Quadro 13 - Resumo das posições-sujeito inscritas no discurso publicitário

5.3.1.3 Discurso médico-esportivo: da disciplina à superação

“A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e regulamentadores” (FOUCAULT, 2010, p. 212).

No Capítulo 2, expliquei como as técnicas regulamentadoras dos corpos originadas na biopolítica da espécie humana acabou criando um enorme arsenal de saberes sobre os corpos que trabalharam em torno de sua normalização e disciplinarização. Também expliquei, a partir do gesto teórico empreendido por Han (2018), como os processos psicológicos têm preponderado sobre os processos físicos dos sujeitos quando o tema é controle e disciplina, embora ambos andem em conjunto em uma série de práticas discursivas, como é o caso do discurso fitness. Veremos, então, que o discurso sobre o desempenho físico e sobre as questões objetivamente biológicas que concernem ao funcionamento desse corpo, nessa discursividade, passam sempre pela ordem da mente, o que corrobora a leitura de que o eixo *sujeito – processos psicológicos – mecanismos sobredeterminantes* podem descrever uma das maneiras como tem funcionado ideologicamente, por meio do discurso, uma psicopolítica de Estado sobre um corpo simbolizado como dispositivo de superação de si.

Queval (2013) tensiona a relação entre o discurso médico e o imperativo da lógica da superação de si no campo do esporte, mostrando que a medicina, nesse

sentido, funciona como um discurso equívoco. A performance excessiva que leva os esportistas a buscar essa superação requer o cuidado médico de suas consequências, além de pressupor sua “minimização ou encorajamento por meio de inovações técnicas e futuristas” (QUEVAL, 2013, p. 242). Além disso, a autora demonstra também como a cultura da performance esportiva é lucrativa para a mídia e para o mercado financeiro, além do mercado da medicina e dos medicamentos. Em seu trabalho, a autora está tratando de performances de atletas de alto nível, mas essas práticas ecoam no discurso fitness, embora a superação de si se estabeleça a partir de princípios ideológicos distintos.

No discurso fitness, a superação de si não tem uma meta objetiva, como um campeonato esportivo. No entanto, os ecos do campo do esporte aparecem determinando os sentidos aqui. A competição, por exemplo, desliza do campo relacional (vencer para vencer o outro, logo, vencer um campeonato) para o campo individual. A superação de si tem como meta, no corpo, a obtenção de resultados que se materializam em significantes equívocos como *bem-estar*, *saúde* ou *foco*, além de poder ser demonstrada na imagem do corpo forte e tonificado, como vimos em algumas análises. Ela também pode resultar em maior produtividade, outra categoria equívoca, inscrita na formação discursiva empreendedora.

Ocorre que na formação discursiva médico-esportiva, veremos que o cuidado médico-esportivo se simboliza como um cuidado com a performance do corpo como um cuidado de si, desdobrado em cuidado da aparência, cuidado da nutrição, cuidado do esporte e, inclusive/sobretudo, com a mente. Parafraseando Foucault (2014, p.137), a performance é uma anatomia política do detalhe com o cuidado de si. Um corpo não pode ter boa performance se ele não é bem cuidado; um corpo bem cuidado pratica esportes. Esses sentidos se coordenam na ordem do pré-construído no que Queval (2008) chama de “ideologia da prevenção”. A inscrição da perspectiva médica na vida cotidiana e o projeto de vida faz com que todos se responsabilizem por sua própria saúde e pela saúde coletiva²⁰³. (QUEVAL, 2008, p. 124).

Além disso, como vimos nas análises da discursividade publicitária, a estética também constitui um parâmetro de performance a ser considerado no cuidado com a saúde. O corpo construído como ideal por esse imaginário é *interiorizado* e *exteriorizado* (QUEVAL, 2008, p. 146); o trabalho da estetização da existência

²⁰³ Tradução livre de : L’inscription de la perspective médicale dans la vie quotidienne et le projet de vie a pour conséquence la responsabilisation de chacun quant à sa propre santé et quant à santé collective.

encontra o discurso da performance como mais um dispositivo material simbólico de individualização do cuidado. Vejamos, então, a partir de quais posições esses processos inscrevem sentidos no que estou denominando de discurso médico-esportivo da FD fitness:

BF1-SD1



[gabrielapugliesi](#)

Como diz Chopra: Se você quer saber como está **seu corpo hoje**, lembre-se dos seus **pensamentos de ontem**. Quer saber como estará seu **corpo amanhã**? Veja seus **pensamentos hoje**! Ou nós abrimos nosso coração, ou algum **cardiologista fará por nós**! Eu acredito e vivo minha vida levando em conta que nossas emoções se tornam físicas dependendo do nosso comportamento com relação a vida. Do mesmo jeito que angustia, amargura e o ódio adoecem nosso corpo; A felicidade, a alegria, a positividade ajudam, e transformam nosso bem estar emocional, e melhoram consideravelmente nossa imunidade (SIM!), pq isso fortalece nossa energia! E uma vez que estamos equilibrados e em harmonia, nada atinge nosso corpo físico! É como um escudo. Por toda nossa vida teremos dias bons e ruins, basta mudar a forma de ver e lidar com as dificuldades! Nada é pra sempre, tudo é aprendizado e passageiro, e nunca se esqueçam de repetir mentalmente "ta tudo bem!". As coisas não mudam, oq muda é nossa forma de enxergar! Bom dia 🍀🙏

Na BF1-SD1, observando-se a materialidade fotográfica, vê-se a blogueira de biquíni, caminhando em direção à câmera, sobre a areia de uma praia. O cenário em segundo plano não é de natureza virgem: trata-se de uma vegetação de coqueiros e de construções turísticas praianas. Em seu rosto, vê-se um sorriso aberto e com efeito de alegria e relaxamento. Na localização da fotografia, lê-se Tulum, Quintana Roo. Trata-se de um hotel localizado na praia de Tulum, no México.

Na materialidade textual, lendo-se a legenda da foto, lê-se um relato que se inicia com uma citação: “Como diz Chopra”. Essa heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2015) faz ecoarem sentidos sobre o corpo tanto da ordem religiosa quanto da ordem médica. Chopra é um médico indiano que foi radicado nos Estados Unidos e se tornou autor de uma série de livros de autoajuda. Ele pratica a medicina ocidental quando acredita que convém aos tratamentos, mas seus tratamentos se guiam pela medicina ayurvédica, que apregoa “a prevenção das doenças por meio de uma sintonia entre o corpo e a mente que poderia ser obtida, por exemplo, com a prática da ioga e da meditação”²⁰⁴. Ele prega a autonomia do paciente em olhar para o próprio corpo e compreender seus sintomas, assim, controlando-os: “os meus pacientes seguem as recomendações, *são capazes de analisar a própria vida, ouvir o próprio corpo, controlar a hipertensão, a diabetes*. Eles aprendem a prestar atenção no funcionamento do organismo”.

Na BF1-SD1, observemos o seguinte recorte da materialidade textual: Se você quer saber como está **seu corpo hoje**, lembre-se dos seus **pensamentos de ontem**. Quer saber como estará seu **corpo amanhã**? Veja seus **pensamentos hoje**! Ou **nós abrimos nosso coração**, ou algum **cardiologista fará por nós**! Esse é um discurso-outro marcado pela citação direta, em que o sujeito blogueira assume a voz do médico, identificando-se com o seu discurso. Direi, então, que ela se inscreve na posição de guru do corpo, a partir desse gesto discursivo. Um guru é um mestre ou um guia espiritual que ocupa o lugar de preceptor. Possui discípulos e seguidores que buscam respostas sobre o significado da vida. Esse termo tem origem etimológica nas religiões orientais, como o hinduísmo e o budismo e é visto como um guia sagrado à autorrealização²⁰⁵.

No recorte acima, vê-se uma argumentação calcada no deslizamento da função de cuidador do médico para o próprio sujeito a partir do axioma da prevenção: se não abrimos nosso coração, algum cardiologista fará por nós. O autocuidado e a autorresponsabilização ganham lastro na legitimação da prevenção pelo cuidado da mente. O cuidado médico do corpo físico, por outro lado, é construído discursivamente

²⁰⁴ Reportagem e entrevista disponível em : <https://www.revistaprosaveroarte.com/a-saude-e-o-espelho-do-que-pensamos-deepak-chopra/>. Acesso em: 29 de fev. 2020.

²⁰⁵ Vejo que o tema da relação entre posição equivocada da medicina ocidental, a penetração do discurso religioso oriental e sua conveniente adequação ideológica aos princípios neoliberais poderia ser tema de um outro trabalho. Infelizmente, por questões de escopo, não poderei explorar com mais profundidade essa questão aqui, mas registro essa demanda para futuros trabalhos na área.

como uma consequência negativa da ausência do cuidado de si, que está em relação parafrástica com o cuidado da mente. Essa consequência negativa é construída como uma ameaça: abrir o coração tem efeito ambíguo nas duas formações discursivas sobre as quais as expressões deslizam. Na psicologia, significa falar de si, permitir-se sentir, ampliar as percepções sentimentais, etc. Na medicina, especialmente na cardiologia, o sentido desliza para o campo concreto: abrir o coração é realizar uma operação nele, o que implica riscos, dor, medo, etc.

Em termos sintáticos, como paráfrases, poderíamos construir as seguintes relações parafrásticas:

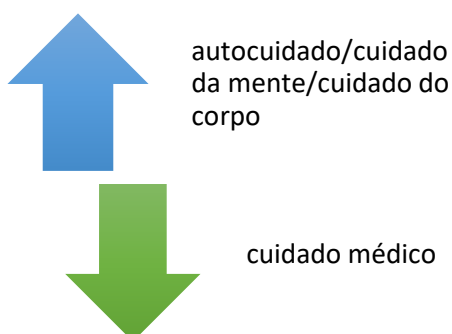
Tabela 7 - Relações parafrásticas do autocuidado e da autorresponsabilização

Coordenação (alternância)	Ou você cuida da mente,	ou o médico vai precisar do seu coração
Subordinação (condição)	Se você não cuidar da mente,	o médico vai precisar cuidar do seu coração
Subordinação (tempo)	Quando você não cuida da mente,	seu coração precisa de cuidados médicos
Subordinação (finalidade)	Para não precisar de cuidados médicos,	cuide da sua mente é preciso cuidar da sua mente
Subordinação (proporção)	Quanto mais você cuida da sua mente	há menos chances de precisar de cuidados médicos

Em todas essas paráfrases (outras poderiam ser propostas), apesar dos deslizamentos característicos de cada transformação sintagmática, mantém-se a construção semântica do cuidado médico como uma consequência negativa, da qual o sujeito deve ter medo e que ele precisa impedir, e o cuidado de si como cuidado da mente como condição para evitar essa consequência. Temos uma relação de oposição de positividade e negatividade, que leva as ações descritas a caminhos dicotômicos.

Em termos visuais, teríamos a seguinte construção:

Quadro 14 - Relação autocuidado X cuidado médico



Como descrevi anteriormente, discursivamente, na formação ideológica neoliberal, os processos psicológicos têm se mostrado sobredeterminantes aos processos biológicos em termos de dominação política, o que me leva a acreditar cada vez mais asseveradamente na psicopolítica como um método de inculcação ideológica eficaz que se manifesta no corpo-mente, essa unidade imaginária indissociável no capitalismo contemporâneo.

Com isso, não estou dizendo que o cuidado médico seja uma “solução” para essas questões. Ao contrário. Como nos mostra Queval (2008, 2013), do funcionamento ideológico da posição equívoca da medicina em relação ao cuidado do corpo e da mente, surgem fenômenos como a supermedicalização e a banalização de diagnósticos que têm como propósito o melhoramento da performance tanto nos resultados esportivos quanto na estética. No entanto, é dessa falha que a ideologia do autocuidado e da autossuficiência encontra novos espaços de poder se contrapondo a um discurso que também trabalha a favor do capitalismo; nenhum deles é resistência, mas um deles tem relação histórica com instituições de saber legitimadas pelo ocidente iluminista. Nesse sentido, vejo com certa preocupação a descredibilização simbólica do cuidado médico²⁰⁶ e da valorização do saber institucional, porque isso produz socialmente verdades equívocas que tendem a tornar ainda mais vulneráveis²⁰⁷ populações em condições de dominação econômica.

É desse complexo de posições equívocas que cresce cada vez mais a demanda pelas gurus do corpo, que estou entendendo aqui como uma posição discursiva inscrita no interior da formação discursiva médico esportiva. Nessa posição, o sujeito inscreve sentidos da ordem afetiva, ecoando a memória sentimental e transcendental: BF1-SD1 - “Do mesmo jeito que angustia, amargura e o ódio adoecem nosso corpo; A felicidade, a alegria, a positividade ajudam, e transformam nosso bem estar emocional, e melhoram consideravelmente nossa imunidade (SIM!), porque isso fortalece nossa energia”. **E uma vez que estamos equilibrados e em harmonia, nada atinge nosso corpo físico!**

A palavra imunidade, inscrita na discursividade médica, atualiza a memória de um conceito biológico, mas é simbolicamente significada na ordem equívoca da

²⁰⁶ Minha leitura é a de que nesse cuidado médico não se inscrevem apenas as especialidades da medicina, mas as do cuidado institucionalizado, em geral, como a psicologia tradicional.

²⁰⁷ Refiro-me aqui especialmente aos movimentos antivacinas, que têm causado muitas mortes sobretudo em populações economicamente desfavorecidas.

energia, da felicidade, da positividade, e também da amargura, da angústia, todos esses no campo simbólico das emoções subjetivas. Percebe-se que a argumentação desenvolvida não se dá a partir de uma discursividade médica: foram silenciados sentidos nela que relacionam sentimentos à melhora da imunidade, como a ativação de hormônios e neurotransmissores. A legitimação discursiva da argumentação se dá justamente pela reafirmação da equivocidade significativa que o transcendentalismo desses termos adquire numa discursividade religiosa oriental.

Além disso, na textualidade linguística, a inscrição do eu não se dá principalmente pela narratividade do cotidiano – a FDCot se inscreve no complexo da FD fitness via fotografia. O eu íntimo e autêntico se dissolve como efeito do eu mentor religioso que emerge da posição de guru. Esse aspecto do funcionamento dessa FD se evidencia também quando a temática se refere à nutrição, a partir de uma posição determinada por outro lugar discursivo, também equívoco:

BF2-SD1



[Iaranesteruk](#)

Comer é algo além do nutrir, envolve **emoção**, **sentimento**, lembrança, referência, costumes e até arte. É importante portanto que comer te traga boas **sensações** e seja um ato de carinho e até de **mimo com você mesmo**.

Por isso tantas vezes **questiono quando um paciente** me conta que comeu (ou tem comido) de forma gluttona, sem controle algum, **coisas que nem mesmo ama**. Normalmente a justificativa é “ah, estou com um problema tão grande, que resolvi comer”, como se isso fosse um ato de carinho consigo, do tipo “não vou me privar de nada nessa área já que a vida está me privando de tanto em outras”, mas veja, se o comer nessa **ocasião em vez de gerar conforto** constante **gera apenas prazer momentâneo seguido de consequências desagradáveis**, a pergunta real deve ser: “por que além de

estar enfrentando sérias **questões na vida eu AINDA me maltrato com comida?**

Comida é pra ser amor, carinho ao seu corpo, prazer ao paladar, e essas são coisas BOAS, coisas boas não causam sensações desagradáveis. Pense nisso 😊

BF2- SD2



[@laranesteruk](#)

Capacidade de assimilação (a chave para sanar dúvidas que aparecem ao longo do tempo) é algo que a grande maioria das pessoas não exercita. É por isso que de tempos em tempos, notas e machetes de assuntos relacionados a alimentação e saúde são capazes de causar tanta confusão e caos!

Explico:

Se você já leu por aqui que uma **alimentação natural (com o mínimo possível de industrializados) é a opção mais saudável para um ser humano**, não há motivo para acreditar em uma manchete que diz que óleo de coco é veneno. Isso porque usando a **capacidade de assimilação** vai **raciocinar** 👉 óleo de coco é uma fonte natural de gordura, de fácil extração, que qualquer um pode fazer em casa se quiser, diferente de óleo de soja (milho, girassol, canola, algodão) que depende de várias etapas de processamento (peneiração, descascamento, condicionamento, trituração, cozimento, extração, degomagem, neutralização, branqueamento, desodorização), passando longe de ser uma boa.

Se já leu por aqui que a **principal causa da Resistência a Insulina e consequentemente do Diabetes é um consumo excessivo de carboidratos ao longo do tempo**, não terá motivos para acreditar em uma nota que diz que uma dieta baixa em carboidratos e a prática de jejum intermitente podem causar diabetes!

Usando a **capacidade de assimilação** será possível **raciocinar o óbvio!**

Se sabe que uma dieta rica em verduras, legumes e frutas, com quantidades ideais de carnes (peixe, vaca, porco, galinha e demais bichos – para os onívoros), ovos e azeite de oliva é capaz de **promover saúde**, já que neste cenário há um **baixo consumo de pães, massas e bolos (açúcar e farinha)**, não vai dar crédito à notícia que diz que uma dieta assim é responsável pela DIMINUIÇÃO da expectativa de vida, certo?

É a capacidade de assimilação! **Ferramenta** que torna possível não se desesperar (e nem precisar explicar mais uma vez o que já está explicado) a cada notícia que aparecer! Sempre que possível, exercite-a, você só tem a ganhar!

No Capítulo 3, seção 4.2, analisei o lugar discursivo equívoco da BF2, que se inscreve no discurso ora como nutricionista e fisiologista do exercício, ora como sujeito do cotidiano, negando seu lugar institucional na determinação do seu dizer. Afirmar ali que entendo esse funcionamento como um recurso de legitimação calcado na eficácia do efeito-autor amigo íntimo, que eleger a afetividade e a intimidade como categorias hierárquicas superiores ao conhecimento institucional para se dizer sobre de um determinado lugar – o de blogueiro.

A leitura das BF2 SD1 e SD2 demonstram justamente o movimento do sujeito em posições que se erigem sobre essa equivocidade. Na SD1, na materialidade fotográfica se vê um prato de comida branco no centro. Na composição do prato, um salame forra um queijo branco, que recebe uma cobertura de um creme amarelo intenso. Vê-se um copo de suco verde em segundo plano, na mesma mesa, fora de foco, à esquerda da cena, e uma flor amarela, mesmo tom do molho, ao fundo, no centro. Uma xícara de café pequena também aparece ao fundo, à direita. A organização dos elementos e a harmonia entre as cores têm efeito estético de harmonia e composição.

Na materialidade verbal, o texto tematiza o ato de comer, simbolizando-o como um ato ligado à nutrição, isto é, à materialidade biológica do corpo, mas esse sentido desliza para a ordem do sentimento, da arte, da experiência. Até esse momento, o sujeito do discurso se inscreve numa posição publicitária, num gesto exaltação da experiência transcendental de comer. Mas o sentido desliza o campo do autocuidado: É importante portanto que **comer te traga boas sensações** e seja um ato de carinho e até de **mimo com você mesmo**.

Mais adiante, observa-se, através do desenvolvimento de um relato de si a partir do lugar de nutricionista, a inscrição do sujeito do discurso em duas posições: narradora de relato clínico e posição de mentora nutricional. Na primeira posição, o sujeito evoca uma situação que apenas o seu lugar discursivo de nutricionista o legitima a reportar, o relato de um paciente sobre sua experiência com o ato de comer. “Normalmente a justificativa é ‘ah, **estou** com um problema tão grande, que **resolvi** comer’, como se isso fosse um ato de carinho consigo, do tipo ‘não vou **me** privar de nada nessa área já que a vida está **me** privando de tanto em outras’”. A voz do sujeito paciente aparece marcada como o discurso que deve ser refutado na argumentação, ao qual o sujeito resiste por meio de sua identificação com a posição de mentora nutricional, falando a partir do lugar discursivo de nutricionista, não de blogueira,

apenas. Assim como a posição guru do corpo, essa posição também inscreve sentidos da ordem da transcendência do corpo ao ato alimentar, além de associá-lo ao domínio do autocuidado, mas, para isso, investe-se de um efeito de verdade legitimado pelo lugar social de saber da nutrição: “mas veja, se o comer nessa **ocasião em vez de gerar conforto** constante **gera apenas prazer momentâneo seguido de consequências desagradáveis**, a pergunta real deve ser: ‘por que além de estar enfrentando sérias **questões na vida eu AINDA me maltrato com comida?**’”.

Nessa tomada de posição em que o sujeito do discurso projeta imaginariamente seu leitor como seu paciente, ela reafirma ao mesmo tempo seu lugar discursivo de nutricionista e sua posição de mentora nutricional, assumindo a posição de tutela sobre questões mentais e psicológicas que afetam/são afetadas pelos hábitos alimentares dos seus seguidores.

Na BF2-SD2, considerando a materialidade textual, lê-se um texto informativo que tematiza o conceito de capacidade de assimilação relacionado à leitura e análise de informações nutricionais. É um texto de caráter pedagógico, no qual, a partir de seu lugar discursivo equívoco de nutricionista blogueira, o sujeito do discurso se inscreve na posição de mentora nutricional. No entanto, como vemos, isso não se dá por meio de uma narrativa de si, nem na materialidade fotográfica – a imagem reproduz uma fotografia genérica, sob a perspectiva *plongée*, de um computador numa mesa, com uma mão segurando um café diante dele, um celular ao lado e um vaso pequeno com uma planta. Essa imagem tem efeito de sentido de estudo, o que coaduna com o texto verbal inscrito nela: PENSE NISSO. O verbo no imperativo interpela o sujeito leitor a se engajar em uma reflexão proposta pelo texto, de caráter argumentativo.

Na introdução do texto, o sujeito autor define o conceito de capacidade de assimilação e problematiza a sua argumentação em relação a ele. Em seguida, dirige-se ao leitor interpelando-o a respeito de informações médico-nutricionais já exibidas no perfil “Se você já leu por aqui que uma **alimentação natural (com o mínimo possível de industrializados) é a opção mais saudável para um ser humano (...)**. A partir desse axioma, o sujeito do discurso, na posição de mentora nutricional, evoca uma série de saberes técnicos da área da nutrição, reafirmando seu lugar discursivo de nutricionista na construção argumentativa. Trata-se de informações sobre processos de tratamentos de alimentos e de transformações químicas sofridas por eles (texto em grifo na BF2-SD2).

A partir dessas informações, o sujeito realiza uma argumentação mais uma vez desenvolvida sobre reflexões que envolvem os processos bioquímicos do corpo, sobre os quais apenas um profissional *poderia falar sobre*. No entanto, esse sujeito inscreve esses sentidos na ordem do efeito evidência, quando argumenta que o raciocínio que os envolve depende apenas do conceito de capacidade de assimilação, e não da qualidade técnica reflexiva do sujeito nutricionista. Com esse movimento, o sujeito sustenta que qualquer sujeito pode prescindir das orientações de um profissional se ele tem algumas informações básicas e se tem a “capacidade de assimilação”: Usando a **capacidade de assimilação** será possível **raciocinar o óbvio!**

Então, posso dizer que, nesse texto, na posição de mentora nutricional, o sujeito do discurso legitima de modo equívoco seu próprio lugar discursivo, quando atribui sua função à habilidade genérica da “capacidade de assimilação”. Ora, se todo raciocínio químico e bioquímico que foi desenvolvido no texto como estratégia argumentativa teria sido dispensável apenas considerando-se o critério da capacidade de assimilação, por que foi necessário que ele se inscrevesse em um texto de tom pedagógico?

Nesse sentido, observando esse recorte das SDs relacionadas à inscrição da BF2 na FD médico-esportiva, reafirmo o caráter ambíguo da sua identificação/desidentificação com o próprio lugar discursivo que ocupa enquanto profissional da saúde, e atribuo esse fenômeno às coerções jurídicas que incidem sobre essa função no campo social, o que não ocorre com o lugar discursivo de blogueiro. Além disso, esse processo reafirma a equivocidade da posição de mentora nutricional no interior na FD fitness: ela desliza para o campo do corpo biológico, da mente, do comportamento e da transcendência.

Já nas BF3 – SD1 e SD2, não existe uma dissimulação ideológica da função de mentoria. Em ambas as publicações, o sujeito do discurso se inscreve na evidência do dizer sobre para inspirar e orientar, oferecendo comandos baseados em experiências autobiográficas.

BF3-SD1



[lucilewoodward](#)

SALADA DE CAFÉ DA MANHÃ – PÉS NA ÁGUA – Levantem e Brilhem todos!! O sol voltou nos nossos corais. Muita **energia positiva** antes de fazer um tour no Oceano Índico. Antes do mergulho, como antes de qualquer exercício: **não se deve comer muito. Beber bastante! E tomar bastante vitaminas e minerais.** E, claro, **nenhuma proteína em shake.** E vocês qual foi o café da manhã de hoje?

Na BF3-SD2, na materialidade fotográfica, vê-se em plano *plongée* um prato colorido de frutas, saladas e algumas pastas. Uma mão com unhas vermelhas e relógio no pulso o sustenta. Abaixo do prato, mergulhando na imagem, veem-se uma água límpida com areia e os pés da blogueira.

Na textualidade verbal, o sujeito do discurso se inscreve numa posição que designo como *mentora motivacional*: ele interpela os sujeitos por meio de imperativos explícitos ou implícitos e impulsiona-os a se movimentar, a agir e a se superar. *Levantem e Brilhem todos!!* A partir da posição de narradora da extimidade (O sol voltou nos nossos corais/E vocês, qual foi o café da manhã de hoje?), o sujeito se inscreve, também, na posição de guru do corpo (muita energia positiva) e de mentora nutricional (**não se deve comer muito. Beber bastante! E tomar bastante vitaminas e minerais.** E, claro, **nenhuma proteína em shake.**)

BF3- SD2



lucilewoodward
 VONTADE • Hoje, a ruptura do meu ligamento cruzado não passa de uma memória ruim. Mas admito que há dois anos e meio atrás, quando o **diagnóstico foi anunciado**, quase parei tudo. Mudar de emprego, desistir do meu futuro como técnica esportiva, porque eu já era considerada esportivamente "velha" e a questão de operar ou não foi levantada. Depois de dois filhos, duas vezes voltando à forma... Tivemos que **começar tudo de novo.** **Entre a 1ª reabilitação, a operação e a 2ª reabilitação levaram 9 meses no total. 9 meses em que nada era como antes. 9 meses para entender que nada mais será como antes.** O que me impulsionou? A vontade. O desejo de voltar. O desejo de provar para mim mesma que não tinha terminado. Que ainda tenho coisas para contar. Eu ainda tinha os meios para motivar a entrar em forma, não importa para onde você vá. **E agora estou mais forte com essa experiência.**

Na BF3-SD2, o esporte se inscreve mais explicitamente como elemento significativo na sua associação ao corpo, considerando a materialidade fotográfica. Observa-se nela a imagem da blogueira em movimento, vestindo um conjunto de top e calça para atividades físicas e calçando um tênis de corrida. Ela está em posição de corrida, e a imagem capta um movimento de pulo sobre um terreno pedregoso, ao sol do dia. Os músculos de suas costas iluminam-se pela luz e vê-se seu desenho no tônus da pele. Nessa materialidade, entendo que a blogueira se inscreve na posição de atleta em movimento.

No texto verbal, introduzido pelo título VONTADE, em caixa alta, formatação que imprime ao texto efeito de tom de voz acentuado, nas conversações digitais, o sujeito do discurso inscreve no discurso uma narrativa de superação. Como essa narrativa é um relato de si, mas não se trata de microfatos do cotidiano, e sim de um fato ligado à superação do sujeito em relação aos limites do seu corpo e sua saúde,

entendo que se inscreve no discurso uma posição além da posição narradora da extimidade. Trata-se de uma posição de narradora da superação de si. Nessa discursividade, especialmente, a superação de si passa pela superação de uma limitação física imposta pela natureza ou pelo acaso ao corpo do sujeito: “Hoje, a ruptura do meu ligamento cruzado não passa de uma memória ruim. Mas admito que há dois anos e meio atrás, quando o **diagnóstico foi anunciado**, quase parei tudo.”. Esse fato inesperado na narrativa traz consequências dolorosas a serem superadas: “Mudar de emprego, desistir do meu futuro como técnica esportiva, porque eu já era considerada esportivamente “velha” e a questão de operar ou não foi levantada. Depois de dois filhos, duas vezes voltando à forma... Tivemos que **começar tudo de novo.**”

Nessa posição, no entanto, a volta no enredo é justamente o mote argumentativo da superação, isto é, a tese da motivação, neste caso, a “vontade”. Perceba-se que as reabilitações médicas pelas quais o corpo passou são apagadas na narrativa, resumidas em um pequeno relato: “**Entre a 1ª reabilitação, a operação e a 2ª reabilitação levaram 9 meses no total. 9 meses em que nada era como antes. 9 meses para entender que nada mais será como antes**”. O “plot twist” ou a “virada” narrativa da superação está na interiorização de um sentimento do sujeito consigo mesmo, e não nos tratamentos que ele recebeu para superar o problema que ocorreu em seu corpo. Nesse sentido, vejo que se inscreve na narrativa, também, uma posição de guru do corpo, pois a transcendentalização das questões médicas se sobrepõe às questões biológicas. Em última instância, inscreve-se, também, a posição de mentora motivacional, uma vez que o efeito dessa virada narrativa é o de inspiração motivacional. Defende-se o ponto de vista de que ter vontade é o principal fator de fortalecimento para a superação de si em experiências desafiadoras, além de se construir uma exaltação da dor como meio pedagógico de preparar o indivíduo para experiências futuras. “O que me impulsionou? A vontade.”/“Eu ainda tinha os meios para motivar a entrar em forma, não importa para onde você vá. **E agora estou mais forte com essa experiência**”.

A partir das análises anteriores, podemos afirmar que a discursividade médico-esportiva se constitui a partir da inscrição das blogueiras em múltiplas posições, que, em geral, privilegiam a simbolização do corpo a partir de uma ordem transcendental, emocional, psicologizante e individualista. Esses processos discursivos são afetados pelo atravessamento das demais discursividades constitutivas do discurso fitness,

mas sobretudo materializam o que discuti sobre o funcionamento de uma psicopolítica (HAN, 2018) sobre o corpo. A equivocidade do significante “cuidado” privilegia o seu deslizamento para os campos da estética e do individualismo, o que, ideologicamente, fortalece um discurso neoliberal que atrela o autocuidado a práticas de consumo, muitas vezes hedonistas e ligadas a um capitalismo artista (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Além disso, a religiosidade oriental ecoa no discurso médico por apresentar uma metodologia interiorizadora do tratamento com as doenças físicas. As análises demonstraram, também, que as posições políticas contraditórias do discurso médico ocidental, outrossim, no campo do esporte, contribuem para uma apropriação ideológica do cuidado em direção à ideologia da superação, isto é, à sua inscrição na FD empreendedora, que estudaremos a seguir.

Em resumo, apresento um diagrama ilustrativo das posições-sujeito determinadas pela discursividade médico-esportiva, a partir de sua relação com a FD fitness:

Quadro 15 - Resumo das posições-sujeito inscritas no discurso médico-esportivo



5.3.1.4 Discurso de autoajuda: a mentoria tutelar

No Capítulo 1, seção 2.1.2, realizei uma discussão sobre o fenômeno do empoderamento feminino e o processo de despolitização que vem sofrendo por uma determinação ideológica do discurso de autoajuda que remonta à memória de uma política estadunidense de libertação calcada em princípios individualistas.

Nessa ocasião, defendi que o efeito de autogestão é um efeito-evidência, que se constrói no funcionamento da memória discursiva como efeito do interdiscurso no intradiscurso, ocorrendo uma sobredeterminação do pessoal/individual no social, processo que opera uma cooptação do discurso da luta social pela miragem de uma emancipação social de caráter individualista.

Esse processo, na minha visada, é sustentado por diversos fatores, de ordem discursiva, política, social, econômica, etc. No campo do discurso, a proliferação da ordem da saturação de discursos de caráter de autoajuda, no meu entendimento, é, ao mesmo tempo, resultado e também funcionamento desse processo político, porque trata-se de um trabalho ideológico do/no discurso na inculcação de saberes que reiteram o funcionamento da forma-sujeito neoliberal como eficaz na formação social capitalista.

Neste capítulo, na seção 5.2.1., defendi o sujeito da performance como uma projeção imaginária de um efeito-sujeito ideal produzido pela ideologia neoliberal. Esse sujeito é o ideal de empreendedor de si, pacificado com as angústias produzidas por sua relação com as contradições com o mundo, ele aceita os desafios, ele os supera e ele não desiste jamais. Retomo aqui o conjunto de enunciados descritos pelo trabalho de Marquis (2017), citados por mim na seção mencionada, para verificarmos como se constitui o discurso de autoajuda no interior da formação discursiva fitness a partir das posições das blogueiras em análise, sem nos esquecermos do primado pècheuxiano de que a contradição e a falha são constitutivas de qualquer processo discursivo (PÊCHEUX, 2014b).

Quadro 16 - Características do discurso de autoajuda, conforme Marquis (2017).

Um conjunto de produções bibliográficas que visam pôr cada um no comando de sua vida (literatura de autoajuda);
Os autores de autoajuda testemunham sobre suas trajetórias de vida, sobre seus “verdadeiros eus”;
Procura da melhora contínua;
Celebração contínua da novidade/do novo;
A crença de que qualquer um pode se tornar “alguém” (meritocracia);
Responsabilização por si mesmo: não esperar nada de ninguém. Cada um é o único responsável por sua vida. Internalização da responsabilidade sobre a mudança desejada;
Valorização da escolha, da vontade, do projeto pessoal;
Resistência a todas as normas impostas pelo exterior, que incitariam viver como um “falso-eu”, aquele que os outros desejam que sejamos;
É preciso ser produtivo para ser alguém de sucesso.

BF1-SD1

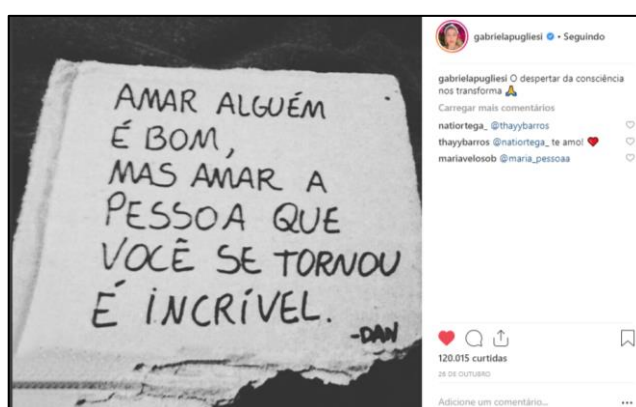


Na BF1-SD1, considerando a materialidade fotográfica, vê-se uma imagem de um casal (a blogueira e seu esposo), em movimento, pulando, e formando um coração com as costas de seus corpos. Em segundo plano, vê-se um cenário de pôr-do-sol em um mar de maré rasa, com algumas pedras visíveis. A câmera está contra a luz, de modo que os corpos funcionam como silhuetas escuras que formam o desenho. Eles flutuam com efeito de leveza, e as expressões faciais dos dois, expostas contra a luz, não expressam efeito de dor nem de esforço físico. O desenho do coração formado com os corpos dos dois sujeitos associa dois efeitos simbólicos. O coração tem efeito de amor e os corpos assumem o sentido de vida. Assim, os corpos unidos na constituição simbólica do coração remetem ao imaginário pré-construído do amor conjugal. O horizonte iluminado pelo sol tem efeito de romantismo e harmonia, fazendo ecoarem esses sentidos na relação entre o casal e a cena. Nesse sentido, entendo que se inscreve na narrativa fotobiográfica uma posição de esposa e uma posição de narradora da intimidade, que é afetada por sentidos de felicidade e harmonia conjugal em uma cena não cotidiana. Essas posições funcionam pelo discurso de autoajuda como testemunhas de uma trajetória de vida, uma vida verdadeira, a ser celebrada.

Na materialidade verbal, o sujeito, a partir da sua identificação com o discurso autoajuda pelo sentido da liberdade (*Eu que amo a liberdade*), se inscreve na posição de esposa empoderada (Por isso é tão fácil viver junto, pq quando não estamos perto, nosso coração esta, por escolha!!). O sujeito do discurso se identifica com a posição

de mulher livre e ao mesmo tempo, identifica-se com a posição de mulher casada, mas atribui essa condição justamente à coerção da própria liberdade. A liberdade, no processo discursivo do texto, é significanda como um processo da ordem da interioridade do sujeito: não ter medo de ser quem é; mostrar suas fraquezas; suas inseguranças e sua vulnerabilidade; suas verdades que às vezes nem são tão legais, mas o amor compreende! O amor conjugal é significado simbolicamente como um lugar de aceitação e de superação dos obstáculos produzidos pela liberdade de manifestar um “eu verdadeiro”; isto é, a partir da posição de esposa, o sujeito do discurso constrói o amor conjugal como lugar de superação de si. Dessa posição, assim, o sujeito do discurso constrói o amor conjugal (o adjetivo não está inscrito na textualidade verbal, mas irrompe no discurso a partir da posição de esposa) como sinônimo de liberdade, dissociando o pré-construído material de que o casamento pode ser um lugar de prisão para as mulheres. Essa construção apaga a diversidade de lugares sociais e de experiências de classe em que o matrimônio pode ser justamente o lugar do medo, da criação de inseguranças e da privação da liberdade. A sobredeterminação do discurso empreendedor no discurso autoajuda quando da inscrição de posições femininas apaga as contradições que instituições como o casamento podem produzir sobre o estatuto ideológico da liberdade e do empoderamento.

BF1-SD2



Na BF1-SD2, vê-se, no entanto, um deslizamento do sujeito para outra posição discursiva no interior do discurso de autoajuda. A formulação fotográfica apresenta um cartaz com uma frase de efeito. Essas formulações são textualidades tipicamente reconhecidas como frases de autoajuda porque condensam uma reflexão sobre si ou

sobre o mundo em um trecho curto com efeito impactante, como aforismos. O texto da imagem se divide em duas afirmações, que separam em orações independentes:

Amar alguém é *bom*.

Amar a pessoa que você se tornou é *ainda melhor*.

O primeiro enunciado sustenta uma posição sujeito que não nega a segunda, mas cria uma relação de gradação, através dos adjetivos linearizados na predicação. Desse modo, diria que, como paráfrase, é muito bom amar a si mesmo e é bom amar outra pessoa. Na minha leitura, o significante amar tem efeitos de sentido distintos na formulação. Na primeira ocorrência da paráfrase, trata-se de amor próprio, isto é, uma condição necessária para o autocuidado. Na segunda, inscreve-se no significante o sentido de amor romântico ou amor conjugal. Assim, é possível afirmar que o sujeito do discurso sustenta duas posições, gradativas, como conselho de autoajuda: em primeiro lugar, a posição de sujeito empoderado e de sujeito romântico. Essas duas posições são sustentadas pela principal, que se inscreve na textualidade verbal como uma reflexão interiorizada sobre a mente: a de mentora motivacional.

BF2-SD1



[laranesteruk](#)

Maaaaaan I miss Bali...

Estava pensando sobre isso ontem. Quando voltei dessa viagem, algumas pessoas me perguntavam "essa viagem te mudou?", "você voltou diferente?", "acha que está mais espiritualizada?" - mais ou menos o que me perguntam sobre o Yoga 🧘 "com o yoga você ficou mais centrada?", "acha que te ajudou a ficar mais calma?", "o Yoga é sua forma de se conectar?"...

Sempre noto a decepção no rosto de quem perguntou quando, com toda tranquilidade do mundo, respondo que não. 🙄 Penso que muitos estão lá fora procurando sentindo em tudo, querendo encontrar algo que transcenda o físico, buscando se agarrar no que ainda está por vir. Não está errado, mas me sinto tão livre neste sentido. **Não estou procurando respostas e tenho cada vez menos perguntas.** Não preciso de algo que pareça completamente especial, único, **porque acredito piamente em coincidências! Tenho em mim a paz da imperfeição, sabe?**

Talvez justamente por isso **me surpreenda tanto com a vida!** Talvez por isso tenha tanto carinho no yoga, talvez esse seja **o motivo de ter aproveitado de forma tão deliciosa a energia deste lugar!** Eu nada esperava, absolutamente nada buscava! ... **Penso que quanto menor é o espaço que deixamos para o buscar e o querer, maior é o espaço que fica para apenas agradecer!**

Na BF2-SD1, na materialidade fotográfica, vê-se a bloqueira em uma cachoeira com a água escorrendo sobre seu rosto e sobre o seu corpo. Ela está usando uma túnica verde e, com as mãos estendidas acima do rosto, faz um gesto que tem efeito de meditação ou oração.

No texto verbal, o sujeito se inscreve inicialmente na posição de narradora da extimidade em um tom confessional, revelando sua saudade de sua experiência em Bali, uma ilha na Indonésia que tem sido cenário turístico de pessoas que buscam gurus, experiências com meditação e práticas ligadas ao hinduísmo, além de uma geografia paradisíaca. O sujeito relata perguntas que recebeu após sua volta da viagem, todas demandando suas impressões sobre a experiência espiritual de transformação com o processo turístico. A partir da posição de consumidora-experienciadora, o sujeito do discurso se contrapõe ao discurso da transformação pela experiência, mas ele o faz a partir de uma posição equívoca. Explico por quê.

O sujeito nega que tenha se transformado tanto com a experiência com a viagem quanto pela prática da yoga (Sempre noto a decepção no rosto de quem perguntou quando, com toda tranquilidade do mundo, **respondo que não/Penso que muitos estão lá fora procurando sentindo (sic) em tudo, querendo encontrar algo que transcenda o físico, buscando se agarrar no que ainda está por vir**). A partir desses recortes, vê-se uma negação da transcendentalidade e da criação de expectativas; o sujeito do discurso diz-se *livre* dessas práticas.

“Não estou procurando respostas e tenho cada vez menos perguntas. Não preciso de algo que pareça completamente especial, único, **porque acredito piamente em coincidências! Tenho em mim a paz da imperfeição, sabe?”**. Nesse recorte, o sujeito se afirma como um sujeito do desapego mental, que delega sua vida ao acaso e aceita a si mesmo. Na posição de narradora da extimidade, o sujeito empreende uma autorreflexão que se desdobra em aconselhamento: eu não procuro respostas/não procure respostas; eu tenho cada vez menos perguntas; tenha menos perguntas; aceito minhas imperfeições/aceite suas imperfeições. Vejo nesse gesto discursivo a inscrição de uma posição equívoca de mentora motivacional marcada

pela contradição, que se revela no gesto do sujeito a seguir: “Talvez justamente por isso **me surpreenda tanto com a vida!**”/ Talvez por isso tenha tanto carinho no yoga, talvez esse seja o motivo de **ter aproveitado de forma tão deliciosa a energia** deste lugar! Eu **nada** esperava, absolutamente **nada** buscava!”.

O sujeito se inscreve numa posição sujeito do desapego para negar a narrativa da mudança pela experiência, mas, ao mesmo tempo, afirma essa posição quando diz que existe uma compensação transcendental pelo desapego (*Talvez justamente por isso me surpreenda tanto com a vida!*), que, na narrativa em questão, foi aproveitar a viagem a Bali. Isto é, negando uma posição de controle, o sujeito a reafirma quando justifica sua felicidade com o a tomada de posição de desapegar-se (o desapego é, em si, já, um posicionamento do sujeito, que implica uma relação de pensamento com o que o envolve).

Vejo nessa posição de desapego um caráter especialmente dissimulado do funcionamento ideológico que opera no discurso de autoajuda; porque nessa posição funciona um sujeito que se significa como fora de controle de si como um atributo positivo de sua liberdade, mas cujo *dizer sobre* é determinado por uma posição-sujeito motivacional tutelar que visa justamente a guiar/controlar o outro, no limite, habilitar o outro a reproduzir ideologicamente o mesmo discurso e comportamento.

BF-SD 2



[laranesteruk](#)

Treino desde muito nova. Muito mesmo! Na verdade não consigo me lembrar de uma fase da vida em que não houvesse uma prática física. Isso veio muito da minha avó, professora de educação física. Lembro que não tinha essa de “faltar na natação”. Mesmo nas épocas difíceis, das vacas magras, em que não rolava grana pra nada, eu me virava. Corria na rua, fazia flexões e agachamentos em casa, levantava pacotes de arroz.

O lance é entender o que é o movimento na vida, qual a real importância dele, é assim que você vai realizar que não tem essa de “po, mas não estou motivado..”, “ah, mas não está dando tempo..”, “então, é que eu não gosto muito”, ou “ah, é que não estou animado”, entende? Nem sempre estou animada para ir trabalhar, mas vou mesmo assim. No fim de um dia longo, **penso duas vezes antes de levantar do sofá** em que me esborrachei, para tomar banho, **mas vou!** Simplesmente não passa pela nossa cabeça deixar de fazer o básico, o necessário. Com o movimento é assim!

O que vai mudar é o que vem depois disso, depois de estabelecer que se mexer **VAI ACONTECER**. Daí vem: decidir o que vai fazer, do que mais gosta, do que não gosta, **qual seu objetivo com aquela prática física**, e por aí vai... São aqueles ajustes de coordenação motora fina, os detalhes. **Mas até chegar nesse ponto, só o que interessa é sair da inércia, é sair do ponto morto, é dar o primeiro passo! Depois disso é trabalhar a disciplina da constância!**

Na BF2-SD2, na materialidade fotográfica, vê-se uma selfie da blogueira diante de um espelho na academia de treinamento. Ao fundo, veem-se duas escadas ergométricas, uma delas em uso por uma outra pessoa. A blogueira está sentada no chão, diante do espelho, usando roupas de treinamento.

Na textualidade verbal, o sujeito se inscreve na posição de narrador da extimidade por meio de um testemunho de experiência com a prática de exercício físico (*Treino desde muito nova. Muito mesmo! Na verdade não consigo me lembrar de uma fase da vida em que não houvesse uma prática física. Isso veio muito da minha avó, professora de educação física...*). Nessa narrativa, esse sujeito também se inscreve na posição de narradora da superação de si (Mesmo **nas épocas difíceis, das vacas magras, em que não rolava grana pra nada, eu me virava**. Corria na rua, fazia flexões e agachamentos em casa, *levantava pacotes de arroz*).

Em seguida, o sujeito se inscreve na posição de mentora motivacional (segundo parágrafo do texto, ver destaques) usando um relato de experiência como exemplo para sustentar sua argumentação, de modo que se sobrepõem as posições de narradora da superação de si e de mentora motivacional no recorte (No fim de um dia longo, **penso duas vezes antes de levantar do sofá** em que me esborrachei, para tomar banho, **mas vou!**).

A posição de mentora motivacional se sustenta até o final da sequência, em que se inscrevem aconselhamentos ligados à motivação para a prática de exercícios físicos contínuos (**Mas até chegar nesse ponto, só o que interessa é sair da inércia, é sair do ponto morto, é dar o primeiro passo! Depois disso é trabalhar a disciplina da constância!**).

A disciplina e a constância se inscrevem no aconselhamento como dispositivos ideológicos de manutenção da prática esportiva contínua, isto é, elas se apresentam como corolário do aconselhamento motivacional. Nessa SD, pode-se perceber que esses sentidos se inscrevem tanto no corpo quanto na mente, ou seja, na ordem da interioridade e da exterioridade do indivíduo – vejo aqui um deslizamento dessa discursividade para o discurso médico-esportivo.

Em resumo, pelas posições de narradora da extimidade, de narradora da superação de si e de mentora motivacional, o sujeito do discurso sustenta a legitimidade tutelar do seu dizer sobre como um lugar de saber a respeito das práticas físicas e mentais que concernem à saúde, oferecendo ao sujeito-leitor sua narrativa como um modelo tutelar a ser seguido.

BF3-SD1



SEM PERFORMANCE

Viva as corridas de 4k, 6k, 10k. Já é muito bom **apenas correr!**
Olhando as redes sociais, a gente tem a impressão de que **pra ser um atleta é necessário fazer maratonas, trilhas enormes, triatlons alucinantes...**

Mas na realidade fazer **apenas de 30 minutos a 1h de exercício moderado a intenso é bom demais para sua saúde e para seu bem-estar.**

Não se deixe desanimar pelo tamanho da tarefa. Você não é obrigado a fazer coisas extenuantes pra fazer esporte. Apenas nesse fim de semana, faça 1h de caminhada rápida ou de natação, ou corrida tranquila, ou patins... É tudo que o seu corpo precisa!! E vocês, qual é sua performance “não performance” preferida?? Sejam rebeldes!!

Na BF3-SD1, considerando a materialidade fotográfica, vê-se a blogueira em movimento, de costas, fazendo uma corrida na areia de uma praia, usando tênis, shorts curtos e um top. Ao fundo, a imagem de uma vegetação virgem e do mar azul. Ela se inscreve na posição-sujeito de atleta em movimento.

O texto verbal tem como título a expressão SEM PERFORMANCE. A preposição que constitui o sintagma nominal do título tem efeito de negação em sua relação com o substantivo. Eu trabalhei em diversos momentos deste trabalho, a partir das discussões de Ehrenberg (2010) que o sujeito empreendedor de si é um sujeito da performance.

Na negação da performance, no título do texto da BF3-SD1, o sujeito se desidentifica com o discurso de autoajuda a partir de uma posição que será reafirmada numa falha do sujeito com o seu próprio processo de identificação subjetiva. Isso já acontece na relação do título com a formulação fotográfica, em que se observa a blogueira justamente realizando uma corrida, uma performance esportiva, na posição de atleta em movimento.

No texto da SD, no entanto, a identificação com a FD empreendedora vai se reestabelecendo a partir do primeiro enunciado: *Viva as corridas de 4k, 6k, 10k. Já é muito bom **apenas correr!*** Apenas correr pode não ser significado como uma grande performance, mas, ainda assim, trata-se de uma performance, uma vez que o conceito diz respeito a qualquer atuação ou desempenho.

Por meio da tomada de posição de mentora motivacional e da posição de guru do corpo, o sujeito do discurso recomenda padrões de tempo para a realização de exercícios diários (apenas de 30 minutos a 1h de exercício moderado a intenso é bom demais para sua saúde e para seu bem-estar).

Na posição de mentora motivacional, o sujeito do discurso produz um aconselhamento que, mais uma vez, trabalha na contradição do sentido sustentado no título. Isto é, ele reafirma sua inscrição como um sujeito da performance pelo aconselhamento de uma performance leve, mas que exista. Assim, o imperativo da realização se impõe e se sobrepõe como determinante no discurso do sujeito “Não se deixe desanimar pelo tamanho da tarefa.” E vocês, qual é sua performance “não performance” preferida?? **Sejam rebeldes!!**. É importante sublinhar o deslizamento do sentido de rebelde em sua evidência pré-construída ligada historicamente a movimentos de resistências político-ideológicas. Nessa FD, enunciada dessa posição, significa justamente se inscrever no lugar do sujeito da performance, ou seja, correr, agir, tornar o corpo produtivo para o desempenho. A rebeldia sustentada por essa posição-sujeito é a de se tornar empreendedor de si, mesmo que a performance não seja a maior possível. Como Pêcheux (2014b) nos ensina, *“as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles*

que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem” (2014b, p. 147, grifos do autor).

BF3-SD2



É HORA DO BALANÇO

Já estamos na metade do Objetivo Volta das Férias, para todas que começaram ao mesmo tempo que eu. **Pessoalmente: essa disciplina me deu vontade de treinar, de correr mais e, principalmente, me fez voltar a dormir!** E vocês? Me digam nos comentários onde vocês estão, quais são seus resultados e principalmente como vocês estão se sentindo. Eu amo ler vocês, vocês são minha motivação cotidiana.

Na BF3 – SD2, na materialidade fotográfica, a blogueira aparece em um cenário urbano, durante o dia, luz alta, vestida com uma camisa listrada de mangas longas, há uma rua de asfalto com árvores ao fundo. Sua face mira a câmera de soslaio, seu corpo está posicionado lateralmente. Ela abre um sorriso.

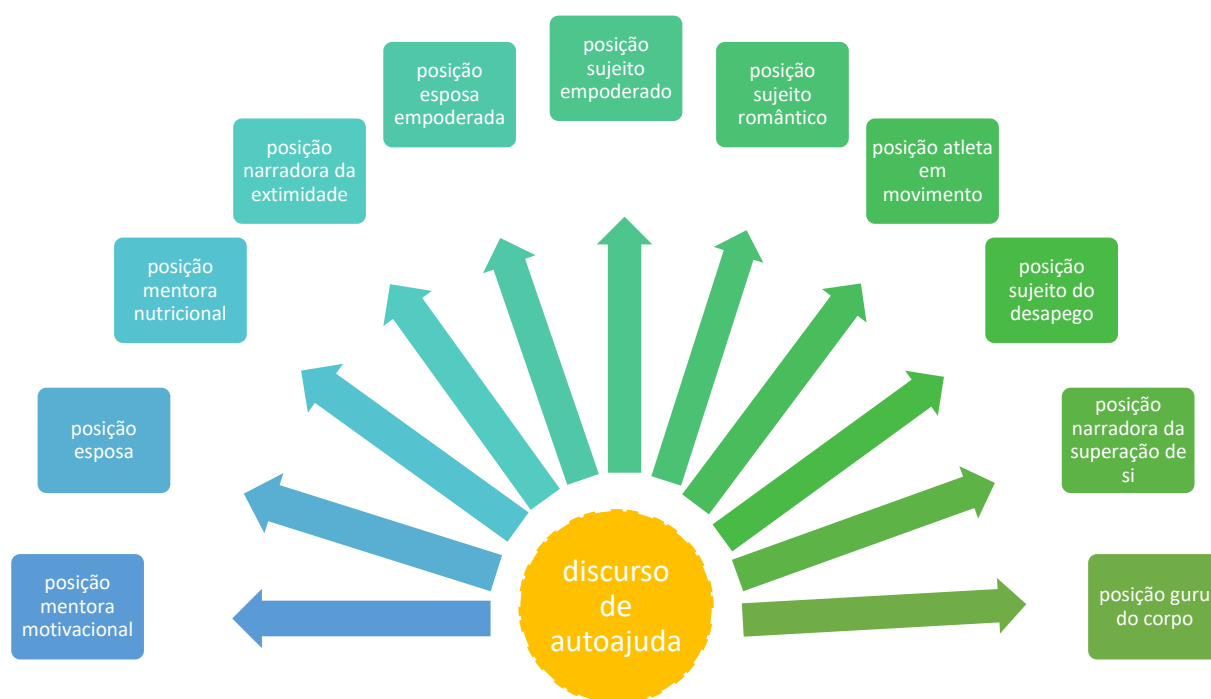
No texto verbal, o título que introduz a reflexão é A HORA DO BALANÇO. O termo balanço é recorrentemente significado na FD empresarial como uma análise resumitiva dos resultados da performance de uma empresa (por ex. balanço do dia). Esse termo desliza do campo empresarial-financeiro para o campo da gestão do corpo quando o sujeito do discurso o inscreve no texto a partir de uma posição de mentora motivacional. Trata-se de gerir, junto com os seguidores-mentorados, os resultados do programa de treinamento gerenciado pelo sujeito, que se inscreve aí, também, na posição de guru do corpo.

Pela posição de narradora da extimidade, o sujeito do discurso realiza o seu próprio balanço (Pessoalmente: essa disciplina me deu vontade de treinar, de correr mais e, principalmente, me fez voltar a dormir!), que consiste na análise dos benefícios das práticas adotadas pelas orientações pedagógicas do programa.

A posição de mentora motivacional volta a ser sustentada na demanda do engajamento e da interação dos sujeitos seguidores mentorados-tutelados: *E vocês? Me digam nos comentários onde vocês estão, quais são seus resultados e principalmente como vocês estão se sentindo. Eu amo ler vocês, vocês são minha motivação cotidiana.* A mentoria se dá não somente sobre os resultados físicos, mas também sobre os sentimentais, par sobre o qual funciona a legitimação do cuidado com o corpo e, também, do discurso motivacional de autoajuda.

Em resumo, elaboro um diagrama ilustrativo das posições-sujeito determinadas pela discursividade médico-esportiva, a partir de sua relação com o discurso de autoajuda:

Quadro 17 - Posições-sujeito inscritas no discurso de autoajuda



Como se pode observar, no discurso de autoajuda, inscrevem-se 11 posições-sujeito. Dentre as quatro discursividades analisadas a partir do corpus de pesquisa desse trabalho, essa foi a mais produtiva em termos de heterogeneidade de posições, e eu creio haver uma explicação teórica para esse fenômeno.

O discurso de autoajuda é linearização mais próxima da FD empreendedora, que sobredetermina todos os demais discursos na FI neoliberal. Conforme os traços descritos por Marquis (2017), o discurso de autoajuda materializa o projeto meritocrático do eu autossuficiente, autorresponsável e produtivo. Se estamos em uma formação social sobredeterminada pela FI neoliberal, a produtividade quantitativa de posições de sujeito que se inscrevem na FD autoajuda apenas corrobora o bom funcionamento ideológico dessa FI no domínio das formações discursivas, o que sustenta a minha proposta de que a Formação Social Capitalista funciona por uma Formação Ideológica Neoliberal, cuja principal formação discursiva é a empreendedora, que sobredetermina todas as outras.

Neste trabalho, decidi distinguir a FD empreendedora do discurso de autoajuda porque entendi, na leitura do arquivo, que o segundo se materializa em um modo específico de dizer sobre que busquei descrever-interpretar a partir da leitura do meu corpus. O uso das narrativas de superação para a realização da mentoria, a formulação de aforismos, a produção de sentidos sobre o corpo como um projeto sobre o qual deve ser realizada uma gestão exterior e interior e, sobretudo, a equivocidade da existência do lugar discursivo de blogueira fitness, que funciona por meio de uma mentoria tuteladora, mas que nega a sua condição material de existência justamente pela supervalorização do empreendedorismo de si.

6 CONCLUSÕES

Se as ideologias têm uma 'existência material', o discursivo será considerado como um dos seus aspectos materiais. (COURTINE, 2009, p. 72).

Como analistas do discurso, aprendemos logo cedo que o sentido nunca tem uma origem e nem um encerramento. Aprendemos, também, que “só há causa daquilo que falha” (PÊCHEUX, 2014b, p. 269), o que nos obriga, enquanto analistas, a atravessar nossas feridas narcísicas no processo de produção acadêmica e admitir, desde sempre, a falha constitutiva do nosso próprio trabalho, sustentando, por outro lado, sua legitimidade por nosso gesto de respeito em relação ao significante e às suas condições de produção. Mas não há garantias; apenas a da falha.

A noção de discurso “como lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, tomada não como ocultação, mas funcionamento estruturado pelo modo de existência da relação língua-sujeito-história” (ORLANDI, 2005, p. 82) é o corolário movediço e contraditoriamente sedutor sobre o qual enveredei para procurar, a partir de meus gestos de interpretação, o que eu sentia saber, mas não sabia dizer.

A AD sempre privilegiou e privilegia, por questões históricas, a análise de discursos políticos, embora tenhamos já diversos trabalhos com empreitadas analíticas sobre outras ordens discursivas. No entanto, a produção midiática de massa, cujos temas não encerram uma relação de evidência com assuntos da ordem política, recebem ainda olhar atravessado da academia, talvez por uma questão ela própria muito ideológica, isto é, de classe.

Contra essa corrente, foi através de meu contato com os textos de Michel Foucault (1984, 2001b, 2004, 2013) que tive acesso à riqueza dos arquivos discursivos cotidianos e banais como grandes arquivos históricos, e, por que não políticos. O político não se manifesta apenas na política; muito pelo contrário. Se o cerne do nosso trabalho como analistas está em expor ao leitor a opacidade do texto (ORLANDI, 1996, p. 64), por que o campo mais privilegiado para fazê-lo não seriam as textualidades em que o ideológico está menos evidente?

Foi aceitando esse chamado teórico que decidi realizar essa incursão no estudo de publicações aparentemente banais de blogueiras fitness que falavam sobre suas viagens, seus modos de encarar os desafios da vida, seus hábitos alimentares, suas questões sentimentais, familiares, e que, assim, tornavam-se modelos em redes sociais de como *gerenciar* um corpo bem-sucedido e feliz.

Após as últimas eleições brasileiras, ficou evidente como as redes sociais são um espaço comunicacional de impacto ideológico, em se tratando de como elas têm (re)organizado os modos de circulação do discurso e constituído novos lugares discursivos como legitimados a dizer sobre uma série de temas politicamente muito relevantes. Olhar criticamente para esses ambientes se tornou não apenas uma vicissitude ou curiosidade, mas um imperativo para analistas que olham para o passado desejando entender o presente e mudar de alguma maneira o futuro com as suas pesquisas. Quero dizer que devemos olhar para esse ambiente não para reafirmar o óbvio, para me identificar com Pêcheux (2014b), mas para olhar para o que não está necessariamente visível, no sentido do que é evidente.

Nesse momento histórico em que a desubstancialização dos significantes esvazia os sentidos num trabalho ideológico que privilegia a apropriação desses sentidos por discursos autoritários, reafirmar nosso lugar de crítica a partir de uma posição ideológica materialista, no interior de uma ciência que nos nega um lugar em seu interior (falo da Linguística), talvez seja um ato corajoso de quem “não teme dizer seu nome²⁰⁸”. O nosso nome é o de uma crítica assumida à formação social capitalista a partir de um lugar materialista que assume a interpelação ideológica como condição *sine qua non* para a inscrição de qualquer indivíduo na ordem do discurso. O nosso nome é o de um lugar teórico que não teme a própria fragilidade constitutiva do real do discurso: só é possível dizer a partir do dizível.

Assumindo todos esses riscos e essas posições equívocas – que podem deslizar para equivocadas –, decidi realizar uma incursão em um tema que se apresentou, ao longo de cinco longos anos de pesquisa, um labirinto multidisciplinar. O discurso que parecia ser sobre o corpo, em sua evidência, era um discurso sobre a vida. Mas a vida do sujeito desse discurso era determinada por uma série de condições de produção que produziam uma forma-sujeito específica. Eu precisava realizar uma incursão sobre os estudos de psicologia social, economia, comunicação, filosofia, gestão e empreendedorismo...

Do lugar de estudante de doutorado em Linguística, assumi o desafio equívoco de pensar o discurso ao qual eu já dava o nome de *fitness* como *um discurso*. Recolher seus nós diante das dispersões tornar-se-ia o desafio mais difícil dessa jornada acadêmica.

²⁰⁸ Essa é uma paráfrase do título do livro de Vladimir Safatle, “A esquerda que não teme dizer seu nome”. Cf. SAFATLE, 2012.

A partir de então, o objetivo principal deste trabalho, ao propor designar/analisar o discurso fitness como uma formação discursiva inscrita nas práticas discursivas digitais do cotidiano, não foi apenas estudar as fronteiras discursivas do que deve e pode ser dito para que um sujeito se inscreva nessa FD. Procurei, sobretudo, descrever/analisar também como o dizer deveria circular, considerando, para isso, as condições sócio-históricas e ideológicas que determinam esses modos de circulação e também os sentidos em jogo nessa circulação.

Esse desafio demandou uma reflexão sobre as relações materiais que o capitalismo encerra com a ideologia liberal e neoliberal, assuntos sobre os quais tratei no Capítulo 2.2, no qual busquei estabelecer um diálogo teórico entre a teoria materialista do discurso e reflexões contemporâneas sobre o neoliberalismo como uma “racionalidade”. A partir de uma retomada histórica da evolução do termo não como uma nova face do liberalismo, mas como um funcionamento diferente do liberalismo clássico, expliquei que ele funciona como uma teoria das práticas político-econômicas cujo corolário é o ideal empreendedor de sujeito. Deslocando esse conceito para o campo de reflexão althusseriano, entendi que o neoliberalismo tem funcionado como formação ideológica que fornece-impõe, sob forma de evidência, o imperativo de os sujeitos assumirem sua responsabilidade como ganhadores ou perdedores em suas narrativas individuais tanto na estrutura social quanto na superestrutura. Desse modo, concluí que essa formação ideológica neoliberal produz uma formação discursiva empreendedora, que tem sobredeterminado as demais formações discursivas em nossa formação social na contemporaneidade.

Neste trabalho, no entanto, pude apenas confirmar essa tese com a análise das discursividades constitutivas da FD fitness, meu objeto de pesquisa, todas sobredeterminadas pela FD empreendedora. Mas estou convicta de que seria muito produtivo na pesquisa em AD buscar outras relações ideológicas entre os discursos e a FD empreendedora, seja de identificação ou de contraidentificação (investigando-se sobre por que isso ocorreria, já que a FD empreendedora se impõe como dominante, a partir de minhas análises). Discursos de coachs motivacionais, palestrantes de diversas profissões (existem, inclusive, vários professores universitários praticando essa atividade), o próprio discurso político, entre outros.

As condições de produção do discurso fitness, que, de alguma maneira, também constituem o próprio discurso fitness, fizeram-me realizar uma incursão

histórica sobre as transformações históricas na subjetividade ocidental, sobretudo no que concerne ao campo do trabalho, do esporte e do dizer sobre, isto é, nas mídias.

No estudo sobre o corpo na modernidade reflexiva, termo que tomei das teorias de Giddens (2002, 2012) para pensar as características sociais da modernidade contemporânea, entendi que a ideologia neoliberal funciona por meio de uma psicopolítica, isto é, uma política que se projeta sobre o controle das mentes dos indivíduos. O controle dos corpos se dá como uma consequência do propósito do controle psicológico, pois um corpo empreendedor é construído imaginariamente como um corpo que precisa ser saudável, disciplinado e produtivo, mas ele deve conquistar esses objetivos por seus próprios méritos.

Nesse sentido, mostrei que o discurso empreendedor tem se estabelecido como dominante também em outras instituições sociais, quando analiso algumas sequências discursivas da Base Nacional Curricular Comum brasileira, documento com força de lei e que tem o empreendedorismo como uma de suas metas educacionais para o Brasil no Ensino Médio. Realizei uma breve discussão sobre esse tema, pois meu intuito era apenas demonstrar como o discurso empreendedor penetrava em outras discursividades para além da FD fitness, mas estou convicta de que pesquisas sobre esse tema na área da pedagogia são urgentes, sobretudo a partir da perspectiva da AD pêcheuxtiana.

Nessa ocasião, discuti também sobre as bases históricas do discurso empreendedor, que tem sua gênese ligada a práticas discursivas psicológicas, o que provocou uma racionalização da afetividade no campo empresarial. O discurso de autoajuda tornar-se-ia um excelente aliado das práticas empresariais no projeto político de tornar os sujeitos responsáveis por seus méritos e por seus fracassos, o que viria a favorecer o crescimento das empresas. Na sociedade do desempenho, a positividade é o paradigma disciplinar, e autodisciplina é o dispositivo de controle da formação ideológica neoliberal.

Ainda nesse capítulo, recuperei a história do corpo a partir da sua relação com a noção de performance e com os esportes. Os trabalhos de Isabelle Queval (2008, 2013) me ajudaram a recompor uma genealogia do corpo nesse campo, que passa, primeiro, por um processo de instrumentalização até chegar à performance. O nascimento do esporte como uma atividade diferente da educação física – esta era ligada à pedagogia do corpo e aquela ligada a uma prática do espetáculo individual – se oferece como um marco para o crescimento de uma cultura corporal da superação

e para uma relação individualista do sujeito com a atividade física. Estava aí estabelecido um campo para as práticas do dizer sobre a partir de narrativas autobiográficas públicas de superação do eu.

No Capítulo 3, abordei especialmente aspectos que concernem à constituição e aos modos de circulação do discurso fitness, considerando o Instagram como uma rede social inscrita numa mídia digital atravessada pela memória de outras mídias. Pensei, desse modo, a internet como um Aparelho Ideológico do Estado afetado pela memória de outros aparelhos midiáticos, como a televisão, o cinema, o rádio, o jornal, etc. Essas determinações afetam a constituição, a formulação e a circulação (ORLANDI, 2012a) dos discursos nesse espaço do dizer. O imperativo de coparticipação instaurado pela lógica broadcasting determina uma série de funcionamentos que terão como consequência a produção reincidente de lugares discursivos determinados pelo efeito de conexão e de intimidade. O lugar discursivo de blogueira será determinado pelo efeito amigo-íntimo, que se sobrepõe a qualquer lugar institucional de saber, porque, a partir da determinação dos modos de circulação da ordem técnica, o poder dizer nesse espaço se legitima pela natureza das relações entre os sujeitos na rede. Desse modo, a identificação equívoca do sujeito consigo mesmo pela exposição da sua autoimagem e da sua intimidade o legitima como sujeito do dizer sobre no lugar discursivo de blogueira no Instagram como uma mentora/tuteladora afetada pelo efeito de amiga íntima. Perceber a centralidade dessa identificação paradoxal, desse efeito-sujeito equívoco, do qual também fala Adorno (2015), o qual podemos constatar como efeito fundador de uma subjetividade digital como lugar de *dizer sobre* pode nos apontar caminhos importantes a respeito de quais lugares discursivos precisamos ocupar estrategicamente na luta política para fazer ressoarem determinados discursos, pensando na função das tecnologias digitais na comunicação contemporânea.

No Capítulo 4, realizo finalmente o estudo da formação discursiva fitness a partir da descrição e análise das discursividades que considere suas constitutivas a partir da leitura e da análise do corpus: discurso do cotidiano, discurso publicitário, discurso médico-esportivo e discurso de autoajuda. Após teorizar sobre a noção de FD a partir da AD pêcheuxtiana, descrevi A FD fitness a partir da inscrição dos sujeitos do discurso nessas discursividades em algumas posições discursiva.

Do conjunto heterogêneo de posições que imergiram do corpus de análise, no discursi do cotidiano, a posição que impactou com mais veemência foi a de

mãe/cuidadora/esposa. Apesar de acompanhar as blogueiras há muitos anos e consumir os conteúdos como sujeito leitora, na ordem da evidência, essa posição marcada por uma relação entre o gênero e sua memória histórica com o cuidado, que se inscreve no ambiente privado e se debruça sobre o núcleo familiar, seja sobre os filhos ou sobre o esposo (ou sobre os animais, quando eles ocupam a função de filhos). Aparentemente, a inscrição desses sujeitos do discurso na posição de mulheres empoderadas silencia essa posição menos evidente, mas presente, e que também legitima, de alguma maneira, o seu dizer sobre como legítimo, levando-se em consideração seu lugar de mulher na sociedade. Creio que esse aspecto específico demandaria outras pesquisas, o que se pode realizar a partir de futuros artigos derivados desta tese.

Na discursividade publicitária, a posição de turista-artística me parece revelar algo de interessante sobretudo para pesquisadores da área do turismo ou da gestão turística, ou mesmo para urbanistas. Além disso, o turismo como um objeto de consumo para o sujeito turista e para o sujeito leitor dos blogs – isto é, o registro fotobiográfico de uma experiência turística funciona discursivamente tanto como uma publicidade quanto como uma experiência digital de turismo – é um outro fenômeno a ser observado a partir das posições inscritas nessa discursividade. Além disso, os modos de divulgar um produto ou uma experiência por meio das posições descritas neste trabalho pode interessar a pesquisadores da área do marketing e da publicidade.

Os discursos médico-esportivo e de autoajuda foram os processos mais heterogêneos em diversidade de posições-sujeito. No funcionamento da discursividade médico-esportiva, inscreve-se a posição-sujeito guru do corpo, cujo estudo, na minha visada, merece um aprofundamento futuro por suas relações de memória com o discurso religioso hindu. As posições de mentora nutricional, narradora de relato clínico e narradora da superação de si também merecem destaque na caracterização dessa discursividade, que tem seus sentidos inscritos muito mais na ordem da interioridade do sujeito (mente) do que na exterioridade (corpo físico).

O discurso de autoajuda, o mais produtivo entre os demais em termos de posições discursivas, materializa os enunciados inscritos na base ideológica do discurso empreendedor. É interessante ressaltar, aqui, também, a inscrição do sujeito do discurso na posição de esposa no interior de uma discursividade de natureza empreendedora, o que reforça meus questionamentos entre essas posições

equívocas no que concerne ao imaginário de mulher empoderada. A posição-sujeito do desapego também merece ser mencionada, porque equivocadamente ela nega a ideologia neoliberal, não fossem as contradições e os deslizos de posição do sujeito do discurso quando se inscreve nela. Diria que essa posição-sujeito seria outro tema de pesquisa interessante a aprofundar, pois se mostra um terreno fértil ao estudo das contradições no interior da FD empreendedora.

Não coincidentemente, a posição-sujeito mais recorrente em todas as discursividades foi a de narradora da extimidade, o que coaduna com as reflexões que realizei sobre as determinações de circulação discursiva que incidem sobre o lugar discursivo de blogueira. As narrativas biográficas digitais – no Instagram, fotobiográficas – se inscrevem numa discursividade de ordem testemunhal que legitima seus efeitos de verdade por um imaginário de identificação do eu com um “eu verdadeiro”.

A descrição dessa multiplicidade de posições e, a partir dela, a designação dessas discursividades como constitutivas da FD fitness não significa que outras não possam vir a constituí-la, nem tampouco outras posições. Meu trabalho é apenas o primeiro em nossa área que se debruça com essa extensão sobre esse tema, que considero importante e rico, e espero que outras reflexões venham a acrescentar às minhas.

Como efeito de conclusão, creio ser importante reiterar uma reflexão política que deve ser feita a partir dos resultados deste trabalho. O discurso empreendedor tem se alastrado sobre nossa formação social em diversos espaços, no digital (como o Instagram) e em outras instituições. Discuti nesta tese, um pouco, sobre como esse discurso tem relação com um projeto político-ideológico de organização da sociedade, de caráter individualista, desengajador e que adoece os sujeitos, culpando-os eles próprios por isso. Ele apaga a divisão de classes e homogeneiza diferenças sociais flagrantes entre sujeitos desiguais sob o rótulo de *empreendedores*. São vários os nós na rede do discurso que trabalham para que essa ideologia se inculque como realidade-evidência de que não resta mais nada senão a resignação e a aceitação. E isso não está acontecendo apenas no cenário brasileiro. O corpus em língua francesa demonstra como o fenômeno tem dimensões globais.

No aspecto político, ao mesmo tempo em que a constatação da dominação da forma-sujeito empreendedora nos apresenta a necessidade de reforçarmos a luta política no campo da discussão sobre a luta de classes para que se promova uma

reflexão crítica sobre as determinações sociais na subjetividade, é importante também que se reconheça a contradição de que a inscrição dos sujeitos em lugares de poder e *de poder dizer* passa, coercitivamente, hoje, por sua inscrição numa forma-sujeito empreendedora para que eles ascendam a posições políticas privilegiadas.

Neste trabalho, pudemos perceber como isso ocorre no interior da formação discursiva fitness no Instagram, mas me arriscaria sem muito medo a dizer que essa determinação discursiva se espalha como uma condição de legitimação do *discurso sobre* em diversos lugares discursivos, em outros lugares sociais, públicos ou privados.

Isso nos força a reconhecer que, em vez de apenas moralizar discursos ordinários e evidentemente inscritos na ordem do marketing, da publicidade e do empreendedorismo, isto é, sobredeterminados pela ordem do capital e constituídos por essa evidência, o funcionamento da forma-sujeito empreendedora como dominante nas diversas áreas da vida social requer um olhar mais cuidadoso dos analistas de discurso e uma mobilização *diferente* de luta no interior das instituições em que ela tem se fortalecido; a exemplo das universidades públicas, que, paradoxalmente ao seu lugar nos AIE, vêm perdendo força política no Brasil para o capital privado enquanto também submete seus estudantes e pesquisadores a uma série de avaliações acadêmicas baseadas em parâmetros neoliberais de performances individuais, quantitativas, disciplinares, a despeito dos alarmantes números de adoecimentos psíquicos de pessoas que ocupam essas posições.

Em suma, tomar partido significa não somente assumir uma posição ideológica numa dada conjuntura para se contrapor/se identificar com o outro, mas, sobretudo, reconhecer quando *sua* posição ideológica, que se deseja resistente é, ao mesmo tempo, equívoca, e reproduz o que do outro se deseja rechaçar.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 3. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2010.
- ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2015.
- ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. Os vlogs e a identificação paradoxal dos criadores de discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 37, jan.-jun. 2016. p. 257-292.
- ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. Marx e Freud. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- ANDREASSEN, C. S. ; PALLESEN, S. GRIFFITHS. The relationship between addictive use of social media, narcissism, and self-esteem: Findings from a large national survey. *Addictive Behaviors* v. 64, Jan. 2017, p. 287-293.
- ANGENOT, Marc. *El discurso social: los limites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.
- ASSUNÇÃO, A.B.M. ; JORGE, T.M. As mídias sociais como tecnologias de si. *Esferas*. Ano 3. n. 5. julho/dezembro, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5331/3644>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- AUBERT, N. *Le culte de l'urgence : la société malade du temps*. Paris, Flammarion, 2003.
- AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Trad. Bras. de COSTA E SILVA, H.; CUNHA, D.A.C. *Investigações*. Vol. 28, Número Especial, 2015, p. 1-39.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BALDINI, L. Língua inatingível. In: MARIANI, B.; ROMÃO, L. M. S.; MEDEIROS, V. (Orgs.) *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social?- Uma discussão conceitual. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>

BARONAS, Roberto L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Obras escolhidas*. v. 1: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERGMAN, S. M. et al. Millennials, narcissism, and social networking: what narcissists do on social networking sites and why. *Personality and Individual Differences*. v. 50, n. 5, Abr. 2011, p. 706-711.

BOLESINA, I. O direito à intimidade no ciberespaço e a transformação do binômio público-privado. *Mostra de Pesquisa de Direito Civil Constitucionalizado*, 2, 2015. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/%20ecc/article/view/14341>. Acesso em: 7 jan. 2020. ISSN: 2359-2559

BOLTANSKI, L.; E. CHIAPELLO. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. 598p. Acesso em: 8 dez. 2019a.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. *Práticas Empreendedoras na Escola*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/201-praticas-empreendedoras-na-escola..> Sem paginação. Acesso em: 8 dez. 2019b.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycratie : comment l'industrie du bonheur a pris le contrôle de nos vies*. Paris : Premier Parallèle, 2018.

CARLÓN, M. Repensando os debates anglo-saxões e latino-americanos sobre 'o fim da televisão'. In: CARLÓN, M.. FECHINE, Y. (Orgs.) *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

CARVALHO, N. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2001.

CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017.

CASAQUI, Vander. Estudos da cultura empreendedora no campo da comunicação: macroproposições, narrativas, inspiração. *Galaxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 37, jan-abr., 2018, p. 55-65. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554132741>

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Internet y la Sociedad Red*. Lección inaugural del programa de doctorado sobre la sociedad de la información y el conocimiento (UOC). Universitat Oberta de Catalunya, 1999b. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/089e/b8427c704700760e161b3ddd559712cb40d7.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História do corpo. Revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAr, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. A estranha memória da Análise do Discurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). Michel Pêcheux e a análise do discurso. São Carlos: Clara Luz, 2005, p. 25-32.

DA SILVA ; J. A. B.; SILVA, M. S. V. Análise da evolução do empreendedorismo no Brasil no período de 2002 a 2016. *Revista Estudos e Pesquisas em Administração*. Mato Grosso, UFMT. v. 3, n. 2, mai-ago. 2019. p. 116-137. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/8674>. Acesso em: jan. 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE NARDI, F. S. Foucault com Pêcheux : entre a estrutura e o acontecimento. In: SOUZA, P. de; GOMES, D. O. (Orgs.) *Foucault com outros nomes: lugares de enunciação*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p. 67-75.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. As dobras do lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 101-130.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Tradução de Pedro F. Bendassoli. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

ENERGICI, Maria Alejandra. Afectividad y subjetividad femenina: análisis de la Gordura como código moral. *Límite. Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología*. v. 13, n. 43, 2018, pp. 17-28. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/limite/v13n43/0718-1361-limite-13-43-17.pdf>.

ENERGICI, Maria Alejandra. Energici, M. A. Propuesta metodológica para un estudio de gubernamentalidad: los procesos de subjetivación y los mecanismos de regulación poblacional como ejes de análisis para su abordaje empírico. *Psicoperspectivas*, v.2, n. 15, 2016, pp. 29–39. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305426823_Propuesta_metodologica_para_un_estudio_de_gubernamentalidad_Los_procesos_de_subjetivacion_y_los_mecanismos_de_regulacion_poblacional_como_ejes_de_analisis_para_su_abordaje_empirico.

FERREIRA, M. C. L. (Org.) *Oficinas em Análise do Discurso: conceitos em movimento*. Campinas, SP: Pontes, 2015.

FIGUEIRA, L. F. B. *O althusserianismo em Linguística: a teoria do discurso de Michel Pêcheux*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, M. [1969] *A arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. [1970] *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001a.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *L'Archéologie du savoir*. Paris: NRF, Gallimard, 1969.

FOUCAULT, M. *L'origine de l'hermeneutique de soi*: conférences prononcées à Dartmouth College, 1980. Paris: Centre Michel Foucault, IMEC, 2013.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martin, Fontes, 2001b.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GABLER, N. *Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; LASH, S.; BECK, U. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 89-166.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Paginação irregular.

GRIGOLETTO, E. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre, 2008.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. Anais. Seminário de Estudos em Análise do Discurso, II. Porto Alegre, UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 5 set. 2016.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E. DE NARDI, F. S. SCHONS, C. R. (Orgs.) *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 2011. p. 47-78.

GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. As fronteiras do discurso outro: o papel da memória em processos de modalização autonômica de empréstimo. *Investigações*. Vol. 28, Número Especial, 2015, p. 1-56.

GRIGOLETTO, E.; KRAMER WANDERLEY, R.K. A narrativa de si em blogs de moda feminina: entre a subjetividade e a alteridade. *Desenredo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 12 - n. 1 - p. 64-81 - jan./jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i1.5955>.

GUATARI, F. 1985: Microfísica dos poderes e micropolítica dos desejos. In: QUEIROZ, A.; CRUZ, N. V. (org.) *Foucault hoje?*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/16/1985-microfisica-dos-poderes-e-micropolitica-dos-desejos-felix-quattari/>

HAN, Byun-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte/Veneza: Editora ÂYiné, 2018.

HAN, Byun-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage et discours. *Langages*, Didier/Larousse, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

HARVEY, D. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HENRY, P. *A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. (Orgs.) *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzanato, 2000, p. 70-81.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F. MITTMANN, S. ; FERREIRA, M. C. L. *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Unicamp: Editora Unicamp, 2013.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos, 2007.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela por ela? *Anais*. Seminário de Estudos em Análise do Discurso, II. Porto Alegre, UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre, 2008.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

Judt, T. *Marxism and the French Left*. New-York, London : Oxford, 1986.

KRAMER WANDERLEY, R. K. Meu superpoder? Ser eu mesma: a alusão ao discurso empreendedor na blogagem fitness. In: CUNHA, D. A. C.; GRIGOLETTO, E.; CORTEZ, S. L. *Representação dos dizeres na construção dos discursos*. Campina, SP: Pontes Editores, 2018.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva,

LAGAZZI, S. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.) *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Vol 1. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 177-189.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdade e controle: uma genealogia política da internet*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Recife: Departamento de Letras, UFPE. 2. versão. 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Formação discursiva, unidades tópicas e não-tópicas. In: BARONAS, Roberto L. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, B. *Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan*. Alfa. São Paulo, 54 (1), 2010, p. 113-127.

MARIANI, Bethania. Língua nacional e pontos de subjetivação. *Estudos Lingüísticos*, n. 37, v. 3. set.-dez.. São Paulo: 2008. p. 25-31. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_03.pdf?estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_03.pdf

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

MARQUIS, N. Les impasses du développement personnel. *Revu du Crieur*. n.7. Disponível em : <https://www.mediapart.fr/journal/culture-idees/090817/les-impasses-du-developpement-personnel?onglet=full>. Publicado em: 9 ago. 2017. Acesso em: set. 2017.

MARSI, L. «Sois performant!» Réflexion sur les injonctions du discours néolibéral. Conferência. In : *Journée d'Etude Langues et Pratiques du Discours en Situation Professionnelle*. Paris : Université Paris Nanterre, Département de Langues Etrangères Appliquées. Bâtiment G, Amphithéâtre E. 24 nov. 2017.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NOVAES, J. V. *Com que corpo eu vou?: sociabilidade e usos do corpo nas mulheres de camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Pallas, 2010.

ORLANDI, E. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. *Anais...* Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1. 2003. Porto Alegre, RS. Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso: Porto Alegre : UFRGS, 2003. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2012a.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAVEAU, Marie-Anne. "Hashtag", Technologies discursives. 2013. Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/488>. Acesso em: 16 nov. 2019.

PAVEAU, M-A; ROSSIER, L.. Éléments pour une histoire de l'analyse du discours : Théories en conflit et ciment phraséologique. Comunicação no colóquio "A análise do discurso na França e na Alemanha: tendências atuais em ciências da linguagem e ciências sociais". Créteil, Céditec, 02 de julho, 2005. Disponível em: <http://www.univ-paris13.fr/cenel/fiches/MarieAnnePaveau.htm>.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. [1983]. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a.

PÊCHEUX, M. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise de Discurso na França). In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011a. p. 227-230.

PÊCHEUX, M. Ideologia – Aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos Escolhidos. 2 ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 107-130.

PÊCHEUX, M. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal?. In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011b p. 107-119

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.) Gestos de leitura: da história no discurso. 4. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, M. Língua, “linguagens”, discurso. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 121-129.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*: Vol. 1: N. 4, 2013. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>

PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014b.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. Remontémons de Foucault à Spinoza. In: TOLEDO, M. M. *El discurso político*. México, Nueva Imagen, 1980.

PÊCHEUX, M. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, 2007.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. In: PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014. p. 93-105.

PEREIRA, V. A. *Corpo ideal, peso normal*: transformações na subjetividade feminina. Curitiba, Juruá, 2010.

PROULX, M.; SHEPATIN, S. *Social TV*: how marketers can reach and engage audiences by connecting television to the web, social media and mobile. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc, 2012.

QUEVAL, Isabelle. *Le corps aujourd'hui*. Paris: Folio Essais Inedit. Ed. Gallimard, 2008.

QUEVAL, Isabelle. *Realizar-se ou superar*: ensaio sobre o esporte contemporâneo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

RECUERO, Raquel. Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 28, 2005, pp. 88-106
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

RIFKIN, J. *A Terceira revolução industrial: como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo*. São Paulo: M. Books, 2012.

ROSANVALON, P. *Le libéralisme économique: histoire de l'idée de marché*. 3. ed. Paris: Seuil, 1999.

SANT'ANNA, D. B. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SIBILIA, Paula. O “eu” dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem?. *Anais. 27 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM 2004*. Porto Alegre, PUC do Rio Grande do Sul, set. 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R1833-1.pdf>.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, K. A prática da mentoria no desenvolvimento de pessoas nas organizações. *Dissertação*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Escola Brasileira de Administração Pública de Empresas, 2008. 121 f.

SPYER, J. (Org.) *Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social*. University College London Press, 2018. Disponível em: www.ucl.ac.uk/ucl-press.

TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

TISSERON Serge. Intimité et extimité. In: *Communications*, 88 (Cultures du numérique
University Press (traduction française, 1987, Paris : Flammarion).

VANDEVELVE-ROUGALE, Agnès. *La novlangue managériale : emprise et résistance*. Toulouse, France : Éditions Érès, 2017.

VIGARELLO, G. *Histoire de la beauté : le corps et l'art d'embellir de la renaissance à nos jours*. Paris : Éditions du Seuil, 2004.

VIGARELLO, G. Treinar. In : COBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (dir.) *História do corpo: As mutações do olhar: o século XX*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 197-250.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. In. _____. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 7-38.

ZIZEK, S. *Contingency, hegemony and universality* : contemporary dialogues on the left. Londres, Nova Iorque : Verso, 2000.